Roberto Khatlab

LÍBANOUm oásis no Oriente Médio

Guia turístico, histórico, arqueológico, religioso e cultural



Copyright©2013 Roberto Khatlab robertokhatlab@yahoo.fr

Todos os direitos reservados Proibida a reprodução total ou parcial de matérias, ilustrações e detalhes gráficos, qualquer que seja a forma, impresso, eletrônico, digital... sem o consentimento por escrito do autor.

Edição e revisão do texto: Richard Max de Araújo

Fotos e mapas: Ministério do Turismo do Líbano, Solidere e do autor.

Cartografia: Ghassan Balesh

Produção gráfica: Maya Saliba Fonte: Ministério do Turismo do Líbano e anotações de viagem do autor em todo território libanês.

2ª edição – 2013

ISBN: 978-9953-569-38-3



Dar Saer Mashrek

Jdeidé, Liban
Centre Baylayan, 7 étage
Tel./Fax: +961 1 900624
info@entire-east.com
www.entire-east.com

Tipografia: Typopress - Beirute

Beirute-São Paulo, 2013

Ahlan wa Sahlan bi Lubnan – Seja bem-vindo ao Líbano



A partir de hoje começa um mundo novo. O Líbano ergue-se diante de mim com seus cimos nevados, seu aspecto severo, como convém a essa sentinela da Terra Santa.

(Imperador do Brasil, Dom Pedro II, 1876).

Líbano

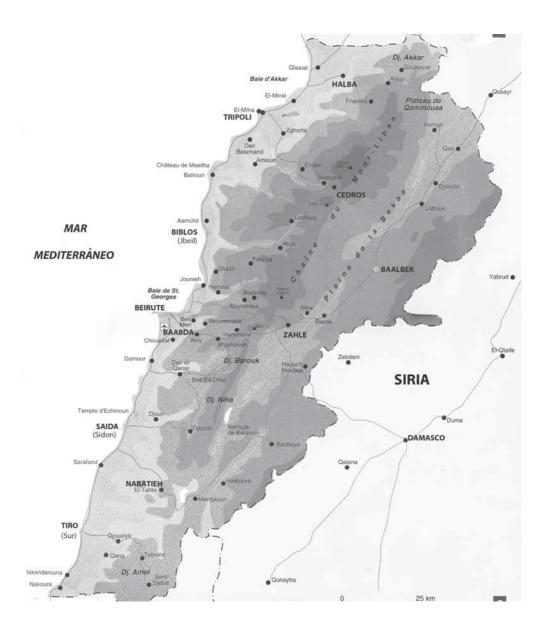
Aqui, cada grão de terra, vestígios de glória, encerra.

Aqui, Deus, sua porta escancarou, e num impulso de amor, te abraçou.

Aqui, há uma montanha mais do que as lendas, empolgante, e mais do que o sol, brilhante.

Alterna-se: na sedução da planície com rosas e cravos; no acalento dos heróis com ramos de nardos.

Said Akl



ÍNDICE	6
PERFIL DO LÍBANO	7
RETRATO DO LÍBANO	13
História do Líbano: Panorama	13
Relações Brasil-Líbano	22
CARNÉ DO VIAJANTE	27
CONHECENDO O LÍBANO	36
Província – Beirute	37
Província – Monte Líbano	81
Província – Líbano Norte	125
Província – Akkar	205
Província – Líbano Sul	207
Província – Nabatieh	
Província – Vale do Bekaa	
Província – Baalbeck-Hermel	251
ASPECTOS DO LÍBANO	267
Hino Nacional	267
O povo libanês	269
Cultura	270
ROTA DAS RELIGIÕES E COMUNIDADES RELIGIOSAS	273
ROTA DOS CEDROS E RESERVAS NATURAIS	281
ROTA DOS VINHOS E ARAKS NO LÍBANO	282
GASTRONOMIA	287
ESPORTE, AVENTURA E LAZER	
ENDEREÇOS UTEIS	
MINILÉXICO PORTUGUÊS-ÁRABE	
INDEX	
BIBLIOGRAFIA	321

PERFIL DO LÍBANO



Como descreveu sabiamente o escritor libanês Salah Stétié: "O Líbano é a história de um rochedo e um grande céu. E deste outro céu inverso: o mar. O libanês está plantado lá numa forma de equilíbrio instável...".

O Líbano é um pequeno país do Oriente Médio com uma superfície de 10.452 km², conhecido como "o país dos cedros milenares". Está localizado na junção de três continentes: Europa, Ásia e África. Seu nome, entre várias definições, exprime a beleza das montanhas de cumes brancos de neve no inverno e das pontas calcárias que brilham ao sol no verão, que em língua semita traduz-se como: Lubnan (branco). Seu nome é encontrado em caracteres cuneiformes babilônicos e em hieróglifos egípcios que datam de 2 mil anos a.C. Uma curiosidade é o fato de que a Bíblia cita o Líbano 92 vezes nas páginas do Velho Testamento. Além de Jesus, passaram por lá vários profetas, o que faz desse país também parte da "Terra Santa" para as três grandes religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo.

Informações gerais

Nome oficial: República do Líbano (ar: Al-Jamhuriya Al-Lubnaniya).

Capital: Beirute. **Gentílico:** Libanês.

Idioma: o idioma oficial é o árabe, contudo os libaneses em geral também falam o francês e/ou inglês. Com as diferentes vagas de emigração, muitos libaneses aprenderam vários idiomas, como português, espanhol, italiano, alemão, entre outros. Interessante notar que, particularmente no Vale do Bekaa, a língua portuguesa em certas cidades é praticamente a primeira língua, falada por quase toda a população. No geral os libaneses misturam três idiomas quando falam (árabe, francês e inglês) e formam frases como esta: "Hi, kifak, ça va?" (Olá, como vai, tudo bem?). Hi (inglês), kifak (árabe), ça va (francês).

Bandeira: composta de três faixas horizontais, duas vermelhas e uma branca, dentro da qual figura um cedro verde. O vermelho representa o sangue derramado pela pátria; o branco, a paz e a brancura das montanhas; o cedro é o próprio símbolo do Líbano e significa a perenidade do país (o dia da bandeira libanesa é comemorado no dia 21 de novembro).

Forma de governo: república democrática, dotada de uma Assembleia Parlamentar (o presidente do parlamento deve ser sempre um muçulmano xiita), de um Gabinete Ministerial dirigido por um Primeiro-Ministro (que deve ser sempre um muçulmano sunita) e de um Presidente da República (que deve ser sempre um cristão maronita), que é eleito por um mandato de seis anos. Sua constituição (em vigor desde 1926) fundamenta-se na independência dos poderes executivo, legislativo e judiciário.

População: aproximadamente 4 milhões de habitantes (o último censo oficial foi realizado em 1932), contando os refugiados e residentes estrangeiros, com uma densidade demográfica de 340 hab./km2. No Líbano cerca de 10 mil brasileiros e brasilibaneses residentes.Os brasilibaneses são cidadãos portadores da nacionalidade brasileira e libanesa. O termo refere-se a um neologismo criado pelo autor (a estimativa populacional dessa comunidade baseia-se em pesquisas do autor feita em 2011).

Maiores cidades: Beirute - 500 mil hab. (Grande Beirute - 1,5 milhão de hab.); Trípoli - 200 mil hab. Sídon - 100 mil hab.; Tiro - 70 mil hab. Zahlé - 30 mil hab.

Faixas etárias: 0-14 anos: 30%; 15-64 anos: 64%; mais de 65 anos: 6%.

Comunidades: árabes - 95%; armênios - 4%, outros - 1%. Religião: o Estado libanês reconhece 18 confissões diferentes e estima que haja aproximadamente no país 52% muçulmanos, 40% cristãos e 8% drusos. Há que se ter em mente que se trata de estimativas, pois o último censo oficial foi feito em 1932.

Libaneses no exterior: estima-se que haja no exterior aproximadamente 12 milhões de libaneses e líbano-descendendes. Destes, por volta de 4 a 5 milhões vivem no Brasil. Há quem diga que o número de libaneses no Brasil chegue a 10 milhões, mas certamente guardam certo exagero, já que são lançados conforme a pessoa e o discurso, sem base científica. Muito mais que a quantidade, acreditamos que se deve levar mais em consideração a qualidade da presença libanesa no Brasil (e no mundo), que possui membros que ocupam funções de importância nas mais diversas profissões liberais, sem dizer da sua presença na política brasileira.

Clima: clima mediterrâneo, com aproximadamente 300 dias de sol por ano. O inverno é rigoroso, chuvoso e com neve nas montanhas; já o verão é longo e quente, praticamente de junho a outubro não chove.

Geografia: a superfície do Líbano é de 10.452 km² (menor que o Estado de Sergipe, que tem 21.910,348 km²), com uma faixa costeira de 210 km de extensão e 65 a 40 km de largura, com baías, praias pitorescas e as cinco mais célebres cidades antigas: Beirute, Biblos, Trípoli, Sídon e Tiro. Duas cordilheiras: Monte Líbano e Anti-Líbano, e uma grande planície: o Vale do Bekaa e uma estreita faixa no litoral.

Fronteiras: a oeste, é banhado pelo mar Mediterrâneo (210km); ao norte e ao leste, faz fronteira com a Síria (278km); e ao sul, com a terra santa(79km).

Divisão administrativa:

A partir de 2003 o Líbano passou a ser dividido em oito províncias (Muhafazat, no singular Muhafazah, divisão administrativa - Lei 522 de 16/07/2003). Antes, havia somente seis províncias.

Cada Muhafazah é dirigida por um Mohafez (equivalente a "governador"). Este é nomeado por um decreto do Conselho de Ministros e fica hierarquicamente subordinado ao Ministro do Interior. Por sua vez, cada província é dividida em municípios (Caza - Qada'a) exceto a província de Beirute. O Líbano conta com 25 municípios e cada um é dirigido por um Caimacam (equivalente a "prefeito"). Cada municipalidade tem um Raiz baladieh (chefe

da municipalidade). Cada bairro de uma cidade ou povoado tem o seu Mukhtar (chefe de localidade), cuja função é essencialmente de ordem administrativa, tipo de tabelião.



	Província (Muhafazah)	Capital (Aasimat)	"Município" (Caza - Qada'a)
1	Beirute	Beirute	Beirute
2	Monte Líbano	Baabda	Baabda, Metn, Kesrouan, Chouf, Aaley e Biblos.
3	Líbano-Norte	Trípoli	Trípoli e Danniyyeh, Akkar, Zghorta, Batroun, Koura e Becharré
4	Aakkar	Halba	Aakkar
5	Líbano-Sul	Sídon	Sídon-Zahrani, Tiro e Jezzine
6	Nabatiye	Nabatiye	Nabatiye, Bent-Jbail, Hazbaya e Marjaayoun
7	Bekaa	Zahlé	Zahlé, Rachaya e Bekaa-Oeste
8	Baalbeck-Hermel	Baalbeck	Baalbeck-Hermel

Lista de todas as cidades e povoados do Líbano pode ser encontrada no seguinte website: www.connexionslibanaises.com/pr/villes.htm

Montanhas: o ponto mais alto do país fica no Monte Líbano, especificamente no Kornet as-Saouda (al-Mekmel), com 3.089 metros de altitude. Abaixo dele estão al-Mnaitra (2.702 m), Sannine (2.628 m), al-Knaisse (2.091 m), al-Barouk (1.980 m). No Anti-Líbano o mais alto é o Monte Hermon (Jabal Cheikh), com 2.814m de altitude; abaixo dele naquela região encontra-se o Talaat Mussa, com 2.629 m de altitude.

Rios: o país possui quinze importantes rios (nahr em árabe). Os maiores são: Litani (160 km), que nasce no Vale do Bekaa a 1.000 metros de altitude; al-Kébir (58 km); Oronte (46 km), que nasce em território libanês e vai até a Síria; Aouali (48 km); Abou Ali (42 km); Damour (32 km); Ibrahim (30 km); Kalb (30 km); Zahrani, 25 km); Beirute (23 km); Hasbani (21 km) que nasce no extremo sul dos pés do Monte Hermon e se dirige em direcão ao Mar Morto, constituindo um dos afluentes do Rio Jordão, na Terra Santa.

Lagos: são dois os lagos mais importantes, o Karaoun, nascido de uma barragem do Rio Litani no Vale do Bekaa e o Yammoune, situado sobre a parte oriental do Monte Líbano.

Hidrografia: apesar da aparente aridez de suas montanhas, o Líbano é um país rico em água doce, tal como provam as inúmeras fontes d'água lá encontradas. Estas são alimentadas, principalmente, pelo degelo da neve ao fim do inverno, transformando assim as montanhas rochosas em vastos depósitos naturais de água potável a altitudes que muitas vezes ultrapassam os 1.500 metros, como se podem ver nas fontes de Afka e Akoura. Mas não é só nas altas montanhas que se encontrám fontes d'água, elas estão também no fundo dos grandes vales como em Jeíta, Nahr al-Kalb e Antelias.

Embora pequeno em espaço, o Líbano ocupa um lugar privilegiado no Oriente Médio por causa de suas fontes d'água, rios, clima ameno. Favorecido pelas montanhas verdes e cumes brancos de neve no inverno.

Economia: a economia libanesa carateriza-se pelo setor privado –que é bastante dinâmico–, pelo serviço tercerizado e pela comercialização triangular. Com a emigração, os libaneses criaram empresas em quase todas as partes do mundo e mantêm-se ligados ao seu país pelos laços comerciais.

- •Os principais setores da economia: bancos, turismo, processamento de alimentos, vinho, joalheria, cimento, têxteis, produtos químicos e minerais, madeira e móveis, refino de petróleo, fabricação de metais;
- •Principais produtos exportados: joias, metais de base, produtos químicos, bens de consumo diversos, frutas e legumes, tabaco, materiais de construção, máquinas para

geração de energia, fibras têxteis e papel;

• Principais produtos importados: derivados de petróleo, automóveis, produtos medicinais, roupas, carnes e animais vivos, bens de consumo, papel, tecidos para confecção, tabaco, máquinas e equipamentos elétricos, produtos químicos.

TABELA DE DISTÂNCIAS TERRESTRES NO LÍBANO:

Distância Km	Baalbeck	Beit Eddine	Beirute	Biblos	Sídon	Tiro	Trípoli	Zahle
Baalbeck	-	88	83	120	125	160	110	36
Beit Eddine	88	-	43	78	42	80	135	52
Beirute	83	43	-	36	40	80	90	47
Biblos	120	78	36	-	77	115	55	80
Sídon	125	42	40	77	-	38	132	88
Tiro	160	80	80	115	38	-	170	125
Trípoli	110	135	90	55	132	170	-	138
Zahle	35	52	47	80	88	125	138	-

DISTÂNCIAS AÉREAS ENTRE BEIRUTE E ALGUMAS CAPITAIS DO MUNDO (quilômetros).

Damasco	Amã	Cairo	Ancara	Roma	Moscou	Paris	Madri	São Paulo
Síria	Jordânia	Egito	Turquia	Itália	Rússia	França	Espanha	Brasil
80	213	578	735	2.263	2.565	3.121	3.512	13.000

MINISTÉRIO DO TURISMO DO LÍBANO www.destinationlebanon.gov.lb

RETRATO DO LÍBANO



HISTÓRIA DO LÍBANO - PANORAMA

Entre os povos que habitaram o Líbano, citamos:

Cananeus: entre o quarto e o primeiro milênio, os cananeus, que eram povos semitas, emigraram de Zagros –região montanhosa e fértil entre o Iraque e o Irã– para o litoral oriental do Mediterrâneo (do sul da Turquia até Gaza atual). A partir daí a região passou a chamar-se Canaã, de "kani" (vermelho escuro) ou sedentário, oposto de "Ebrane" (hebreu), nômade. Os cananeus misturaram-se ao povo da região e lá fizeram sua história: construíram casas, criaram animais, praticaram a agricultura e tornaram-se sedentários. Segundo a Bíblia, os cananeus são descendentes de Canaã, quarto filho de Cam e sequndo filho de Noé (Gêneses: 10,6-20).

Fenícios: durante o quarto milênio, estes mesmos cananeus passaram a ser chamados de fenícios (do grego "phainos", que significa "vermelho brilhante" por causa da púrpura originária do Líbano). Na realidade jamais existiu um Estado fenício unificado, cada cidade-Estado formava seu próprio reino independente, com características próprias, rodeada de muralhas por todos os lados para se proteger dos ataques. Dessas cidades destacaram-se Tiro, Sídon, Arwad, Ugarit, Jbeil (Biblos) e Beirute, todas grandes centros comerciais e religiosos no período fenício.

O Líbano tinha a esta época suas montanhas cobertas por densas florestas verdes: eram os cedros. Com os fenícios a residir no litoral e com o aumento da população, seus habitantes enxergaram no Mediterrâneo uma boa fonte de rendas. Começaram então a construir barcos de madeira de cedro, iniciando assim a navegação e o comércio marítimo. Na verdade, os fenícios nunca premeditaram a sua expansão marítima, pois estavam mais para comerciantes e artesãos do que para grandes navegadores. O essencial de seu comércio era a exploração da madeira do cedro do Líbano, bem como gomas, incensos e púrpura.

Mas a partir daí tudo começaria a tomar outro rumo. Povos vizinhos tomados pela ambição atacaram sem piedade os fenícios. Primeiramente foram os hititas, em seguida os khuritas e logo depois os hicsos. Estes últimos invadiram a região no início do século XVII a.C. e permaneceram ali por duzentos anos. No século XV foi a vez dos egípcios reconquistarem a região e, finalmente, depois de várias invasões, os fenícios voltaram a ser independentes por três séculos (de 1150 - 875 a .C.), graças à decadência do Império Egípcio. Este período coincidiu com a grande prosperidade econômica e comercial da bacia mediterrânea, norte da África e partes da Europa. Os fenícios então fundaram entrepostos e colônias no Mediterrâneo, percorreram também, através de caravanas a Síria, Mesopotâmia e Arábia e atravessaram as Colunas de Hércules (Gibraltar).

Os tirienses (habitantes da cidade de Tiro), foram os primeiros no século VI a.C a fazer a volta à África, isto vinte séculos antes do português Vasco da Gama. Eles partiram do Mar Vermelho e chegaram até as colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar). Daí a história levantada por alguns historiadores da chegada dos fenícios ao continente americano, especificamente ao que se conhece hoje por Brasil, antes dos descobridores espanhóis e portugueses.

Os fenícios teriam chegado ao Brasil?

Segundo alguns historiadores, no século XII a.C os fenícios teriam chegado ao litoral do continente americano. Entre outros, o historiador brasileiro Bernardo de Azevedo da Silva Ramos (1858-1931), nascido em Manaus, diz em seu trabalho "Inscrições e Tradições da América Pré-histórica, especialmente do Brasil" (RJ, 1930) identificar inscrições fenícias em várias localidades no Brasil, particularmente no Amazonas e Rio de Janeiro (Pedra da Gávea). Outro historiador, o austríaco Ludwing Schwennhagen, chegou mais ou menos às mesmas conclusões no livro "Antiga História do Brasil", de 1928.

Apesar da fama adquirida de desbravadores de mares nunca dantes navegados, os entrepostos e colônias fundadas pelos fenícios eram de caráter estritamente comercial, sendo a ocupação do território bem como estratégias militares de defesa postas em plano secundário. A colônia mais importante foi, sem dúvida, Cartago, fundada pelos tirienses no século IX a.C, na costa da África do Norte, onde hoje é a Tunísia.

Nesses entrepostos, eles faziam trocas de produtos da Europa com produtos da Arábia, Egito e África. A indústria fenícia era próspera, principalmente a de vidro, pois já dominavam a técnica da transparência, enquanto que no Egito e na Assíria o vidro era ainda fabricado e comercializado em estado grosso e impuro. Possuíam também uma indústria de púrpura, matéria colorante extraída do múrex, abundante na costa libanesa.

O conhecimento das técnicas comerciais e marítimas fenícias sobrepujava o de todos os seus contemporâneos da Antiguidade. Eles difundiram no II milênio a.C. o alfabeto no Oriente, fazendo um grande favor à civilização moderna ao substituir os complicados hieróglifos egípcios e as gravuras cuneiformes mesopotâmicas por 22 símbolos fonéticos convencionais. O alfabeto fenício não é o mais antigo, mas atingiu dimensão universal ao tornar-se base de todos os alfabetos atualmente utilizados no mundo ocidental e da bacia do Mediterrâneo. No Líbano encontram-se as escrituras mais antigas deste alfabeto, como a famosa inscrição em memória de Ahiram, rei de Biblos, gravada no ano 1.000 a.C. pelo seu filho num sarcófago ricamente decorado (Museu Nacional de Beirute).

Religião fenícia: Como conceito religioso, os fenícios adoravam as forças da natureza, como todos os povos da Antiguidade. Fizeram de Biblos e de Beirute os centros religiosos da Fenícia, onde cultuavam os deuses "El", o deus da Montanha e da Tempestade; "Melcarte", o deus do Sol; "Astarte", a deusa da fecundidade; "Echmun", o deus da cura; "Baal", o deus da Colheita e muitos outros.

Esse desenvolvimento atraíu a interferência das potências da época, que sucessivamente ocuparam a Fenícia. Entre os povos que a ocuparam citamos os assírios, a babilônios, persas (876-333 a.C.), gregos com a conquista de Alexandre o Grande, Roma (64 a.C. - 395 d.C.), bizantinos (395-634), árabes durante a primeira expansão (634-660), omíadas (660-750), abássidas (750-1258), cruzados (1098-1291), mamelucos (1291-1516) e otomanos (1516-1918).

Depois surgiram as dinastias locais Ma'an e Chehab. Durante a dinastia Ma'an (1516-1697) houve uma era de ouro para o país, comandada pelo Príncipe Fakhreddine Ma'an

II (1572-1635), o mais famoso governador do Líbano no período otomano. Ele iniciou um movimento de unidade nacional que procurava livrar o país do jugo otomano que dominou a região por mais de quatro séculos. Durante seu governo desenvolveram-se os laços-comerciais com os europeus, mas logo seria preso pelos turcos-otomanos e enforcado em Istambul em 1635. A dinastia Ma'an, de origem drusa, permaneceu no poder por 182 anos; em 1697 seria extinta com a eleição de Bachir Chehab, sobrinho do último príncipe da dinastia dos Maan.

Durante a dominação otomana, o Líbano foi governado pelos "mutasarrifs" entre 1861 a 1915 (governadores estrangeiros). Neste período os libaneses gozaram de um período de certa justiça e paz. Também foram fundadas várias escolas e, paralelamente, passaram a publicar o primeiro jornal oficial do país e várias revistas. Tudo isto propiciou o aparecimento de grandes escritores e professores, que publicaram importantes trabalhos literários, dicionários, enciclopédias em língua árabe; a agricultura desenvolveu-se também por conta do intercâmbio entre professores do país e da Europa, bem como os meios de comunicação. Foi a esta época que o Imperador Dom Pedro II visitou o Líbano (1876), durante o mandato de Ruston Pacha (1873-1883).

Dom Pedro II no Líbano

No fim do século XVII e por todo o século XVIII, o Ocidente redescobriu o Oriente através de uma série de viagens feitas por escritores, intelectuais, reis e artistas. Entre as destinações mais procuradas estavam a Grécia, Turquia, Líbano, Síria, Palestina, Egito e Arábia, tal como fizera Volney em 1782, Lamartine em 1832, Ernest Renan em 1860, entre outros. Neste grupo de curiosos o Brasil seria representado pelo próprio Imperador Dom Pedro II em 1871 e 1876, cuja admiração pela literatura e cultura árabes são atestados por seus escritos na época. Pedro II chegou a estudar árabe com um arabista alemão, tamanho era seu interesse por aquela cultura e história. Ele esteve duas vezes no Oriente: a primeira em 1871, quando visitou o Egito ; e a segunda em 1876, quando visitou o Líbano, a Síria, a Palestina e o Egito

O Imperador chegou a Beirute, vindo da Grécia, passando pela Iha de Chipre, no navio "Áquila Imperial", de bandeira verde-amarela, acompanhado de sua esposa Dona Teresa Cristina Maria e de uma comitiva de nobres brasileiros e então hospedou-se no hotel Belle Vue de Beirute. Naquele tempo, Império Otomano, Beirute era uma província síria e não libanesa, Líbano era então somente a região do atual Monte-Líbano. Neste caso Dom Pedro II visitou do Líbano somente o Nahr al-Kab (litoral) e na montanha Chtaura,

e Maalaka-Zahle. Visitou Baalbeck que na época também pertencia à Síria. Como um simples explorador, Dom Pedro II percorreu a região e mesmo o fato que sua viagem à região ter sido de caráter turístico, sua presença foi considerada histórica pelas autoridades locais.

Do Monte-Líbano Dom Pedro II escreveu a seu amigo, o diplomata francês Joseph Gobineau, que ficara em Atenas dizendo-lhe: "Gobineau, tudo vai bem... a partir de hoje começa um mundo novo. O Líbano ergue-se diante de mim com seus cimos nevados, seu aspecto severo, como convém a essa sentinela da Terra Santa (...)".

Depois de visitar Beirute, Nahr al-Kalb, Maalaka e Baalbeck, o imperador seguiu para Damasco, Palestina e Egito (ver bibliografia: KHATLAB, Roberto. "Brasil Líbano, amizade que desafia a distância" e "Mahjar, Saga Libanesa no Brasil").

Emigração

Durante o período Otomano e, particularmente, após 1860, data do conflito entre drusos e cristãos na região do Líbano e da Síria, começou a grande emigração de libaneses, inicialmente para os países árabes (Egito, principalmente) e depois para a América do Norte. Para o Brasil, a "grande emigração" começou mais precisamente a partir de 1880; os libaneses ouviram falar do Brasil provavelmente pela primeira vez através da visita que o Imperador Dom Pedro II fez ao Líbano em 1876. Como ele falava inicialmente a língua árabe e tinha contato direto com as pessoas, descrevia com orgulho seu país.

Em 1915, o Líbano sofreu uma invasão de insetos que destruiu a agricultura de subsistência. Nesta situação, a população começou a passar fome e o povo passou a vender suas terras, casas e bens para comprar alimentos. Estima-se que aproximadamente 150 mil pessoas passaram fome no Líbano e 1 milhão nos outros países árabes.

Em 1916 houve a Revolta Árabe e a convenção chamada de Sykes-Picot, que dividiu a Síria, o Líbano, a Palestina e o Iraque em zonas. Em 1917 foi feita a Declaração de Balfour, em que o ministro britânico das Relações Exteriores prometeu transformar a Palestina num lar judeu.

Juro por meus parentes que não os deixei de bom grado. Eles são meu tesouro e coluna de apoio. Mas desgostei de viver na minha pátria Como escravo, quando já tinha sido senhor. (Fauzi Maluf) Ao fim de 1918, quando as tropas otomanas saíram do Líbano, os governadores locais tomaram seus postos em Beirute e nas montanhas. O exército aliado ocupou em seguida a região e impôs um regime militar antes da instauração do primeiro mandato.

"Nahda" ou Renascença

Ao fim do século XIX iniciou-se um movimento de intelectuais no Oriente Médio chamado de "Nahda" árabe (pt:Renascença), que era a continuação da renascença libanesa iniciada no século XVII, quando o emirado libanês teve um avanço político e intelectual que se expandiu para boa parte do país, o que deu aos libaneses uma abertura ao conhecimento que vinha da Europa, consequentemente, à aprendizagem de idiomas estrangeiros, ao comércio e às artes. No final do século XIX e início do XX veio então a "nahda" árabe, com o desenvolvimento da literatura, pesquisas científicas, Filosofia, o que levou os árabes a publicarem intensamente revistas, jornais, livros, dicionários e enciclopédias, tudo isto depois um período de dormição otomana. A Nahda foi fortalecida com os emigrantes, que fora do Oriente puderam com maior liberdade de expressão não só conservar a língua árabe, mas também desenvolvê-la e atualizá-la. Assim, é do inicio do século XX que surgem os grandes escritores libaneses na emigração, como Gibran Khalil Gibran, Mikhael Naime, Amine Rihane e outros, fortalecidos com a fundação da associação literária "Pen Club", nos Estados Unidos; no Brasil surgiriam também grandes nomes entre os emigrantes libaneses, entre outros Michel Maluf, os irmãos Akl e Chicrala al-Jorr e Naoun Labaki, todos também ligados a uma associação literária, a "Liga de Literatura Nova Andaluzia", com uma grande produção em jornais, livros e revistas tanto em árabe como em português, dando dessa forma sua contribuição à Nahda.

O Mandato Francês

No Líbano, a França substituiu seu representante militar por um governador civil e instaurou uma constituição com 102 artigos. Assim nasceria a República no Líbano, com um poder executivo (Presidente da República e Ministros), poder legislativo (deputados e senadores) e poder judiciário, mas ainda sob a tutela francesa. Neste período, quatro presidentes sucederam-se na República Libanesa: Charles Debbas (1926-1934), Habib Saad (1934-1936), Emile Eddé (1936-1940) e Alfred Naccache (1940-1942).

Partidos políticos

O Líbano, apesar de um pequeno país, possui um grande número de partidos políticos que têm suas origens particularmente no período do Mandato Francês. Um dos primeiros a ser registrado foi o Partido Comunista Libanês (1924), além de outros que citamos a seguir: Partido Kataeb (1936), Partido do Bloco Nacional (1946), Partido Socialista

Progressista (1949), Partido dos Nacionais Liberais (1958), Partido e Movimento Amal (pt: Esperança - 1974), Partido das Forças Libanesas (1977), Brigada Marada (anos 1970), Hezbollah (pt: Partido de Deus - 1982), Corrente Futuro (ar: al-Mustaqbal- 1992), Corrente Patriótica Livre (2003), Partido Verde Libanês (2008) etc.

Se por um lado a situação econômica e social melhorava a cada dia; por outro, o movimento migratório continuava nos dois sentidos. Foi a época em que se registrou um pequeno retorno de imigrantes libaneses do Brasil, fazendo assim nascer a colônia de "brasilibaneses" (cidadãos binacionais brasileiros-libaneses) em território libanês, o que se seguiu pela criação do Consulado do Brasil em Beirute em 1930.

Independência

Em 1941 o General Charles de Gaulle (1890-1970) visitou o Líbano para estudar a situação, renovando suas promessas de dar independência ao Líbano, mas reservando à França o direito de decidir o momento mais adequado para tanto. Os libaneses recusaram todas as condições impostas pelos franceses à sua independência até que o General Georges Catroux(1877-1969) fixou o dia 26 de novembro de 1941 para a data da independência do Líbano. Alfred Naccache permanecia como Presidente da República (1940-1942). Depois de muitas negociações, realizou-se a 21 de setembro de 1943 a primeira eleição para o Parlamento, que levou à presidência Béchara el-Khoury. Este então pede ao Primeiro-Ministro —Riad Solh— que forme um novo governo e entre as primeiras medidas do novo governo estava a substituição do francês como língua oficial do país pelo árabe.

Paralelamente, os Estados árabes mobilizaram-se para defender a causa libanesa. Assim a França cedia diante da solidariedade e da força dos países árabes e no dia 22 de novembro comunicava a independência total do Líbano em 1943 (Festa Nacional do Líbano).

Período de crises e de crescimento

Tão logo o Líbano conquistava sua independência, començavam as disputas políticas entre as grandes famílias do país. Surgiram as primeiras dificuldades econômicas e políticas de uma nação independente. Em 1951 o Primeiro-Ministro sunita Riad Solh era assasinado e em 1952 cairia o governo, levando à demissão do Presidente Béchara el-Khoury.

Em 1952 foi eleito à presidência da República Camille Chamoun, que instaurou um governo de liberdade de expressão e o direito de voto às mulheres. Foi um período de crescimento econômico, segurança e atração de capitais. Em 1954, o Presidente Chamoun visitou o Brasil e encontrou-se com o Presidente Getúlio Vargas. Foram abertas embaixadas em

ambos os países e assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação Brasil-Líbano. Apesar dos avanços levados a cabo pelo governo Chamoun, o presidente libanês caiu na impopularidade por causa de sua dureza com outros políticos, em seguida assumiu a presidência o general Fouad Chehab.

Embora não faltassem problemas políticos ao Líbano, o país entrou numa grande fase de crescimento e passou a ser um dos países mais desenvolvidos da região, com uma economia estável: é dessa época a alcunha "Suíça do Oriente Médio", por causa de seu renomado sistema bancário.

Quanto à cultura, esta destacou-se com a atuação de universidades americanas e francesas. Beirute passaria a ser chamada de a "Paris do Oriente Médio", uma cidade que funcionava 24 horas por causa dos seus cofres abarrotados do dinheiro dos petrodólares. Segundo estimativas do setor financeiro, algo como 70 bancos internacionais com representações no Líbano recebiam milhares de dólares por dia provindos dos países árabes. Era no Líbano que os árabes ricos e emires do Golfo Pérsico passavam suas férias de verão, atraídos pelo clima, cassinos e outros atrativos. Na época contava-se em média com um bar para cada 140 pessoas.

Após 1967, com a derrota dos árabes na guerra contra Israel, os palestinos refugiaramse no Líbano, onde encontraram aliados na esquerda libanesa e com os muçulmanos, o que fez aumentar as tensões políticas. Em 1969 foi assinado o Acordo do Cairo entre o Líbano e a OLP (Organização para Libertação da Palestina). Em 1970, no episódio conhecido como "Setembro Negro", os palestinos foram massacrados na Jordânia, oprimidos no Egito e colocados de lado na Síria; no Líbano então transformaram seus campos de refugiados em fortalezas.

Em 1973 o exército tentou controlar os palestinos, que se tornavam cada vez mais fortes dentro do território libanês. No ano seguinte, diante da Assembleia Geral da ONU, o Presidente libanês Sleiman Frangié, de origem maronita, solicitou uma solução para a causa palestina.

Guerra civil (1975-1990)

A 13 de abril de 1975 deflagrou-se a guerra civil libanesa. Nesse período Beirute dividiu-se em duas partes: a leste a zona cristã e a oeste a zona muçulmana, formando um vale profundo entre as duas comunidades. Em 1976 as forças armadas israelenses começaram a atacar os palestinos no sul do Líbano, entrando em território libanês: o conflito complicava-se ainda mais.

Em 1982, Bachir Gemayel, líder cristão e filho de Pierre Gemayel, fundador do Partido Kataeb (Partido Democrático Social Cristão) que durante a Guerra Civil destacou-se como milícia cristã no Líbano) é eleito Presidente da República Libanesa em agosto de 1982 e assassinado em setembro do mesmo ano. Também nesse ano aconteceu o massacre de Sabra e Chatila, bairros (campos) palestinos de Beirute.

Neste mesmo período a Revolução Iraniana estrutura-se e passa a agir no Líbano, também os movimentos do Amal e do Hezbollah sedimentam-se, principalmente para combater a presença israelense em território libanês. A guerra expande-se por todo o país e na presidência está agora Amin Gemayel, irmão de Bachir: foi a época dos massacres e dos sequestros de estrangeiros.

Em 1988, ao fim do mandato de Gemayel, os deputados não se põem para eleger outro presidente e, assim, seguindo a constituição, o Chefe do Exército —general Michel Aoun—, era nomeado Presidente do Conselho de um governo militar. Depois de várias discussões elegeram Presidente René Maouad a 5 de novembro de 1989, mas logo em seguida, no dia 22 de novembro, ele era assassinado. Em seu lugar era eleito Elias Hraoui (1989-1998).

A guerra civil vinha com mais força durante a administração de Michel Aoun, que a chama de "Guerra de Libertação", referindo-se à libertação de Israel e da Síria. É desse período as grandes divisões no lado cristão. No dia 13 de outubro de 1990 a aviação síria atacava o palácio presidencial e o general Aoun se refugiaria na embaixada da França, partindo depois para aquele país. A data do ataque sírio ao palácio presidencial e a partida de Aoun marcaram o fim da guerra civil libanesa, com Hraoui formando um único governo.

É, evidentemente, difícil resumir em tão curto espaço a guerra civil libanesa, contudo podemos apresentar alguns dados importantes:

Aproximadamente 200 mil mortos;

17.415 desaparecidos;

300 mil feridos, entre estes 50 mil ficaram com alguma seguela;

Mais de 450 mil libaneses tiveram de se deslocar de suas residências.

Em 2005 o exército sírio —depois de 30 anos— saía do território libanês com a aplicação da resolução 1559 das Nações Unidas. Um ano depois, em 2006, ocorreria o conflito entre o Hezbollah e Israel durante trinta dias, que destruiria grande parte da região sul do Líbano, o Vale do Bekaa e periferia sul de Beirute, com grandes perdas humanas. Com a

retirada de Israel o Hezbollah chamou de "Vitória Divina".

Reconstrução e pós-guerra

Após 1990, o Líbano entrava a passos largos na sua reconstrução e aos poucos retomava um papel de destaque no Oriente Médio. Depois da guerra civil, o governo libanês tinha a grande tarefa de reconstruir o país, o que incluía da infraestrutura às instituições políticas e a dignidade do seu povo. Com este objetivo foi criado o Conselho de Desenvolvimento e Reconstrução (CDR) e vários programas com projetos de desenvolvimento em todo o país. A reconstrução foi iniciada em 1992 pelo então primeiro-ministro Rafik Hariri (assassinado em 2005). Embora imensos fossem os desafios do Líbano, os resultados foram bem-sucedidos; poucos foram os projetos mundiais que em tão pouco tempo conseguiram transformar a cara de um país. Esses projetos serviram então de trampolim para que os libaneses passassem a receber milhares de turistas, uma das vigas da economia libanesa.

Presidentes do Líbano Independente: Bechara el-Khoury (1943-1952); Camille Chamoun (1952-1958); Fouad Chehab (1958-1964); Charles Helou (1964-1970); Sleiman Frangié (1970-1976); Elias Sarkis (1976-1982), Bachir Gemayel (eleito em 19/08/1982, assassinado em 14/09/1982); Amin Gemayel (1982-1988); René Maouad (eleito em 05/11/1989, assassinado em 22/11/1989); Elias Hraoui (1989-1998); Emile Lahoud (1998-2007) e Michel Sleiman (eleito em 2008).

RELAÇÕES BRASIL-LÍBANO

As relações entre o Brasil e o Líbano são bastante amistosas apesar da distância. Os dois países possuem uma forte relação humana, melhor dito, familiar, visto o grande número de imigrantes de origem libanesa que se encontram no Brasil (grande imigração a partir de 1880); estima-se que haja por volta de 4 milhões libaneses e seus descendentes no Brasil.

Os imigrantes libaneses no Brasil iniciaram suas vidas como mascates e aos poucos entraram em outras atividades profissionais como médicos, industriais, artistas etc. Como políticos representam 10% da classe política brasileira, espalhados por todo o território nacional

A seguir descrevemos brevemente o histórico das relações Brasil-Líbano:

1876: visita do imperador do Brasil, Dom Pedro II, pioneiro das relações Brasil-Mundo Árabe e divulgador do Brasil no Oriente; 1895: impressão do primeiro jornal em língua árabe no Brasil "Al Fayha" – Mundo largo—, publicado por Salim Ibrahim Balich, emigrante de Zahlé e seu sócio Antun Najar.

1911: abertura do Consulado do Brasil em Beirute (não de carreira diplomática);

1923: assinatura do Acordo Comercial dos Estados do Levante sob o Mandato Francês com o Brasil:

1930: criado o Consulado do Brasil (de carreira diplomática) em Beirute;

1945: estabelecimento das relações diplomáticas entre o Brasil e Líbano.;

1946: criado o Consulado do Líbano no Rio de Janeiro.

1948: assinatura do Convênio Cultural Brasil-Líbano, retificado em 2006;

1951: assinatura do Acordo Relativo aos Transportes Aéreos Brasil-Líbano, retificado em 1997:

1952: Abertura da linha aérea Rio de Janeiro-Beirute com a Companhia brasileira PanAir do Brasil. (DC-7C, permaneceu ate 1961);

1954: o Presidente do Líbano Camille Chamoun visita oficialmente o Brasil e foi recebido pelo Presidente do Brasil Getúlio Vargas, ocasião em que foi assinado o Tratado de Amizade Brasil-Líbano de Comércio e de Navegação e que os Consulados do Brasil e do Líbano foram elevados à categoria de Embaixadas, respectivamente em Beirute e no Rio de Janeiro. O primeiro diplomata brasileiro no Líbano foi o Cônsul Mário Dorothe da Costa (1930-34) e o primeiro Embaixador brasileiro no Líbano foi Francisco Gualberto de Oliveira (1955-1959); o primeiro diplomata libanês no Brasil foi o Ministro Plenipotenciário Youssef el-Saouda (1946-53) e o primeiro Embaixador do Líbano no Brasil foi Adib El-Nahas (1953-56):

1961: visita ao Líbano do ex-Presidente do Brasil Juscelino Kubitschek de Oliveira.

1961: criação do Consulado Honorário do Brasil em Trípoli, no Líbano-Norte.

1994: foi nomeado o segundo Cônsul-Honorário em Tripoli Chucri Makari; seu mandato seria encerrado 2012.

1995: o primeiro-ministro libanês Rafik Hariri visita o Brasil;

1997: o Presidente do Líbano, Elias Hraoui, visita o Brasil. No Líbano acontecia a exposição de arte contemporânea "Art Brésil 97" no Museu Sursock, de Beirute, organizada pelo Embaixador Brian Michael Fraser Neele;

1999: o Senador José Sarney, ex-Presidente da República do Brasil, visita o Líbano e lança seu romance "O Dono do Mar", traduzido e editado em língua árabe sob a direcão do Setor Cultural da Embaixada do Brasil em Beirute;

2003: o Primeiro-Ministro libanês, Rafik Hariri, visita o Brasil. O Presidente

Luiz Inácio Lula da Silva do Brasil faz a primeira visita oficial de um presidente brasileiro ao Líbano. Lançamento do livro "Lula, de operário a Presidente da República", em arabe, de autoria de Roberto Khatlab, com prefácio do Presidente Lula e apresentação do Primeiro-Ministro libanês Rafik Hariri;

2004: o Presidente do Líbano, General Emile Lahoud, visita o Brasil;

2005: é separado o consulado da embaixada, criando assim o Consulado-Geral do Brasil no Líbano, sendo o primeiro Cônsul-Geral o ministro Michael Francis de Maya Monteiro Gepp 2006. O Ministro da Educação brasileiro, Fernando Haddad, de origem libanesa visita o Líbano e assina um convênio educacional com o Líbano:

2007: Primeiro Seminário de Intercâmbio Acadêmico Brasil-Líbano Universidade de Brasília (UnB). Abertura do Primeiro Leitorado brasileiro no Líbano para ensino da lingua portuguesa na Universidade Libanesa, sendo o primeiro leitor o professor Richard Max de Araújo;

Visita do Prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, com uma importante delegação de empresários brasileiros e descedentes de libaneses;

2010: o Presidente do Líbano, General Michel Sleiman, visita o Brasil. Trasferência da sede da Chancelaria de Baabda para o Centro da capital, Beirute;

2011: em novembro o Vice-Presidente do Brasil, Michel Temer –de origem libanesa— com uma delegação de políticos e empresários brasileiros visita o Líbano. Nesta ocasião o Vice-Presidente Temer recepcionou a fragata brasileira União F-45 (com 300 militares) que veio ao Líbano para participar da Força-Tarefa Marítima da Força Interina das Nações Unidas do Líbano (UNIFIL), missão de paz da ONU no Líbano. A participação brasileira na UNIFIL resulta de um esforço do Itamaraty, iniciado no governo do então Presidente Lula, para tornar o Brasil um ator mais importante no Oriente Médio. A fragata havia chegado em novembro, mas desde fevereiro de 2011 o Brasil já tinha assumido o comando da forçatarefa naval da ONU e havia nomeado o Contra-Almirante Luís Henrique Caroli para chefiar um grupo de nove navios internacionais. O Vice-Presidente também inaugurou o Centro Cultural Brasil-Líbano em Beirute, primeiro centro cultural brasileiro no Oriente Médio. Estas realizações, entre outras, deram-se durante a missão do Embaixador Paulo Roberto Campos Terrissa da Fontoura no Líbano. Na delegação, entre outros parlamentares, esteve o Deputado Ricardo Izar Junior, que visitou o Centro de Estudos e Culturas da América Latina (CECAL-USEK). Criação do Projeto Alecrim (Baalbeck, Bar Elias e Chtaura), para crianças brasileiras no exterior, com apoio da coordenadora internacional, Katcha Osório e do Cônsul-Geral-Adjunto do Brasil em Beirute, Luiz Eduardo Villarinho Pedroso;

2012: substituição do Cônsul-Honorário do Brasil em Trípoli, Sr. Chucri Makari pela Sra. Siham Harati, Cônsul-Honorário do Brasil em Trípoli, segundo Ministério dos Negócios Estrangeiro do Líbano e CH do Brasil em Kab Elias (Bekaa) segundo o Itamaraty. Visita do Ministro da Defesa do Brasil, Celso Amorim, para a despedida da fragata União e chegada da fragata Liberal F-43 (com 251 militares), comandada pelo contra-almirante Wagner Lopes de Moraes Zamith. Colóquio Internacional – Relações entre o Oriente Médio e a América Latina: um decênio de relações sul-sul, realizado pelo CECAL-USEK dias 29 e 30 de novembro, com a presença de palestrantes brasileiros.

2013: Partida da Fragata Liberal e chegada da Fragata Constituição. Partida do Contra-Almirante Wagner Lopes de Moares Zamith e chegada do Contra-Almirante Joése de Andrade Bandeira Leandro. Chegada também do novo Embaixador do Brasil em Beirute, Affonso Emilio de Alencastro Massot.

TRADUÇÃO ROHAYEM

Centro de tradução técnica e juramentada Fundado em 1933 Tradução juramentada e simultânea (intérpretes) PORTUGUES

911 Damascus Street, Khoury Bldg (perto do Ministério da Justiça) Badaro – Beirut - Lebanon

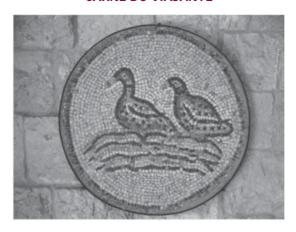
Tel.: +961 3 372887 / Tel./Fax: +961 1

615997

E-mail: myriamrahaim@hotmail.com



CARNÊ DO VIAJANTE



Quando viajar? As quatro estações do ano no Líbano são maravilhosas, cada uma com seu charme particular. A melhor época para se visitar o Líbano é durante a primavera (entre marco e junho). No início desta estação ainda se encontra neve nas montanhas, as amendoeiras floridas exalam um perfume divino, os campos e montanhas estão floridos de papoulas, cíclames e margaridas; e ouve-se o forte barulho de água que escoa através das montanhas em direção ao Mar Mediterrâneo. É o momento em que você poderá nadar no mar e, se quiser, no mesmo dia –a poucas horas dali– esquiar nas altas montanhas e apreciar o belo espetáculo que a natureza caprichosamente reservou ao povo libanês: neve, flores, perfume, cachoeiras etc. Verão (de junho a agosto) é a época de ir às praias e aos grandes festivais ao ar livre, como os de Baalbeck, Beit Eddine e Biblos; mas além destes grandes, em guase todas as cidades e povoados há festivais bem movimentados nesta época do ano. Durante o outono (de setembro a novembro) é a época das colheitas no campo, enquanto que as cidades continuam movimentadas de turistas que aproveitam a vida noturna dos grandes centros. O inverno (de dezembro a fevereiro) oferece um espetáculo especial a todos os sentidos, pois é o período em que há competições de esqui, passeios nas altas montanhas do Líbano, como em Faraya, degustar os fabulosos vinhos libaneses bem como da saborosíssima cozinha deste país. Escutar música clássica no Festival Internacional Al-Bustan, Beit Mery... Não importa quando você pretenda ir ao Líbano, cada época do ano oferece atrações impressionantes para todos os tipos de gosto.

Como viajar? Há várias companhias aéreas que vêm ao Líbano. Entre elas estão a

brasileira TAM (via Europa com transferencia de avião), como também com estrangeiras como a Air France, KLM, Alitalia, Lurthansa, Turkish Airlines, Qatar, e Emirates.

Orçamento: o orçamento de uma viagem depende dos lugares que a pessoa pretende frequentar; no entanto, pode-se dizer, de forma geral, que os custos de uma viagem ao Líbano são relativamente baixos quando comparados aos da Europa.

O que vestir? A maioria dos libaneses usa roupas ocidentais, do informal ao chique. Nos encontros, os libaneses sempre usam ternos ou esporte chique, raramente jeans e tênis, exceto quando se trata de pique-niques. No verão, use roupas leves, mas à noite, principalmente nas montanhas, aconselha-se abrigar-se um pouco mais, pois o clima é fresco. Saiba adaptar-se aos trajes de banho: observe antes o local e os trajes que os locais usam; assim você aproveitará suas férias sem nenhuma preocupação. No inverno, blusas de lã e jaquetas impermeáveis são indispensáveis; para visitar sítios históricos, use sapatos adequados e confortáveis para longas caminhadas.

Onde ficar? (hospedagem): seja à beira-mar, nos centros históricos, nas montanhas ou nos vales, o Líbano oferece uma grande linha de hotéis e pousadas que se adequa a todos os gostos e bolsos. Entre as opções, pode-se escolher flats, apart-hotéis ou casas de aluguel disponíveis o ano todo. Também é possível a prática de camping (ver: Esportes), mas é sempre aconselhável informar-se de suas localizações: lembre-se que se pode tratar de uma zona proibida para civis.

Para maiores informações sobre hospedagem no Líbano, visite: www.lebanon-hotels.com

Onde comer? A culinária libanesa é um dos maiores orgulhos de seu povo. Das cidades grandes às vilas, encontram-se variadas opções que vão desde pratos rápidos aos mais refinados. Há também inúmeros restaurantes que oferecem pratos internacionais que vão de fast foods à cozinha italiana, francesa, latino-americana e oriental. É bom lembrar que cidades como Beirute têm uma infinidade de bares que esquentam a noite da cidade e não deixam em nada a desejar aos seus correspondentes das grandes capitais ocidentais. www.tripadvisor.fr/restaurants

Compras:há uma grande variedade de lojas, mercados e shoppings em todas as cidades. Se preferir comprar tudo num único local, vá a um dos modernos shoppings, onde há de tudo. Pechincar exceto em lojas de grife, nas lojas e nos mercados pechinchar é uma tradição; ao entrar na loja o proprietário recebe o cliente oferecendo café ou chá, sinal de hospitalidade e nada o obriga a comprar: aceite, pois assim começam os grandes

negócios. O propritário faz questão de expor todo seu estoque; não fique constrangido, pois é-lhe uma satisfação mostrar seus produtos. Se gostar de algo, pergunte-lhe o preço e ofereça-lhe a metade do valor que ele pede. Pronto, assim terá começado a negociação que terminará quando ambos cheguem a um preço que agrade às duas partes. Mas atenção, não comece a pechinchar se não estiver realmente interessado no produto.

Costumes: Líbano é uma sociedade multiconfessional, o que significa que tem vários costumes e tradições de acordo com a confissão religiosa de cada comunidade. Assim, é bom ater-se às diferenças bem como respeitar as normas de cada uma; afinal, o objetivo do turismo é apreciar novas culturas e não querer mudá-las.

O "cafezinho árabe" é sinal de hospitalidade. Em todas as casas, o café sempre é servido feito na hora e tomá-lo significa fortificar os laços de amizade. Às vezes, lê-se a sorte na borra de café que fica no fundo da xícara e há sempre um libanês pronto a lembrar-lhe que o "café é brasileiro", o que motiva ainda mais tomá-lo e apreciar a hospitalidade libanesa.

A forma de cumprimentar é o aperto de mãos e não é de se estranhar ver os homens se beijarem na face e até mesmo andarem de mãos dadas na rua: trata-se de um hábito oriental (e mediterrâneo) bastante antigo e mostra sinal de carinho. Geralmente as mulheres muçulmanas não apertam as mãos dos homens para os cumprimentar, simplesmente um e outro põem a mão direita sobre o peito em sinal de respeito. Não se aconselha, em certas regiões ou bairros, principalmente em lugares públicos, beijos e abraços longos entre os namorados.

Ao sentar-se e cruzar as pernas, evite virar a sola do sapato para alguém, pois é entendido como falta de respeito.

O gesto de unir os dedos da mão e balançar lentamente significa: "calma, devagar, um momento", chuai, chuai, na língua árabe. O movimento de levantar as sombrancelhas e ao mesmo tempo a cabeça signfica: "não". O movimento de virar a cabeça para o lado esquerdo e direito, como fazemos para dizer não, para os libaneses significa: "não entendi ou o quê?".

Observa-se muito nas casas, nas lojas e nos carros objetos (de cor azul: olhos, palma de mão) sapatos de criança, ferraduras, que são amuletos para tirar "mal olhado". Nas áreas cristãs veem-se muito também nas ruas e nas entradas de edifícios, pequenos oratórios com santos, principalmente Nossa Senhora e Santo Elias (com a espada); nas áreas muçulmanas veem-se quadros com arabescos contendo versículos do Alcorão (livro sagrado dos muçulmanos), principalmente do versículo do "Trono": Deus!... Seu Trono abrange os céus e a terra... (2,255). Nás áreas drusas vê-se a estrela de cinco pontas

coloridas, símbolo dos cinco limites da religião (Hudud). Alguns comerciantes têm o costume, pela manhã ao abrir a loja, de incensar o local, para proteger o ambiente de trabalho.

Vestimenta: nas ruas você observará que a moda no Líbano é bem diversificada, misturando os dois estilos: o árabe e o ocidental. Encontrará mulheres vestidas de minissaias e ao mesmo tempo mulheres com vestimentas islâmicas, usando véu com uma túnica larga. Em outros casos, verá as mulheres vestidas de calças jeans apertadas e um véu colorido cobrindo apenas a cabeça, que é mais uma questão de moda feminina.

Muitos camponeses, particularmente na montanha, usam ainda uma abaya, manto retangular de duas partes feito de tecido de algodão ou lã ou de pelo de camelo. E na cabeça o kafieh, um lenço longo branco ou de outra cor preso à cabeça pelo agel, um tipo de cordão para segurar o lenço. Os drusos usam ainda uma calça bombacha (cheruel), tal como os gaúchos brasileiros e um gorrinho branco; tradicionalmente, usam também o tarbuche, um chapéu sem abas, cilíndrico, de cor preta ou vermelha.

Ao entrar em uma mesquita (templo islâmico), deve-se tirar os sapatos e as mulheres estrangeiras devem cobrir a cabeça com um véu e o cropo com uma loinga manta. O traje deve ser adequado para visitar locais sagrados, tanto para muçulmanos como cristãos, drusos e outros. Geralmente, as mesquitas possuem vestes longas para emprestar para as mulheres que desejam visitar o local. Nos santuários cristãos emprestam véus para as mulheres cobrirem os ombros se estiverem com roupa decotada. Aconselha-se aos homens, se estiverem de bermudas e camisetas decotadas, levarem uma calça e uma camisa para poderem vestir e entrar em locais sagrados.

Vestimentas islâmicas para as mulheres

Existem vários tipos de véus, entre eles o hijab (pt: cobertura) usado pelas muçulmanas para cobrir a cabeça, deixando apenas o rosto descoberto. O xador (do persa "tenda"), que é um tipo de véu que pode cobrir somente a cabeça, mas também ir até os joelhos —o rosto fica descoberto. O nikab (pt: máscara), que cobre todo o corpo e não deixa aparecer nem os olhos, que ficam cobertos por um véu; em alguns casos, estas mulheres usam até luvas para cobrir as mãos. A burca (palavra pachtun que significa "véu" em português), refere-se ao véu de origem afegã que cobre o corpo das mulheres da cabeça aos pés e para esconder o rosto há um tecido rendado que lembra uma grade; trata-se de uma vestimenta usada na região em que é hoje o Afeganistão usada mesmo antes do período islâmico.

O Islão aconselha o uso do véu para preservar a dignidade da mulher, tal como diz o Alcorão: "Ó Profeta, dizei a vossas esposas, vossas filhas e às mulheres dos crentes que quando saírem que se cubram com as suas mantas; isso é mais conveniente para que se distingam das demais e não sejam molestadas; sabei que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo" (Surata 33,59). A este respeito, o Velho Testamento recomendava também o véu para as mulheres ("Jacó não reconheceu sua esposa pois estava coberta de um véu", Gênesis: 29,25). Importante na sociedade respeitar os usos e costumes.

Formalidades de entrada no Líbano (visto): é necessário obter visto de entrada no Líbano, que pode ser pedido na Embaixada do Líbano no Brasil (Brasília - www.libano. org.br, tel.: (61) 3443 3808 / 3443 8574) ou nos Consulados-Gerais do Líbano no Brasil (São Paulo e Rio de Janeiro: ver endereços úteis). Após o ano 2000, os titulares de passaporte brasileiro passaram a poder retirar o visto de entrada no Líbano no próprio aeroporto de Beirute.

Moeda corrente: a unidade monetária é a libra libanesa (L.L.), em árabe lira lubnania (US\$ 1,00 = 1.500,00 L.L. em 2013). Paralelamente à lira libanesa, os dólares americanos (US\$) e euros (€) são amplamente aceitos pelo comércio, assim como cartões de crédito. Há também muitas casas de câmbio espalhadas pelos grandes centros urbanos, onde os visitantes podem trocar seu dinheiro pela moeda local. Nos caixas eletrônicos espalhados em todas cidades e povoados, pode-se optar pela retirada do valor desejado em lira libanesa ou dólar americano.

Declaração na alfândega: os artigos pessoais são isentos, já as bebidas alcoólicas estão limitadas a dois litros (whisky, champagne, conhaque e similares), ou quatro litros para outros tipos de alcóol, por pessoa. Fumo, no máximo 800 cigarros ou 1000 gramas de fumo para cachimbo ou 50 charutos ou 100 cigarrilhas ou 100 gramas de fumo. Perfume, um litro de colônia ou 100 gramas. Remédio: a quantidade para uso pessoal. Valores: 500.000 Libras libanesas (L.L.) para libaneses, sírios e jordanianos e estrangeiros que vivem no Líbano. Para outros passageiros que chegam ao Líbano: 2.000.000 L.L. (www.customs.gov.lb).

Água: a água de torneira não é potável, exceto quando indicar que vem diretamente da fonte, particularmente das montanhas. Aconselha-se a tomar água mineral encontradas em garrafas nos mercados.

Fuso horário: GMT +2 (horário de inverno); e +3 (horário de verão). Em relação a Brasília: +4, +5 ou +6, pois deve-se levar em conta também a época de horário de verão no Brasil (+4) ou no Líbano (+6).

Telecomunicações: as comunicações telefônicas internacionais são boas. Serviços como fax, telex e internet estão igualmente disponíveis. Vários são os cibercafés onde você poderá ter acesso à internet e a serviços de impressão a precos acessíveis.

O código internacional do Líbano é 961. Os indicativos regionais são os seguintes: Beirute: 01; Monte Líbano Norte: 04; Monte Líbano Sul: 05; Líbano-Norte: 06; Líbano-Sul: 07; Bekaa: 08; e Kesrouan/Biblos: 09. Celulares em todas as regiões podem ter os seguintes prefixos: 03, 70, 71 (estes são os mais comuns). Para o serviço de auxílio à lista em Beirute chame 120.

Fotografia: não fotografe imóveis onde se situem instituições militares, muito menos militares (nos check-points) que estejam situados nas ruas ou estradas. Evite fotografar pessoas nas ruas sem lhes pedir autorização, sobretudo mulheres com trajes islâmicos. De resto, aproveite bem as paisagens libanesas, cujas fotografias vão fazê-lo lembrar por muito tempo dessa viagem encantadora.

Teatros/festivais: há vários teatros em Beirute, com diversas programações em árabe, francês e inglês. No verão são realizados vários festivais, alguns conhecidos internacionalmente como os de Baalbeck, Beit Eddine, Tiro, Biblos e Bustan. Um guia interessante dos eventos pode ser encontrado na "Agenda Culturel" (em francês): www.agendaculturel.com

Religião: o Estado respeita todos os credos, garante e protege seu livre exercício, desde que não prejudiquem a ordem pública. As duas religiões que têm mais adeptos são a cristã e a muçulmana (ver: Comunidades Religiosas em Retrato do Líbano).

Feriados: no Líbano, o dia de descanso semanal é o domingo, ao contrário de outros países árabes, que guardam a sexta-feira (segundo a religião islâmica).

Festas fixas:	1 ° de janeiro, 6 de janeiro (Natal para a Igreja Armênia), 9 de fevereiro (São Marun, fundador da Igreja Maronita); 1° de maio (Dia do Trabalho); 6 de maio (Dia dos Mártires); 15 de agosto (Festa da Ascensão de Maria); 1° de novembro (Dia de Todos os Santos); 22 de novembro (Festa Nacional - Independência) e 25 de dezembro (Natal)
Festas móveis:	Cristã: Sexta-feira Santa (católica); Sexta-feira Santa (ortodoxa); Domingo e Segunda-Feira de Páscoa (católico); Domingo e Segunda-Feira de Páscoa (ortodoxa). A festa de Páscoa é celebrada duas vezes, com uma semana de intervalo. Uma vez para os católicos e outra para os ortodoxos, assim como os dias precedentes a esta festa. Salvo os anos que a festa coincide no mesmo dia
	Islâmica: Ramadã (mês de jejum), al-Fitr (encerramento do Ramadã, três dias), Mauled al Nabil (Nascimento do Profeta Maomé), Al Adha al Mubarak (Sacrifício de Abrãao, três dias); Ras as-Sana al-Hégira (calendário islâmico, cujo ano 1 iniciou em 622 - Emigração (Hégira) do Profeta para Medina.; Achura (Martírio de Hussein - xiita).

No mês de Ramadã o fiel, do nascer ao pôr do sol, não coloca nada em sua boca, não come, não bebe e não fuma. Aconselha-se, por respeito ao jejum que os muçulmanos fazem nesse período, evitar comer em público quando passar por algum bairro em que esta comunidade for representativa.

Horários de expediente: a administração pública (ministérios, repartições diplomáticas, serviços públicos etc.) funciona das 8h às 14h de segunda à quinta-feira; das 8h às 11h às sexta-feiras e das 8h às 12h aos sábados.

Bancos: das 8:30h às14h, alguns até às 16h de segunda às sexta-feira e das 8h30 às 12h aos sábados.

Comércio e setor privado: das 8h30 às 18h de segunda-feira a sábado. Os horários variam conforme a estação e estabelecimento. Centros comerciais das 9h30 às 22h, abertos aos domingos. Supermercados das 8h30 às 20h.

Quanto aos horários de encontros, há sempre um certo atraso, misto de costume local mas também consequência do tráfego complicado de algumas áreas da cidade. É preciso ter paciência, pois que a concepção de tempo para o oriental é diferente da do europeu e mesmo das populações das Américas. Na brincadejra, libanês é um "IBM": "Inchallah" (se Deus quiser), "Bucra" (amanhã) e "Maalech" (não há problema). Um lembrete! Quando o libanês diz "bucra" (amanhã), não significa imperativamente que seja amanhã, pode ser que leve muito mais tempo.

Transportes: Táxis:são numerosos e com tarifas acessíveis. Atenção: todos os táxis ou seviços públicos possuem placa vermelha. Geralmente, não há taxímetro nos táxis, mas há uma tabela de preços oficiais dos locais e distâncias, a qual você poderá solicitar para se assegurar dos preços que lhe são cobrados. Quando se tratar de um longo percurso, negocie o preço antes da partida para evitar discussões.

Ônibus: várias linhas de ônibus (ar: busta) servem a cidade de Beirute e várias regiões do Líbano. Não há pontos de ônibus definidos em pontos exatos das vias tal como há no Ocidente, o que significa que desde que se faça sinal ele para que você o pegue. Há, no entanto, terminais em Beirute, de onde os ônibus partem, tal como indicamos a seguir:

Rodoviária Central, Nacional e Internacional do Líbano Charles Helou: perto do Porto de Beirute, para todo o Líbano, particularmente para o Líbano-Norte, norte da Síria, Damasco e Jordânia. Partidas a cada 30 minutos;

Cola: com direções particularmente para o Líbano-Sul e Vale do Bekaa;

Dora: particularmente para a direção Monte Líbano e Líbano-Norte.

Lotação (ar/fr: service): são carros ou vans que circulam em todo o Líbano, e que percorrem rotas fixas e que cada pessoa paga seu assento. Lembramos que nesses "táxis" sempre se divide o carro com algum(uns) passageiro(s) que vai (vão) para a mesma direção que você.

Locadoras de automóveis: há várias locadoras, nacionais e internacionais, que alugam carros, com ou sem motorista. O turista precisa ter uma carteira de motorista internacional para dirigir no Líbano.

Gorjetas (ar: bakchich): dar gorjetas não é uma prática obrigatória, mas é costume dá-las nos hotéis e nos restaurantes. Nos restaurantes o serviço incluso é de 10 a 20%

do total da conta. Se estiver satisfeito com o serviço poderá, se quiser, incluir mais 10% ou deixar o troco.

Corrente elétrica: 220 volts/50 Hz e os tipos de plugues e tomadas mais comuns são A (NEMA 1-15 EUA 2 pinos) e C (CEE 7/16 Europlug). Mesmo assim, é sempre bom verificar a voltagem antes de utilizar qualquer aparelho eletrônico.

Mídias: o Líbano sempre foi célebre pela liberdade de expressão dada aos meios de comunicação estabelecidos em seu território, fossem eles nacionais ou internacionais. A mídia impressa (jornais e revistas) pode ser encontrada em árabe, mas também em francês, inglês e armênio; o mesmo para estações de rádio e canais de televisão libaneses, que oferecem programações naquelas mesmas línguas. Na televisão e no cinema, os filmes são geralmente legendados em dois idiomas a partir do original (árabe ou francês ou inglês).

Segurança: o exército libanês e a Força de Segurança Interna Libanesa cuidam da segurança do país. Aconselha-se a andar com uma identidade, ou cópia dela, quando sair. A criminalidade no Líbano é baixa, mas é sempre recomendado cuidado com os objetos pessoais. Nunca é demais informar-se sobre os lugares que pretende visitar, precaução que cabe em qualquer lugar do mundo.

Passaporte: se for a uma região distante da capital, provavelmente passará por diversos bloqueios em que algum soldado pode pedir-lhe uma identificação. Apresente sua identidade ou passaporte, em poucos segundos seu carro será liberado para passar. Especificamente sobre os passaportes, é bom ter em mente que dada a situação de hostilidade que ainda persiste entre o Líbano e Israel, é extremamente desaconselhável ter um visto israelense em seu passaporte ao entrar no Líbano; isto, aliás, pode significar até mesmo o cancelamento de seu visto e a recusa das autoridades libanesas em permitir sua entrada no país.

Seguro-saúde: importante ter o seguro saúde viagem internacional.

SETE MARES TURISMO

Praça da República, 386 - 10° andar 01045-906 - São Paulo - SP rabuffara@setemaresturismo.com.br www.setemaresturismo.com.br

CONHECENDO O LÍBANO



PROVINCÍA POR PROVÍNCIA

BEIRUTE, MONTE LÍBANO, LÍBANO-NORTE, AAKKAR, LÍBANO-SUL, NABATIEH, BEKAA E BAALBECK-HERMEL

O Líbano, com seus 10.452 km² possui mais de mil localidades, a maioria é de povoados a partir de 500 habitantes e em torno de vinte cidades com mais de 10 mil habitantes. O que é interessantíssimo no Líbano é que todas possuem sempre algum monumento histórico, visto que todo território libanês é um museu a céu aberto. O visitante sempre encontrará em todas cidades e povoados igrejas ou mesquitas antigas, pois as cidades sempre se desenvolvem em redor de um templo religioso e no geral estes templos foram construídos sobre templos mais antigos. Portanto, visitar igrejas, mesquitas, templos, além de locais espirituais, são também históricos, arqueológicos, arquiteturais e artísticos, muitos dos quais datam de antes da era cristã. Não se esqueça, você estará pisando numa terra com uma história milenar.

PROVÍNCIA - BEIRUTE



Capital - Beirute Município: Beirute

"Beirute é no Oriente o último santuário onde o homem pode se vestir de luz..." (Nadia Tuéni)

Falar de Beirute é deixar nossa imaginação invocar uma cidade do Oriente Médio aberta ao mar e ao Ocidente. Capital do Líbano, encruzilhada de culturas, porta do Oriente, símbolo de prosperidade econômica dos libaneses, muitas vezes destruída e reconstruída, hoje renasce das cinzas a passos largos após um período de guerra civil: Beirute volta a ser novamente um centro protagonista financeiro, cultural e turístico do Oriente Médio.

Em 2009, Beirute foi declarada pela UNESCO capital mundial do livro. Cidade imortalizada pelo comércio, ciências, arte, música e literatura, ela brilha agora como uma das mais reluzentes estrelas do Líbano, uma junção de passado e presente, de Oriente e Ocidente. Banhada por um Mediterrâneo de profundo azul, Beirute é o trampolim para você mergulhar no coração deste pequeno oásis que é o Líbano.

Um local onde jorrava água a partir de centenas de fontes naturais e que, pela abundância de suas águas numa área rodeada de desertos, foi chamada pelos fenícios de "Beroth" ou "Béryte", que quer dizer exatamente isto: "cidade das fontes". Foi assim que os fenícios viram Beirute pela primeira vez e foi assim que eles apaixonaram-se por ela; da mesma forma você também vai se apaixonar por esta cidade especial.

Localizada entre os extremos norte e sul do litoral libanês, Beirute foi fundada no século XIII a.C., contudo seu nome já aparecia em inscrições cuneiformes do século XIV a.C. Os homens —que àquela época ainda viviam em grutas— foram atraídos à região por causa do sílex. Mas foram os fenícios que fizeram de Beirute uma importante cidade, ao lado de Biblos, Sídon e Tiro e transformaram-na num próspero centro comercial a partir do segundo milênio.

Um pouco da história de Beirute

Por volta do século XV a.C., Beirute vivia sob a tutela dos faraós do Egito. Depois, sob o reino de Alexandre o Grande, Beirute abriu-se à cultura helênica; neste período seus poetas e escritores falavam fluentemente grego e aramaico, além dos dialetos fenícios. A partir do século I a.C., Herodes o Grande construíu em Beirute templos, fóruns, teatros e termas, tendo organizado também atrações como corridas e lutas de gladiadores para entreter seus habitantes.

Ocupada pelos romanos, ela passou por uma época gloriosa: César Augusto denominou-a colônia "Júlia Augusta Felix Berythus", nome de sua filha única. Beirute passou a ter privilégios de colônia romana e seus habitantes foram dispensados de pagar taxas. No século III d.C., Septímio Severo fundou uma Escola de Leis , a conhecida "Escola de Direito de Béryte", que se tornou célebre e sobrepujou as Escolas de Constantinopla, de Alexandria e de Atenas, igualando-se à de Roma. Durante os séculos V e VI, Beirute teve uma constituição imperial que servia para todo o Oriente e constituía a base de toda a justiça. Em 533 foi redigido o Código Justiniano, que constitui, ainda hoje, a base de diferentes sistemas legislativos no mundo.

Durante o período bizantino (330-634 d.C.), Beirute foi uma das cidades mais importantes da chamada Fenícia: o Cristianismo estava presente através de uma sede episcopal em Beirute. No ano 551, Beirute, assim como as cidades do litoral, foi destruída por uma tríplice catástrofe: um terremoto, um maremoto e um incêndio gigantesco, que levaram à morte mais de 250 mil pessoas. Em seguida, a cidade foi conquistada pelos muçulmanos entre 634 a 1098 e assumiu fundamental importância durante o período da dinastia omíada. No tempo dos cruzados (do século XII ao XIII), francos e árabes disputaram Beirute e a cidade seria reconquistada pelos cruzados em 1110. Sob o domínio cruzado, ela obteve estatuto de grande metrópole e iniciou a construção de grandes palácios e igrejas, entre as quais a Catedral de São João Batista, construída em 1110 e

transformada em mesquita (atual Mesquita al-Omary) depois da expulsão dos cruzados.

Os mamelucos (1291-1516) dominaram posteriormente todas as cidades do litoral libanês e foi durante seu domínio que a cidade entrou em decadência que, por sua vez, abriu caminho à ocupação turco-otomana (1517-1918).

Foram 400 anos sob o jugo turco-otomano, que só terminaria com a queda deste império na Primeira Guerra Mundial. Mas ainda levaria algum tempo para que o Líbano conquistasse sua independência, pois que depois dos otomanos o país passaria às mãos dos franceses (Mandato Francês: 1918-1943), que trouxeram à cidade novo ímpeto. Foi durante o Mandato Francês que ela se tornou capital do Estado do Grande Líbano e sede do Alto Comissariado Francês.

Beirute, como várias cidades antigas, era cercada por uma muralha com oito portas (ar: babs). Depois de 1860 sua população triplicou e três quartos da muralha foram demolidos para dar lugar a novas habitações, muitas delas construídas com pedras da própria muralha. Cada porta tinha o nome da família que a fechava e a abria. As oito Portas (babs)eram: Bab Dabbagha, Bab Serail, Bab Abou al-Nasser, Bab Derkeh, Bab Yacub, Bab Santiyé, Bab Idriss e Bab Selsselat.

Lenda da Fênix

A fênix é uma ave mitológica, símbolo da imortalidade: a única que pode viver mil anos. Segundo a lenda, esta fabulosa ave vinha da Índia visitar o Líbano a cada cem anos, onde se queimava em âmbar e incenso para renascer de suas cinzas ao cabo de três dias e logo regressar à sua terra natal.

É interessante notar que ela, para renascer, ia até o Líbano, onde encontrava âmbar, incenso e um clima propício para realizar essa metamorfose. Assim, a lenda da fênix é como uma alegoria da história do Líbano que, no decorrer dos séculos, nasce e renasce depois de suas várias destruições.

Se todos estes impérios, com seus altos e baixos, fizeram de Beirute uma importante referência para a história do Oriente Próximo, isto faz-nos ter em mente que ela conquistou direito ao título de "A Cidade que se recusa a desaparecer".

A Guerra Civil (1975-1990) destruíu completamente Beirute, uma vez que boa parte dos

combates travaram-se no centro da cidade. Ao seu fim, um plano ambicioso de reconstrução foi concebido e investimentos maciços transformaram a cara da cidade de forma inimaginável e hoje, com mais de 1,5 milhão de habitantes, voltou a ser o centro cultural e comercial do Líbano, constituindo-se numa cidade moderna com arranha-céus e hotéis de classe internacional, sem ter perdido sua característica oriental. Tal como a fênix, Beirute renasce sempre de suas próprias cinzas.

Arqueologia: com o término da guerra civil em 1990, a capital começou a ser revirada e arqueólogos libaneses e estrangeiros começaram também seus trabalhos de escavações. Foram encontrados vestígios de 17 civilizações diferentes —da pré-história até os nossos dias— que se sucederam em Beirute, uma sobreposta à outra. Os vestígios passam pelos períodos cananeu, fenício, persa, romano, bizantino, omíada, abássida, cruzado, mameluco, otomano etc. Beirute passou a ser o maior canteiro arqueológico do mundo.

O sítio arqueológico de Beirute é de 40 mil m², mas apenas 4 mil metros foram escavados e estudados seriamente até agora. Destes 40 mil m², 8 mil situam-se no centro de Beirute, que foi ocupado continuamente desde a Idade do Bronze. Assim, pode-se dizer que Beirute guarda ainda muitos segredos, muitos dos quais com mais de 5 mil anos.

VISITANDO BEIRUTE

Beirute...mil vezes morta, mil vezes revivida... Nadia Tuéni

Centro de Beirute ou "Downtown": com muitos de seus edifícios restaurados e outros demolidos, um novo centro surgiu resguardando, porém, as suas reminiscências. Por isso, nada de pressa ao passear por este local incrivelmente agradável, cheio de cafés e restaurantes. Lembre-se de que você está respirando a história recente de uma cidade escondida sob a fachada de novas construções.

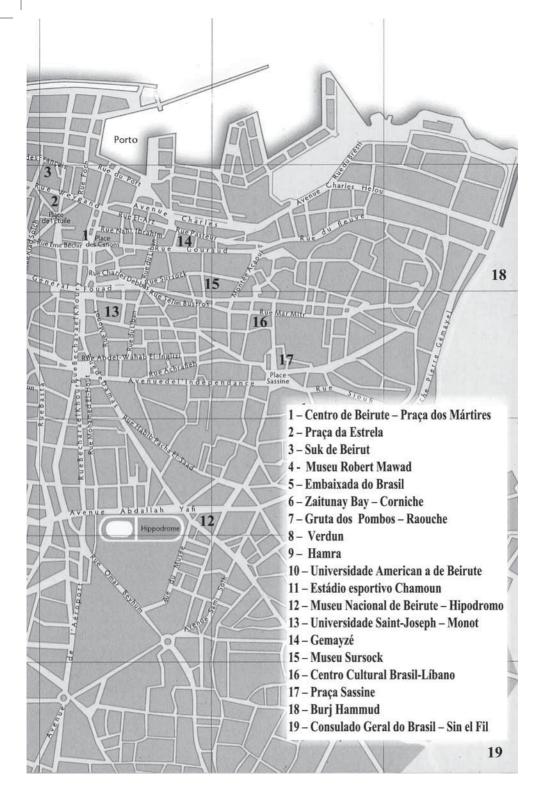
Todas as atrações do novo centro estão localizadas numa área de 1,8 milhões m², ou seja, 10% da superfície total da cidade que concentra hotéis, lojas, escritórios, imóveis residenciais etc. Para dar mais vida ao local, tomou-se emprestado do mar mais de meio milhão de metros quadrados, resultado de aterros com escrombos da guerra civil que possibilitaram a construção de duas marinas, um calçadão à beira-mar e belos jardins. Beirute ganhou, depois da guerra, uma infraestrutura moderna com os projetos da "Solidere" ('Sociedade Libanesa para o Desenvolvimento e Reconstrução S.A.L.), criada em 1994 como uma sociedade libanesa encarregada da reconstrução do centro de Beirute.

Caminhando pelo Centro de Beirute: edifícios novos misturam-se aos antigos, seguindo as características dos edifícios que foram reconstruídos entre 1915 e 1970. A maioria dos edifícios antigos remontam ao período otomano e do Mandato Francês, construídos com pedras cor pastel, com pequenas varandas e fachadas ornamentadas com detalhes sinzelados na pedra.

"Place des Martyres" (pt: Praça dos Mártires): entre as ruas Bechara al-Khoury e de Damasco (fr: Damasco). É o marco zero de Beirute. Uma grande esplanada com uma bela perspectiva sobre o mar Mediterrâneo e as montanhas, onde se pode reviver um pouco da história da dominação turco-otomana no país.

Em 1915-16 os turco-otomanos enforcaram neste local 16 líderes nacionalistas árabes que eram contra a ocupação. Por isso, a partir dessa data, o local passou a chamar-se "Place des Martyres". A mesma praça era denominada anteriormente de Praça Burj (pt: torre), por causa da torre que o Príncipe Fakhreddine II construíu no século XVII. Depois passou a chamar-se de Place des Canons (pt: Praça dos Canhões) quando em 1772 os





russos instalaram na praça sua artilharia pesada. Em 2005 a praça também passou a ser chamada Praça da Liberdade, depois que uma grande multidão reuniu-se após o assassinado do Primeiro-Ministro Rafik Hariri para reclamar a soberania, a independência e a liberdade do país. Atualmente, na praça não há nada de pretensioso ou decorativo, mas já se percebe que em breve terá vários edifício modernos e um belo jardim com vista para o mar.

No centro da praça está o monumento dos mártires, simbolizado por três estátuas de bronze, um deles com a tocha da liberdade nas mãos, realizado pelo escultor italiano Marino Mazacurati. As estátuas foram edificadas em 1960; anteriormente, havia um monumento representando duas mulheres, uma muçulmana e outra cristã, obra de Youssef al-Houwayek, que se encontra atualmente no Museu Sursock, em Achrafieh.

Durante a guerra civil, o monumento atual tornou-se uma espécie de para-raios da desgraça, por ter sido cravado de balas e mutilado por bombas. A Praça dos Mártires é, portanto, um local histórico que marca uma série de acontecimentos importantes para a história do Líbano.

Em 1994, a célebre cantora libanesa Fayrouz, nascida Nouhad Wadi Haddad em 1935 (Fayrouz significa em português "pedra de turqueza") fez uma apresentação em que cristãos e muçulmanos assistiram ao primeiro show do pós-guerra civil, o que simbolizava o renascimento, a paz e a unidade do país. É importante lembrar que durante a guerra civil Beirute era dividia pela chamada "linha verde": a oeste a área muçulmana e leste, a cristã e esta apresentação marcou o fim dessa linha da vergonha.

É interessante verificar que antes de 1975, a área onde se encontra a Praça dos Mártires era cercada por edifícios comerciais e residenciais, pontos de ônibus e de táxis que atendiam à população local e a visitantes que frequentavam a região por causa da intensa presença de bares e cafés, mas também pelo dinâmico ambiente de negócios.

Templos

O visitante observará que no percurso pelo Líbano serão citados e indicados várias mesquitas (templos islâmicos), igrejas (templos cristãos), khaluats (templos drusos), sinagogas (templos judaicos) etc., isto porque além de serem edificios religiosos são também edificios históricos, muitos datados dos primeiros séculos de nossa era e que ao serem visitados a pessoa conhecerá suas belas formas arquitetônicas, artes (iconografia, arabescos etc.) bem como suas histórias. São locais que devem ser visitados com respeito,

pois são locais sagrados para cada um dos seus fiéis antes de serem sítios arqueológicos. Visitar esses templos é fazer uma peregrinação espiritual e histórica às três religiões monoteístas nascidas no Oriente Médio, além dos templos ditos "pagãos", ruínas arqueológicas da época fenícia, grega, romana. Enfim, o homem desde a Antiguidade constrói para sua comunidade templos para celebrar cultos, para celebrar alegrias e tristezas e também proteção para si e para os seus.

Mesquita do Profeta Mohammed al-Amine:situado na Rua Bechara al-Khoury, esquina com a Rua Emir Bachir, esta mesquita é dedicada ao Profeta Maomé, o Fiel. A história relata que no século XIX um sultão otomano doou o terreno onde hoje está a mesquita aos muçulmanos de Beirute e estes construiram um suk (mercado tradicional) chamado Abou Nasser. Nesse mercado construíram uma zawiyat (tipo de convento para as confrarias místicas e seus discípulos) que se tornou, por sua vez, a pequena mesquita Muhammad al-Amine, que veio a ser em 2003 uma grande mesquita depois de reconstruída no pós-guerra.

Atualmente, a mesquita é uma construção imponente feita por Rafik Hariri com algumas pedras trazidas da Arábia Saudita, a "terra santa" do Islão. A arquitetura inspira-se na Igreja-Mesquita-Museu de Santa Sofia, na Turquia e tem uma estrutura de pedras cor pastel, algumas cinzeladas com arabescos que têm versículos do Alcorão. Coberta com sete cúpulas, uma delas —a de cerâmica azul— foi importada da Itália, dá-lhe charme particular. Seus quatro minaretes de 72 metros de altura cada, finas e ponteagudas do célebre arquiteto da corte imperial otomana do século XVI, Sinam, lembra a forma dos lápis. No seu interior, a arquiterura mistura estilos omíada, fatímida, mameluco e otomano. Os arabescos, com textos do Alcorão, foram cinzelados pelo grande calígrafo saudita de al-Medina al-Monawarat, Othman Tah. Os lustres em cristal foram fabricados especialmente para esta mesquita e provêm da França e os lustres no exterior, da Turquia.

O edíficio tem uma superficie de $9.778~m^2$, com capacidade para 5~mil pessoas e um espaço reservado no mezanino para 800~mulheres. A mesquita pode ser visitada, exceto nos momentos de oracão.

Arquitetura das Mesquitas

O salão de oração da mesquita é um grande espaço coberto de tapetes. O Islão proíbe imagens ou estátuas de seres vivos dentro da mesquita. A sua decoração baseia-se em linhas geométricas e arabescos com versículos do Alcorão. A parte principal da mesquita é o "mihrab", nicho na parede que indica a direção de Meca, a cidade sagrada do Islão,

na Arábia Saudita. Também no salão está o "minbar", púlpito localizado ao do lado direito do mihrab, onde o xeique fica para fazer seu sermão, o "khutba", às sextas-feiras. Há no salão de oração uma parte separada por véu ou um mezanino reservado às mulheres. Como em todas as mesquitas, há uma sala para a ablução —o ritual de limpeza. Os minaretes (torres) servem para emitir o som do chamado dos fiéis à oração; era de lá, no passado, que o muezim (equivalente ao sacristão no catolicismo) chamava-os em voz monótona e recitativa cantando "Allah hu Akbar" (pt: Deus é grande!) e em seguida a profissão de fé islâmica (chahada).

São as chamadas de fervor que levam muitos dos habitantes desta cidade a parar seus afazeres e a lançar um olhar contemplativo em direção a Deus.

Arabescos: no Oriente é comum ver as paredes, particularmente as das mesquitas, cobertas de escrituras árabes. Essa arte é chamada de arabesco e é formada por textos e desenhos geométricos. Nas mesquitas, por exemplo, são textos tirados do Alcorão, em forma de desenhos geométricos que dão esplendor à caligrafia árabe. A este respeito, Jamal Ibrahim Elias, na obra "A Semente que Contém a Árvore" diz: "Entre duas dimensões, numa encruzilhada, nascem todas as artes. A caligrafia árabe é a ponte entre a periferia e o centro, entre o relativo e o absoluto, entre o finito e o infinito. Ela busca sua expressão na última realidade, na fonte criadora".

Ao lado da mesquita Al-Amine, encontra-se os túmulos do Primeiro-Ministro Rafik Hariri e de seus guarda-costas, assassinados a 14 de fevereiro de 2005 num atentado cuja explosão equivaleu a uma tonelada de TNT detonada entre os hotéis Phoenicia e São Jorge, em Beirute. Esta também no local os túmulos do chefe da inteligencia libanesa, General Wissam al-Hassan e seu guarda-costa, assassinados em um atentado cuja explosão destruiu uma rua de Achrafieh, Beirute , no dia 19 de outubro de 2012. Neste dois assassinatos foi provocado também a morte de muitas pessoas que circulavam pela área no momento da explosão. No local dos túmulos, futuramente haverá um jardim em volta deles que dará acesso ao Jardim do Perdão e aos sítios arqueológicos em seu redor.

Ainda na Praça dos Mártires, alguns edifícios construídos no início do século XX merecem atenção. Um deles era a Ópera, uma construção de 1930, em estilo neo-egípcio com capitéis em forma de flor de lótus. Atualmente, o edifício foi transformado num centro comercial —o "Virgin Mega Store"; em seu terraço há um charmoso café-restaurante com uma esplêndida vista do centro de Beirute bem como das montanhas e do Mar

Mediterrâneo. Ao lado, outro édificio da época, companhia de seguro. São os imóveis que sobraram nesta praça, de antes da guerra civil (1975). Em seguida, há o hotel Le Gray e do outro lado da rua Weygand o grande edifício moderno com estrutura toda em vidro que abriga a sede do jornal **An-Nahar**, um dos maiores do Oriente Médio, fundado pela família Tueni, da qual um dos filhos, o deputado Gibran Tueni foi assassinado com uma carro-bomba em 2005 entre outros mártires da Revolução dos Cedros. Numa grande manifestação na Praça dos Mártires em 2005, Gibran fez o famoso sermão que foi em coro recitado pela multidão presente na Praça dos Mártires: "Em Nome de Deus Todo Poderoso, fazemos hoje o sermão, cristãos e muçulmanos, de permanecermos unidos eternamente, para defender nosso majestoso Líbano".

Praça Samir Kassir: Rua Weigand –ao lado do edifício Nahar está a Praça Samir Kassir, com uma piscina transbordante e uma estátua de bronze feita pelo escultor francês Louis Derbré, representado o historiador e jornalista franco-libanês Samir Kassir, também assassinado em Beirute em 2005. A estátua mostra Kassis sentado num banco sob duas figueiras, num ambiente tranquilo. Ali estão as ruas Argentina e Uruguai, com seus cafés e restaurantes movimentados, lojas de grife e uma excelente livraia, al Burj.

Sítio arqueológico: entre as ruas Bechara al-Khoury Zaafarane e Rua Biblos na área da Praça dos Mártires, há um grande sítio arqueológico ainda em escavação. Começou a ser explorado depois da demolição dos edifícios em ruínas da guerra civil. Localiza-se a partir da estátua dos mártires, em direção ao Mediterrâneo.

Pequeno Seralho: norte da praça dos Mártires, em frente à estátua, vestígios de fundamento do pequeno Serralho da época otomana e abaixo vestigios da época bizantina, com pequenas residências, ruelas, arcadas e pisos de mosaico.

Tell (colina) cananeia-fenícia: pequena colina que foi ocupada por pequenas comunidades por causa da água potável e acesso fácil ao mar. A leste deste "tell" foi encontrado uma muralha e junto dela vestígios de um cemitério dos cães datado do período persa (século V e IV a.C.). O costume de enterrar os cães era comum nas cidades fenícias no período persa.

Torre grega: mais a leste estão os vestígios de uma torre grega. Na realidade, eram duas: uma anterior a outra. A estrutura da torre é helênica, defensiva, semi-circular. Em 1840 elas foram destruídas pelo bombardeio da esquadra europeia aliada aos otomanos para destituir Ibrahim Pacha, filho adotivo de Muhammad Ali.

Muralhas: da média Idade do Bronze e Idade do Ferro, foram encontrados vestígios de várias muralhas e junto delas vários objetos do século VI e VII a.C., que revelam a vida cotidiana dos fenícios em Beirute. Entre os objetos estão jarros de cerâmica que serviam para guardar grãos de trigo, lentilha, uvas secas, azeite etc.

Castelo de Terra dos Cruzados: perto do antigo porto que foi demolido em 1860 para o expandir, encontrou-se durante as escavações de 1995 uma parte de um muro fortificado com colunas romanas de granito e mármore. Os arqueólogos chegaram à conclusão de que o castelo foi reutilizado pelos mamelucos e otomanos. Em seu interior, no ângulo direito, encontraram-se também vestígios mais antigos de habitação nesse sítio arqueológico: uma sala com piso datado da Idade do Bronze; ali foi desenterrado uma urna funerária que continha os restos de uma menina em posição fetal, com os braços cruzados e ornada com um colar de pérola, ouro, cristal de rocha e cornalina. Neste mesmo castelo há uma outra sala na qual provavelmente se faziam oferendas aos deuses e onde havia objetos preciosos.

O castelo de terra, segundo relato de viagem do aristocrata neerlandês Wilbrand van Oldenburg, em 1212, era um castelo erigido pelos cruzados em 1197, com o piso de mármore e o teto com pinturas de nuvens que pareciam estar em movimento; no centro do salão, um belo chafariz para refescar o local e uma varanda em frente ao mar e outra em frente a um magnífico jardim.

A companhia Solider, empresa encarregada da reconstrução do centro de Beirute, tem o projeto de criar um museu consgrãdo à exposição dos objetos encontrados naquele sítio arqueológico. Atualmente, em frente desse sítio arqueológico está o Biel –grande centro de exposições– numa forma de peninsula, e vários restaurantes, entre os quais o Sky Bar.

Porto de Beirute: Rua do Porto (fr: Rue du Port) —ao lado direito da praça está o Porto de Beirute, atualmente em plena modernização.

Rodoviária Internacional e Nacional (fr: Gare Routière Charles Hélou): em fente ao porto de Beirute encontra-se a Rodoviária Internacional e Nacional (sob a avenue Charles Helou), de onde partem ônibus, lotações e táxis para diversas regiões do Líbano e países vizinhos como a Jordânia e a Síria.

Praça do Emigrante: em frente ao porto de Beirute, na avenida Charles Helou,

encontra-se a Praça do Emigrante, com uma estátua de um emigrante libanês. A estátua foi idealizada por um escultor mexicano e encontra-se uma idêntica no porto de Vera Cruz, no México, marcando a conexão entre os dois países pelos laços da emigração. A estátua apresesenta um homem vestido com uma calça cheruel (tipo de bombacha), camisa e um "lebbadeh" (chapéu em forma cônica de lã de carneiro) e um saco nas costas pronto para viajar. Embora nessa praça em Beirute estejam hasteadas as baindeiras libanesa e mexicana, ela é uma homenagem a todos os emigrantes libaneses espalhados pelos mundo (estimados em 12 milhões junto de seus descendentes).

Rue du Brésil (pt: Rua do Brasil): margeando o porto está a Rua do Brasil. Foi daquele porto que muitos libaneses partiram e chegaram ao porto de Santos e do Rio de Janeiro no fim do século XIX.

Saifi: a partir da Praça dos Mártires, para quem vai em direção às montanhas, do lado direito, encontra-se um novo bairro residencial chamado Saifi. Ali os arqueólogos descobriram os fundamentos de um pequeno serralho, sede de governo contruído em 1883 por Bechara Effendi. Conforme as excavações aprofundaram-se descobriu-se ali também uma zona residencial do período helênico, em forma octogonal comum ao plano urbanístico persa. Em 1997 a área foi deslocada para um local, onde será remontada num parque arqueológico.

Catedral de Santo Elias e São Gregório, o iluminador: Rua Charles Debbas –catedral armênia católica situada na rua Charles Debbas, em frente à praça com o mesmo nome. Foi construída em 1860 e ampliada em 1901; em 1950 seria demolida para construir uma igreja maior. A atual construção é de estilo armênio e que resistiu bravamente aos duros combates no centro de Beirute durante a guerra civil.

Azarieh (Lazarieh): Rua Bechara al-Khoury esquina com a Rua Emir Bachir —pode-se ver uma grande cúpula danficada por estilhaços de bombas (presente no momento da edição deste guia). Ali era o cinema City Center, grande centro comercial e o primeiro a ter escada rolante no Mundo Árabe. Ao lado dele estão os restos da Igreja de São Vicente de Paulo e outros edifícios ainda em ruínas desde a guerra civil. Naquela área encontra-se um grande complexo chamado Azarieh (Lazarieh), hoje restaurado e ocupado por escritórios, lojas, embaixadas e ministérios. A história desse local liga-se às irmãs da ordem cristã dos Lazaristas, que no início do século XIX ergueram tendas naquela região para atender as pessoas contamindas por epidemias que assolavam Beirute Naquela época. O sultão otomano, em reconhecimento ao serviço daguelas irmãs, doou o terreno

àquela congregação e daí atualmente o complexo ser chamado de Azarieh (arabização do nome da ordem religiosa latina, São Lázaro, fundada por São Vicente de Paulo). Sob este complexo estão soterrados os vestígios dos templos de Júpiter (deus dos deuses, senhor do universo, dos céus) ou Apolo (deus do sol e da música) e de Ninfa (pt: espírito da natureza.). Também parte da Via Romana, Cardo Maximus (sul-norte), cujos vestígios são visíveis ao lado da Igreja de São Jorge dos maronitas.

Place de l'Étoile (pt: Praça da Estrela; ar: Nejemeh): inspirada da Praça da Estrela de Paris, a libanesa tem em particular um estilo neo-islâmico. No seu centro está a torre do relógio (doada em 1933 pelo emigrante líbano-mexicano, Michel al-Abed), com quatro grandes relógios Rolex. Interessante observar que toda esta área foi local de intensas batalhas durante a guerra civil libanesa e a torre do relógio foi salva graças ao fato dela ter sido removida, bloco por bloco, para outra região de Beirute logo no inicio da guerra. Os edifícios atuais em seu redor são o resultado das obras de restauração conduzidas por arquitetos que se empenharam em conservar o estilo original, com suas abóbadas e belas arcadas. Observando com cuidado podem-se ver os blocos que foram substituídos ou resurados para reconstituir a fachada que lá havia antes do conflito.

Parlamento: todas as ruas pietonais daquela região conduzem ao relógio central, por isto chamada Praça da Estrela. No centro da praça está o edifício da Assembleia Nacional –o Parlamento–, construído, como quase tudo em Beirute, sobre ruínas romanas e, neste caso especialmente, sobre as do presumido Foro Ocidental da cidade romana. Certamente valerá a pena ir a um café ou restaurante nesta área, procure uma mesa na parte de fora para aproveitar a paisagem e o movimento das pessoas; lá você degustará pratos típicos libaneses e fumará um "narguile" para relaxar. Depois, outra excelente opção é perambular pelas ruelas e visitar pequenas lojas de artesanato e galerias.

Não se esqueça que você começou a fazer um passeio por 5 mil anos de história. Assim, atente-se aos sítios arqueológicos bem como aos monumentos históricos espalhados pela cidade. O subsolo de Beirute, por exemplo, possui vestígios de cidades antigas construídas por diversas civilizações, entre as quais a fenícia, grega, romana, persa e árabe, contudo a expansão da cidade em tempos atuais cobriu muitos destes antigos vestígios. Para se ter uma ideia, o nível da cidade romana varia entre sete a dez metros de profundidade abaixo da cidade moderna; como diz Emir Gilbert Chehab, se escavassem apenas um metro a superfície de Beirute, esta cidade se transformaria num verdadeiro "país das maravilhas" arqueológicos. A pressa em reconstruir a cidade fez com que alguns desses vestígios arqueológicos continuassem em silêncio no subsolo de Beirute, cidade

sete vezes destruída e sete vezes reconstruída.

Dessa forma, prepare-se para em suas caminhadas saltar de um tempo a outro e de uma civilização a outra em poucos minutos. Sintonize-se na frequência do tempo que você está conhecendo e com um pouco de imaginação fará parte dele também. A Praça da Estrela é um bom começo, em que mesquitas misturam-se a igrejas numa interessante festa de cores e crencas.

Catedral de Santo Elias dos Greco-Melquitas Católicos: construída em 1849 com uma arquitetura bizantina e decoração oriental, possui belas arcadas, teto com entrada da luz natural. Um dos pilares é perfurado por uma pequena escadaria que leva ao púlpito no centro da nave onde era lida a Bíblia. A catedral sofreu muito durante a guerra civil e seu belo iconóstase de mármore foi destruído e seus ícones despareceram. No subsolo desta catedral foi descoberto o que teria sido séculos atrás uma indústria de púrpura e que os arqueólogos planejam remontar em seu perímetro.

Arquitetura das igrejas

A arquitetura das igrejas orientais seguem quase todas o mesmo plano: entrada, nártex (galeria coberta, transversal à fachada principal de uma igreja, originalmente destinada a pessoas que não podiam assistir ao ofício divino) não batizados, nave e santuário. As igrejas bizantinas e alexandrinas têm o iconóstase, isto é, uma parede com três portas que separam a nave do santuário (altar). Nesta parede esta os icones: Ao lado direito da grande porta do inconóstase o ícone de Jesus Cristo e ao lado esquerdo o de Nossa Senhora e do ícone do padroeiro ou padroeira igreja bem como de outros santos. Em qeral, as paredes são cobertas de afrescos e ícones que traçam a história bíblica.

As grandes igrejas têm uma grande cúpula no centro da nave e nela esta o ícone de Jesus que vê tudo (em grego: pantocrator) e na absida central Nossa Senhora com Jesus no peito e de braços aberto, abraçando o mundo (em grego Platitera). O sacerdote celebra a missa de costas para o público, em sinal de que ele como todo o povo está voltado para o altar, onde está a sagrada Eucaristia, Deus. As Igrejas de Rito Siríaco não têm o iconóstase e o altar fica na parede da absida central e o sacerdote celebra também de costas. No entanto, com as renovações litúrgicas grande parte hoje dos altares estão no centro do santuário e o sacerdote celebra a missa de frente para o povo, como na igreja latina romana. O plano da missa é o mesmo para todas as igrejas e ritos –entrada, rito da palavra e rito da eucaristia–, com algumas modificações nos cantos e nas orações.

Ícones

Não podemos compreender a piedade das igrejas orientais se ignorarmos a "mística dos ícones", uma tradição artística única do Oriente, que possui um duplo sentido: teológico e histórico.

A palavra "ícone" vem do grego "eikon", que significa "imagem" ou "semelhança". Na terminologia cristã bizantina, a iconografia é a arte de representar a divindade, os espíritos celestes, os mistérios da fé e dos acontecimentos da história sagrada. O ícone em si mesmo purifica nosso olhar na medida em que o contemplamos, meditamos e o veneramos profundamente.

Capela Nossa Senhora an-Nourieh (ar: Sayedet an-Nourieh; pt: Nossa Senhora da Luz): pequena capela ortodoxa fundada pelos monges do Mosteiro de Nourieh localizado nas montanhas do Líbano-Norte (ver Ras Chekka), e que na época medieval era o único local de culto cristão em Beirute. Observa-se na parede externa da capela um belo ícone em mosaico de Nossa Senhora da Luz.

Escola de Direito de Beirute: há registros históricos que dizem que durante os séculos III e IV d.C. vinham a Beirute estudantes de todas as partes do mundo romano para estudar na "Escola de Direito de Béryte", fundada por Septímio Severo. De acordo com esses mesmos registros, há indicações de que a escola situava-se perto ou no interior da Igreja da Ressurreição —Anastasia—, destruída no ano 362 d.C. No século IV a escola foi transferida a um novo edifício contruído pelo bispo Eustátio de Antioquia e as referências históricas apontam para um local entre a atual Opera (Virgin Mega Store) e a Catedral de Santo Elias. Ela foi completamente destruída pelo maremoto de 551.

A escola teve dois importantes períodos: o dos mestres clássicos, entre os séculos II e IV ; e o dos mestres ecumênicos, no início do século V, quando a Escola de Direito de Beirute atingiu seu apogeu. Esta escola teve papel importante na constituição do Código Justiniano, o qual ele chamou de "mãe que alimenta as leis". Entre os grandes mestres da escola de direito de Beirute encontra-se Gaio, Paulo, Emílio Papiniano, Ulpiano entre outros grandes juristas.

Catedral de São Jorge dos Gregos Ortodoxos: construída em 1767, sobre as estruturas da Igreja da Ressurreição (Anastasia) do século I d.C. O edifício atual remonta ao século XVII, de acordo com um documento otomano do ano de 1080 do calendário

muçulmano. O edifício era um convento que abrigava monges, uma biblioteca, um hospital e a primeira tipografia árabe de Beirute. Em 1772 passou a ter três altares: no centro para São Jorge, à direita para São Nicolau e à esquerda para Santo Elias e em 1783 foi colocado o belo iconóstase de madeira dourada decorado com ícones datados do século XVIII

Museu Cripta: em 1996 iniciou-se a restauração da catedral de São Jorge dos Gregos Ortodoxos, paralelamente iniciaram-se também escavações arqueológicas que revelaram a existência de três igrejas sobrepostas, sendo a mais antiga a Igreja da Ressurreição, destruída pelo maremoto de 551. Abaixo dessa igreja encontraram-se vestígios de uma igreja datada da Idade Média e de outra igreja do século XVIII, com restos também de um cemitério e de mosaicos. Equipes de arqueólogos trabalharam duro para recuperar os objetos encontrados no subsolo dessa catedral, muitas delas estrangeiras, tal como a de russos que restauraram os afrescos que lá haviam. Muitos desses afrescos estavam de tal forma danificados pela força da natureza ou pela do homem –guerras– que foi preciso retirá-los e colá-los caco por caco e agora estão expostos no salão da catedral, perto do museu em seu subsolo. Os novos afrescos da catedral foram feitos por artistas gregos. O museu está aberto todos dias, exceto às segundas-feiras e feriados, das 9h às 17h

Catedral de São Jorge dos Maronitas: situada na Rua Emir Bachir, esta catedral foi construída também sobre a estrutura de outra igreja, em 1754, pelos maronitas, e ampliada em 1860. Em 1884, contudo, decidiu-se edificar uma nova catedral, agora inspirada na arquitetura da Basílica Santa Maria Maior de Roma, em estilo neoclássico.

Durante a guerra civil libanesa, a catedral foi também bastante danificada, ficando somente as paredes em pé. Restaurada, ela retomou seu antigo esplendor, com belíssimos vitrais com inscrições em aramaico. Atrás do altar encontra-se o trono que o papa João Paulo II utilizou durante sua visita ao Líbano em 1997 e também atrás dele encontra-se um grande quadro de São Jorge, pintado em 1840 pelo artista francês Alphonse Delacroix, também deste artista há na nave lateral um quadro de Nossa Senhora. Pintores libaneses também contribuíram com afrescos nesta catedral, tal como os que se encontram nas duas absides de Elie Kanaan e Nicolas Nemmar.

Na abside leste estão três santos libaneses: São Charbel, São Namaatallah Hardini e Santa Rafica de Himlaya, que viveram no século XIX. Já na abside oeste estão três santos da família Massabki: Francis, Abdel-Mohti e Rafael, todos os três filhos de Nehmeh Massabki, leigos assassinados em Damasco em 1860. Na nave lateral oeste

encontra-se o quadro de São Marun ajoelhado, obra do pintor libanês Daoud Corn; na catedral há outras duas obras deste pintor: o Sagrado Coração de Jesus e da mãe de Deus. Outro santo representado é Santo Antônio o Grande ajoelhado e facilmente reconhecido pelo seu bastão com um sininho, obra do pintor libanês Philippe Marouni. Os vitrais são novos e feitos por um estúdio francês e têm inscrições em aramaico.

No subsolo da catedral, encontra-se uma parte do "Decumanus Maximus" (em português "decúmano", era uma rua ou via orientada leste-oeste nas povoações romanas, castra —acampamentos militares— ou colônia) de onde se pode ver parte de uma calçada e colunas em granito azul bem como um altar com degraus do período helênico e o que os arqueólogos acreditam ser uma antiga cava para sacrifícios. Espera-se ali para logo uma capela aberta ao público.

Ao lado esquerdo da catedral em 2011 iniciou-se a construção de um grande campanário, paralela aos quatro minaretes da mesquita do Profeta Mohammad al-Amine, à direita. A mesquita al-Amine construída em 2003 com os quatro minaretes de 72 metros de altura, que segundo o arquiteto Said Bitar, não serão ultrapassados pelo novo campanário da catedral.

O campanário da catedral de São Jorge será revestido de pedra natural e as janelas com o mesmo estilo da catedral e terá um elevador que subira até 50 metros de altura e que dará uma visão panorâmica da capital, a esta altura haverá um baixo-relevo em porcelana indicando a direção das grandes capitais do mundo. Mais ao alto estará um sino de quase três toneladas, produzido pela fundição Cornille Havard, da cidade de Villedieu-les-Poêles, na França, que será o maior de todas as igrejas do Oriente Médio; ele será decorado com a imagem de São Jorge, gravado pelo artista normando Jean-Claude Quinette e a acústica será coordenada com os outros quatro sinos da igreja, fazendo com que seu som seja ouvido a uma boa distancia na capital beirutina e vizinhança. A certas horas do dia há uma mistura dos sons dos sinos e dos cantos dos muezins: este é o Líbano multirreligioso.

A lenda de São Jorge

Ele era originário da Capadócia, na atual Turquia, mas ainda criança teria se mudado para a Palestina com a sua mãe após seu pai morrer em batalha. Distinguiu-se no exército romano e logo foi promovido a capitão e depois a tribuno militar; neste tempo sua mãe faleceu e ele ao herdar as riquezas de seus pais, foi-se para a corte do Imperador. Jorge, ao ver que urdia tanta crueldade contra os cristãos, parecendo-lhe ser aquele tempo

conveniente para alcançar a verdadeira salvação, distribuiu com diligência toda a riqueza que tinha aos pobres. O imperador Diocleciano tinha planos de matar todos os cristãos e no dia marcado para o senado confirmar o decreto imperial, Jorge levantou-se no meio da reunião e afirmou que os romanos deviam se converter ao cristianismo. O imperador tentou dissuadi-lo de sua fé torturando-o de vários modos, mas sem nenhum sucesso. Finalmente, Diocleciano, não tendo êxito, mandou degolá-lo no dia 23 de abril de 303.

Mas segundo a lenda, foi em Beirute que São Jorge teria conseguido seu maior feito: matar o dragão. Baladas medievais contam que Jorge era filho de um nobre e que sua mãe teria morrido ao dar-lhe a luz e o recém nascido teria sido roubado pela Dama do Bosque para que pudesse, mais tarde, fazer proezas com suas armas. Ao crescer e adquirir a idade adulta, ele primeiro lutou contra os sarracenos e, depois de viajar durante muitos meses por terra e mar, foi para Sylén, uma cidade da Líbia. Nessa cidade, Jorge encontrou um pobre eremita que lhe disse que toda a cidade estava em sofrimento, pois lá existia um enorme dragão cujo hálito venenoso podia matar toda uma cidade e cuja pele não poderia ser perfurada nem por lança e nem por espada. O eremita disse- a Jorge ainda que todos os dias o dragão exigia o sacrifício de uma bela donzela e que todas as meninas da cidade haviam sido mortas, só restando a filha do rei, Sabra, que seria sacrificada no dia seguinte ou dada em casamento ao campeão que matasse o dragão.

Ao ouvir a história, Jorge ficou determinado a salvar a princesa. Ele passou a noite na cabana do eremita e quando amanheceu partiu para o vale onde o dragão morava. Ao chegar lá, viu um pequeno cortejo de mulheres lideradas por uma bela moça, era a princesa, que estava sendo conduzida pelas mulheres para o local do sacrifício. Jorge colocou-se na frente das mulheres com seu cavalo e com bravas palavras convenceu a princesa a voltar para casa. O dragão, ao ver Jorge, saíu de sua caverna, rosnando tão alto quanto o som de trovões. Mas Jorge não sentiu medo e enterrou sua lança na garganta do monstro, matando-o.

São Jorge é o santo padroeiro de Beirute e por isto tem várias igrejas com seu nome pela cidade bem como um grande número de libaneses possuem este nome em sua homenagem. Os muçulmanos chamam-no de "Khodr", e tal como entre os cristãos há mesquitas e pessoas que se chamam "Jorge" em homenagem ao santo.

Cardo: ao lado esquerdo da catedral de São Jorge maronita, encontram-se vestígios de colunas, que seria o cruzamento do "Cardo Maximus" (Sul-Norte) e do Decumanus Maximus (leste-oeste) da cidade romana, que passa sob a catedral de São Jorge; nos fundos, entre as igrejas, escavações arqueológicas acharam também vestígios de um

mercado romano. Na frente, sob o atual complexo Azarieh estão soterrados os vestígios do templo de Júpiter ou Apolo e de Ninfé e a continuação do Cardo Maximus.

Jardim do Perdão (ar: Hadikat al Samah): será um novo jardim entre a mesquita Mansour Assaf, as igrejas Nossa Senhora de Nourieh, Santo Elias, São Jorge dos Ortodoxos e São Jorge dos Maronitas e a mesquita al-Amine. Como em outros pontos da cidade, nesta área também encontraram-se restos arqueológicos como vasos de cerâmica e vidros trabalhados. São ao todo oito níveis culturais sobrepostos: helênico, romano, bizantino, omíada, fatímida, cruzado, mameluco e otomano. Neste local estãos os vestigios do "Cardo Maximus" —principal via romana de norte ao sul— e do palácio de Fakhereddine otomana. O jardim de 23.400 m² terá fontes, anfiteatro e ampla variedade de plantas e árvores.

Mesquita Al-Omary: Rua Jacques Chirac (antiga rue Maarad) esquina com a Rua Weygand. Este edifício foi na origem a Catedral de São João, construída pelos cruzados entre 1113 e 1150; depois da recuperação da cidade pelos muçulmanos ela foi transformada duas vezes em mesquita: a primeira em 1187 por Saladino e a segunda em 1291 pelos mamelucos, tornando-se depois a Grande Mesquita de Beirute. O local tem, portanto, um significado religioso e histórico importantíssimo já que a igreja foi construída sobre um templo romano pagão, para transformar-se depois numa igreja de rito bizantino e, por fim, na mesquita que é atualmente. Segundo a tradição muçulmana, encontra-se nesta mesquita o braço do profeta João Batista (em árabe: Yahya). Outra tradição afirma que a cabeça de São João Batista está na atual mesquita dos Omíadas em Damasco Siria, esta que também foi um templo pagão e depois Igreja cristã de São João Batista. Até 1982 a mesquita de Beirute possuía uma caixa contedo três fios da barba do profeta Maomé, mas por causa da invasão israelense em Beirute a caixa foi levada para o Museu de Istambul, na Turquia. No subsolo da mesquita de Beirute encontram-se colunas romanas, com capitéis e arcadas, citernas e uma pedra contendo um texto gravado com o preço do pão que os padeiros deviam respeitar durante a época mameluca. Em 1931 foi construída a nova fachada da mesquita para integrar-se ao estilo arquitetônico da rua Maarad. O nome al-Omary é uma homenagem ao segundo califa do Islão, Omar ibn al-Khattab.

João Batista (2 a.C. - 27 d.C.): segundo os Evangelhos (Bíblia) João Batista era filho de Zacarias e Isabel, prima de Maria, mãe de Jesus. Foi profeta e é considerado, principalmente pelos cristãos, como o "precursor" do Messias, Jesus Cristo. Batista batizou Jesus Cristo no rio Jordão (Mateus 3,13). Ele foi preso e Herodíade, através de sua filha, pediu a morte de João Batista e sua cabeça foi-lhe entregue numa bandeja de

prata. A tradição relata que sua cabeça hoje está na Mesquita Omíada de Damasco, na Síria, no que antes foi a Igreja de São João Batista. A outra tradição é que seu braço está na Mesquita al-Omary, em Beirute. Na tradição muçulmana João (ar. Yahya) é um profeta e primo de Jesus, citado no Alcorão(Surata 19 : Maria, vers. 2 à 15). São numerosas as igrejas e mesquitas (na Europa e no Oriente) que dizem deter reliquias de São João Batista.

A Rua Jacques Chirac, antiga Rua Maarad, tem uma arquitetura eclética do século XX, combinando um estilo clássico com neo-otomano, e suas calçadas cobertas e com arcadas que lhe dão o charme de uma rua do Oriente, com várias lojas, restaurantes e cafés.

Entre a Grande Mesquita e a Praça do Relógio foi encontrado nos ano 1920 parte de uma basílica romana do século I d.C., com colunas de Berenice e com arquitravas ornamentadas. Essas colunas e arquitravas estão desde 1946 no jardim em frente ao Museu Nacional de Beirute.

Mesquita do Serralho: na Rua Weygand, datada do século XVI, nomeada depois de "Mesquita Príncipe Mansour Assaf", governador turco de Beirute entre 1523 e 1580. Esta mesquita é constituída de sete cúpulas de calcário branco e apenas um minarete de mármore branco todo incrustado de pedras vermelhas e pretas. O edifício onde ela se encontra foi no século XIII a igreja de São Salvador da Ordem de São Francisco.

A partir da frente da mesquita desça a rua Fock e aprecie os magníficos edifícios que foram restaurados depois da guerra civil e que datam da época otomana. O edifício da esquina é a atual sede da municipalidade de Beirute, que foi construído em 1920 em estilo neoislâmico e foi concebido no espírito rococó otomano com pedras de cor ocre alternadas de branco. Em 1977 arqueólogos descobriram joias datadas do séculos V e VI d.C. em ruínas da ápoca bizantina que atualmente estão expostas no Museu Nacional de Beirute.

Mesquita Abou Bakr as-Saddiq ou Dabbagha: ao fim da Rua Fock, perto do mar, encontra-se a Mesquita Dabbagha, construção mameluca, 1343. Ela foi demolida em 1915 para a abertura da rua e depois reconstruída durante o mandato francês, recebendo o nome do primeiro califa do Islão Abou Bakr. Ela exibe um belo minarete hexagonal.

Praça Papa João Paulo II: na Rua Emir Majd Arslan, local onde o papa celebrou a missa

ao ar livre, em 1997 (ainda em obra quando da edição deste quia).

Os Papas João Paulo II e Bento XVI no Líbano

Em 1997, o Papa João Paulo II realizou uma visita pastoral ao Líbano, a primeira ao Oriente Médio. Quando encontrou a multidão em Beirute, afirmou: "Nesta assembleia excepcional nós queremos dizer ao mundo a importância do Líbano, sua missão histórica, completada ao longo dos séculos. País de numerosas confissões religiosas, demostrou que estas diferentes confissões podem viver juntas e em paz, com fraternidade e colaboração, mostrou que se pode respeitar o direito de todo homem à liberdade religiosa. Todos unidos no amor por esta pátria que guardou a herança espiritual de seus pais" (Homilia pronunciada durante a missa ao ar livre no porto de Beirute, a 11 de maio de 1997).

Em 2012, o Papa Bento XVI realizou sua primeira visita pastoral ao Líbano. Num momento conturbado por conflitos na região, mas o Papa não deixou de realizar a visita num sentido de Paz e Reconciliação. Na ocasião o Papa Bento XVI assinou a Exortação Apostólica A Igreja no Oriente Médio (latim. Ecclesia in Medio Oriente), na Basílica Greco-Melquita Católica do Apóstolo Paulo, Harissa.

Suk de Beirute (pt: mercado tradicional): quadra com entradas pelas Rua Weygand, Rua Allenby, Rua Patriarche Hoyek e rua do Porto. Esta quadra foi inteiramente destruída pela guerra e é onde estavam os antigos suks Tawilé, Ayass, al-Franj, Arwane, Al-Jamil e outros. O novo suk de Beirute é uma construção moderna, respeitando a arquitetura tradicional, com uma superfície de 100 mil m^2 de construção com galeria comercial de 30 mil m^2 e aproximadamente 200 lojas, um grande bazar de 15 mil m^2 , um hipermercado de 7 mil m^2 , um edifício de escritórios, complexo de lazer de 18 m^2 , salas de cinemas, restaurantes e cafés, espaços verdes, ruas pietonais, complexo para os jogos eletrônicos e galeria de arte.

Durante a demolição nos anos 1990, do antigo suk que estava em ruínas por causa da guerra civil, foram descobertos vários vestígios arqueológicos e estes foram integrados na nova construção. Entre outros, foram encontrados no local do atual suk sedimentos que revelam uma produção industrial do século XII ao XIV e século XIX; bairro da época

Plano do Suk de Beirute



(Ref. Hbeyka, Françoise G. Beyrouth, visite culturelle guidée, 2009)

persa (século V), com casas, lojas, estúdios e um pequeno templo dedicado à deusa fenícia Astarte (deusa da fertilidade, da sexualidade, da guerra e da lua); no local foi encontrado estatuetas de mulheres grávidas expressando admiração e com os braços estendidos. O bairro persa era em plano ortogonal e foi encontrado também vestígios do porto fenício-persa. Da época romana (século II d.C.) foram encontradas residências. No bairro comercial da época bizantina (séculos IV e VII) foram encontrados vestígios de lojas numeradas com letras gregas (alfa, beta, gama etc.). Atrás das lojas haviam residências e entre outras a chamada "Casa das Fontes", pelo fato de ter vários chafarizes em seu interior. Uma arquitetura com símbolos cristãos e piso de mosaicos. Outra é a "Casa da Inveja", nome escrito em um pavimento de mosaico que se encontra no museu de Beirute. Vestígios também de uma estratigrafia islâmica médieval fatímida em casas e jardins. Portanto o sukalém de ser hoje um espaço comercial agradável, o mesmo guarda a história do local, como podemos ver:

Praça Mesquita al-Majidiyyeh: a mesquita tem seu nome em homenagem ao sultão Abdul-Majid (sultão entre 1839 e 1861). Foi construída em 1841 como prolongamento do Suk Tawilé. A mesquita al-Majidiyyeh é também chamada de Mesquita al-Bahr (pt: mar). Durante a guerra civil ela foi grandemente destruída; já em tempos de paz, foi restaurada quando lhe foi acrescentada um minarete mais alto ao lado do antigo que já havia.

"Department Store": centro comercial construído exatamente no local do antigo Khan Antoun Bey (do árabe "khan": caravançará, grande edifício para a hospedagem gratuita para as caravanas), construído em 1853. Foi o maior khan de Beirute, em frente ao mar e onde estavam instalados lojas e a maioria das embaixadas e seus correios. Como centro de negócios, foi nele que o Banco Imperial Otomano decidiu, em 1856, abrir uma filial em Beirute. Dom Pedro II visitou o khan em 1876 e depositou no Banco Otomano uma soma de dinheiro de sua renda pesssoal para ajudar os orfãos árabes, em um gesto de profundo sentimento pelas crianças.

Museu do sítio arqueólogico de Beirute: rua Patriarca Hoyek, a Solider projetou este museu para expor todos os objetos arqueológicos descobertos em Beirute durante suas últimas escavações. O projeto prevê uma estrutura moderna que contará com projeções de áudio-visual, maquetes virtuais com todas informações históricas e arqueológicas de Beirute (em obra quando da edição deste guia).

Praça Imã al-Uzai: na rua Weigand, esta praça faz parte do Suk de Beirute, o pulmão comercial do centro da capital. Neste local tinha a madraça (escola teológica

e alcorânica) do imă Abdul Rahman al-Uzai, que era ao mesmo tempo escola e sua residência. Faleceu em Beirute no ano 774 (ano hégira) e está sepultado em Uzai (ver Uzai, província Monte Líbano). O imă Uzai era conhecido como grande jurista e pelo seu liberalismo e misticismo. Homem que protestava e logo fazia jejum, quando uma das comunidades do país era lesada ou perseguida. Em 1529 (935 da Hégira) um chafariz foi construído perto da madraça em sua memória. Hoje na praça encontra-se a Zawiyat ibn-Irraq, trata-se também de uma madraça que data da época mameluca (1517), uma escola construída pelo sufi (místico muçulmano) Muhammad Ibn al-'Arraq ad-Dimashqi. O pequeno edifício foi redescoberto em 1991 durante a demolição dos edifícios do antigo mercado suk Tawilé.

Planeta da Descoberta e Museu das Ciências para as Crianças: é um centro de descoberta científica, especialmente às crianças, criado em colaboração com a Cidade das Ciências de La Villette e apoio do Palácio da Descoberta de Paris. Um paraíso criado pela Solidere no suk de Beirute para as crianças interessadas pelo conhecimento, com atividades educativas, exposições interativas, espaços polivalentes, artes e artesanatos. O Planeta da Descoberta e o Museu estão abertos de segunda à sexta-feira, das 8h30 às 18h. Aos fins de semana e feriados, das 10h30 às 19h.

No suk de Beirute encontram-se cafés, restaurantes e grandes lojas com marcas nacionais e internacionais, sem nos esquecermos de que o Líbano é uma vitirne do mundo árabe no que se refere à moda, com grandes costureiros libaneses de renome internacional, entre outros: Elie Saab, Zuhair Mrad, Reem Akra, Elaa Zahlan, Georges Chakra entre outros.

As lojas do Suk de Beirute estão abertas todos os dias, exceto aos feriados, das 10h às 22h.

Mesquita do Príncipe Mounzer: localizada na Rua Riad Solh,também chamada de Nofara, por causa de sua fonte natural. Esta mesquita foi construída em 1620 sobre uma antiga estrutura romana.

Termas Romanas: paralelas à Rua Riad Solh estão as Termas Romanas, construídas no século I por Agripa. Algumas partes têm como parede a própria rocha e em seu interior são 135 canalizações de água que a levam a uma piscina. Pode-se observar uma divisão em três partes das termas: "Frigidarium" (sala fria), "Tepidarium" (sala morna) e "Calidarium" (sala quente), além do sistema de aquecimento no solo, constituído de pequenas colunas formadas por discos de cerâmica, entre os quais circulava a água quente para aquecer a sala.

Grande Serralho: entre a Praça Riad Solh, a rue de l'Armée (do Exército) e Rua des Capucins (dos Capuchinhos) vê-se um imponente edifício construído em 1853 pelos otomanos para lhes servir de quartel militar e que depois de sua queda tornou-se a sede do governo francês; atualmente é a sede do Conselho de Ministros. Foi da varanda deste edifício que se proclamou a Independência do Líbano em 1943. Ao lado esquerdo do Serralho está uma praça magnífica construída em homenagem ao pintor libanês Omar Onsi (1901-1964), com uma piscina com cascatas e junto dela uma escadaria a estátua do Primeiro-Ministro Rafik Hariri, considerado o grande incentivador da reconstrução do Serralho e de Beirute.

Torre do relógio Hamidiyye: nome do último sultão otomano –Abed al Hamid–, esta torre está ao lado do Grande Serralho e foi construída em 1897 e testemunhou várias destruições. Foi a primeira obra restaurada dentro do projeto de reconstrução da capital, marcando assim um novo tempo para a capital libanesa.

Embaixada do Brasil: situada na rue de l'Armée, ao lado esquerdo do Grande Serralho. Aquela área abriga o "Complexo das Embaixadas". Tel. +961 (1) 982 161/982 163. O consulado-geral do Brasil, que trata de serviços aos cidadãos brasileiros, encontra-se em Sin el-Fil, na Grande Beirute. Tel. +961 (1) 490401/490402.(ver endereços úteis)

Museu Privado Robert Mawad: Rue da l'Armée, trata-se de um museu particular localizado também à esquerda do Grande Seralho, na rue de l'Armée. É um belíssimo palacete beirutino construído em 1911, propriedade e antiga residência do ex-ministro, homem de negócios e colecionador de arte, Henri Pharaon (1888-1993).

A arquitetura do imóvel é em estilo árabe e ocidental. O palacete foi comprado pelo joalheiro Robert Mawad, que o tranformou em museu privado com um rico acervo de antiguidades tal como cerâmicas islâmicas, ícones, esculturas, tapetes, livros, joias etc. Entre seus mais preciosos tesouros esta o colar que a Rainha Elizabeth II do Reino Unido usou em seu casamento e o diamante Excelsior, provavelmente o segundo maior do mundo, dividido em 21 pedras polidas entre 1 e 70 quilates. E um belo jardim com colunas romanas e várias estátuas antigas. Uma curiosidade é que foi na sala de jantar de Henri Pharaon que foi desenhado o primeiro modelo da bandeira do Líbano na véspera da independência, em 1943. O museu está aberto todos dias, exceto às segundas-feiras e feriados, das 9h às 17h - http://www.rmpm.info , Tel.: +961 (1) 98 09 70.

Praça Riad al-Solh: um dos heróis da Independência do Líbano e o primeiro

primeiro-ministro do Líbano independente. Nela colocou-se uma estátua dele realizada pelo pelo escultor italiano Marino Mazacurati, que substituiu a fonte que fora em 1900 por Youssef Aftimus para o sultão Abd al-Hamid. Esta fonte foi transferida após o assassinato de Riad al-Solh para a praça Sanayeh, em Beirute. Ainda situado na Rua Emir Bachir, foi construído em 1930 por Youssef Aftimius num estilo neoislâmico e tem cada capitel ornamentado com diferentes frutas.

Jardim Gibran Khalil Gibran: na frente da moderna sede da Comissão Econômica e Social para a Ásia do Oeste (ESCWA, na sigla em inglês) da ONU.

Igreja Evangélica: situada na Rue Eglise Evangélique (pt: Igreja Evangélica), ao lado da ESCWA, foi construída em 1867 por missionários anglo-americanos. Ela tem uma arquitetura gótica e oriental. Em 1976 a igreja foi destruída por causa da guerra civil, mas restaurada em 1998.

Igreja Armênia Nischan: rue Eglise Evangélique, com bela arquitetura, foi construída no século XIX.

Conservatório Libanês: também situado na rue Eglise Evangélique, este conservatório foi fundado por Wadih Sabra, grande compositor libanês que estabeleceu a ligação entre a música oriental e ocidental. Sabra foi também o compositor do hino nacional libanês.

Jardim Omar Onsi: rue des Capucins (dos Capuchinhos) em frente ao Grande Serralho, está o jardim Omar Onsi (1901-1964), artista de talento da primeira geração de pintores do século XX que influenciou a arte libanesa contemporânea. Ao lado o jardin Dr. Mohamad Khaled.

Igreja São Luís dos Freis Capuchinhos: rue des Capucins (dos Capuhinhos) está a igreja católica romana de São Luís, cujas missas são realizadas em árabe, francês e inglês. Foi construída em 1863 e tem em seu interior uma bela nave em estilo gótico.

Grande Sinagoga de Beirute: Rua Wadi Abou Jamil, é também chamada de Sinagoga Maghen Abraham (pt: Escudo de Abraão) está numa área da cidade de Beirute onde os arqueólogos encontraram vestígios do hipódromo romano.

O projeto da sinagoga foi iniciado em 1920 pelo judeu Jack M. Sasson e concluído em 1925, resultando numa das mais belas sinagoras do Oriente Médio. Por causa da

guerra civil, grande parte da comunidade judaica libanesa deixou o país e a sinagona foi abandonada; em 2010 foi restaurada, recuperando seu esplendor passado. Uma curiosidade é que seu estilo é marroquino e em sua entrada há as Tábuas dos Dez Mandamentos.

A presença dos judeus no Líbano remonta a Antiguidade e ao longo de sua história construíram inúmeros imóveis, muitos dos quais por causa de guerras ou desastres naturais não sobreviveram ao tempo. No entanto, outras sinagogas permaneceram pelo menos até períodos recentes, tal como a de Deir al-Kamar, construída no seculo XVII, perto do mercado da seda; Deir al-Kamar terminou suas atividades em 1860, ano do massacre ocorrido no Líbano. Em 1895 os judeus libaneses construíram uma outra sinagoga —a Ohel Jacob— ("lugar alto" em aramaico) em Aley, cidade de veraneio do Monte Líbano. Em 1910 construíram outra em Bhamdoun, cidade também de veraneio. Da antiga sinagoga de Sídon, restaram somente vestígios do edifício.

Hipódromo Romano de Beirute: escavações a oeste da sinagoga revelaram o hipódromo romano de Beirute, uma parte da pista de corrida e uma parte da espiga, isto é, a calçada no meio da pista envolta da qual corriam sete vezes as bigas. No lado sul, vestígios de uma arquibancada; no lado norte, separado pela rua Wadi Abou Jamil, vestígios dos clubes dos participantes das corridas e as termas romanas. Uma parte, no extremo leste, está sob o edíficio sede do Banco Audi-Saradar, as salas onde os atletas e os cavalos esperavam para entrar na pista para a corrida (lembramos que este sítio arqueológico ainda estava em escavações até o momento da impressão deste guia). Deste hipódormo resta ainda uma placa de chumbo que está no Museu Nacional de Beirute que traz o mais velho programa de corrida de cavalos gravado por um vistante. Este recorre às divindades e recomenda os cavalos por eles preferidos.

Corniche (Boulevard): calçadão à beira-mar. Programe-se para um esplêndido passeio reservando algumas horas para andar a pé por esta área da cidade que mistura com muito charme o novo e o velho da cidade de Beirute e ao mesmo tempo apreciar a brisa que vem do Mediterrâneo. No verão a pedida é andar pelo fim da tarde, pare num dos cafés do Corniche e aproiveite sua paisagem única: arranha-céus modernos, mesquitas e igrejas e ao fundo o Monte Sannine, que no inverno fica coberto de neve. Em seus 5 km você verá pessoas fazendo caminhadas, outras a sentarem-se nos bancos que ficam de frente para o mar ou mesmo nos inúmeros restaurantes que põem as mesas nas calçadas para que seus clientes aproveitem a comida e também a paisagem. Vale a pena estender o passeio, o Corniche é bem iluminado à noite e as ruas paralelas são plenas de bares, restaurantes night clubs para todos os gostos.

Rue Minet Al-Hosn: No passado, o bairro onde ela se localiza abrigava uma arena romana construída por Agripa I, sobrinho de Herodes o Grande. Até a guerra civil foi um grande centro, com noites movimentadas com seus cabarés; era também onde se concentravam os hotéis como o Saint Georges, Phoenicia, Holiday Inn, Vandôme e outros. Atualmente, depois da restauração, a área retomou seu antigo movimento com a restauração completa do hotel Phoenicia e a construção do hotel Four Seasons. Quanto ao hotel Holiday Inn e o lendário Saint Geroges, ainda aguardam sua restauração.

Parque à beira-mar: o aterro no mar possibilitou a criação de espaço para a construção de um dique de proporções faraônicas projetado pela construtora francesa Bouygues, com 1.350 m de comprimento e 10 mil blocos de concreto armado, cada um pesando entre 20 a 40 toneladas.

Neste espaço, o novo cartão postal de Beirute é o Marina Towers, com uma arquitetura de terceiro milênio, com 150 m de altura e estrutura em pedra e vidro, sendo um dos mais altos do Mediterrâneo. O Marina Tower lembra em seu perfil a forma da vela de navio, uma homenagem implícita aos fenícios, mestres dos mares.

Zaitunay Bay (pt: Baía das Oliveiras): em frente aos hotéis Phoenicia e Four Seasons, uma marina repleta de iates (yacht-club) com piscina, residências e lojas de luxo, cafés e restaurantes libaneses e estrangeiros. Um belo calçadão com vista para o mar, para o porto e para o Monte Líbano. www.zaitunabay.com

Igreja Anglicana de Todos os Santos: na rua Fawzi Daouk, em meio aos modernos edifícios, ao lado do Marina Towers, está igreja anglicana que dá um charme especial à região.

Praça Rafik Hariri: situada entre os hotéis Phoencia e São Jorge está a praça com uma estátua onde o primeiro-ministro que foi assassinado em 2005.

Praia de Ain Mreisseh: complexo do Café do Oriente, à beira-mar com piscina, restaurante, bar, locação de jet sky e barcos. Atenção ao terraço com arcos, que têm especial beleza.

Mesquita de Ain al-Mreisseh: situado na avenida de Paris, no corniche, foi construída em 1887 e restaurada em 1951. A porta esculpida da fachada principal é proveniente da mesquita Emir Mansur Assaf, no centro da capital. Nesta avenida passa-se por uma das

entradas da Universidade Americana de Beirute, de onde se pode ver seu belo campus arborizado em frente ao mar. A entrada principal e mais antiga da universidade localizase na rua de cima, a rua Bliss, em Hamra.

Almanara (pt: O farol): nome do bairro por causa do farol que se encontra à beira-mar. Rua de Paris. Por ali você poderá ir a um clube "banho militar", entre outros; pela mesma área está o campo do time libanês An-Nejmeh e um parque com roda gigante e cafés.

Grotte aux Pigeons (pt: Gruta dos Pombos): na avenue General de Gaulle, um dos cartões postais de Beirute, há dois rochedos gigantescos que se levantam no horizonte do mar Mediterrâneo como duas sentinelas de Beirute, numa região da cidade chamada Rauche (arabização da palavra francesa "Roche". À sua volta há várias grutas onde foram encontrados sarcófagos romanos que datam do século IV d.C. bem como utensílios pré-históricos que estão atualmente no Museu da Universidade Américana de Beirute. Nesta área estáo varios hotéis, bons restaurantes e cafés.

Ramlet al-Bayda: na avenue Rafik Hariri, bairro residencial com uma bela praia de areia dourada. Há poucas praias de areia em Beirute, a maior parte é rochosa. Em geral, os libaneses frequentam os inumeros balneários existentes no litoral, com clubes com piscinas. Praias públicas são poucas, lembrando que certas regiões de praias públicas as mulheres não podem frequentá-la usando biquine, o que faz com que em muitos casos fiquem na areia de roupa ou até entrem na água de roupa. São aspectos religiosos e cabe aos turistas respeitá-los.

Rua Verdun/Rachid Karamé: bairro que atrai os homens de negócios pela grande quantidade de escritórios; é um dos mais chiques de Beirute. É também o lugar ideal para as grandes compras, pois lá se encontram várias lojas de grife assim como cafés, restaurantes, cinemas, galerias e hotéis. Seu nome é em homenagem a Rachid Karamé, primeiro-ministro assassinado em 1986. No geral a rua continua sendo também conhecida como rua Verdun.

Sede Drusa - Machyakhat al-Akl: ao fim da Rua Rachid Karamé (Verdun), Rua Dunant - está um grande edifício verde e branco que abriga a sede do Machyakhat al-Akl, a mais alta autoridade religiosa drusa, e onde também está o Conselho Druso de Estudos e Promoção Social. Este conselho é o conjunto dos xeiques iniciados responsáveis dos "khaluats" e dos santuários, espécie de ordem religiosa. O Xeique Akl Druso equivale ao "papa" dos cristãos.

Dar al-Fatwa (pt. Casa da Consultação da Lei islâmica): localizada numa das paralelas da Rua Rachidini. Sede do Mufti (autoridade islâmica) da República Libanesa.

Hamra (pt: vermelha): nome tanto da rua como do bairro que a abriga, é conhecida como região comercial onde se encontram lojas de todos os gêneros, livrarias –Librairie Antoine–, restaurantes, cafés (principalmente de estilo árabe, com "narguiles" e comida típica libanesa e também internacional), cinemas, teatros, night clubs, cabarés, lojas de artesanatos etc. Em Hamra encontra-se um dos cafés mais antigos da cidade, o Café Younes, que foi fundado em 1935, local de encontro de todas as idades.

Ministério do Turismo: rue de la Banque Centrale (início da Rua Hamra) está o Ministério do Turismo com o Escritório de Informações Turísticas, onde os turistas vão encontrar panfletos em vários idiomas, inclusive em português. No mesmo edifício está a Policia Turística(telefone 160, para todas as emergências - ver endereços úteis). Na mesma rua está também a sede do Banco Central do Líbano.

Em Hamra você encontrará muitos jovens por causa das várias universidade que há pela área, como a Americana de Beirute, a Haigazian.

Universidade Americana de Beirute (en: American University of Beirut - AUB): situada na Rua Bliss, foi fundada em 1866. www.aub.edu.lb

Museu Arqueológico: dentro do campus da AUB, o museu possui uma importante coleção proveniente de sítios arqueológicos do Líbano e do Oriente Próximo, particularmente da pré-história e Antiguidade até o período romano e bizantino.

O museu está aberto todos dias, exceto aos sábados, domingos e feriados, das 9h às 16h. Durante o verão, das 9h às 14h. Tel +961(1)340549

Museu Geológico: também dentro do campus da AUB, no mesmo edifício do Museu arqueológico, com uma maquete de Beirute e das montanhas vizinhas, que apresenta uma vista topográfica da área. O museu está aberto todos dias, exceto aos sábados, domingos e feriados, das 9h às 16h. Durante o verão, das 9h às 14h.

Biblioteca Nami Jafet:no campus da AUB,importante biblioteca cujo edifício traz o nome do intelectual Nami Jafet, que emigrou para o Brasil no final do seculo XIX. O imperador do Brasil, Dom Pedro II, em visita ao Líbano em novembro de 1876, encontrou-o nesta e colégio quando Jafet ainda era um estudante, no então denominado Colégio Protestante Sírio.

Sanayeh (pt: arte; profissão): na Rua Spears, Khalil Ibrahim Pacha, governador de Beirute entre 1902 e 1908 mandou construir dois edifícios, um para ser a Escola Hamidiye das Artes e Profissões e o outro para ser o Hospital Hamidiye. Durante o Mandato Francês a escola tornou-se quartel e o hospital área de socorro libanês governamental. Atualmente, o primeiro edifício é a sede do Ministério do Interior e o segundo depois de ser muitos anos a Faculdade de Direito da Universidade Libanesa é agora a Biblioteca Nacional, ainda em obras na ocasião da publicação deste guia. Na frente dos dois imóveis, em 1907 o governador criou o Jardim Hamidiye, nomeado depois de Parque das Artes e Profissões (Sanayeh) e, atualmente, Parque do Presidente René Mouawad, presidente da república que a 5 de novembro de 1989 foi assassinado. Neste parque está uma fonte de mármore branco cinzelado com um brasão (toghra) com o monograma do sultão Abed al-Hamid, criada pelo escultor Youssef Aftimos. Inicialmente, a fonte estava no centro de Beirute, onde é hoje a praça Riad al-Solh.

Basta: bairro com um grande mercado popular e alguns dos banhos públicos (hammams) mais antigos de Beirute ainda em atividade como os de "An-Nuzha", dispondo de sauna, sala de banho quente e salas de massagens, além de uma bela vista de Beirute,

Banhos Públicos (Hammam)

O "hammam" é um espaço terapêutico, mas também de encontro com os amigos. É o local onde se cuida da estética do corpo com massagens de óleos perfumados de essências. Muitas vezes chamado de "banho turco" é uma herança das termas romanas, pois a construção conserva a mesma divisão em três partes (fria, morna e quente).

Hoje, infelizmente, sobraram poucos desses banhos públicos e são por isto mesmo exóticos. Em Beirute eles praticamente desapareceram com a destruição da capital, mas em Trípoli e Sídon ainda há alguns antigos "hammams" públicos como o de al-Abd, em Trípoli, construído no século XVII, sendo o único da cidade a funcionar até hoje; um dos mais belos "hammams" particulares a visitar localiza-se no Palácio de Beit Eddine.

Atualmente, as pessoas preferem os spas, que têm serviços de fisioterapia e outras inovações. Contudo, nada melhor que experimentar as técnicas antigas, passadas de geração em geração, onde se entra num ritual de salas fria, morna e quente, banho com sabão árabe a base de azeite e folhas de louro, bucha natural e uma massagem feita por massagistas que conhecem seu ofício pelas pontas dos dedos e que ao fim a pessoa fica totalmente relaxada.

Mazraa - Barbir: no Boulevard Saeb Salam, é uma região comercial e residencial onde se localizam a Universidade Árabe, a Lebanese International University, campus de Beirute (o campus principal da LIU é no Bekaa e seu presidente é líbano-brasileiro: www.liu.edu. lb).

Igreja de Santo Elias: Rua Habib Abi-Chahla, Wata al-Moussaitbeh. Igreja ortodoxa e convento que passou a ser escola. Trata-se de uma antiga igreja construída sobre uma gruta subterrânea, cuja lenda diz ter sido lá que no ano 900 a.C. que o Profeta Elias teria se refugiado para se esconder do rei Achab e da rainha Jezabel, tendo sido alimentado por pássaros. Na restauração da parede da igreja em 2006, foram descobertos afrescos que remontam ao século XI e XII; já os ícones no iconóstase foram pintados por artistas russos. É um importante local de peregrinação.

Estádio Esportivo Camille Chamoun: avenue Camille Chamoun, estádio com o nome do segundo presidente da República do Líbano independente, localiza-se em Bir Hassan. Perto dele estão os bairros de Sabra e Chatila, construído em 1954. Destruido durante a guerra civil (1975-90) e reconstruído totalmente com nova estrutura dentro das normas internacionais, o estádiotem 50 mil lugares, um ginásio com quadras poliesportivas, piscina olímpica e alojamento com 120 quartos.

Esportes - Futebol no Líbano

A Seleção Libanesa de Futebol foi fundada em 1933 e associou-se à FIFA em 1936. Internacionalmente, classificou-se só uma vez, quando disputou a Copa da Ásia. Seu uniforme é branco e vermelho.

Entre vários times libaneses, citamos An-Nejmeh, Al-Ansar, Al-Ahli, Safa, Al-Mabarrah e Sagesse. Esses times sempre contratam jogadores brasileiros, que geralmente ganham renome entre os torcedores por sua boa atuação.

Entre as estrelas do futebol brasileiro que visitaram o Líbano estão Pelé em 1975 e Bebeto em 2003. Em 1958 a Seleção Brasileira, campeã na Suécia, passou em trânsito por Beirute no avião da Panair do Brasil, onde estava Pelé e Zagalo.

Em 2000 o Líbano foi sede da Copa da Ásia, momento em que foi inaugurado, à beiramar, dois modernos estádios: o de Sídon e o de Trípoli.

O Líbano tem se destacado, a partir de 2000, em Basquete. Em fevereiro de 2011 a equipe de vôlei da Universidade Saint-Esprit de Kaslik participou da "Primeira Copa Internacional de Vôlei Rio-Líbano", no Rio de Janeiro, jogando com as equipes do Flamengo, Botafogo e Tijuca. Organizado pela Federação de Vôlei do Rio de Janeiro e CECAL-USEK. Um esforço pessoal do advogado brasileiro Aclizio Calazans.

O Brasil tem uma grande torcida libanesa durante a Copa do Mundo. O país fica todo enfeitado de bandeiras brasileiras.

Aeroporto Internacional de Beirute Rafik Hariri: avenue de l'Aeroport, reconstruído 2002, localiza-se no sul de Beirute a 10 minutos do centro da capital.

Village Assaha (pt. Praça do Povoado): avenue de l'Aeroport, localizado perto do aeroporto. Trata-se de um restaurante, hotel e Museu Assaha das Profissões dos Suks. Horário 19hà 23h(Tel+961 (1) 450909, www.assahavillage.com. O edíficio é construído de blocos de pedras antigas em forma de castelo-fortaleza que dão ao lugar um estilo andaluz; dentro deleite-se com os jardins e o chafariz. A cozinha é típica libanesa e não servem bebidas alcóolicas, no entanto a limonada com hortelã é excelente.

Conselho Supremo Islâmico Xiita: rua do Aeroporto (ar: Haret Hraik). Este conselho é a instância que supervisiona as funções da comunidade muçulmana xiita. Trata-se também de um tribunal religioso xiita. Perto do Conselho estão os bairros residenciais de Ghobeiry, Dahieh e Bourj Barajneh.

Milton Hatoum

Escritor, tradutor e professor nascido em Manaus em 1952. Descende de libaneses de Beirute, mais especificamente de Bourj Barajneh, ensinou literatura na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Escreveu quatro romances: "Relato de um Certo Oriente", "Dois Irmãos" (este traduzido para o árabe e publicado pela editora Dar al-Farabi, de Beirute, em 2002), "Cinzas do Norte" e "Órfãos do Eldorado".

Museu Nacional de Beirute: situado na Rua de Damasco, esquina com a avenue Abdallah Yafi, o Museu Nacional de Beirute é uma visita à parte e você deve disponibilizar um tempo maior para isto. Ali guarda-se a história do país em todos os seus pormenores, a começar pelo próprio edifício em que se encontra; com suas quatro colunas em estilo egípcio (lótus fechada) impõe certo destaque e imponência desde a entrada. Sua construção data de 1942 e sua restauração de 1996, após ter sofrido duramente com a guerra civil libanesa. Antes de iniciar sua visita, veja o filme (a cada uma hora, 15 minutos) sobre a conservação do acervo e a restauração do edificio; atenção à música do filme: trata-se de uma Bachiana do compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos.

Na entrada você verá no piso um magnífico mosaico representando Calíope, musa da Filosofia, rodeada por Sócrates e sete sábios; peça que data do século III a.C. encontrada em Baalbeck, região do Vale do Bekaa.

Em volta desse mosaico estão quatro importantes sarcófagos em mármore descobertos em Tiro que datam do século II a.C. Em suas laterais pode-se ver histórias e lendas em alto relevo, entre elas a lenda de Aquiles: o pai de Heitor que suplica a Aquiles a devolução do corpo de seu filho; atrás de Aquiles aparecem dois deuses com as faces tristes com esta cena. Em outra cena aparece Aquiles diante da cama de seu amigo Pátrocle. Por fim, uma cena que representa a execução de um prisioneiro troiano de Aquiles.

O sarcófago dos "Amores Embrigados", datado do século II d.C., foi encontrado em Tiro. Ele é decorado nas quatro laterais por cenas de amor como jovens que brincam, dançam, tocam instrumentos musicais enquanto outros bebem, fazendo referência direta a um tema baquiano (do deus Baco), que simboliza a alegria do além e a imortalidade da alma.

Entrando na ala esquerda do museu, está o sarcófago de Ahiram, rei de Biblos, do século XIII a.C., é o mais antigo sarcófago marcado com inscrição fenícia. O sarcófago está em cima de quatro leões deitados, símbolo de força. Em suas laterais verá uma cena do banquete funerário com Ahiram sentado num trono e cujos braços são duas fênix aladas. Ahiram segura um cálice com uma mão e com a outra um flor de lótus seca, símbolo da morte. Dois frisos de flor de lótus, uma aberta –a vida– e outra fechada –a morte. Nas duas laterais aparecem as mulheres carpideiras (que choram) diante do morto, uma arrancando os cabelos e a outra a bater no peito. Na tampa do sarcófago você verá a parte mais interessante desta peça: a mais antiga inscrição fenícia já encontrada, contendo 19 das 22 letras do alfabeto por eles criado e que influenciaram todos os demais alfabetos do Ocidente, o que inclui o nosso latino. O Brasil teve o privilégio de ganhar uma réplica do Sarcófago de Ahiram, que hoje se encontra no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), mas infelizmente bem danificado.

Na mesma ala estão expostos objetos de influência egípcia e oriental; outros sarcófagos, como o antropoide (gr: "semelhante ao homem"), exemplo de arte fenícia, influenciado pelos sarcófagos de múmias egípcias, encontrados em Sídon por George Ford durante a construção de um orfanato pela escola da missão presbiteriana norte-americana. O Museu Nacional conta com 26 sarcófagos de mármore de Paros que datam do século V a.C. Na extremidade da sala está o colosso de Biblos, de inspiração egípcia e à direita um capitel esculpido com cabeças de touros pertencentes à cidade de Sídon, provavelmente do século V a.C.

Na ala direita está o trono de Astarte, deusa fenícia, venerada como Afrodite pelos gregos e Vênus pelos romanos. Astarte, Ashtart ou Aashtarut é representada por um trono vazio com braços em forma de fênix alada e por uma pedra sagrada chamada Betyl: "a casa de Deus". Na parede estão expostos mosaicos que ilustram o nascimento de Alexandre o Grande, datado do século IV d.C., que foi encontrado numa residência de Baalbeck. A imagem narra a origem divina de Alexandre tal como é contada por Plutarco: a intervenção de Zeus pela aproximação noturna de uma serpente, à direita mostra seu nascimento, seu pai –Filipe– em companhia de Olímpia, sua esposa, que está ajoelhada banhando-o pela primeira vez. Outro, o mosaico com a imagem da lenda do sequestro de Europa, descoberto em Biblos e datado do século III d.C. Da região de Sídon –Echmunvieram algumas estatuetas de recém-nascidos cujos pais ofereciam em agradecimento aos deuses pela cura de seus filhos. Uma delas é do século V a.C. e representa um bebê que foi curado pela áqua sagrada do deus curador Echmun.

A lenda do sequestro de Europa

Como em todas as cidades antigas, história e lendas misturam-se à realidade. Assim, segundo os gregos antigos, Cadmo e Europa eram filhos de Agenor, rei de Tiro; a beleza de Europa encantou Zeus, que se transformou num touro com o chifre em forma de lua crescente. Europa, por brincadeira, subiu nas costas do touro que a sequestrou levando através do mar até Creta, onde ela deu a luz a Minos. Seu irmão —Cadmo— foi procurá-la e ao desembarcar em Creta fundou a cidade de Cadmeia (Tebas) na Beócia, transmitindo aos gregos a arte da escritura e as letras do alfabeto fenício.

O nome Europa tem provavelmente uma raiz semita que significa "Ocidente", mas que para Cadmo designava "Oriente". Assim, para os gregos a Fenícia era um local mitológico de união entre o Oriente e o Ocidente e Europa foi um dom da cidade de Tiro.

Esta é uma descrição do autor clássico, Achilles Tatius (século II ou III d.C.) e a cena de Europa montada no touro, que é representada num mosaico, foi encontrada em Biblos, nas ruínas de uma casa romana do século III d.C. (atualmente no Museu Nacional de Beirute).

Na escadaria que conduz ao primeiro andar merecem a atenção dos visitantes as duas grandes estátuas, uma delas a de Higeia (deusa da saúde, limpeza e sanidade) filha de Asclépio (deus da Medicina e da cura), ambos da mitologia grega. Sobre seus ombros está uma serpente, que representa a Medicina e a outra representa uma mulher romana, mas não identificada.

No primeiro andar encontram-se várias peças de tamanhos menores, como: estatuetas, mosaicos, joias, moedas e objetos de cerâmica de vários períodos da história do Líbano. Andando em sentido horário o visitante descobrirá sucessivamente a era pré-histórica, a Idade do Bronze, a Idade do Ferro, os períodos grego, romano, bizantino e árabe-muçulmano. Dentre as várias peças vale a pena ver as estatuetas de bronze douradas com chapéu cônico em estilo egípcio, encontradas no Templo dos Obeliscos emBiblos e datadas da Idade do Bronze. Essas estatuetas foram oferecidas a Reshef –deus amorita da querra e da destruição– e à sua companheira, a deusa Anat.

Na entrada do museu, não deixe de visitar a loja onde encontrará réplicas das peças do acervo e também uma livraria.

O museu está aberto todos dias, exceto às segundas-feiras e feriados, das 9h às 17h, www.beirutnationalmuseum.com, Tel.: +961 (1) 426 703.

Não deixe também de admirar a praça em frente ao Museu Nacional, onde há quatro colunas com capitéis coríntios e uma arquitrave romana proveniente das ruínas de uma basílica civil da cidade romana, antes localizada no centro da capital (Place de l'Etoile); no jardim atrás das colunas estão os mosaicos trazidos de uma igreja bizantina (século VII) descoberta em Khaldé, na região de Aley, no Monte Líbano.

Hipódromo de Beirute: localizado na avenue Abdallah Yafi, ao lado do Museu Nacional, atrás do Museu Nacional, um grande espaço verde com 200 mil m²e lá você apreciará os puros cavalos de sangue árabe. O atual hipódromo data de 1918, antes as corridas eram realizadas no bairro Bir Hassan, na periferia de Beirute, numa pista construída em 1885. O hipódromo teve como objetivo o encorajamento das raças de cavalos árabes na Síria e no Líbano. Em 1925 o hipódromo de Beirute tornou-se um clube seleto, conhecido em todo o Oriente Médio, sendo o único que aceitava apostas, além de ser consagrado às corridas internacionais. Com a guerra civil (1975-1990), entrou em decadência, pois era uma das passagens entre Beirute oeste e leste, mas atualmente retomou seu apogeu. A corridas acontecem todos os domingos a partir das 13h no verão e a partir das 11h no inverno. Tel.: +961 (1) 632 515.

Residência de "Pins" (pt: Pinhos): na avenue Abdallah Yafi. Ao lado do hipódromo está a Residência dos Pinhos, uma imponente construção em estilo otomano do início do século XX que já foi hospital militar e em 1919, durante o Mandato Francês, foi sede do governo. Atualmente é a residência do embaixador francês no Líbano.

Bois de Pins (pt. Bosque de Pinhos): avenue de l'Aeroport - é um grande bosque que está sendo rearborizado após ter sido quase completamente destruído durante a guerra civil libanesa. Era este local (juntamente com o hipódromo) o único ponto de passagem durante a guerra entre Beirute oeste e leste, a chamada "linha verde" de Beirute. O bosque, durante a publicação deste quia, ainda não estava aberto ao público,

Patriarcado Siríaco Católico: rue de Damas (pt: de Damasco). Sede do patriarca, logo ao sair do Museu Nacional, à direita. Este é o bairro Badaro, residencial e comercial. Mais à frente do Patriarcado Siríaco encontra-se o Palácio e Ministério da Justiça, vários escritórios de tradutores juramentados, a Igreja Nossa Senhora dos Anjos (dos freis capuchinhos) do rito católico apostólico romano (missas em frances e árabe), Rua Badaro; a Igreja do Sagrado Coração dos Maronitas, na avenue Sami Solh.

Tradução Rohayem: Rua de Damasco, esquina com a rua Badaro. Centro de tradução juramentada, técnica e interpretação, fundado em 1933 por Albert Rohayem. Um dos escritórios de tradução mais antigos ainda em funcionamento em Beirute, que traduz diversos idiomas, entre outros de e para o português. Tel.: +961 (3) 372 887 / (1) 615 997.

Partindo do Museu Nacional, lado esquerdo, em direção centro de Beirute, Rua de Damasco, está o grande edifício moderno com estrutura toda em vidro que abriga a sede da Reitoria da Universidade Libanesa, universidade do governo, e ao lado está a Segurança Geral (para questões de vistos ver endereços úteis). Em seguida vem a Reitoria da Universidade Saint-Joseph (Universidade São José – USJ–, de expressão francesa) e seu campus com as faculdades de Medicina, Letras e Ciências Humanas. Ainda na mesma quadra está a Embaixada e o Consulado da França em Beirute, o Centro Cultural Francês de Beirute e o Instituto Francês do Oriente Próximo. Na mesma rua encontra-se o Arcebispado da Igreja Greco-Melquita Católica, com uma bela igreja dedicada a São João Crisóstomo, em seguida os cemitérios cristão e israelita, o grande centro comercial Sodeco onde há cafés, restaurantes, cinema, lojas etc.

Museu da Memória de Beirute: na esquina da rue de Damas (Damasco) e avenue de Sodeco - um edifício de pedra, cor amarela – chamada de Casa Amarela - , dos anos 1920 todo cravado de balas l'Independence, e estilhaços de bombas, está sendo restaurado para tornar-se "Beit Beirute" (Casa de Beirute), o Museu da Memória de Beirute, em parceria com a prefeitura de Beirute e a cidade de Paris (em obra durante a edição do guia). Esta casa msotra como a guerra foi cruel e por estar em lugar estratégico, na época da guerra civil, 1975-1990, era bem ali a divida da chamada "Linha Verde" que

separava as duas Beirute, oeste e leste, e era local preferido dos franco-atiradores. A casa não será somente um vestigio de guerra para gerações futuras, mas um local de encontro cultural de Beirute. Continuando na rua de Damasco, chega-se ao Centro de Beirute.

Collège Notre Dame de Nazareth (pt: Colégio Nossa Senhora de Nazaré): do centro comercial Sodeco, subindo a avenue de l'Independence, chega-se ao Colégio Nossa Senhora de Nazaré, que pertence à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora de Nazaré, fundada em 1822 na França. Em Beirute, o Colegio foi fundado em 1868. Dom Pedro II, imperador do Brasil, visitou-o a 11 de novembro de1876, onde recebeu homenagens das estudantes internas e também onde doou certa soma em dinheiro para apoiar a educação das criancas órfãs.

Monnot: rua Monnot, paralela à Rua de Damasco, rua animada e bastante badalada por seus restaurantes e cafés, um ambiente jovem. Na mesma rua está a Universidade Saint-Joseph, campus principal.

Universidade São José (fr:Université Saint-Joseph - USJ):situada à Rua Huvelin, foi fundada em 1875 pelos padres jesuítas franceses. (www.usj.edu.lb).

Museu da Pré-História Libanesa: Rua Huvelin - dentro do campus da USJ há uma grande coleção de peças pré-historicas que traça a história de cada instrumento desde a matéria prima até sua fabricação.

O Museu está aberto todos dias, exceto às segundas, quintas-feiras, domingos, feriados e férias universitárias, das 9h às 15h, Tel.: +961 (1) 421 860 / 421 861.www.usj.edu. lb/mpl

Biblioteca Oriental: Rua Huvelin - dentro do campus da USJ, contendo uma coleção rica de manuscritos antigos (mais de 4 mil), livros antigos e atuais (mais de 200 mil), revistas (mais de 600).

Ainda dentro do campus da USJ está o Instituto de Estudos Islamo-Cristão, a Igreja Saint-Joseph datada do século XIX e o Teatro Monot.

Igreja Santo Antônio, o Grande: rue du Liban, igreja Maronita que foi uma das primeiras a reutilizar a arte iconográfica realizada pelo Padre Abdo Badwi, diretor do Departamento de Arte Sagrada da Universidade Saint-Esprit de Kaslik (USEK), pioneiro a retomar a arte dos ícones siríaco-maronitas, visto que a Igreja Maronita foi influenciada pela arte

europeia e afastou-se por um certo tempo da tradição iconográfica oriental. Local onde se encontra o Adyar, os vinhos dos mosteiros (ver Rota dos Vinhos).

Achrafieh: bairro residencial que merece uma boa caminhada por suas ruelas. Começando pela área de Gemayzé.

Gemayzé: nome que significa em português "árvore de sicômoro". A área atualmente abriga bares e restaurantes badalados, fazendo desta parte da cidade uma das mais atraentes para quem sai à noite. Na área da Rua Gouraud, prolongamento do Decumanus Maximus (via romana), há uma infinidade de restaurantes, cafés e pubs onde se joga o tric-trac (gamão) e se fuma narguile, acompanhados sempre de boa música árabe, mas também ocidental ao vivo. Note que nesta rua está o famoso restaurante "Le Chef" (pt: O Chefe), fundado em 1967, um pequeno local com arquitetura de influência francesa e otomana, raro restaurante que não fechou suas portas durante a guerra civil e era e continua sendo o ponto de encontro de jornalistas, estrangeiros; seu menu oferece pratos libaneses, o "prato do dia", a bom preço e boa qualidade, além do bom humor dos anfitriões que recebem todos com um grande e alto "ahlan wa sahlan, welcome, bienvenue, bem-vindo" em todos os idiomas porque na hora do almoço o pequeno restaurante, torna-se uma torre de babel onde todos os idiomas se confundem.

Para quem quer somente passear, não deixe de andar pelas ruelas e escadarias de Gemayzé. Uma delas, chamada Escadaria de Gemayzé é famosa pelas exposições de arte ao ar livre no verão em meio às casas tradicionais. Na região estão sendo escavados vários sitios arqueológicos que revelaram importantes vestígios dos períodos helênico, romano e medieval.

Museu Nicolas Sursock: Rua Nicolas Sursock, subindo a Escadaria de Gemaizé. O palacete foi construído em 1914 e transformado em museu em 1952. Tem uma uma arquitetura libanesa com certa influência otomana e italiana (veneziana). Este museu realiza frequentemene exposições temporárias em seu famoso Salão de Outono. Lá está a estátua dos mártires: duas mulheres, uma cristã e outra muçulmana, realizada pelo escultor Youssef al-Houwayek, que antes estava na Praça dos Mártires. Em 1997 foi realizado neste museu a grande exposição "Art Brésil'97", de arte contemporânea, organizada pela Embaixada do Brasil em Beirute (Embaixador Michael Fraser Neele).

O museu está aberto todos dias, exceto aos domingos e feriados, das 10h às 13h (durante as exposições temporárias, das 16h às 19h, incluindo os domingos). Tel.: +961 (1) 334 133 (em obra durante a edição deste guia).

Arcebispado Greco-Ortodoxo de Beirute: na Rua Nicolas Sursock, em frente ao Museu Sursock. Esta diocese foi criada por Quartz, um dos setenta discípulos de Jesus Cristo, durante o século I.

Palácio Lady Yvonne Sursock-Cochrane: também na Rua Nicolas Sursock, é um belo palácio com esplêndido jardim. Em seu interior está um quadro representando o príncipe argelino Abdel Kader, com várias cruzes em seu pescoço por seu apoio aos cristãos durante o massacre de 1860. Lady Cochrane fundou em 1960 a associação APSAD para proteção do patrimônio cultural e arquitetural da cidade

Igreja de São Nicolau dos Ortodoxos: na Rua Charles Malek, foi construída em 1876 e destruída durante a guerra civil. Foi reconstruída em dois planos: no primeiro, uma pequena igreja, réplica da antiga; e a segunda, uma grande igreja caracterizada pela arquitetura bizantina, um belo iconóstase de mármore e ícones bizantinos. Na frente desta igreja há uma praça agradável para descansar, ornada de estátuas romanas antigas.

Palácio Audi: situado na Rua Charles Malek, este palácio pertencente à família Audi, proprietária do Banco Audi. O palácio, todo branco, foi conservado e está entre uma moderna construção, no centro comercial Sofil. Recebe exposições e promove noites de autógrafos; entre as atividades lá promovidas estiveram em 1999 a noite de autógrafos do ex-Presidente José Sarney, quando autografou as versões traduzidas para o árabe de seu livro "O Dono do Mar", publicado pela editora Dar al-Farabi, de Beirute.

Palácio Bustros: na Rua Montée Accaoui, sede do Ministério das Relações Exteriores do Líbano. Um belo palácio da família Bustros.

Centro Cultural Brasil-Líbano: na Rua Mar Mitr - criado em 2011, trata-se de uma bela residência pertencente à familia Trad. O CCBL está aberto todos dias, exceto aos domingos e feriados, a partir das 10h. Às quarta-feiras às 19h a projeção de filmes bem como fomenta atividades para a comunidade brasileira e libanesa. Curso de lingua portuguesa Tel.: +961 (1) 322 905 01/906/907.

Igreja Mar Mitr (São Demétrio): igreja ortodoxa erigida em 1876, com um belo iconóstase em mármore construído em 1908. Esta igreja como o cemitério em seu jardim têm uma influênciaarquitetônica italiana, as tumbas são decoradas com esculturas de anjos executados, a maior parte, por renomados escultores italianos.

Praça Sassine: local comercial e com bons cafés, lanchonetes, restaurantes e hotéis, o grande shopping ABC (lojas, cinemas, restaurantes, cafés etc.). A Praça Sassine abriga a Basílica de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa dos Padres Lazaristas, construída em 1952. Em seu belo jardim encontra-se uma réplica da gruta de Nossa Senhora de Lurdes (França), construída em 2005, uma espécie de ilha de meditação e oração no coração da capital libanesa. Mais abaixo, a Igreja e convento das irmãs ortodoxas, Sayede (pt: Nossa Senhora). Na região de Getaoui encontra-se o Patriarcado Armênio Católico, que tem sede também em Bzoumar, no Monte Líbano.

Mesquita Al-Khodr: avenue Charles Helou, quase nas margens do rio de Beirute, em frente ao Forum de Beirute (local de eventos culturais e comerciais) está a mesquita Al-Khodr, nome muçulmano de São Jorge, que o consideram o patrono dos marinheiros. A atual mesquita era uma igreja cristã consagrada a São Jorge e foi construída em 1350 entre o rio e o muro que cercava Beirute, local onde, segundo a lenda, São Jorge teria matado o dragão (ver a lenda). A igreja de São Jorge foi transformada em mesquita em 1661 e nela ainda se pode ver o poço maldito onde teria sido morto o dragão. Em seu interior há uma pequena coluna de mármore em que os fiéis creem ter virtudes curativas; segundo a tradição, a coluna foi colocada lá por Santa Helena, mãe do Imperador Constantino.

Excedro romano: avenue Charles Helou –não longe da Mesquita al-Khodr está o excedro do período romano proveniente do centro de Beirute e que hoje tem um oratório de Nossa Senhora em seu centro.

A Grande Beirute também tem muito a oferecer aos turistas; sendo uma região a se descobrir com seus vários pontos de encontro. À noite, Beirute e as cidades vizinhas agitam-se em mil recantos que pulsam alegria, boa música, beleza e sensualidade...

Beirute e arredores têm muitos lugares típicos que você não pode deixar de conhecer. Deixando a capital, há mais de 10 mil km² de antiguidade e modernidade, por vezes ambas coexistindo no mesmo local. Tudo isso junto faz do Líbano um país interessantíssimo, um país de sonho e realidade, o país dos cedros, do alfabeto, da seda, da púrpura, do vinho, do leite e do mel. Um oásis no Oriente Médio.



PROVÍNCIA - MONTE LÍBANO



Capital – Baabda Municípios: Chouf , Baabda, Aaley, Mten, Kesrouan e Jbeil (Biblos)

Município: Chouf De Beirute a Beit Eddine

Beirute-Beit Eddine: 43 km, uma hora e meia de viagem.

Partindo de Beirute, em direção ao sul, o viajante passa pelo bairro de Ramlet al-Bayda e em seguida:

Uzai (a 2 km de Beirute): pertence à grande Beirute e é onde se localiza uma mesquita construída no século VIII, início da época abássida. Nesta mesquita, hoje modernizada, está o túmulo do imã Abdul Rahman al-Uzai, nascido em Baalbeck, no Vale do Bekaa, em 774 (calendário islâmico, Hegira). Ele foi célebre por sua espiritualidade e conhecimentos teológicos e jurídicos. (ver também: Praça Imã al-Uzai, Suk de Beirute, província de Beirute).

Khaldé (a 5 km de Beirute): região correspondente à Mutatio Heldua dos antigos itinerários. Khaldé é um antigo sítio arqueológico que data dos séculos IX e VII a.C., onde foram encontradas várias grutas escavadas e sarcófagos pertencentes greco-romana. Ao sul da cidade foram encontrados mosaicos romano-bizantinos e vestígios de duas basílicas dos séculos V e VII. Uma parte dos mosaicos encontra-se agora no jardim em frente ao Museu Nacional de Beirute.

Khaldé é uma região no litoral com vários hotéis, restaurantes, praias e balneários. Entre outros, o balneário "Vilamar", de propriedade líbano-brasileira é também onde vivem muitos brasileiros; é lá onde fica o aeroporto internacional de Beirute "Rafik Hariri".

Naamé (a 21 km de Beirute): local da antiga cidade de Leontópolis (cidade do Leão), situada por muitos perto do Rio Litani. Hoje Naamé é um vilarejo residencial e comercial em pleno litoral.

Damour (a 24 km de Beiruite): na Idade Média, Damour era independente de Sídon, atual capital do Líbano-Sul e foi sede de várias sericulturas(fábricas de seda). No centro da cidade está o convento Mar Youssef (pt: São José).

Ao sair da rodovia principal, suba a montanha que está à esquerda (à direita você verá o Mar Mediterrâneo). Em alguns minutos chegará à região de Chouf, onde reside grande parte da comunidade drusa que vive no Líbano. Entre os costumes mais interessantes dos drusos está o de tomar chimarrão, que trouxeram da emigração do sul do Brasil e Argentina. Nos supermercados encontra-se facilmente à venda o mate (geralmente argentino) e nos lares é costume oferecer uma boa cuia de mate aos visitantes. Observará que muitos homens vestem calças tipo bombacha, típico da comunidade drusa.

Kfar Him (a 35 km de Beirute):Kfar vem do aramaico que significa em português "vilarejo". Entrando à direita do vilarejo chega-se à gruta de Kfar Him, localizada a 650 metros de altitude, que foi descoberta nos anos 1980. A gruta está aberta todos os dias das 8h às 19h no verão e das 8h às 17h no inverno.

Baakline (a 45 km de Beirute): segundo alguns especialistas, o nome "Baakline" viria do aramaico, significando "casa do espírito" em português. A cidade foi fundada no século XII, chegando a ser capital do Monte Líbano no século XVII. Seu grande serralho foi transformado em biblioteca e centro cultural; atrás dele encontram-se vários edifícios, entre os quais os "khaluats" (locais de estudo e espiritual em que se reúnem os drusos).

Baakline tem importância como centro religioso druso muito em parte por causa do palácio do Xeique Husayn Hamadeh, construído em sucessivas etapas desde 1591. Baakline é também a cidade da poetisa Nadia Tueni.

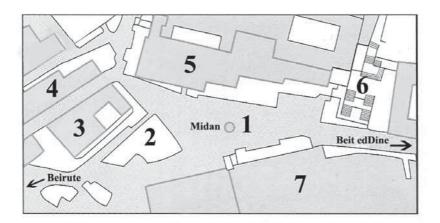
Khaluat Journaya: entre Kfar Him e Deir al-Kamar encontra-se o "Khaluat Journaya". Este "khaluat" em especial foi local de encontro entre drusos e maronitas em momentos cruciais da história libanesa.

Deir al-Kamar (a 40 km de Beirute): em português "Convento da Lua", Deir al-Kamar é uma região pitoresca com casas brancas com telhados vermelhos construídas nos penhascos de uma montanha a 850 metros de altitude. Chamada de Cidades do Emires (Príncipes). Do seu passado lembramos que a cidade foi capital do Monte Líbano no início do século XVII sob o regime do emir druso Fakhreddine II, até sua morte em 1635 e ainda conserva palácios construídos há mais de quatro séculos.

No centro da cidade está o "Midan" um belo chafariz de água fresca e à sua volta está a mesquita de Fakhereddine Osman Bin Younes, construída em 1493, com um minarete octogonal que dá charme à praça central; logo atrás está o local do antigo suk (mercado), atualmente com outra construção; em seguida o Palácio de Younes Maan, com uma bela porta de entrada. No terréo está o **Museu dos Hologramas**, fotografias em alto relevo, 3D (está aberto todos os dias das 9h às 19h no verão e das 9h às 16h no inverno) Tel +961 (9) 638271; o Kaissarié(pt: caravançará) antigo mercado de seda (Khan al-Harir) e das joías, construído por Fakhreddine II Maan em 1595, seu tamanho mostra a importância que ele tinha na Rota da Seda, hoje Centro Cultural Francês, inaugurado em 1993 e mais acima a sinagoga, construída em 1638 por judeus libaneses, desativada en 1860; ao lado direito, o palácio do poeta Nicolas at-Turk; o Palácio Fakhreddine, construído em 1620 e que foi incendiado pelo paxá de Trípoli quando Fakhreddine estava exilado na Itália. Em 1925 o palácio foi comprado pela família Baz e no antigo harém hoje está o Museu de Cera Mary Baz, com várias personalidades políticas e civis, libanesas e estrangeiras (o museu está aberto todos os dias das 8h às 20h no verão e das 9h às 17h no inverno)Tel +961 (5) 512777; o Palácio do emir Ahmed Chehab, construído em 1760, que pertence hoje também àfamília Baz (está fechado à visitação pública).Do outro lado da praça está o Serralho de Youssef Chehab ou Palácio deJustiça, atual sede da municipalidade, este aberto ao público; a igreja Saydet Al-Tallé (pt: "Nossa Senhora da Colina"); a origem desta igreja remonta ao ano 451 d.C. e foi construída sobre um templo fenício dedicado a Astarté (Vênus). Observa-se na porta de entrada da igreja, gravado numa pedra, o símbolo da lua crescente, que deu nome à cidade. A igreja é um lugar de peregrinação. Em seu jardim há uma placa em memória aos mártires cristãos de 1860.

A cidade é conhecida também pelos seus terrenos agrícolas, construídos em patamares e pelo grande Festival de Deir al-Kamar, realizado todos os anos no verão. De Deir al-Kamar tem-se uma bela vista do castelo de Beit Eddine. No centro da cidade tem vários cafés e restaurantes agradaveis.

Plano da cidade



- 1 Midan, chafariz, praça central
- 2 Mesquita de Fakhereddine
- 3 Suk
- 4 Palácio de Younes Maan, Museu dos Hologramas
- 5 Kaissarié, caravançai da seda
- 6 -Palácio Fakhreddine, Museu de Cera Mary Baz
- 7 Igreja Saydet Al-Tallé
- 8 Serralho (municipalidade)

Castelo de Moussa (a 42 km de- Beirute):antes de chegar a Beit Eddine, passa-se pelo Castelo de Moussa, construção que imita o estilo medieval, edificada segundo o sonho de Moussa Mamary, libanês que, quando criança, desenhou durante a aula um castelo e foi severamente reprimido por seu professor pela falta de atenção aos estudos. Seu castelo tornou-se um museu com personagens que representam a vida e a hospitalidade libanesa bem como de armas antigas. A construção começou em 1945 e levou 53 anos para ser terminada. O Castelo de Moussa está aberto todos os dias, exceto às

segundas-feiras, das 8h às 18h no verão e das 9h às 16h no inverno. Tel +961 (5) 500106 www.moussacastle.com.lb

Beit Eddine(a 43 km de Beirute): traduzido literalmente como "Casa da Fé" é uma cidade a 800 metros de altitude construída em meio a árvores frutíferas, oliveiras e parreiras, célebre por seu palácio construído durante os séculos XVIII e XIX, que pertenceu ao emir Bachir II (1788-1840). Para o construir, Bachir II trouxe os melhores arquitetos de Damasco e Alepo, na Síria, e também da Itália, além de libaneses. No seu interior as paredes e os tetos são decorados luxuosamente, o piso é de mosaico policrômico e suas graciosas arcadas e fontes românticas transportam os visitantes aos encantos das "Mil e Uma Noites", como foi descrito várias vezes pelo poeta e escritor francês Alphonse de Lamartine (1720-1869), durante suas viagens ao Oriente.

O Palácio é dividido em três partes:

- 1. Dar al-Baranié (apartamentos públicos): destinado aos hóspedes do palácio. Segundo as regras da hospitalidade libanesa e árabe, era o lugar para receber os viajantes por três dias sem mesmo perguntar-lhes sua origem ou identidade. O portal de entrada do palácio é ornado com leões, símbolo da família Chehab. Um grande corredor conduz ao midan, vasto pátio com mais de 100 metros de comprimento e 60 metros de largura com vista para o vale e terraços da montanha. Logo à entrada está o Museu Kamal Joumblatt (1917-1977), que conta a história desse célebre líder druso, fundador do Partido Socialista Progressista (1949). À direita está o "Diyafa", edifício da hospedaria; neste local está hoje o Museu Rachid Karamé com uma bela coleção de objetos antigos, alguns da Idade do Bronze; estão expostos os ricos trajes do emir e de suas esposas, joias tradicionais, armas diversas como sabres, lanças e fuzis, instrumentos musicais e prataria do século XVI.
- 2. Dar al-Wusta (apartamentos médios): ao fundo do midan uma escadaria conduz ao Dar al-Wasta, parte central do palácio, onde estão os apartamentos e gabinetes dos ministros, em volta de uma grande chafariz. São belas salas com tetos de madeira trabalhados por artesãos de Damasco. No salão que recebe as autoridades há um pequeno chafariz em que a água desce em forma de cascata, para refescar o ambiente. O chafariz está ao lado de uma salinha; assim, o emir quando tinha assuntos secretos com autoridades entrava nesta sala e aumentava o volume d'água do chafariz para impedir que os visitiantes sentados no salão pudessem ouvi-los. As escadas nas entradas dos salões têm a forma de uma mão, simbolizando que o dono da casa recebe seus visitantes nas palmas das mãos, sinal de hospitalidade libanesa.

3. Dar al-Harem (apartamentos privados): claustro com uma fachada e uma porta monumental, magnífica obra da arquitetura oriental; no interior, decoração de esculturas, mosaicos de mármores policromos e placas ornadas com máximas em caligrafia árabe. Nessa área está a sala do "Salamaleque", ou salão de recepção e ao fundo encontrase o diwan, trono do príncipe. Os apartamentos privados do príncipe estão atrás do "Salamaleque", com vista para as montanhas e para o vale.

Ao fundo do palácio está o hammam (banho), com suas três salas (frigidarium, sala fria; tepidarium, sala morna e calidarium, sala quente); o hammam tem em seu teto fundos de garrafa para permitir a entrada de luz solar. Na última sala há um quarto com banheira onde, caso tenha óculos escuros, poderá ver no reflexo a imagem de uma cruz grega.

No jardim ao lado do hammam está o mausoléu com uma cúpula que abriga o túmulo de Sitt Chams, a primeira esposa do príncipe. Neste mesmo jardim está o túmulo do Príncipe Bachir II, morto em Constantinopla, Turquia, em 1840. E para completar, o palácio apresenta, a partir de suas varandas, uma vista magnífica do vale, repleto de patamares agrícolas.

Museu de Mosaicos: no subsolo está o antigo estábulo, que foi transformado em museu de mosaicos, com belas peças trazidas de várias regiões do Líbano, especialmente de Jieh, a pedido de Walid Joumblatt. Restaurados, os mosaicos datam do século V e VI d.C. Trata-se da coleção de mosaicos bizantinos mais importante do Oriente Médio atualmente. Ao lado deste museu de mosaicos, está uma grande "Khaluat", local de reunião dos religiosos drusos, que já existia bem antes da construção do palácio e que deu nome ao local, Beit Eddine, "Casa da Fé".

Em 1840, Bachir II foi exilado e o palácio tomado pelos otomanos para sede de governo. Durante o Mandato Francês passou a ser escritório administrativo e depois foi classificado como monumento histórico. Depois da Independência em 1943, passou a ser residência presidencial de verão. Nesta mesma época é realizado o grande Festival Internacional de Beit Eddine, ao ar livre com grupos folclóricos, música, teatro. Em 2008, Gilberto Gil (também Ministro da Cultura) apresentou-se com grande sucesso neste palácio. Paralelamente ao festival sempre há uma exposição de artes; em 1993, por exemplo, foram expostas fotografias do brasileiro Sebastião Salgado.

O palácio de Beit Eddine está aberto todos os dias, exceto às segundas-feiras, das 9h às 18h no verão e das 9h às 16h no inverno. Tel +961 (5) 500077

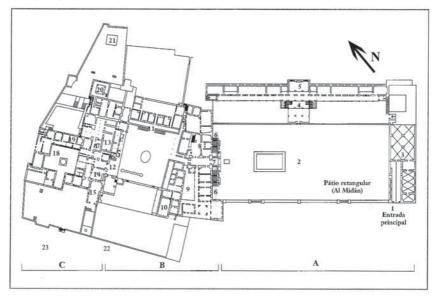
Plano do palácio

Dar al-Baranié

- 1 Entrada
- 2 Midan, grande pátio
- 3 Museu
- 4 Diyafa, hospedaria
- 5 Museu Rachid Karamé

Dar al-Wusta

6 - Entrada, escadaria



- 7 Midan, pátio interno, chafariz
- 8 Gabinete dos ministros
- 9 10 Sala de recepção
- 11 Dar al-Kataba, sala dos escrivões

Dar al-Harem

- 12 13 Harem inferior
- 14 17 Salões
- 18 Apartamentos privados
- 19 cozinha
- 20 Hammam (banhos)

- 21 Mausoléu de Sitt Chams
- 22 Subsolo antigo estábulo, Museu de Mosaicos
- 23 Jardins, com mosaicos antigos

Na região estão também os três palácios construídos por Bachir para seus três filhos: os Príncipes Kassim, Khalil e Amine. Do palácio do Príncipe Kassim, sobraram poucos vestígios; o do Príncipe Khalil abriga hoje o Serralho de Beit Eddine e o do Príncipe Amine foi transformado num luxuoso hotel que domina o complexo do palácio de Beit Eddine e o Vale. Bom restaurante e café a serem visitados.

De Beit Eddine, tomando a estrada do lado direito, passa pelas cidades e vilarejos de:

Barouk (a 54 km de Beirute):povoado com longa tradição do cultivo de vinhas. Nesta região encontram-se também cedros milenares, que formam um bosque com aproximadamente 400 árvores a 1.800 metros de altitude, acima da fonte Nabaa Obhol, classificada como reserva natural. No cume da montanha pode-se avistar o Vale do Bekaa (a Lagoa de Karaoun).

Ain Zhalta (a 65 km de Beirute):continuando a estrada, suba a montanha e encontrará um vilarejo situado a 1.200 metros de altitude com um dos mais belos bosques de cedros dos Líbano. Não muito longe encontra-se a fonte Nabaa Safa, rodeada de restaurantes em meio às cascatas d'água e canalizações que passam no meio dos salões e onde são colocadas as bebidas que são servidas para refrescar. Continuando a estrada chega-se a rodovia que conduz à direita ao Vale do Bekaa e à esquerda a Beirute.

Maaser ech-Chouf (a 55 km de Beirute):de Barouk uma estrada conduz a Maaser ech-Chour, vilarejo com um magnífico panorama do Vale do Bekaa que abriga belas residências tradicionais libanesas com telhas vermelhas, dentre elas a de Dar al-Hârah e no centro do vilarejo encontra-se a igreja e o mosteiro Mar Juryus. Deste vilarejo partiram muitos emigrantes para o Brasil, particularmente para o estado do Pará.

É um vilarejo com belas florestas de cedros também classificados como reserva natural. Há também várias fontes d'água que constituem um refúgio para uma fauna diversificada (raposas, chacais, javalis, perdizes, faisões etc.) e uma rica flora composta de várias espécies de árvores e arbustos (cedros, bordos, carvalhos entre outras). A estrada, que é fechada no inverno por causa da neve, leva até Kefraya, no Vale do Bekaa, e uma outra estrada leva até Jezzine, no Líbano-Sul.

Moukhtara (60 km de Beirute): vilarejo onde se encontra o Palácio de Moukhtara (do século XVII), residência dos Joumblatts, chefes drusos. A atual residência data de meados do século XIX e combina influências orientais e italianas. Fica numa região verde e de clima muito agradável, irrigada pelo Rio Barouk com várias cascatas e bosques verdejantes. Local de vários restaurantes e cafés ao ar livre.

Aamatour (a 65 km de Beirute):vilarejo que conserva casas tradicionais libanesas e um antigo "khalouat".

Baadarane (a 72 km de Beirute): vilarejo com construções típicas, feudais, que lembram muito as residências de Deir al-Kamar e de Beit Eddine. Entre outras residências está o palácio Ali Paxá Jumblatt, contemporâneo e aliado do Príncipe Fakhreddine II e Palácio dos At-Tâj Eddine, uma construção massiva com portal de pedras policromos, decorado com dois leões. As janelas com belas varandas fazem do palácio uma joia da arquitetura libanesa.

Niha (a 76 km de Beirute): deste vilarejo tem-se uma vista panorâmica da região. É onde está, segundo a tradição, o "maqam", túmulo do Profeta Jó (ar: Nabi Ayyub), venerado também pela comunidade drusa. Local importante para os drusos e, logicamente, para os cristãos e muçulmanos, pois que esse profeta é citado tanto na Bíblia e como no Alcorão.

O local tem várias formas e grutas naturais, chamado de Castelo de Niha ou Chakif Tiron (cava de Tiron); as grutas estão no penhasco e algumas são de difícil acesso. Em alguns pontos existem escadarias e cisternas, provavelmente trabalhos feitos no século XII pelos cruzados e pelos árabes.

Nesta região, aconselha-se andar a pé para aproveitar a vista magnífica do local, como a do Rio Nahr Aaray. Niha é também a cidade natal de Wadih as-Safi.

Wadih as-Safi (Wadih Francis)

Nasceu em Niha, Chouf, em 1921. Iniciou sua vida artística aos 17 anos de idade quando ganhou um concurso num programa de rádio libanês. Entre 1947 e 1950 viveu no Brasil, onde cantava nas festas para os emigrantes libaneses. Suas canções patrióticas e familiares encantavam os ouvintes emigrantes que haviam deixado a Terra dos Cedros. Entre outras: Beyty (pt: Minha casa), Yabni (pt: Meu Filho), Loubnan ya qoteaat sama (pt:

Líbano, um pedaço do céu). De volta ao Líbano deu novo ímpeto à música popular através da poesía e do zajal (versos, tipo de cordel), para inspirar o patriotismo, o amor, a moral e seus valores. Reconhecido internacionalmente cantando músicas em árabe, francês e português; recebeu várias honras no Líbano, na Síria, na Jordânia, no lêmem, na Tunísia, em Marrocos e França. O obteve o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Saint-Esprit de Kaslik. Wadih as-Safi, um cantor para o Líbano e para o Mundo Árabe.

Continuando em direção ao sul, o viajante chega a Jezzine (província do Líbano-Sul). Retornando à rodovia à beira-mar em direção ao sul passa-se por:

Jiyeh (a 33 km de Beirute - litoral): do aramaico "Gayya" ou "Gita" (pt: "lugar calmo e agradável"). As fontes históricas identificam-na como sendo a antiga Porphyreon, um grande centro da época fenícia em que se industrializava o múrex. Na região foram encontrados vários mosaicos que recobriam o solo de basílicas paleocristãs e bizantinas durante os séculos V e VI; atualmente, estes mosaicos estão no Museu de Beit Eddine. Uma vez nesta cidade, não deixe de visitar os vários balneários com praias de areia branca e fina.

Nabi Yunes (a 36 km de Beirute - litoral): onome da cidade vem do profeta Jonas. Segundo a tradição local cristã e muçulmana, foi ali que Jonas teria saído do ventre da baleia que o havia engolido, depois de três dias (Bíblia: Antigo Testamento, Jonas 2,1-11; Novo Testamento, Mateus 12,40; Alcorão: Surata Jonas, 10 e Surata "Os Profetas" 21,87). Uma capelinha à beira-mar conserva, segundo a mesma tradição, o túmulo do profeta Jonas. Neste vilarejo foram encontrados também vários mosaicos.

Joun (a 48 km de Beirute - litoral): vilarejo situado no alto de uma colina que domina Sídon, com uma vista espetacular. Também conhecido pelo fato de ter sido residência de Lady Hester Stanhope, numa construção com mais de 30 quartos, hoje em ruínas, seu túmulo fica logo atrás da residência.

Lady Hester Stanhope: "Princesa da Europa"

Uma nobre inglesa, filha do Duque de Stanhope, que veio ao Oriente em 1810 em busca de aventuras e que se estabeleceu no Líbano em 1818 até sua morte, em 1839. Ela viajou pelo Oriente e foi recebida com pompas em Constantinopla pelo Sultão Mahmoud; na Síria visitou Palmira, sendo a primeira mulher europeia a visitar aquelas ruínas, o que impressionou os beduínos que acreditaram ser ela a reencarnação da princesa Zenóbia, que reinara na Antiguidade em Palmira. Com este prestígio, ela criou intrigas políticas e em 1818 instalou-se em Joun, requisitando a casa de um fazendeiro local. Quando este reclamou ao príncipe o local, ela escreveu ao sultão de Constantinopla, que imediatamente ordenou que se fizesse tudo que a "Princesa da Europa" solicitasse. Suas exigências fizeram nascer o ódio contra ela, pois muitos dos dirigentes reclamavam de suas intervenções em assuntos políticos; diziam também que ela praticava feitiçaria e astrologia. Já outros admiravam-na por causa de sua generosidade. Lady Hester terminou seus dias arruinada já que perdeu toda sua fortuna com dívidas; seus empregados levaram grande parte de seus objetos pessoais. Ao falecer em 1839, o cônsul britânico mandou enterrá-la no mesmo túmulo de seu amante, um jovem capitão da guarda napoleônica. Hoje a propriedade em que ela viveu está em ruínas.

Deir al-Moukhalles (a 49 km de Beirute, via litoral): São Salvador (pt), construído em 1711, é uma bela construção com uma magnífica igreja com iconóstase (parede com três portas que separa o santuário da nave da igreja) coberto de ícones. O convento conserva uma grande coleção de ícones melquitas, além de manuscritos e objetos litúrgicos antigos. A tradição diz que este convento foi construído por um bispo que quando ao passar no local com um padre, este recebeu uma bala no ventre e o bispo vendo o acidente gritou: "Salvador" e o padre salvou-se. Visto este milagre, o bispo mandou construir o convento dedicado ao Salvador - "Moukhales" em árabe. O convento possui vários produtos típicos libaneses à venda.

Continuando em direção ao sul chega-se à província Líbano-Sul (ver esta província). Continuando na provincia do Monte Líbano veremos a seguir o Município de Baabda.

Município: Baabda De Beirute a Hammana

Beirute-Hammana: 33 km, uma hora de viagem.

Deixando o centro de Beirute e tomando a estrada de Damasco, em direção ao Vale do Bekaa, o viajante passa pelas seguintes cidades:

Hazmieh (a 5 km de Beirute): cidade comercial onde, na Praça Sayyed, encontram-se os túmulos dos paxás (governadores): Franco Paxá (1868-1873) e Wassa Paxá (1883-1892), numa estrutura funerária otomana de estilo neoclássico. A leste de Hazmieh, está o belo vale chamado de Mar Takla (pt: Santa Takla), você poderá ver os vestígios de

um aqueduto romano Kanater Zubaidah (pt: "Aqueduto de Zenóbia", a 10 km de Beirute) construído sobre o rio de Beirute.

Hadath (a 8 km de Beirute):cidade conhecida pelo seu palácio tradicional dos Príncipes Chéhab, datado do início do século XIX. Atualmente é onde fica a embaixada da Espanha. Baabda (a 9 km de Beirute): capital da província do Monte Líbano, seu nome vem do aramaico e significa "casa do homem piedoso". Além de importantes ruínas romanas e cruzadas, Baabda abriga um célebre serralho, um modelo de arquitetura estética. Na praça central está uma magnífica fonte de água construída em 1915 pelo governador Ismail Haki Paxá, com pedras amarelas e decoradas com arabescos em forma arquitetônica islâmica e com quatro bicas d'água em forma de cabeças de leões. São várias as igrejas antigas, entre elas a de Santo Antônio, construída em 1745 pelos padres "Antonis", os quais fundaram na cidade o colégio e a Universidade Antonine; outra igreja é a de Santa Abda e Fawka, construída por volta de 1850 sobre um antigo templo romano e que depois se tornou uma igreja bizantina.

Em Baabda localiza-se o palácio presidencial. Na proximidade de Baabda, podemos visitar outros vilarejos, como **Wadi Chahrour** e **Kfarchima** (16 e 17 km de Beirute), conhecidas pelas grandes casas construídas no século XIX, com varandas e janelas "mandaluns". Kfarchima é também a terra natal do escritor Elias Farhat.

Elias Farhat

Nasceu em Kfarchima em 1893 e emigrou para o Brasil em 1910. Foi mascate em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. No Brasil passou a escrever e hoje é reconhecido como um representante puro da literatura árabe libanesa, sendo chamado de "poeta do arabismo". Faleceu em 1960, em Belo Horizonte.

Yarzé (a 10 km de Beirute - montanha):região nobre onde está o bairro Brasília. O local recebeu este nome porque é lá onde fica a residência oficial do embaixador do Brasil, projeto do arquiteto brasileiro Olavo Redig, de 1971. Este bairro abriga também a sede do Ministério da Defesa; em frente a ele está uma grande estátua do Príncipe Fakhreddine II 1590-1635, montado em seu cavalo, monumento que foi oferecido ao Líbano pelos emigrantes libaneses residentes no Brasil. Mais ao lado, outro imponente monumento de 32 metros de altura e 6 mil toneladas de concreto com 78 peças de artilharia e 22 tanques de guerra: é o monumento da "Esperança da Paz", que foi esculpido pelo franco-americano Armand Fernández, e expressa no concreto a prisão das armas, que foi

construído logo após o fim da guerra civil (1975-90), em 1994. Depois de Yarzé esta Bsous, municipio de Aley, ver em seguida.

Hammana (a 33 km de Beirute):o vilarejo era reputado pela sua indústria de seda e conservas de legumes; tem belas residências em estilo tradicional e foi imortalizado pelo poeta francês Alphonse de Lamartine (1720-1869). Em volta de Hammana estão os vilarejos: Falougha, Kornayel e Btkhney.

Falougha (a 35 km de Beirute):vilarejo das fontes (onde é engarrafada a água mineral "Sohat" a 1.710 metros de altitude); no centro, um belo palácio construído pelo emir Chédid em 1799. Preste atenção aos detalhes da grande porta, que são magníficos.

Kornayel (a 36 km de Beirute): seu nome vem do fenício "korna" (montanha) e "el" (deus altíssimo, o deus dos deuses para os fenícios). É um vilarejo que conheceu várias épocas da civilização fenícia, romana e outras; ainda existem lá vestígios de um templo dedicado a Júpiter, lugar chamado "Maheata" (pt: cercado).

Btkhney (a 38 km de Beirute): nome composto que vem do aramaico e significa "lugar" ("bet") e "campo" ("khana"), portanto: "lugar de campo".

Toda esta região é repleta de bons restaurantes em meio à natureza e a muitas fontes d'áqua. Textos bíblicos já relatavam:

Vem do Líbano, ó esposa, vem do Líbano, vem dos cumes de Amaná (Hammana), dos cumes de Sanir (Sannine) e dos cumes do Hermon (Jabal ech-Cheikh), das cavernas dos leões, dos esconderijos dos leopardos (cumes do Líbano ocidental, região dos cedros). Arrebataste o meu coração, minha irmã, minha esposa... com um só dos teus olhares... o mel e o leite está sob tua língua e o perfume dos teus vestidos é como o odor do incenso do Líbano... És fonte de águas vivas, que correm do Líbano. (Cant. 4,8ss).

Deir al-Harf (a 42 km de Beirute): em meio a uma floresta de pinhos está o mosteiro greco-ortodoxo Deir al-Harf (século XVIII), com um belo iconóstase. É nessa região que se produz o vinho Clos de Cana (Qana ou Caná), vêr Rota dos Vinhos e araks.

Salima (a 55 km de Beirute): com várias residências antigas e fantástica paisagem, é uma região rica em vestígios arquelógicos, sarcófagos, grutas, minas de ferro e uma interessante história das torres de controle (Burj, em árabe), que eram ligadas umas às outras por canais subterrâneos.

Municípios: Aaley De Beirute a Bhamdoun

Beirute-Bhamdoun: 23 km, meia hora de viagem.

Continuando a rodovia de Damasco, depois de Yarzé:

Bsous (a 11 km de Beirute): o Líbano é um país por onde passaram várias rotas: do cedro, do incenso e dos perfumes, do sabão, da seda etc. até a China e do outro lado do Mediterrâneo, por via terrestre e marítima. A história da seda no Líbano data da Idade Média, mas foi no século XIX que foi seu auge industrial e uma das principais atividades do Líbano. Em Bsous está localizado uma antiga sericultura, que foi transformada em Museu da seda e conta a história da região como fabricante deste tecido entre 1820 e 1830. O museu pertence a George e Alexandra Asseily.

O museu está aberto todos os dias, exceto às segundas-feiras, das 10h às 18h no verão e das 9h às 16h no inverno. Tel. +961 (5) 942834 - www.silkmuseum.com

Kahale (a 16 km de Beirute): pequena vila com com bela vista de Beirute e do Mar Mediterrâneo. Muitos habitantes deste vilarejo emigraram para o Brasil, particularmente para Nova Friburgo, no Rio de Janeiro.

Aaley (a 17 km de Beirute): antes da guerra civil Aley era considerada a Monte Carlo do Líbano. Situada a 840 metros de altitude, é o principal centro de veraneio libanês e é reconhecida por sua posição geográfica provilegiada, pois que está próxima do mar e por seu clima agradável, contando com uma das mais belas vistas panorâmicas de Beirute. O turismo é uma importante fonte de renda para a cidade, que possui inúmeros hotéis, salas de jogos, castelos e mansões de príncipes libaneses e do Golfo Pérsico.

Atualmente, a cidade recuperou a fama de "noiva do verão", pois que durante esta estação são realizados vários festivais no centro, que atrai visitantes tanto da Europa como do Golfo Pérsico. Dentre essas atividades, chamamos a atenção ao Simpósio das Esculturas, em que escultores do mundo inteiro –inclusive do Brasil– expõem suas obras em jardins públicos da região. Aaley é cidade geminada a Belém do Pará.

De Aaley em direção ao sul pela estrada da montanha.

Souk al-Gharb e Chemlan (a 20 e 24 km de Beirute, respectivamente): cidades de

origem medieval com residências tradicionais em meio à floresta. Trata-se de uma região de veraneio com esplêndida vista de Beirute e do Mar Mediterrâneo. Perto de Chemlan encontra-se o Maqam ash-Sharif (pt: Túmulo do Nobre) de Charoun, considerado um dos grandes locais de culto druso e onde há sempre reuniões e festivais religiosos.

Aabey (a 39 km de Beirute):nome aramaico que significa em português "floresta densa" e cuja raiz "aabi" é ainda usada no dialeto libanês para designar uma "plantação densa". A região foi habitada por famílias tradicionais, como a do Príncipe Tannukhi (século XVII e XVIII) e a de Bey Nakadi (século XIX), senhores drusos do Gharb, contemporâneos dos cruzados e várias vezes governadores de Beirute no século XIV. As casas são geralmente retangulares, com um belo claustro reservado no passado às mulheres. Na cidade estão também a escola construída pelo governador Daoud Paxá (1864-1868), chamada de "Daoya", atualmente desativada; as ruínas de uma igreja evangélica da Síria, construída pelos missionários norte-americanos que fundaram em 1866 o Colégio Protestante da Síria (que se tornou mais tarde a Universidade Americana de Beirute) e o antigo convento dos capuchinhos, hoje uma escola técnica. A Residência Tannukhu, vendida nos anos 1930 ao governo britânico, é atualmente a residência de verão do embaixador do Reino Unido. Túmulo do Príncipe Abdallah al-Tannukhi: falecido em 1479, é considerado pelos drusos como um grande homem, dado seu conhecimento religioso, sua piedade e espiritualidade. Ele escreveu vários livros e promoveu a educação para ambos os sexos.

Rechmaiya (a 28 km de Beirute): vilarejo pitoresco onde se encontra o belo mosteiro de Santo Antônio de Sir (maronita) e a Igreja de São Kiriacos, ambas do século XVIII. Desta cidade é originário o primeiro presidente do Líbano independente, Béchara el-Khoury, considerado herói nacional, bem como o segundo presidente da República do Líbano durante o Mandato Francês, Habib Saad.

Na cidade há uma usina hidrelétrica acionada com as águas da fonte Nabaa Safa. Rechmaya, no passado, era conhecida pela fabricação de sabão oriental. Desta cidade, várias famílias emigraram para o Brasil, entre elas a família Akik.

Ain Traz (a 42 km de Beirute): vilarejo agradável onde foi construído em 1811 o seminário greco-melquita católico "Nossa Senhora da Anunciação". É atualmente a Residência Patriarcal da Igreja Greco-Melquita Católica.

Voltando à rodovia de Damasco, depois de Aaley. **Aabadieh** (a 19 km de Beirute): local de veraneio com várias fontes d'áqua e vestígios arqueológicos da época romana. Alguns dos habitantes deste vilarejo emigraram para o Brasil, entre eles a família Kassab.

Bhamdoun e Saoufar (a 23 e 27 km de Beirute, respectivamente): cidades de veraneio localizadas a 1.280 metros de altitude de onde se pode admirar os vales de Nahr e Metro e as montanhas do Monte Líbano e de Dahr Baidar. No passado, era o vilarejo onde para as caravanas descansarem antes de continuar a longa subida até o alto da montanha com vista para o Vale do Bekaa. Continuando entra-se na província do Vale do Bekaa (ver esta província).

Município: Mten De Beirute a Bkfaya

Beirute - Bkfaya: 30 km

Saindo de Beirute em direção ao norte, o viajante passará por Bouri Hammoud e **Daoura** (a 2 km de Beirute), o primeiro centro comercial e o segundo, industrial, onde se encontra de tudo: lojas, bancos, fabricantes de pecas artesanais em cobre, latão, joalherias, restaurantes, cafés etc. Trata-se de um verdadeiro "suk" (mercado tradicional árabe). Bouri Hammoud é predominantemente habitado por armênios, que chegaram ao Líbano em 1915 que fugiram da perseguição turca. Não longe está Jdeidt, onde está situado o Museu das Maravilhas do Mar, com belissima coleção de animais marinhos, peixes multicoloridos provenientes do Mar Mediterrâneo e do Oceano Pacífico, assim que coleção de equipamentos marinhos antigos, Museu particular criado por Jeanine Yazbeck, instalado em uma bela casa de arquitetura libanesa. O museu está aberto todos os dias, exceto às segundas-feiras, das 8:30h às 18h. Tel +961 (1) 891548 www.wondersofthesea.net. New Jdeidt, onde está situado o Museu de Arte **Contemporânea Paul Guiragossian**, com a coleção inédita das pinturas do renomado artista armênio-libanês (1948-1993), uma arte contemporanea libanesa e internacional. Junto ao museu um espaço para os artistas e uma escola de arte. www.paulguiragossian. Com – tel.: +961 (1) 900091

Em seguida **Jal ed-Dib**, **Antelias**, **Dbaiyé** e o túnel de **Nahr al-Kalb**. Deixando Beirute em direção à montanha, o visitante encontrará:

Sin el-Fil (a 5 km de Beirute): nome que significa em português "presa do elefante". Região residencial, comercial e hoteleira, com váriosrestaurantes e cafés; é também onde se localiza o **Consulado-Geral do Brasil** e a Igreja Copta Ortodoxa da comunidade egípcia do Líbano.

Mansourieh (10 km de Beirute), vilarejo residencial e onde se encontra o Museu do Patrimônio Libanês, com um grande acervo de peças arqueológicas dos periodos: Fenício, grego, romano, bizantino, e islâmico. Acervo também dos século XIX e XX e uma ala dedicada a Youssef Bey Karam (voir: Ehden), com documentos, vestes, objetos pessoais... originais de Bey Karam,

Beit Mery (a 16 km de Beirute): cidade muito procurada pelos turistas, pois situa-se a a 730 metros de altitude e é bastante fresca durante o verão, além da bela vista que tem do Mediterrâneo, com seus vários restaurantes e hotéis.

Em Beit Mery o visitante encontrará também ruínas romanas e mosaicos bizantinos. Entre os edifícios históricos, vale a pena visitar a Igreja Deir el-Kalaa, construída no século XIII sobre ruínas de um templo romano, que por sua vez foi construído sobre um templo fenício dedicado ao deus Baal Markod (deus da dança). No local existem também altares de culto, como o "Altar de Colunas" (comum em Machnaka, Ksarnaba e Sfireh) dedicados às deusas "Junon" ou "Ishtar", do período do imperador romano Trajano (117-98 a.C.) e uma via romana de oito colunas de mármore; mosaicos representando figuras de pássaros e símbolos cristãos; ruínas de piscina romana medicinal; sarcófagos talhados no rochedo etc. Beit Mery é também conhecida pelo seu famoso "Festival Internacional de Música e Arte" do Hotel Al Bustani, realizado no mês de fevereiro. O Hotel al-Bustani tem um charme todo especial com seu jardim e bela vista de Beirute e do mar Mediterraneo.

Ras al-Matn (a 20 km de Beirute): a cidade tem belo bosque de pinhos e o palácio do sultão Abillama, bastante agradável aos olhos por causa de suas fontes d'água, a mais conhecida Nabaa Ain al-Marj, com uma fachada do ano de 1472. A estrada dá acesso a Beit Mery, Monte Verde e Beirute.

Broumana (a 23 km de Beirute): do aramaico Beit Ruman (pt: "Casa de Deus"). Importante cidade de veraneio a 860 metros de altitude, onde há várias residências antigas como a dos sultões Abillama, que foram governadores do Metn até 1842, depois dos "caimacams" (chefes) dos cristãos entre 1842 e 1860. Uma cidade plena de restaurantes, cafés, lanchonetes e hotéis, que no verão é bastante frequentada por causa de suas noites animadíssimas. Na região está também o convento de Mar Chaaya, fundado em 1700.

Baabdat (a 25 km de Beirute): é outra cidade de veraneio. Ela abriga um belo convento e a igreja dos Capuchinhos. Cidade natal de um dos pioneiros da emigração libanesa para o Brasil, o intelectual Naoun Labaki, que chegou ao Brasil em 1894. A cidade rendeu-lhe uma homenagem colocando o seu busto na praça central.

Naoun Labaki

Naoum Labaki (1875-1924) emigrou para o Brasil em 1894 para fugir da opressão e perseguição otomana. Intelectual, fundou vários jornais em língua árabe no Brasil, lecionou português e árabe para os mascates, dando aulas noturnas. Retornou ao Líbano em 1908, onde foi deputado e em 1923 Presidente da Câmara dos Deputados do Líbano.

Dhour ech-Choueir (a 28 km de Beirute): situado a 1.200 metros de altitude, tem seu nome de origem aramaica "shewâra" (pt: levantar). De fato, Dhour ech-Choueir encontrase num lugar elevado, de onde, a partir do célebre convento de Mar Elias Chouaya – pendurado no penhasco como um ninho de pássaro— pode-se apreciar a vista do monte Sannine e outros vilarejos.

Dhour ach-Choueir é a cidade natal da família Jafet, que emigrou para o Brasil a partir de 1887 (iniciadores do bairro Ipiranga, em São Paulo) e de Antoun Saadeh, político que emigrou também para o Brasil.

Família Jafet

No fim do século XIX, quatro irmãos libaneses de Dhour ach-Chouier decidiram emigrar para o Brasil: Benjamin, em 1887, Basílio, em 1888, Miguel e João, em 1892 e Neme em 1893. Todos se destacaram no comércio em São Paulo.

Neme Jafet (1860-1923) foi professor, sociólogo e poeta, além de um dos pioneiros da emigração libanesa para o Brasil. Ainda como estudante no Colégio Protestante de Beirute (atual Universidade Americana Americana de Beirute) encontrou-se com o Imperador do Brasil, Dom Pedro II, quando de sua viagem ao Levante em 1876. No Brasil foi um dos líderes da colônia, juntamente com seus irmãos.

Nos anos 1950, o Grupo Jafet e Irmãos era um dos mais fortes do Brasil, possuindo fábricas e indústrias de fiação, tecelagem, mineração, siderúrgica, metalúrgica, banco (Banco Cruzeiro do Sul de São Paulo), construtora etc. Foram eles que ajudaram a construir o moderno bairro do Ipiranga, em São Paulo. A praça central do vilarejo de Dhur ach-Chueir foi nomeada de Neme Jafet, pois foi ele quem financiou a construção do

edifício da prefeitura, assim como a biblioteca da Universidade Americana de Beirute, obras construídas com o dinheiro que enviou do Brasil.

Antoun Saadeh

O sociólogo Antoun Saadeh nasceu em 1904 no vilarejo de Dhour al-Choueir e emigrou para São Paulo em 1918 com seu pai, o médico Dr. Khalil Saadeh, onde passou então sua adolescência. Seu pai fundou em São Paulo o jornal árabe "Al-Jarid" (pt: O Jornal) em 1920. Em 1929, Antoun retornou ao Líbano e lecionou na Universidade Americana de Beirute, fundando em 1932 o Partido Nacionalista-Social-Sírio, reconhecido somente em 1944. Em seguida, Antoun passou a sofrer perseguições e foi preso, quando então escreveu no cárcere o livro "Gênese das Nações", importante trabalho de sociologia.

Livre, Antoun retornou ao Brasil e em seguida foi para Argentina, onde permaneceu até 1947, ano em que retornou ao Líbano. Dois anos depois, Antoun foi preso e executado na madrugada de 8 de julho de 1949.

Choueir (a 29 km de Beirute): pequena vila situada a 1.600 metros de altitude. Lugar pitoresco que atrai a visitação dos turistas principalmente por causa da igreja Mar Chouaia, que exibe um iconostase datado do início do século XVIII, oferecido por um príncipe da Valáquia (atual província romena). Local também da Rota dos Vinhos e araks (ver) e onde é produzido o vinho Château Khoury.

Khenchara (a 30 km de Beirute): abriga o convento greco-melquita católico de São João de Choueir ou de Khenchara. Neste convento está o **Museu de Khenchara**, que tem a primeira tipografia do mundo árabe e que imprimiu o livro de Abdallah Zakher "A Balança do Tempo", em 1734. O convento de Khenchara é também conhecido pela boa fabricação de "arak" (bebida alcoólica destilada da tâmara ou uva, aromatizada com anis entre outras especiarias).

Bolonia, Mrouj e **Zaarour** (a 35 km de Beirute): três vilarejos localizados a 1.300 metros de altitude, numa região de excelente clima em meio a pinhos e outras árvores. Vale a pena visitá-las durante o inverno para aproveitar as estações de esqui. Continuando na mesma estrada que dá acesso a Mrouj, cheqa-se a Zahle, no Vale do Bekaa.

Bteghrine (a 37 km de Beirute): esta a vila abriga a igreja de São Jorge, com mais de 400 anos, com suas intermináveis escadarias, belas torres e sinos. Numa pequena gruta,

encontra-se também o corpo do monge Tanios Waked Saliba, mumificado naturalmente com mais de 190 anos.

De Bteghrine, a estrada desce para o vale de Nahr el-Hardune depois sobe para Ain al-Kabu, vilarejo conhecido pelos seus produtos naturais feitos artesanalmente.

Mtain (a 40 km de Beirute): abriga na praça central as antigas residências de dois príncipes —um cristão e um druso.

Baskinta (a 43 km de Beirute): vilarejo a 1.350 metros de altitude situado aos pés do Monte Sannine, onde o viajante encontrará as mais belas plantações de cerejeiras do Líbano e a fonte d'água Nabaa Sannine (a 1.650 metros de altitude, onde é engarrafada a água mineral Sannine). Casas e ruelas pitorescas fazem do vilarejo um belo local a se visitar, principalmente na primavera, cujo principal protagonista —o Monte Sannine— está coberto de neve. Baskinta é também a cidade do poeta Mikhael Naime (1889-1982), um dos escritores libaneses que, juntamente com Gibran Khalil Gibran, contribuiu paraa Renascença (Nahda) da literatura árabe, particularmente na emigração. Em 1999, foi inaugurado um monumento em sua homenagem em Baskinta: uma escultura encravada na rocha, retratando o seu rosto.

Mikhael Naime

Nascido numa família modesta em Baskinta em 1889, seu pai emigrou para os Estados Unidos quando Mikhael tinha apenas alguns meses, só vindo a conhecê-lo quando tinha a idade de 7 anos. Sua família mandou-o estudar Teologia e Filosofia no seminário de Poltava, na Ucrânia, para que se tornasse sacerdote. Conhecendo bem a língua russa, ele começou a escrever e em 1910 publicou "O rio congelado". Em 1911, ele parte para os Estados Unidos, onde consagra boa parte de seu tempo ao estudo da língua inglesa e gradua-se em Direito em Washington. Em 1919, chega a Nova lorque e funda com os libaneses Gibran Khalil Gibran, Rachid al-Khoury, Arida Haddad e Abou Madi, o grupo literário "Al-Rabita al-Kalamya" (pt: Clube da Pena).

Mikhael conheceu o terror dos otomanos, a fome, a emigração e a guerra mundial, mas sua fé em Deus permaneceu intacta: "Deus é a verdade e dissolve-se no mundo". Mikhael foi um mestre da cultura da emigração dos árabes nas Américas –o "Mahjar" – (pt: imigração); foi também crítico literário e dramaturgo, conquistando seu lugar na literatura árabe através de suas obras, que ultrapassam os 38 livros, entre eles "O livro de Mirdad", que foi traduzido para o português pela Editora Lectorium Rosicrucianum, de São Paulo em 1981.

Kanat Bakich (a 45 km de Beirute): estação de esqui a 1.775 metros de altitude no meio de uma cadeia de montanhas: Kornet el-Hamra e Jabal er-Ruais, com 2.463 metros de altitude. No cume do Monte Sannine (2.548 m) tem-se um panorama grandioso da região (Nabaa Sannine é o ponto de partida para a escalada). Ao norte, o Kornet es-Saouda; a sudeste, o Monte Hermon e o Vale do Bekaa dominado pelo Anti-Líbano, com uma vista do mar e de Râs-Beirute.

Na região pode-se admirar o abismo de Michmiché, uma gruta horizontal bem alta que tem ao fundo um poço onde as chuvas do período invernal descem em grande quantidade. Ainda na região do abismo, encontram-se vários vestígios arqueológicos, ruínas de templos, sarcófagos de pedra em estilo fenício.

Descendo a montanha em direção ao litoral.

Hemlaya (a 35 km de Beirute):nome de origem aramaica (hemlâye, em português "depósito de raízes"); outros dizem que vem da história da rainha Léa que morava em Daraya, Kesruan e quando fugiu dos inimigos foi para um local que passou a chamar-se Hama Lea (pt: refúgio de Léa). Neste local nasceu Santa Rafka (ver: Jrebta, Líbano Norte).

Bikfaya (a 30 km de Beirute): cidade-veraneio com vista panorâmica para Beirute e para o litoral, conhecida pelos seus pomares e, sobretudo, pela fonte d'água Naas, recomendada para os rins. A cidade tem ruelas pitorescas que convidam os visitantes a explorálas atentamente, além da Igreja de Mar Mikhael (São Miguel), impressionante pelas suas abóbadas, o palácio Abillama, do século XIX e a residência da família Gemayel, dos séculos XVIII e XIX. De Bikfaya saíram vários emigrantes para o Brasil, entre eles o jornalista Chucri el-Khoury que emigrou em 1896.

De Bikfaya, uma estrada parte em direção a Zahle leva ao Vale do Bekaa. Trata-se de uma das mais belas vistas do Líbano, pois que o visitante aprecia o Monte Sannine; mas atenção, porque ela fica bloqueada pela neve no inverno.

Chucri el-Khoury

Nascido em Bkfaya em 1870, foi para o Egito com seu pai para trabalhar na comercialização de tabaco. Em 1896 emigrou para o Brasil, onde exerceu a profissão de fotógrafo, escritor e comerciante. Em São Paulo fundou o jornal árabe "Abu al-Haul (pt: A Esfinge) em 1906, inicialmente humorístico, passando a ter depois conotação política. El-Khoury tem uma família numerosa no Brasil e um de seus netos foi o falecido deputado Ricardo Izar de São Paulo, que foi Presidente do Grupo Parlamentar de origem libanesa Brasil-Líbano.

Freiké (a 28 km de Beirute): perto de Bikfaya está o vilarejo de Freiké, rodeado de pinheiros e geralmente coberto de neblina, fica em frente a um vale profundo onde corre o Rio Nahr al-Kalb. Foi lá que nasceu o escritor Amine Rihani. Museu Amine Rihani Tel+961 (4) 926062 www.aminerihani.org

Amine Rihani

Nascido em 1876, também emigrou para os Estados Unidos, fundando com Gibran Khalil Gibran o Clube da Pena. Retornou ao Líbano, depois viajando por vários países árabes, dos quais muito escreveu. É autor da obra "O coração do Líbano", entre outras.

Beit Chabab (a 24 km de Beirute):Beit Chabab é conhecida pela sua fabricação de sinos que segue ainda os métodos tradicionais, bem como grandes jarros para conservação de azeite. No alto do vilarejo está a Igreja Nossa Senhora, com uma grande estátua da Virgem; nesta igreja há uma imagem de Nossa Senhora de Belém do Pará, trazida pelo governador daquele estado brasileiro —Almir Gabriel— em 1999. Curiosamente, ele próprio tem sua família originária desse vilarejo.

Rabieh, Cornet Chehouane (a 12 e 15 km de Beirute, respectivamente): é onde há a maior biblioteca particular do Líbano aberta ao público. Formada pelo **líbano-brasileiro** Fares Zoghbi, que nasceu em Andradas, no estado de Minas Gerais, em 1926. Quando seu pai faleceu, sua mãe mandou-o estudar no Líbano as 12 anos de idade; quando adulto, graduou-se em Direito e a profissão de advogado deu-lhe o gosto pelos livros e assim começou a formar sua biblioteca, que chegou ao fantástico número de mais de 40 mil volumes, muitos dentre os quais em língua portuguesa. O sr. Zoghbi legou este patrimônio à sua cidade natal e às demais que a cercam por meio de um acordo com a universidade francesa Saint-Joseph de Beirute, onde ele foi estudante e professor; no entanto, para que a doação se efetivasse a exigência básica era que a biblioteca não fosse transferida para Beirute.

Raboue (a 11 km de Beirute): é onde fica está a Residência do Patriarcado Greco-Melquita Católico.

Antélias (a 9 km de Beirute - litoral): cidade cujo nome que muitos creem originar-se do nome do profeta Elias e onde duas igrejas são a ele dedicadas. Nela está a gruta préhistórica de Ksar Akil e o Patriarcado Armênio Ortodoxo de Cilicia, cuja igreja é dotada de maravilhosas pinturas sagradas deixadas pelo pintor armênio Berbarian. Ainda no local, pode-se visitar o mausoléu erigido em memória ao genocídio armênio e o Museu Cilicia,

com tesouros religiosos, arte armênia, manuscritos históricos e peças arqueológicas. Tel +961 (4) 410001 www.armeniaorthodoxchurch.org.

Dbaiyé (a 12 km de Beirute): nome de origem fenícia que significa "serva". A cidade está situada no litoral e guarda gravada nas suas rochas a passagem de várias civilizações. O local desenvolveu-se com a instalação de vários cafés e restaurantes. A cidade abriga também um campo de refugiados palestinos cristãos.

Município: Kesrouan De Beirute a Faraya

Beirute - Faraya: 36 km

Deixando Beirute em direção ao norte, passando pelo município de Mten, ou seja, depois de Dbaiyé (visto acima), o viajante chega a um túnel na rodovia, onde pode entrar logo em seguida à direita para começar sua viagem pelas cidades e vilarejos do Monte Líbano.

Nahr al-Kalb (a 15 km de Beirute): em português "Rio do Cão". É uma região habitada desde a época paleolítica e famosa pelas inscrições gravadas em suas rochas, marcando a passagem de conquistadores egípcios, assírios, gregos, romanos, árabes, franceses e britânicos. Até Dom Pedro II, imperador do Brasil, esteve neste local em novembro de 1876 e descreveu a região em suas correspondências com a condessa de Barral, onde diz ter repousado e almoçado numa venda de um turco à margem do Rio do Cão e visto no alto da montanha alguns monges. Dom Pedro II subiu a montanha para ver as lápides e escreveu à Condessa de Barral no dia 12 de novembro de 1876 dizendo:

(...) comecei a subir uma terrível calçada cheia de pedras soltas, e trepando os rochedos como cabrito fui ver os primeiros baixo-relevos esculpidos no penhasco. Copiei-os, são assírios, e num deles muito bem conservado notam-se feições de barba encanotilhada, mitra, e vestuário de um rei (...).

Voltei e atravessando o rio..., fui almoçar numa venda turca. Que bela posição! À direita a planície infinita do mar onde deságua o rio, cujas águas depois de terem movido o moinho passavam por dentro da venda; árvore e alguma plantação em torno da casa mourisca, e o rio entre esta e o penhasco por cujas asperezas se precipitava a estrada (...).

Lenda de Nahr al-Kalb

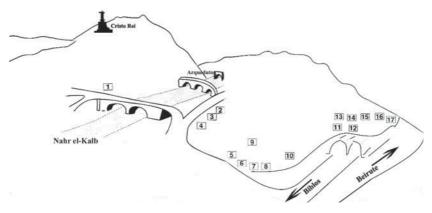
Não se sabe exatamente a origem do nome Nahr al-Kalb (pt: Rio do Cão), mas segundo a lenda o nome foi dado pelos antigos egípcios, que associaram o Rio Anubis à sua divindade com cabeça de cão que guardava o reino dos mortos. Já os gregos deram-lhe o nome de Lico. Outra lenda diz que um lobo foi amarrado por um demônio à entrada do rio e este uivava tão alto que o som chegava até a ilha de Chipre. Outra ainda diz que no alto da montanha havia a estátua de um lobo que uivava quando o inimigo se aproximava do local. Alguns ainda deduzem que este nome é proveniente do barulho do vento que sai do vale em dias de tempestades, semelhante ao uivo dos cães e dos lobos.

Lápides

"Implantei meu famoso nome e meu obelisco na terra do Líbano, na costa do Grande Mar" (rei assírio, Chamchi Adad I, 1816-1783 a.C.).

A mais antiga é atribuída a Ramsés II, século XIII a.C.

PLANO DO SÍTIO



- 1. Lápide de Nabucodonossor II (605-565 a.C.) em caracteres cuneiformes e em língua babilônica e neobabilônica, contendo a mesma a história de suas explorações na Mesopotâmia e no Líbano. Situada na margem direita do rio, no pé da ponte.
- 2. Texto árabe gravado na rocha pelo Sultão Seif Eddine (1421), o qual indica que a ponte foi construída pelo Sultão Zahir Barkuk (1382-1299).
- 3. Lápide com inscrição latina do Imperador romano Marco Aurélio Caracala

- (188-217 d.C.), que lembra os trabalhos realizados pela Terceira Legião Gaulesa. Pode-se distinguir as palavras "Maximus" e "Antonius". Acima desta estrela em forma de obelisco, há uma homenagem ao exército francês e aos aliados, inaugurada em 1942, para comemorar a abertura da ferrovia Nakura-Beirute-Trípoli.
- 4. Lápide com escrita em francês que comemora a entrada das tropas francesas do General Gouroud em Damasco (1920). Comemora a evacuação das tropas francesas em 1946.
- 5. Lápide egípcia com a imagem do faraó Ramsés II em frente ao deus Phtah. Infelizmente destruída para servir de suporte a outra comemoração da expedição francesa de Napoleão III ao Líbano em 1860, quando se pôs fim aos massacres dos cristãos no Líbano.
- 6. Lápide assíria, infelizmente quase desfigurada, mas onde pode se observar um rei com a tiara e a mão direita levantada.
- 7. Ao lado outra figura assíria também bastante desfigurada.
- 8. Figura assíria desfigurada.
- 9. Inscrição inglesa em comemoração à tomada de Homs, Alepo e Damasco em outubro 1918.
- 10. Lápide em inglês que comemora a XXI Corporação Inglesa e a Expedição Francesa da Palestina (outubro de 1918).
- 11 e 12. Lápide com inscrições gregas.

Próximo da lápide 12 encontra-se uma rocha talhada que servia de base à estátua do cão legendário. Próxima, está também esculpido o emblema das Forças Libanesas, que ocuparam a região durante a guerra civil.

- 13. Rei assírio fazendo gesto de adoração.
- 14. Faraó Ramsés II (1298-1235 a.C.) sacrificando um prisioneiro diante do deus Harmakhis.
- 15. Rei assírio, bem conservado.
- 16. O faraó Ramsés II, que segura um prisioneiro pelos cabelos em gesto de imolação a Amon, o grande deus egípcio de Tebas.
- 17. Rei assírio Assarhaddon (680-669 a.C.), que conta sua expedição contra o Egito, em 671 a.C. Texto em escritura cuneiforme.

Em 1979 foi colocada a placa do exercito Libanês, entre as estelas 2 e 3

Estátua do Cristo Rei (ar: Yassu al-Malak): ao lado norte da colina de Nahr al-Kalb está o convento de Nossa Senhora de Louaize e numa outra colina um convento com uma grande estátua do Cristo Rei (Yassu al-Malak) de braços abertos a 15 metros de altura. Este monumento foi obra do Beato Padre Jacob al-Haddad (ver Ghazir, Monte

Líbano), frei capuchinho que, quando em 1895 passou neste local cheio de lápides antigas comemorativas deixada por reis e faraós, pensou que faltava no local a lembrança de Jesus, Rei dos Reis que passou também pelo sul do território do que atualmente é o Líbano. Seu projeto foi realizado somente em 1951, quando construiu uma igreja e um artista italiano –Renato Batelia– produziu a estátua do Cristo Rei.

Zouk Mosbeh (a 18 km de Beirute): neste vilarejo está o mosteiro de Nossa Senhora de Louaize, fundado em 1739 por monges maronitas. Deste mosteiro, fundou-se em 1987 a Universidade "Notre Dame" de Louaizé (NDU), na qual está o Centro de Estudos Acadêmicos sobre a Emigração Libanesa (en: Lebanese Emigrantion Research Center - LERC), com arquivos digitais, biblioteca e o **Museu do Emigrante**. Em seus arquivos encontram-se materiais sobre a emigração libanesa no Brasil. Tel +961 (9) 218955,(visita marcada) www.ndu.edu.lb.

Gruta de Jeíta (a 20 km de Beirute): Jeíta significa "grande barulho", por causa do barulhos provenientes da queda das águas no interior da gruta. A gruta de Jeíta está localizada no vale verde de Nahr al-Kalb, é uma das mais belas grutas do mundo (descoberta em 1836 e aberta ao público em 1958). A gruta consiste em uma rede de cavernas em dois níveis que penetram a mais de 6 km no interior da montanha, onde se pode passear de barco em seulabirinto e apreciar suas paredes revestidas de estalagmites e estalactites. Atenção: é proibido tirar fotos no interior da gruta.

A gruta está aberta todos os dias, exceto às segundas-feiras, das 9h às 17h no verão e das 9h às 16h no inverno.

Museu Hall of Fame: na mesma região de Jeíta está o Museu do Salão da Fama (en: Hall of Fame), com estátuas em cera de personagens libanesas e internacionais. O museu está aberto todos os dias, exceto às segundas-feiras, das 9h às 17h no verão e das 9h às 16h no inverno. Tel +961 (9) 225202

Faraya (a 38 km de Beirute): cidade situada a 1.890 metros de altitude, com uma bela vista da montanha de Sannine (2.548 m de altitude), é um dos mais badalados locais para a prática de esqui. Suas estações são bem equipadas e oferecem aos visitantes excelente infraestrutura para a prática deste esporte bem como chalés e hotéis de ótima qualidade. Faraya é também uma cidade com várias fontes d'água, entre elas a de Nebaa Asal (pt: Fonte de Mel). De Faraya, passando por uma estrada que se eleva a 2.000 m de altitude, pode-se descer até Baalbeck (48 km), na província de Baalbeck-Hermel. Atenção: a estrada fechada com a neve durante o inverno.

Kfardebian (a 48 km de Beirute): pequena vila onde se encontra um templo fenício e uma ponte natural chamada Jser al-Hajar (pt: Ponte de Pedra) no Rio Nahr al-Laban. Local que produz o vinho Château Fakra na Rota dos Vinhos e araks. É também de lá que vêm os ancestrais do escritor, jornalista e tradutor da grande obra de Gibran Khalil Gibran para o português, Mansour Challita.

Mansour Challita

Nascido na Colômbia de pais libaneses originários de Kfar Dibiane. Ainda criança foi levado para o Líbano, onde viveu até parte de sua juventude, estudando na Universidade Saint Joseph. Mais tarde estudou Direito na França e jornalismo nos EUA, chegando ao Brasil em 1949, onde foi editor do jornal bilíngue português-árabe "O Noticiário", a pedido da representação diplomática libanesa no Rio de Janeiro. Retorno ao Líbano onde exerceu o jornalismo e a advocacia, mas logo retornaria ao Brasil em 1953, agora como embaixador da Liga dos Estados Árabes, entidade que chefiou até 1967, e de pois 1970 a 1972. Foi diretor-geral do Conselho Nacional de Turismo no Líbano, Secretário-Geral da União Libanesa Mundial e no Rio de Janeiro fundou a Associação Internacional Gibran Khalil Gibran. Autor de fama internacional, publicou 56 títulos em quatro línguas ocidentais. Tradutor do O Profeta de Gibran, e do O Alcorão. entre outras obras; Os Mais Belos Contos das Mil e Uma Noites, As Mais Belas Páginas da Literatura Árabe e Os Mais Belos Pensamentos de Todos os Tempos. Faleceu em 2012.

Fakra (a 50 km de Beirute): conhecida pelas ruínas de templos romanos como o Kalaat Fakra, situado no meio de um labirinto de rochas calcárias. O sítio é também dominado por uma grande torre quadrada que, segundo arqueólogos, teria sido construída em homenagem imperador romano Tibério (42 a.C.). A região é amplamente servida de chalés e hotéis tanto para os que lá se dirigem durante o verão como o inverno.

Descendo em direção ao mar.

Bzoumar (a 38 km de Beirute): abriga um convento armênio católico construído no século XVIII sobre as ruínas de um templo pagão, cujos sacerdotes uma vez por ano tocavam uma trombeta para chamar os habitantes da vizinhança para celebrar o sacrifício. Em 1749, o patriarca Abraham Pierre I Arzdzivian fundou ali a Sede Patriarcal Armênia Católica, com sede também em Beirute. Neste convento está o **Museu de Bzoumar**, de riqueza histórica inigualável, pois que, entre outras relíquias, conserva a imagem de Nossa Senhora das Dores, atribuída ao pintor Rafael Sanzio (1483-1521). (Visita Marcada) Tel +961 (9) 260811

Ghosta (a 36 km de Beriute):nome que, segundo alguns, provém da deformação da palavra latina "augusta", que no período romano tinha o significado de "majestosa" ou "venerável". Neste povoado chama a atenção as casas e escolas antigas, entre elas a escola Ain Warka, fundada em 1789. Entre os conventos estão: o de São Challita e o de São José al-Hosn. Esta cidade recebeu a ajuda do rei Luís XVI da França para a construção de seu principal convento, cuja igreja guarda uma pintura daquele rei, dedicada e assinada por ele próprio.

De Ghosta muitos libaneses emigraram o estado brasileiro do Amazonas no final do século XIX. Dentre algumas famílias, estão a Menassa e Estéfanos. Jacques Menassa, viveu em manaus e ao re tornar colocou em uma das igrejas desta cidade a ghosta a imagem de **Nossa Senhora Aparecida do Brasil**.

Charfeh (a 34 km de Beirute): povoado onde está a sede do Patriarca Siríaco Católico desde 1786 (há outra sede em Badaro, Beirute). Em sua capela encontra-se o ícone, considerado milagroso, de Nossa Senhora Libertadora, que foi salvo pelo patriarca Djarwe quando este consequiu fugir de seu cárcere, levando-o para o Monte Líbano.

Harissa (38 km de Beirute): cidade a 620 metros de altitude, onde se encontra o Santuário de Nossa Senhora do Líbano, um dos grandes lugares de peregrinação cristã no Oriente Médio. É comum observar também em Harissa a presença de peregrinos de outras religiões, inclusive a islâmica, religião que tem grande respeito pela Virgem Maria.

O Santuário foi construído em 1904 e a estátua da Virgem (de 8,50 metros de altura, fabricada em Lyon, na França) foi inaugurada em 1908. Ela foi erigida sobre uma base de pedra em forma cônica com uma escadaria espiralada que chega até os pés da estátua. No interior do cone está a capela da "Mãe da Luz" (Om en-Nur), uma estátua (1.75 cm de altura e 55 cm de largura) inteiramente esculpida em madeira de cedro do Líbano. Na entrada da capela, a inscrição em latim: "Eu me levantei como um Cedro do Líbano". Junto da estátua está a nova Basílica de Nossa Senhora do Líbano (pedra fundamental em 1970), magnífico monumento em forma de árvore de cedro e de um navio fenício com um frontal de vidro de 62 metros de altura com vista para a estátua de Nossa Senhora do Líbano no exterior. A basílica tem um comprimento de 115 metros por 62 metros de largura e capacidade para 3.500 pessoas.

Teleférico: a partir da Basílica de Nossa Senhora do Líbano há um teleférico que desce até a cidade de Jounieh, à beira-mar. Belo panorama do mar, da baía de Jounieh e das montanhas. Pode-se também subir de teleférico a partir de Jounieh.

Basílica do Apóstolo São Paulo: greco-melquita católica (pedra fundamental em 1947), com arquitetura bizantina, do mesmo estilo da Igreja de Santa Sofia (na Turquia), formada por cúpulas e meia cúpulas sobrepostas, projejto do arquiteto armênio-libanês Mardiros Altonian. No interior, o especialista grego em iconografia apresentou o plano iconográfico da basílica que é revestida de mosaicos no puro estilo bizantino fabricados nos estúdios Pierrotti com a colaboração das fábricas Favret Mosaics. A iconografia apresenta, em fundo dourado, episódios bíblicos. Na cúpula central está o esplêndido "Pantocrator" (Jesus, o Todo Poderoso) que domina todo o interior da basílica; na abside a "Platitera", a Virgem com o Cristo com um medalhão no peito, abraçando o mundo. Nas laterais do altar está São João Damasceno, Santo Efrem o siríaco, Gregório da Armênia e Metode, mostrando assim um dialogo ecumênico que é o objetivo da construção desta basílica. Em 1997 o Papa João Paulo II visitou a basilica. Do lado direito pode-se observar a face do Papa João Paulo II em forma de mosaico. Em 2012 a basílica foi visitada pelo Papa Bento XVI e onde assinou a Exortação Apostólica A Igreja no Oriente Médio (latim. Ecclesia in Medio Oriente). Ao lado desta basílica encontra-se o Instituto de Filosofia e Teologia Saint-Paul e a casa provincial da Sociedade Missionária de São Paulo ("Bulosia" - Paulistas), com uma varanda magnficia com vista para o mar e para as montanhas.

Anunciatura Apostólica: convento construído em 1882, que depois passou a ser residência diplomática do Vaticano. Foi lá que o Papa João Paulo II e o Papa Bento XVI hospedaram-se em 1997 e 2012, respectivamente.

Igreja Santo Antônio de Pádua: Convento Franciscano da Custódia da Terra Santa, fundado em 1681. Em 1699 passou a ser uma escola para missionários estrangeiros aprenderem a língua árabe. Em 1769 o convento foi ampliado e criou-se um centro missionário ativo até os dias de hoje.

Mosteiro das Irmãs Carmelitas: fundado em 1962 por monjas espanholas que viviem uma vida de clausura. Possui um estúdio especializado na pintura de ícones de tradição bizantina.

Bkerke (a 30 km de Beirute): localidade montanhosa onde está a Sede do Patriarcado da Igreja Católica Maronita desde 1830. Na entrada principal do patriarcado vê-se a inscrição em latim, aramaico e árabe: "A glória do Líbano ser-lhe-á dada" (Isaías 35,2). No inverno o patriarca fica no Convento de Dimane, Líbano-Norte.

Jounieh (a 19 km de Beirute - litoral): baía considerada uma das mais lindas do litoral libanês. A parte antiga da cidade é formada por casas tradicionais de pedra e em seu

centro há um suk datado de 1808. Jounieh, depois de 1975, passou a ser o maior centro residencial, comercial e de atrações do Líbano com seus restaurantes, boates, cabarés, cinemas, balneários e cassinos.

Sarba (a 18 km de Beirute): em Sarba há uma caverna chamada al-Batieh, que na Idade Média tornou-se lugar de culto e de peregrinação cristã dedicado a São Jorge. A tradição local situa lá o combate de São Jorge com o dragão. Em Sarba encontra-se o convento São Salvador construído em 1884 com uma arquitetura bizantina monástica sobre as ruínas de um templo fenício com várias escrituras e estátuas de Júpiter, a qual o arqueólogo francês Ernest Renan enviou ao Museu do Louvre.

Kaslik: o local chamado Kaslik, palavra em língua turca – Keshlek – que signfica Quartel, visto que durante o império Otomano (1516-1918) os turcos construíram em uma pequena floresta de pinhos, perto do mar, uma base militar e que os habitantes libaneses de Sarba chamavam keshlek (quartel) de kaslik e assim ficou conhecido o local e que hoje se confunde como um vilarejo. Os Monges Maronitas libaneses após a saída dos turcos construíram neste bosque um seminário que em 1961 tornou-se a Universidade Espírito Santo (fr. Saint-Esprit) de Kaslik e que após 2010 foi criado nesta universidade o Centro de Estudos e Culturas da América Latina da Universidade Saint-Esprit de Kaslik (CECAL-USEK), que tem o Brasil como um de seus importantes temas de pesquisa acadêmica e motivo de eventos culturais. Nos jardins da USEK hà entre outras árvores, araucarias, pinheiro-do-Paraná, plantados em 1965. Museu Arqueologico da USEK, possui um acervo de mais de 4000 objetos arqueológicos provenientes principalmente do Líbano, contendo a história da região da Pré-história até o período moderno. Localizado no campus principal da USEK. O museu está aberto todos os dias, exceto sábados, domingos e feriados, das 10h às 17h. www.usek.edu.lb Tel.+961 (9) 600000 Kaslik é também conhecida como lugar de lojas (griffes internacionais) e restaurantes refinados, mas também de excelentes balneários, hotéis e galerias de arte.

Zouk Mikael (a 17 km de Beirute): conhecida pela sua antiga produção de seda e seu suk, as casas em estilo tradicional com varandas floridas. Restaurada em 1995, belo suk antigo, lojas, restaurantes, cafés, hotéis... Zouk Mikael foi reconhecida em 1998 pelo Ministério do Turismo como "cidade turística". Durante o verão é realizado o festival internacional de Zouk Mikael num anfiteatro antigo ao ar livre. Em Zouk Mikael encontrase também o Museu-Residência Elias Abou-Chabki, grande poeta libanês que marcou a literatura do país. Tel +961 (9) 212212 www.zoukmikael.gov.lb

Elias Abou-Chabki

O poeta libanês Elias Abou-Chabki (1903-1947) nasceu em Nova lorque de pais libaneses de Zouk Mikael. Embora tenha nascido nos EUA, foi ainda criança para Zouk Mikael, onde passou toda sua vida na residência familiar, atualmente transformada em museu para guardar sua memória e suas poesias. Aos 19 anos tornou-se jornalista e passou a colaborar para várias revistas e jornais. Tornou-se um dos predecessores da poesia árabe libanesa contemporânea.

De Jounieh, direção norte -Trípoli.

Maamaltein (a 21 km de Beirute - litoral): nome que significa "entre dois distritos". A cidade conserva ainda uma ponte romana sobre o Rio Ghazir e tem como atração principal o famoso Cassino do Líbano (fr: Casino du Liban), que além de suas grandes salas de jogos, possui excelentes restaurantes com apresentações artísticas internacionais. Suas praias e restaurantes são um convite irrecusável.

Ghazir (a 27 km de Beirute - montanha):vilarejo principal da época otomana, é onde nasceu o beato Jacob al-Haddad e por onde passaram grandes intelectuais europeus como Lamartine e Ernest Renan. Este último residiu em Ghazir e lá escreveu seu famoso livro "Vie de Jesus" (pt: Vida de Jesus). Em Ghazir está também o convento Santo Antônio de Pádua, que foi construído pela Ordem Libanesa Maronita em 1752. Este mesmo convento recebeu a visita do poeta polonês Luliusz Slowacki em 1837, onde ele escreveu sua obra poética "Anheli". Uma placa comemorativa foi colocada no local em 1946 pela comunidade polonesa residente no Líbano e no ano 2000 outra placa pela Comissão de Odisseia junto ao quarto onde ele residiu. Muzeu Juliusz Slowacki (visita marcada Tel +961 (9) 925001. Em Ghazir produz-se o conhecido vinho Château Musar , dentro da Rota dos Vinhos e araks (ver), fundado em 1930 pelo francês Gaston Hochar.

Padre Jacob al-Haddad

O padre Jacob al-Haddad (1875-1954) nasceu em Ghazir a 1 de fevereiro de 1875. Foi sacerdote da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e apóstolo da caridade. Fundador da congregação das Franciscanas da Cruz, Hospital São Joseph, Hospital Psiquiátrico de Deir as-Salib, Hospital Nossa Senhora em Antelias e Colégio São Francisco. Em seus últimos dias, o padre Jacob al-Haddad lutou contra a leucemia e foi pelo milagre de cura da leucemia de uma doente de Maghdoucha que a Santa Sé reconheceu sua beatificação, ocorrida a 22 de junho de 2008 na Praca dos Mártires, em Beirute.

Ghiné (a 36 km de Junieh): oferece uma bela vista do Mediterrâneo, possui importantes vestígios do período romano e bizantino. Seu templo romano foi transformado numa igreja ao fim do século V e tem o solo recoberto de mosaicos. Não longe dali há várias sepulturas rupestres em cujas entradas existem esculturas em baixo-relevo, uma delas é a célebre escultura de uma caça triunfal chamada de Adônis.

Tabarja (a 24 km de Beirute – litoral): o nome "Tabarja" é de origem grega e significa "centro administrativo". No local existe uma antiga torre e em volta, grutas e túmulos escavados no rochedo, assim como uma fonte chamada de Ain al-Mahuz que data do tempo dos fenícios. Uma tradição diz que o Apóstolo São Paulo passou pelo pequeno porto de Tabarja quando retornava para Jerusalém (Act. 21,1ss).

Município - Jbeil (Biblos)

Beirute - Biblos: 36km

Continuando no litoral em direção norte chega-se a:

Nahr Ibrahim (a 28 km de Beirute): nome que vem da união de "Nahr" (pt: rio) e "Ibrahim" (pt: Abrãao), missionário que viveu em Mnaitra no século V. Este rio localiza-se num vale verdejante onde se encontram os vestígios de uma ponte árabe feita de pedra cujo arco –bastante alto– pode ser acessado por uma escada. Logo acima estão os restos de um aqueduto romano denominado Kanatir Zebeide (pt: "Arcadas de Zenobié").

A partir de Nahr Ibrahim, o viajante sobe a montanha paralela ao rio e chega a :

Yachouch (a 37 km de Beirute), cidade dos irmãos poetas Akl e Chicrallah al-Jorr, que emigraram para o Brasil.

Os irmãos Akl e Chicrala al-Jorr

Akl al-Jorr nasceu em Yachouch em 1885 e iniciou os estudos em medicina e depois, por motivos políticos, fugiu para o Egito, depois para a França, indo em 1910 parar no Brasil. No Rio de Janeiro destacou-se como escritor, sobretudo pelos artigos que escrevia para o jornal "Correio da manhã". Foi um dos fundadores do Clube Fenícia no Rio de Janeiro, atual Monte Líbano. Veio a falecer no Rio de Janeiro em 1945. A maior parte dos escritos de Akl ficou em manuscritos.

Chicrala al-Jorr nasceu também em Yachuch em 1908 e emigrou para o Rio de Janeiro em 1919 para trabalhar com seu irmão Akl. Foi membro fundador da Liga Andaluza em São Paulo. Escreveu várias poesias de cunho social em revistas e livros. Em 1962, retornou ao seu país e faleceu em 1975. As letras foram mais fortes que o comércio na vida destes dois irmãos, que deixaram escritos profundos tanto em árabe como em português.

Machnaka (a 45 km de Beirute): povoado com vários vestígios arqueológicos, entre eles uma capela construída com pedras de um antigo templo. No local está o templo consagrado a Adônis –Ghir al-Meidan– em forma retangular com um altar cúbico rodeado de doze colunas datado do século I d.C.

Kartaba (a 57 km de Beirute): nome de origem aramaica, significa "bom clima" ou "clima curador". Kartaba é cercada pela natureza e por várias fontes d'água, é também local privilegiado por causa de seus cafés e lanchonetes que convidam os visitantes a passar as tardes a apreciar a arquitetura do centro da cidade, seus pomares, oliveiras e parreirais.

Mghairi Yanouh (a 59 km de Beirute): nome fenício que significa "repouso". Local cheio de charme por seus bosques e fontes d'água, mas também por seus cafés e restaurantes. É rodeado por pequenas colinas que formam um vale que se prolonga até o Rio Nahr Ibrahim. Lugar de natureza opulenta foi no século VII residência do Patriarca Maronita São João Marun. De acordo com pesquisas arqueológicas, o templo romano de Yanouh, com suas colunas e capitéis de mármore azul, foi restaurado e transformado em basílica na Idade Média e por isto a tradição local teria dado à igreja o nome de Mar Girgis al-Azrak (pt: São Jorge, o Azul).

Mnaitra (a 65 km de Beirute): vilarejo com fontes d'água quentes, exibe no alto da colina vestígios de um castelo cruzado destruído por Saladino em 1110.

Afka (a 71 km de Beirute): nome proveniente do aramaico "Nfak" que significa "saída", provavelmente em referência à saída da fonte do Rio Nahr Ibrahim, um lugar isolado onde a nascente joga suas águas para desembocar no mar perto de Biblos. É em Afka que se encontra a Fonte Sagrada de Adônis, que segundo o historiador e arqueólogo francês Ernest Renan "é onde a beleza e a lenda se encontram".

O Rio de Adônis (Nahr Ibrahim) tem sua fonte no fundo de uma gruta aberta num penhasco de 200 metros de altura que, segundo a lenda, testemunhou da morte de Adônis. Na frente da gruta encontram-se vestígios do templo de Vênus que foi destruído por ordem do imperador romano Constantino (272-337 d.C.) porque se rendia ali um culto pagão à deusa da fecundidade. Apresentando várias cenas de prostituição sagrada, estes cultos eram mal vistos pela igreja.

A água abundante que desce da gruta, principalmente no fim do inverno, passa sob duas antigas pontes de pedra sobrepostas, o que dá charme ao local com seu penhasco e com as margens do rio verdejantes e floridas na primavera. Nesta região está o "La Réserve", espaço reservado aos praticantes de esportes e camping, com a possibilidade de alugar tendas bem como espaço para as montar; La Réserve oferece também local para equitação, caminhadas, prática de ciclismo, rafting, espeleologia, escaladas entre outras atividades.

A lenda de Adônis

Adônis é fruto de uma união incestuosa do rei de Cíniras de Chipre com sua filha Mirra. Ainda menino Adônis passou a despertar o amor de Perséfone e Afrodite. Mais tarde as duas deusas passaram a disputar sua companhia e tiveram que se submeter à sentença de Zeus, que estipulou que ele passaria um terço do ano com cada uma delas, mas Adônis, que preferia Afrodite, permanecia com ela também o terço restante. Nasce desse mito a ideia do ciclo anual da vegetação, com a semente que permanece sob a terra por quatro meses.

Afrodite apaixonou-se por Adônis mas o deus Ares, da guerra, amante de Afrodite, ao saber da traição da deusa, decidiu atacar Adônis enviando um javali para o matar. O animal desferiu um golpe fatal na anca de Adônis, tendo o sangue que ele perdeu se transformado numa anêmona. Afrodite, que corria por entre as selvas para socorrer o seu amante, feriu-se e o sangue que lhe escorria das feridas tingiu as rosas brancas de vermelho.

O jovem morto desceu então ao submundo, onde governava ao lado de Hades e sua esposa, a deusa Perséfone —a rainha do submundo, que também apaixonou-se por ele. Isso causou um grande desgosto em Afrodite, e as duas deusas tornaram-se rivais. Inicialmente, Perséfone, compadecida pelo sofrimento de Afrodite, prometeu restituí-lo.

Inicialmente, Perséfone, compadecida pelo sofrimento de Afrodite, prometeu restituí-lo com uma condição: Adônis passaria seis meses no submundo com ela e outros seis meses na Terra com Afrodite. Cedo o acordo foi desrespeitado, o que provocou nova discussão entre as duas deusas, que só terminaria com a intervenção de Zeus, que determinou que Adônis seria livre quatro meses do ano, passaria outros quatro com Afrodite e os restantes quatro com Perséfone.

Adônis tornou-se então símbolo da vegetação que morre no inverno (descendo ao submundo e juntando-se a Perséfone) e regressa à Terra na primavera (para juntar-se a Afrodite).

Embora seja mais conhecido como divindade grega, Adônis teve, no entanto, origem na Síria, onde era cultuado com o nome semita de "Tamuz". Era também um deus eternamente jovem, ligado à vida, à morte e à ressurreição, estando associado ao calendário agrícola. Na Antiguidade, os peregrinos partiam de Biblos até a fonte de Afka e lá faziam várias cerimônias começando pela lamentação, seguida de uma procissão com pessoas que se flagelavam e gritavam, terminando com um grande festival de cantos e danças alegres em comemoração à ressurreição do deus. Também era costume semear em vasos de terra, grãos de rápido crescimento como o trigo, chamados de "jardim de Adônis"; hoje ainda existe este tipo de culto no Líbano, onde as pessoas frequentemente fazem seus jardins de Adônis durante as festas de Natal e Páscoa, semelhante à ressurreição de Jesus.

Bourj al-Mouhaigh al-Fidar (a 30 km de Beirute - litoral): vilarejo com muitos bananais ao longo do litoral e com belas praias públicas de areia; encontra-se ali uma torre construída pelos mamelucos no século XIII.

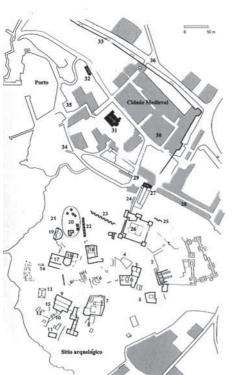
Biblos (ar. Jbeil, fr. Byblos) (36 km de Beirute). Négau, Gubla, Guébal, Gibilet, Byblos (em grego, coleção de livros, Bíblia, biblioteca), Jbeil (significa em árabe "a pequena montanha"): tais foram os nomes dados pelos egípcios, fenícios, gregos, cruzados e árabes.

Byblos como é conhecida no ocidente, é considerada uma das cidades mais antiga do mundo habitada ininterruptamente (7.000 anos). Testemunha da idade neolítica (5250-3800), seus habitantes moravam em cabanas redondas e cultivam cereais e criavam animais. No período calcolitico (3500-3100) Byblos foi invadida por um novo povo mais avançado e que trabalhava com cobre e assim aperfeiçoaram suas armas e ferramentas, desenvolveram a arte da cerâmica e enterravam seus mortos em posição fetal em grandes jarros no interior da cidade. Depois Biblos entra no período proto-urbano (3100-2900) e começa a construir habitações retangulares. O período do Bronze (2900-2300) e bem conservado, as habitações eram melhores e a cidade era formada por ruelas. Nesta época começou as relações comerciais com a Mesopotamia e com o Egito e a aparição de escrituras nestes dois centros acelera a evolução cultural das cidades fenícias e surge o alfabeto. Os templos se multiplicam e Biblos comercializa a madeira de cedro, para construção de navios e templos, transformando a cidade em um grande centro

comercial e religioso. Em 2150-2000 a.C. os Amoritas, originários do deserto da Síria invadem a Fenícia e destrui todas as cidades do litoral e com isto, durante 200 anos o comércio fica suspenso, depois, livre, rapidamente a cidade é reconstruída e volta novamente a comercializar com o Egito... Em Biblos mais de vinte civilizações se sucederam, tornando a um dos lugares arqueológicos mais ricos do Oriente Médio.

Para a cultura os fenícios contribuíram, substituindo os complicados hieróglifos egípcios e os caracteres cuneiformes assírios por um novo sistema simples e eficiente - o alfabeto -, com vinte e dois caracteres, que foi depois adotado pelos gregos e a partir deles ganhou o mundo ocidental.

A história da cidade conta inúmeras conquistas. Biblos passou pelo domínio romano e bizantino, e durante este último viria a conhecer rápido crescimento já que estabeleceram lá um lugar episcopal. Em seguida vieram os árabes (636), que deram novo fôlego à cidade, mas fez com que o comércio com o resto da Europa esmorecesse, pela ênfase que davam às caravanas para o Oriente, e só voltaram à normalidade com a chegada



dos cruzados em 1098. Biblos então seria retomada por Saladino em 1187, mas passaria de uma mão à outra diversas outras vezes, terminando por cair em domínio muçulmano em 1516, quando a cidade e toda a região tornaram-se parte do Império Otomano. Depois dos otomanos, viriam os franceses e por fim, a independência.

Plano do sítio arqueológico

Sítio arqueológico

- 0) Entrada do sítio arqueologico
- 1) Vestígio da porta da cidade do III milênio.
- 2) Vestígios da mais antiga muralha construída
- antes do ano 2500 a.C.;
- 3) Fundamento do templo em forma de "L", construído no ano 2700 a.C.;
- 4) Local da piscina sagrada emte os

templos

- "L" e Baalat Gebal;
- 5) Templo dos obeliscos. Neste templo foram encontradaspequenas figuras humanas feitas de chumbo e revestidas de folhas de ouro (estão expostas atualmente no Museu Nacional);
- 6) "Ain al-Malik" (pt: Fonte do Rei);
- 7) Casas da época pré-urbana (3200-3000 a.C.);
- 8) Três casas das épocas paleolitíca e metade do IV milênio:
- 9 e 10) Vestígios da grande residência da Era
- do Bronze (III milênio a.C.);
- 11) Habitação da época da conquista amorita (2150-2000 a.C.);
- 12 a 15) Vestígios neolíticos e calcolíticos (VI e IV milênios). Vestígios de habitações monocelulares:
- 16 e 17) Vestígios da pedreira da época amorita;
- 18) Vestígios do templo de Baalat Gebal (2700 a.C.);
- 19) Teatro romano (218 d.C.). O local original era na entrada da cidade;
- 20 a 28) Túmulos reais. Câmaras funerárias perfuradas durante o II milênio;
- 21) Esplanada
- 22) Colunatas romana
- 23) Muralha, depois de 2.500 a.C.
- 24) Terraço inclinado do periodo Hicsos
- 25) Nifé romana
- 26) Castelo Cruzado e museu

Cidade Medieval

- 27) Capela N. S. Da Porta
- 28) Suk (mercado) e restaurantes
- 29) Mesquita Abdel Majid
- 30) Museu de cêra
- 31) Catedral maronita S. João Marcos
- 32) Igreja ortodoxa N.S. da Liberdade
- 33) Muralha medieval
- 34) Capela N.S. da Penha (Rio de Janeiro)
- 35) Porto, Museu Pepe Abed e restaurantes

36)Praça dos emigrantes

22

- 29) Vista panorâmica;
- 30) Colunas da Via Romana (300 d.C.) que conduzia ao templo de Baalat Gebal;
- 31 e 32) Muralhas e declives (III-II milênios). Pedras redondas (III milênio), declive com grandes blocos de pedras (época dos Hicsos);
- 33) Fonte romana;
- 34) Fundamentos de uma fortaleza Fatímida. No século XII os Cruzados construíram a fortaleza com quatro torres e uma quinta no centro para garantir a proteção da entrada;
- 35) Fortaleza persa;

Plano geral da cidade

36) Capela Nossa Senhora da Penha do Rio de Janeiro.

Visitando a cidade: no interior da muralha o visitante encontrará a cidade medieval de Biblos, com casas e ruas estreitas que se distribuem em redor da Citadela dos Cruzados, uma fortaleza retangular (aproximadamente 45x50m) construída em 1104 após a tomada da cidade pelos cruzados. A citadela de Biblos é composta por quatro torres nos seus ângulos retos e uma torre ampla sobre a muralha norte. **Museu de Biblos** Tel +961 (9) 540001 Horário 8:30h à 20h (verão): 8:30h à 16:30h (inverno)

Saindo da citadela medieval, você entrará num sítio arqueológico antiquíssimo, com um templo com obeliscos dos séculos XIX-XVI a.C. No santuário, encontra-se um enorme cubo de pedra que sustentava um obelisco monumental; segundo as inscrições encontradas no local, o templo era consagrado a Rachet, o deus egípcio da guerra. Escavações arqueológicas encontraram estatuetas de bronze (ídolos do II milênio) cobertas de folha de ouro e discos solares. Estas e outras peças estão atualmente em exposição no Museu Nacional de Beirute.

Do templo em "L", um pequeno caminho conduz a uma fonte d'água, a principal de Biblos, para uso doméstico e de culto. Para a preservar, os romanos construíram um caminho e um poço, que passou a ser conhecido como a "Fonte do Rei" (ar: Ain al-Malik), que segundo uma lenda era aonde a deusa Ísis vinha chorar ao amanhecer por seu irmão e esposo Osíris.

Lenda de Isis e Osíris

A lenda de Osíris é contada pelo escritor grego Plutarco (século I a.C.). Conta ele que

o deus Seth matou Osíris -deus da vegetação e da vida eterna-, pondo seu corpo num caixão de madeira e jogando-o no Rio Nilo. O caixão foi levado pela correnteza até Biblos e parou no pé de uma árvore. Esta árvore cresceu e com o tempo envolveu o caixão. Um dia o rei de Biblos, Malcandre, precisando de madeira, mandou cortar a árvore para a utilizar na sustentação do teto de seu palácio. Ísis, com seus poderes, descobriu que seu amor estava em Biblos e metaforseada de pássaro voava todas as noites em volta do tronco de madeira onde estava Osíris. Ao alvorecer, tomava a forma humana e chorava à beira de uma fonte; com o tempo tornou-se amiga da rainha e conseguiu finalmente recuperar o tronco de madeira, retornando ao Egito e fazendo renascer seu esposo Osíris.

Em frente à fonte estão casas da época proto-urbana (3100-3200 a.C.), que constituem os primeiros exemplos de mudança na construção: as paredes são de pedras, tendo como base pedras maiores. À medida em que a parede vai subindo, as pedras tornam-se menores, dando assim equilíbrio ao muro; a planta é retangular e isolada, constituindo uma peça única e ao centro dois troncos para sustentar o teto feito de galhos de árvores ou de couro.

Em direção ao sul, observam-se casas da Idade do Bronze (1800-700 a.C.) que testemunham como Biblos era uma cidade com uma arquitetura desenvolvida para a época. Lá perto foram descobertos vestígios da Idade do Cobre (2500-1800 a.C.), quando os habitantes da região começaram a se sedentarizar e a construir pequenas casas circulares.

Continuando, chega-se a um muro construído pelos amoritas, que conduz ao templo da deusa de Biblos, Balaat Gebal, assimilada à deusa grega Afrodite. Durante dois milênios, a deusa Balaat Gebal foi representada como a deusa egípcia Hathor-Ísis, tendo na cabeça um disco solar com dois cornos de vaca e durante escavações arqueológicas, foram encontradas várias oferendas enviadas pelos faraós do Egito tais como vasos, objetos de bronze e de ouro, o que mostra a importância de Biblos como encruzilhada no intercâmbio cultural e comercial entre esta cidade e o Egito.

Mais à frente chega-se à necrópole real, que foi descoberta em 1922 depois de um deslizamento de terra. A necrópole é composta de poços com aproximadamente dez metros de profundidade e dão acesso às salas funerárias escavadas ao lado, no fundo do poço. Nestas salas estão os grandes sarcófagos dos reis e dentro seus corpos, seus objetos e oferendas aos deuses. O do rei Ahiram, do século XIII a.C., é uma obra sustentada por quatro leões ajoelhados. Na tampa do sarcófago encontra-se, na parte lateral, a mais antiga inscrição alfabética, do qual derivam todos os alfabetos modernos do mundo ocidental. Este sarcófago está atualmente no Museu Nacional de Beirute, mas no local ainda podem

ser vistos outros sarcófagos, como o do rei Ys-Shemou-Abi (1795-1680 a.C.).

Olhando para o mar, observa-se um pequeno teatro romano, que originalmente estava entre a citadela e o templo dos obeliscos, mas que foi deslocado para se fazer escavações arqueológicas no local. Este teatro foi construído no século III; seu tamanho é pequeno porque representa somente um terço de suas arquibancadas e em seu interior estão pequenos nichos com colunas coríntias que ornamentam a parede do palco. Vale a pena admirar seu piso, que é recoberto de mosaico representando o deus Baco.

Retornando em direção à citadela, observa-se, à esquerda, um muro construído no ano 2800 a.C. exibindo duas portas —uma marítima e outra terrestre—, que permitiam a entrada na cidade.

A citadela medieval: sitio arqueológico está aberto todos os dias das 9h às 18h no verão e das 9h às 17h no inverno. O restante da cidade esta aberto sempre.

Capela de Nossa Senhora da Porta: ainda na citadela medieval, ornada de colunas romanas, encontra-se ao lado da grande porta da cidade, a antiga capela de Nossa Senhora da Porta, construída entre os séculos XI e XII. A história relata que quando a cidade foi conquistada pelos otomanos no ano 1763, a citadela foi ocupada pelo exército e a igreja de São João Marcos foi tranformada em estábulo. O príncipe Youssef Chehab e seu exército cercaram a citadela mas não a puderam reconquistar. O secretário do príncipe, Xeique Saad al-Khoury, reuniu-se com o superior-geral da Ordem dos Monges Maronitas, padre Emmanuel Richmani, a quem pediu ajuda na retomada da cidade; em contrapartida, com a vitória sobre os otomanos, todas as igrejas de Biblos ficariam sob as ordens dos monges Maronitas. E assim foi: na noite seguinte mais de 200 monges escalaram as muralhas da citadela e liberaram a cidade. Os monges logo lavaram a igreja de São João Marcos com água de rosas e construíram uma capela à porta da cidade, dando-lhe o nome de Nossa Senhora da Porta.

Suk: uma pequena rua com várias lojas com produtos artesanais e lembranças. O local lembra um labirinto de ruelas com muitos restaurantes e cafés, perfeito para um agradável repouso durante uma tarde de passeio; à noite é comum que os restaurantes ofereçam música ao vivo aos visitantes.

Museu dos fósseis: interessante coleção de fósseis de várias espécies de peixes e de crustáceos retirados da pedreira de Hakel, Hajoula, Nammourra e Sahel Alma. Tel +961 (9) 546777 Horārio 8:30h à 16:30h

Igreja de Mar Aquilina (pt: Santa Aquilina): localizada perto do suk, esta a igreja tem uma abóbada e um abside belíssimos. No seu interior um quadro representa a santa diante dos instrumentos que a torturaram e acima dela um anjo que lhe traz a coroa da santidade. Santa Aquilina nasceu em Biblos e é a mais jovem mártir do Líbano, torturada e decapitada no ano 293 d.C. quando tinha somente 12 anos pelo imperador romano Diocleciano(244-311 d.C.) por ter divulgado a fé cristã e não ter aceitado renegar sua crença em Cristo.

Mesquita Abdel Majid: construída em 1648 em estilo otomano, tem um interessante um minarete hexagonal. A mesquita foi dedicada ao seu benfeitor, o sultão Abdel Majid. Em 1783 a mesquita foi restaurada pelo Príncipe Youssef Chehab.

Ao lado da mesquita está o Convento dos Padres Maronitas, revelando uma antiga coexistência pacífica entre diferentes confissões em Biblos. Durante guerra civil libanesa, Biblos foi uma das raras cidades onde cristãos e muçulmanos conviveram sem problemas.

Museu de Cera de Biblos: com cenas míticas da história do Líbano. Entre os itens mais interessantes está a exposição das roupas dos camponeses de diversas épocas. Horārio: 9h à 18h Tel +961 (9) 540463

Praça dos emigrantes: criada em 2012 pela municipalidade e pelo Green Garden, tendo uma estatua de um emigrante e mapa mundo com indicações da presença libanesa no mundo.

Catedral de São João Marcos: anteriormente chamada de Catedral São João Batista, sua história é mais bem conhecida somente após o século XI, mas há lendas que relatam sua antiguidade desde os primeiros séculos do cristianismo como o fato dela ter sido destruída pelo terremoto de 551 e reconstruída em 1115 pelos cruzados. Localizada no centro da citadela medieval, era a antiga catedral de Biblos, com sua nave composta de três absides; o que a distingue das demais é o seu batistério no exterior, já que no passado os cristãos não batizados não entravam na igreja e, portanto, eram batizados no lado de fora.

Igreja Nossa Senhora da Libertação: igreja ortodoxa construída sobre as ruínas de uma antiga igreja bizantina.

Nossa Senhora da Penha do Rio de Janeiro: ao lado da muralha antiga de Biblos encontra-se uma capela datada do século XVIII, construída pela família Kmeid. A mesma

teve vários nomes como Saydet al-Mayssé (árvore mediterrânea que autores clássicos como Heródoto chamaram de "lótus"), al-Umm al-Fakira (pt: A mãe dos pobres) e Nossa Senhora da Penha. Este último nome é porque nos anos 1940 uma família de emigrantes libaneses que retornaram do Brasil trouxeram um quadro de Nossa Senhora da Penha do Rio de Janeiro e deixaram-no nesta capela e hoje uma placa tem seu nome em língua portuguesa na entrada da capela e em árabe o nome de "al-Umm al-Fakira".

Continuando em direção ao mar, chega-se ao porto antigo de Biblos. A entrada era protegida por duas torres, restando, hoje, somente uma delas, à sua direita.

No verão é realizado o Festival de Biblos ao ar livre. O "Fishing Club", do conhecido Pepe Abed, líbano-mexicano, fez de seu clube uma lenda tanto pela comida de boa qualidade como pela exuberante vista que oferece do porto de Biblos. Por seu restaurante já passaram grandes personalidades (registrados em fotos no local) como Sophia Loren, Marlon Brando, Brigitte Bardot, David Rockfeller; o ex-Presidente do Brasil José Sarney e outros políticos como Almir Gabriel, Vítor Buaiz, o atual Vice-Presidente do Brasil Michel Temer, o falecido deputado Ricardo Izar, entre outros. Na entrada do resturante, lado direito esta o Museu Pepe Abed, com vários objetos de arqueologia de sua coleção particular. Tel +961 (9) 540213

Amchit (a 39 km de Beirute - litoral): cidade pitoresca à beira-mar onde se encontram tradicionais casas libanesas do século XIX e início do século XX no meio de bosques. A cidade é celebre por ter sido residência do historiador e arqueólogo francês Ernest Renan quando cumpria sua "Missão à Fenícia" (1860). Na frente da antiga residência de Renan está a Igreja de São Paulo, construída em 1878 pela família Zakhia, com o túmulo de Henriette Renan, irmã do escritor, que faleceu em 1861, prematuramente. A esse respeito Renan escreveria:

(...) sob as palmeiras de Amchit, perto da Santa Biblos, não longe do Rio Adônis, onde as mulheres dos antigos mistérios vinham misturar suas lágrimas, faleceu Henriette. (Renan, prefácio da "Vie de Jesus").

Annaya (a 60 km de Beirute - montanha): Annaya é conhecida pelo seu Mosteiro de São Marun, local de peregrinação em que os cristãos maronitas se dirigem para venerar os restos mortais de São Charbel Makhluf (1828-1898), monge libanês maronita.

São Charbel

Nascido em 1828 no vilarejo de Bkaa Kafra, Vale de Kadisha no Líbano-Norte, Charbel foi noviço no Mosteiro de Nossa Senhora de Maifuk antes de ser transferido ao Mosteiro de São Marun em Annaya. Completou seus estudos no Mosteiro de Kfifani, perto de Batrun, e voltou a Annaya e tornou-se monge em 1859, onde então ficou até o fim de sua vida. Ainda vivo era conhecido por sua piedade e vários milagres que lhe foram atribuídos. Faleceu em 1898 e depois de alguns meses ao abrirem seu túmulo, encontraram o corpo intacto ainda com sangue nas veias; voltaram a abrir seu túmulo por três vezes, em 1950, 1952 e 1955 confirmando este milagre. Dizem que seu corpo ainda continua intacto e que sangra. Em 1965 foi beatificado e em 1977 foi canonizado, sendo o primeiro santo maronita reconhecido oficialmente.

Laklouk (a 70 km de Beirute): no inverno oferece um calmo e charmoso lugar para a prática de esqui e no verão, ideal para caminhadas pelas trilhas das montanhas. Local de formação rochosa esplêndida, é perfeito para os amantes de fotografia que durante seus passeios terão a oportunidade de ver paisagens exuberantes como no caso de um abismo de 255 m de profundidade chamado de "Huet Baatara", que domina uma tripla ponte natural.

Aakoura (a 76 km de Beirute):vilarejo construído aos pés de um penhasco rochoso impressionante. Lá os visitantes poderão ver uma gruta aberta na base desse penhasco chamada Rueiss; esta gruta foi transformada numa necrópole romana e depois numa capela dedicada a São Pedro, em cujas paredes estão escritos os nomes dos santos em aramaico. Lugar de peregrinação, Aakoura foi também um dos primeiros vilarejos a serem evangelizados pelo missionário maronita Ibrahim.

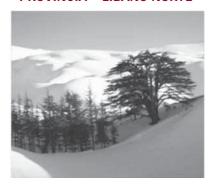
Hakel (a 55 km de Beirute):vilarejo célebre pelos seus fósseis marinhos conservados no calcário. A presença desses fósseis a 600 metros de altitude mostra que a região durante os períodos entre 90 e 100 milhões de anos atrás grande parte do Líbano era submerso. Nos vilarejos, várias lojas vendem pedras com fósseis de peixesde 1 cm a 1 metro de comprimento.

Maifouk (a 60 km de Beirute): está localizadono fundo do vale de Eilig, onde está encravado um antigo convento do século XIII. A igreja de Nossa Senhora de Eilig foi sede e refúgio do patriarca maronita.

Jaj (a 68 km de Beirute):vilarejo localizado acima de Biblos, onde existe uma floresta de Cedros, remanescente mais antiga da grande floresta de cedros que cobria as montanhas do Líbano.

Continuando em direção ao norte, entra-se na província do Líbano-Norte.

PROVÍNCIA – LÍBANO NORTE



Capital - Trípoli

Municípios: Batroun, Koura, Becharré, Zgharta, Trípoli e Danniyyeh

Município: Batroun

De Beirute aos Cedros e a Trípoli

Beirute-Trípoli: 90 km, uma hora e meia de viagem pela rodovia principal. Beirute-Cedros: via Chekka 132 km, duas horas de viagem. Via Trípoli 136 km, duas horas e meia de viagem.

A partir de Jbeil a rodovia conduz o viajante ao Líbano-Norte.

Rachana (a 47 km de Beirute):cidade onde os célebres escultores libaneses, os irmãos Basbous, instalaram seus estúdios e suas esculturas monumentais. A bienal simpósio de escultura reúne escultores de vários países e estes realizam suas obras in loco e estas permanecem no Museu de Rachana, um museu a céu aberto, com obras de escultores nacionais e estrangeiros. Entre estas, muitas são de escultores brasileiros. Tel +961 (6) 720903.

Smar-Jbeil (a 53 km de Beirute): cidade famosa pelo castelo construído pelos cruzados e que em 1761 foi sede do governador do norte de Nahr al-Kalb, o Xeique Abou Nader al-Kazen, designado pelo Príncipe Fakhereddine II. Outro monumento é a Igreja Mar Nohra (pt: Senhor da Luz), missionário persa que foi à Fenícia pregar o evangelho e foi martirizado em Batroun no século II d.C. Seu corpo está atualmente nesta igreja, a qual tem o seu nome.

Eddeh (a 55 km de Beirute): com igrejas medievais, conserva ainda pinturas murais

datadas do século XIII.

Kfifan (a 60 km de Beirute - montanha): vilarejo onde está o convento dos monges maronitas de São Cipriano e Justino, datado do século XVII. Em 1766 a Ordem Libanesa Maronita transformou-o num centro de estudos de Teologia, Filosofia e entre seus alunos constam os santos libaneses Naamatallah Kassab al-Hardini e Charbel (ver São Charbel, Annaya, Monte Líbano). São Hardini está ali enterrado, o que faz do local bastante visitado pelos peregrinos.

São Naamatallah al-Hardini

Nasceu em 1810 e entrou jovem no noviciado. Fez seus votos religiosos aos vinte anos de idade no Convento de Santo Antônio de Kozhaya também no Líbano-Norte (ver a seguir). Ele brilhou em seus conhecimentos linguísticos, principalmente em árabe e aramaico. Al-Hardini faleceu no dia 14 de dezembro de 1858 com apenas 48 anos de idade e foi canonizado santo em 2004, pelo Papa João Paulo II.

Jrebta (a 65 km de Beirute - montanha): do aramaico "grabta" (pt: "depósito d'água") ou talvez do grego "kupte" (pt: gruta, "local onde há várias grutas, muitas delas acumulando água da chuva"). No local há também pedras esculpidas e uma delas representa os perfis de deuses no alto. Embaixo, num altar, um homem e uma mulher inclinados de cada lado e duas outras personagens apresentam oferendas e os objetos para o ritual. Um trabalho bem delicado que infelizmente foi recentemente vandalizado. Na região encontra-se também o convento de religiosas maronitas Deir Mar Yussef al-Daher, sendo local de veneração da santa libanesa Rafka, onde está enterrada.

Santa Rafka

Nasceu em Hamlaya, no Monte Líbano, a 19 de junho de 1832. Sua vida foi voltada à oração contínua a ponto de pedir a Cristo para participar de sua paixão, sendo-lhe a graça concedida a prova dos estígmas de Cristo: seu calvário durou 29 anos e ela morreu aos 82 anos. Hoje está enterrada no convento de Jrebta. No dia 17 de novembro 1985, a Santa Sé proclamou-a "Bem-Aventurada", sendo canonizada em 2002 pelo Papa João Paulo II.

Batroun (a 56 km de Beirute - litoral): sua fundação data do período governado por Etbaal (887-855 a.C.), rei de Tiro. Na Idade Média recebeu o nome de Batroun e foi uma das cidades episcopais da região de Trípoli. Na época dos cruzados ela teve um papel

importante na administração da região; atualmente, Batroun é uma acolhedora cidade litorânea com bons cafés e restaurantes, abriga também um suk do século XIX que dá charme à parte antiga da cidade. Seja durante o dia ou a noite, há muito o que fazer e ver em Batroun; procure circular a pé para conhecer suas ruas estreitas e deixe-se encantar por algum café ou restaurante típico; uma vez instalado, peça por uma famosa limonada de Batroun, uma das suas especialidades. Também em Batroun está a vinícola Coteaux de Botrys (ver rota do vinho e araks).

Igreja Maronita de Santo Estéfano: situa-se em frente ao antigo porto, fortificada por torres nos ângulos. Foi construída em 1910 sobre os fundamentos de uma antiga igreja em estilo romano- bizantino.

Igreja Greco-Ortodoxa de São Jorge: em estilo bizantino, foi construída em 1867. Esta igreja tem uma imponente cúpula com belo iconóstase e uma coleção de ícones que representam, da direita para a esquerda: Santo Elias, a Anunciação à Maria, São Jorge, o Cristo, a Virgem Maria, São Demétrio, São Nicolau e São Miguel.

Igreja Nossa Senhora do Mar (ar: Saydet al-Bahar): construída no século XIX, é conhecida por seus quatro ícones pintados com "água de ouro" em 1863 pelo iconógrafo Isaac Nicolas Ourahalimi. De lá tem-se a vista para a Muralha Fenícia.

Muralha Fenícia: construída no lado oeste da cidade, tem 225 metros de comprimento, 5 de altura e 1 de largura. Mesmo com seus mais de dois mil anos de existência, ela ainda resiste às ondas do Mar Mediterrâneo.

Anfiteatro romano: em seus muros estão esculpidos nichos ao de estilo de Baalbeck.

Fortaleza Fenícia: construída no século IX a.C. e destruída por um terremoto no ano 551, depois reconstruída pelos habitantes da cidade.

Makadad al-Mir (pt: "A sede do príncipe"): grande rocha com uma porta e uma escadaria para a praia de Bahsa.

De Batroun, uma estrada em direção à montanha conduz o viajante a Tannourin, passando por vilarejos plenos de natureza.

Kfar Hai (a 64 km de Beirute):vilarejo onde se encontram as relíquias de São Marun, santo que deu nome à Igreja Maronita Católica.

São Marun

A única referência que nos informa sobre a vida de São Marun é a História Religiosa escrita por Teodoreto de Cirro (393-466 d.C.) no ano 400. São Marun consagrou sua vida à oração e ao culto a Deus, seu modo de viver influenciou várias pessoas e alguns passaram a ser seus discípulos, dedicando também a vida à oração e ao silêncio nas grutas das altas montanhas do norte da Síria. A santidade de São Marun era tão grande que São João Crisóstomo escreveu uma carta no ano 405 em que testemunhava o respeito que tinha pelo santo.

Kfar Hilda (a 70 km de Beirute): este vilarejo é conhecido pelos seus bons restaurantes ao ar livre, cascatas e vários mosteiros e capelas. Trata-se de um lugar excelente para os que gostam de caminhadas; para tanto, a melhor época para a prática deste esporte é a primavera.

Beit Chlala (a 72 km de Beirute): vilarejo situado num pequeno vale fértil com várias fontes d'água e pequenas cascatas, de onde o nome em árabe, Beit (pt: casa) e Chlala (pt: cascata). O vilarejo possui belas igrejas, como a de São José (ar: Mar Youssef). Deste vialarejo e região muitos habitantes emigraram para o Brasil no final do século XIX e início do século XX.

Douma (a 91 km de Beirute - montanha): vilarejo típico com suas casas cobertas de telhas vermelhas e que domina o vale de Kfar Hilda. Seu nome vem de Julia Domna, esposa do Imperador romano Septímio Severo (145/6-211 d.C.). Na praça central de Douma, encontra-se um sarcófago do século IV d.C. com uma inscrição grega indicando seu proprietário. O vilarejo conserva 240 residências tradicionais que passaram a ser patrimônio nacional. A região escapou à especulação imobiliária e por isto conserva muito de seu patrimônio arquitetônico e sua natureza, assim é destinação privilegiada para o ecoturismo.

Tannourin (a 95 km de Beirute - montanha): na realidade, trata-se de duas cidades –Tannourin at-Tahta (embaixo) e Tannourin al-Fawka (em cima). Lugar agradável pelas esculturas rupestres e pelas fontes d'água natural (água mineral de Tannourin) além de um pequeno bosque de cedros, testemunha do que um dia cobriu todo o Líbano com estas árvores símbolo do país. Desta cidade também saíram vários emigrantes para o Brasil durante o século XIX.

Voltando ao litoral pela rodovia principal.

Castelo de Mouseilha (a 59 km de Beirute - litoral):depois de Batroun, na rodovia principal, do lado direito observa-se sobre um rochedo isolado um pequeno castelo-fortaleza ao lado do Rio Nahr ad-Djoz (pt. Rio da Castanha), que controla a passagem de Ras Chekka e o Vale do Rio Nahr al-Djoz, com sua pequena ponte de pedra. Trata-se do castelo-fortaleza de Mouseilha, da época do Príncipe Fakhereddine, que o construiu em 1624 para proteger a estrada de Trípoli, um modelo de arquitetura militar bem elaborado para a época, uma máquina de guerra.

A palavras árabe "Museilha" é diminutivo de "maslaha" (pt: posto fortificado). Sobe-se ao castelo-fortaleza por uma escadaria esculpida na própria rocha e no seu interior abriga salas com abóbadas, cisternas, salas dos arqueiros e numa das salas há especial para oração, mesquita com um "mirhab" (nicho que indica a direção de Meca, para a oração islâmica).

Koubba (a 60 km de Beirute): vilarejo situado ao pé da montanha de Hamat, região arborizada e conhecida por ser um bom lugar para a prática de pesca. Lá encontra-se a pequena igreja de São Salvador, datada da época dos cruzados (metade do século XII); interessante nesta capela é ver a mistura de um altar romano com molduras bizantinas. Descendo a colina sobre a qual está erigida esta capela, há um altar dedicado a Mar Yaacub (pt: São Tiago) e ao seu lado há várias grutas pré-históricas, dentre elas uma dedicada a João Batista.

Chekka (a 65 km de Beirute, litoral): desta cidade tem-se uma vista magnífica da cidade de Trípoli. Em Chekka há uma montanha que parece mergulhar no mar e que na Antiguidade foi chamada pelos gregos de "Theo-Prosopon" (pt: Face de Deus). Os fenícios chamavam-na de "Panay-el", que tinha o mesmo significado que tem em grego.

Sobraram poucos vestígios da presença grega em Chekka, exceto alguns rochedos talhados à margem do mar, como há em Batrun. Por outro lado, descobriram lá vestígios pré-históricos do paleolítico superior; são sinais geológicos do período interglacial de Riss-Wurm (aproximadamente 150 mil anos).

Ras Chekka: bela vista das montanhas e do Mar Mediterrâneo, onde se localizam vários mosteiros, entre outros o de Sayedet an-Nourieh (pt: Nossa Senhora da Luz), construído entre os rochedos no século XIX (ver capela Sayedet an-Nourieh em Beirute). Dizem que

o milagre já começa na estrada que conduz ao convento, pois que o carro com o motor desligado sobe uma pequena ladeira. No interior da igreja há belos ícones antigos. Uma escada que desce em direção a uma gruta à beira-mar conduz à parte mais antiga do convento. A primeria capela data do ano 300 d.C., construída pelo rei Teodoro I o Grande. Este rei, em peregrinação a Jerusalém pelo mar, deu-se num certo momento com uma grande tempestade, o rei orou e viu no céu uma grande luz e Nossa Senhora no centro mostrando-lhe a montanha onde o navio deveria ancorar até passar a tempestade.Nossa Senhora teria dito ao rei para construir uma capela no local onde Ela seria venerada. O rei então mandou construi-la e no seu interior foi colocado o ícone milagroso de Nossa Senhora, pintado por São Lucas.

Município - Kura

Enfé (a 75 km de Beirute, litoral):Plínio chamou-a de "Tríares", isto é, triangular; os cruzados, de "Nephin" (pt: nariz), que em seu tempo formava uma das regiões do condado de Trípoli. Isso porque, quando vista do alto, Enfé é uma saliência (nariz) sobre uma estrutura maior que lembra um rosto, o "Rosto de Deus".

A cidade de Enfé é do período fenício, mas passou por todas as conquistas dos povos que domiraram a área que hoje corresponde ao Líbano. Há algumas igrejas, as quais citamos dentre elas três que estão à beira mar: a Igreja de Santa Catarina, da época dos cruzados, hoje com uma comunidade greco-ortodoxa; sua fachada é dotada de uma das maiores rosáceas de igrejas cruzadas dessa época; outra é a Igreja da Virgem, também chamada de "Sayedet er-Rih" (pt: Nossa Senhora dos Ventos), construída na cavidade de um rochedo que domina o mar, que tem em seu interior pinturas murais que representam a Virgem a acalmar uma tempestade, do Cristo Onipotente, de São Jorge e São Demétrio sobre fortes cavalos e mais outros santos; a terceira igreja tem um duplo altar dedicado a São Simão e a São Miquel.

Muitos dos habitantes desta cidade emigraram para o Brasil na primeira metade do século XX, principalmente para o Mato Grosso. Ao longo da estrada podemos observar várias salinas alimentadas pela água do mar.

De Chekka uma estrada em direção à montanha conduz o viajante aos cedros, passando pelo Vale de Kadisha (Beirute-Chekka-Becharré-Cedros - 122 km). Este percurso faz a volta por Trípoli (Cedros-Becharré-Ehden-Zghorta-Trípoli - 56 km). Desta estrada, partindo de Chekka em direção aos Cedros, passa-se pelos vilarejos:

Btaaboura (a 75 km de Beirute): vilarejo pitoresco com casas antigas rodeadas de pomares, de onde saíram vários emigrantes para o Brasil, dentre eles a família do atual Vice-Presidente do Brasil, Michel Temer. Em novembro de 2011 sua excelência visitou o vilarejo pela segunda vez, e inaugurou uma rua em sua homenagem: a "Rua Michel Temer".

Amioun (a 78 km de Beirute - montanha): vilarejo localizado sobre uma colina rodeada de oliveiras. Local rico em igrejas que testemunham a passagem de vários povos, mas principalmente dos cruzados. A primeira é a de Mar Gérios (pt: São Jorge), construída sobre as ruínas de um templo pagão e modificada pelos cruzados; a segunda é a de Mar Fawka (pt: São Focas), construída no meio de residências da época cruzada, com belos murais e a terceira de Mar Yuhanna (pt: São João), que está localizada no rochedo de uma falésia que realça seu teto de telhas vermelhas. O rochedo sobre o qual está construída a Igreja de São João possui várias cavas funerárias romanas, que foram utilizadas no passado para esconder alimentos durante períodos de perseguição.

Kfar Saroum (a 79 km de Beirute): "kfar" em aramaico significa "vilarejo". Este vilarejo é a terra natal do escritor Salim Miguel.

Salim Miguel

Nasceu em Kfar Saroum em 1924 e emigrou com seus pais para o Brasil em 1927. Residiu primeiramente no Rio de Janeiro e depois, dos cinco aos dezenove anos, em Biguaçu, cidadezinha perto de Florianópolis, o que o faz considerar-se líbano-biguaçuense. Jornalista, escritor e crítico literário há mais de 50 anos, tem entre suas obras o livro "Nur na escuridão", que foi traduzido para a língua árabe e publicado, em 2012.

Bziza (a 83 km de Beirute): do aramaico "bazza" (pt: despojo) ou talvez em homenagem ao deus semita Aziz. Originalmente, o vilarejo guarda vestígios de um templo romano dedicado a esse deus, mas que no período bizantino teve seu interior modificado para abrigar uma igreja. Esta está ainda em bom estado de conservação, com várias colunas e capitéis jônicos.

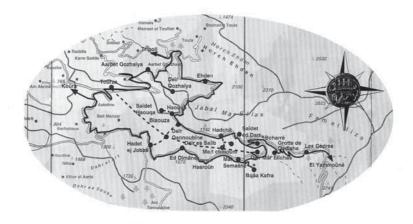
Dar Bashtar (a 85 km de Beirute):nome que se refere ao Santuário de Aachtar, deusa do amor e da fecundidade. O templo que foi construído em sua homenagem e é atualmente uma igreja. A cidade é também conhecida pelo grande número de habitantes líbanobrasileiros originários dali ou que ali ainda vivem.

Kousba (a 87 km de Beirute): vilarejo situado a 500 metros de altitude, que vem a ser a entrada para o Vale de Kadisha. Nela encontra-se a Igreja de São Salvador, do século XII. Prepare sua máquina fotográfica, a paisagem é de tirar o fôlego.

Depois de Kousba, inicia então o chamado Vale de Kadisha.

Vale de Kadisha

"Wadi Kadisha" em aramaico significa vale Santo Kadisha. Trata-se de um vale habitado há séculos pelos primeiros cristãos que vieram do norte da Síria. Um dos grupos cristãos vivia em em torno de um monge chamado Marun, que se tornou mais tarde o fundador da comunidade maronita. Tão logo começaram as perseguições a esta comunidade, seus fiéis procuraram abrigo no Vale de Kadisha.



O lugar é um museu a céu aberto pelos rastros de civilizações que por ali passaram antes e durante a presença cristã. Além destes, por exemplo, lá estiveram os sufis (místicos muçulmanos) e muito antes deles veem-se através de inúmeros afrescos, marcas deixadas em aramaico, grego, árabe e até mesmo etíope.

O Vale de Kadisha tem grutas tão elevadas que parecem ninhos de águia, o que explica que muitos povos tenham recorrido a ele para se proteger de invasões. A região é considerada pelos libaneses como berço espiritual da nação e em 1999 a UNESCO registrou o Vale de Kadisha e os Cedros de Becharré na lista dos Patrimônios da Humanidade, classificados na categoria "Paisagem Cultural".

Templo. No Líbano há muitos templos cristãos, islâmicos e mesmo pagãos construídos no decorrer da história. Mas há um templo que une todas as religiões, o templo macrocosmo, o templo da natureza e o Vale de Kadisha é um destes templos no mundo.

Castelo do Líbano (ar: Ksar Lubnana): subindo a estrada, logo na encruzilhada à esquerda, vê-se o Castelo do Líbano, construção dos anos 1970. Sua construção foi o sonho do dr. Elie Sarraf, de Kusba, que o construíu com pedras pretas vulcânicas. O castelo está num penhasco com vista para o vale e à sua frente o mosteiro de Hamatura. Dr. Sarraf disse que "construíu este castelo durante a longa guerra civil libanesa (1975-1990) e o fez com o desejo de tê-lo como um símbolo de liberdade, uma fonte de luz na escuridão". Lá há o Museu do Castelo do Líbano, com esculturas de pedra e madeira provenientes de diferentes rochas e árvores da região, assim como uma exposição permanente de utensílios agrícolas e outros objetos como jarros antigos, prensa para extrair o azeite das azeitonas, alambiques para se fazer arak e água de rosas. Tel +961 (6) 511700 +961 (3) 572948

Mosteiro de Hamatura: do aramaico "hama" (pt: fonte) e "tur" (pt: montanha), ou seja, uma "fonte d'água na montanha". O mais curioso é que atualmente não há mais nenhuma fonte d'água perto do mosteiro ortodoxo. Trata-se de um mosteiro incrustado num penhasco rochoso do vale que, segundo as fontes, foi fundado no século IV. Mas foi no século XVI que viveu sua idade de ouro, com mais de 200 monges. Os monges deste mosteiro sofreram massacres, perseguições e o mosteiro passou por uma catástrofe natural, terremoto, em 1917. Após 1994, o mosteiro passou por uma restauração.

Para se chegar ao mosteiro deve-se descer até o fundo do vale de carro. Depois não há mais estrada e inicia-se a caminhada subindo a montanha por um caminho em forma de escada que serpenteia a montanha até o mosteiro por 1,5 km,com 200 metros de desnível, mas de fácil acesso. Para subir a pé a montanha até o mosteiro leva-se aproximadamente uma hora. Logo no início da caminhada passa-se pelo eremitério de São Pedro e de São Paulo, onde uma inscrição diz: "seja calmo e respeitoso, pois o solo em que pisa é sagrado". Na metade do caminho há bancos em que os visitantes podem parar para descansar à sombra dos pinhos e das oliveiras, com bela vista do vale e o som da água do rio e que as vezes mistura com cantos bizantinos que vêm do mosteiro. A montanha forma um paredão a pico onde se pode observar os extratos geológicos da região e o caminho é rico em plantas medicinais. É importante utilizar calçados confortáveis para a caminhada e é sempre bom lembrar que como se trata de um mosteiro, assim não é permitido nem para os homens nem para as mulheres usar bermudas ou roupas decotadas.

Uma vez à entrada do mosteiro, os visitantes são recepcionados pelos noviços, em geral com barbas e cabelos longos e amarrados, que lhes oferecem água, frutas ou café, dentro do que já apresentamos como hospitalidade árabe e, neste caso, também monacal. Os monges certamente contarão aos visitantes a história do mosteiro, onde há cavas que remontam aos séculos IV e V, igrejas com ícones e afrescos preciosíssimos dos século V ao X, hoje grande parte destruídos por invasões, incêndios e vandalismos. No mosteiro é venerado São Tiago, um monge que viveu no mosteiro de Hamatura no século XIII e que o reconstruiu à época dos mamelucos. Segundo contam, após uma tentativa malsucedida de conversão de São Tiago ao Islão, ele teria sido preso com outros monges e então decapitado. Depois de sua morte, alguns acontecimentos miraculosos levaram a igreja a canonizá-lo. No mosteiro há também uma gruta dos milagres, com estactites e estalagmites, onde desde a Antiguidade as mulheres ali faziam peregrinações em busca de fertilidade. Os mongem que ali vivem têm como atividade a oração, os cânticos religiosos, a leitura da Bílbia, o estudo da Teologia, trabalhos na agricultura para sua subsistência, a pinturas de ícones etc., uma vida continua de oração tal como dizia São Paulo: "Orai sem cessar".

O mosteiro está aberto à visitação pública todos os dias das 7h às 10h30 e 17h às 19h, (Tel.: +961 (6) 511 525 - www.hamatoura.com). É proibido entrar vestido de short (homens e mulheres), roupas decotadas, vestidos ou saias justas e curtas. O local é para oração, além de histórico.

• Município - Becharré

Depois de Kousba, subindo a estrada principal, depois de 4 km o visitante verá uma bifurcação: à esquerda, para Ehden e à direita, para os Cedros. Entrando à esquerda da estrada chega-se a Tourza e a partir de lá ao coração do Vale de Kadisha, em direção ao local chamado "Bain an-Nahrain" e é onde o Vale de Kannoubin encontra o Vale de Kadisha. A mesma estrada desce para Trípoli.

Lembramos que muitos locais do vale são acessíveis somente a pé e que em alguns lugares a caminhada é longa, mas vale a pena. Existem no Líbanoagências que organizam caminhadas pelo vale (ver esporte, lazer, aventura).

Voltando à bifurcação, depois de Kousba, tomamos então a estrada à direita, subindo em direção aos Cedros, passando por Aabdine, Knat e chegando à cidade de Hadath al-Jobbé.

Hadath al-Jobbé (a 99 km de Beirute): nome de origem aramaica que significa "novo" (hatta), que arabizado passou a pronunciar-se "hadath" (pt: novo poço) e "jebeh" (pt: altura, altitude). Trata-se de um vilarejo a 1.450 metros de altitude onde está a gruta de Aassi, conhecida em toda a área. Hadath al-Jobbé é uma cidade de veraneio onde nasce o Rio de Kadisha, de onde se vê as as cidades de Hasrun, Becharré e os Cedros, tendo como fundo o cume da montanha Kornet es-Sauda (3.083 metros de altitude). Ainda no vilarejo de Hadath al-Jobbé encontra-se a nascente do Rio Nahr ad-Djoz (pt. Rio da Castanha), que desemboca na região de Batrun (que passa ao lado do Castelo de Mouseilha). Às suas margens há um lindo bosque de cedros, entre outras árvores exuberantes que na primavera exalam o cheiro de bálsamo que perfuma o vilarejo. Deste vilarejo, pode-se chegar ao bosque de cedro de Tannourin e também a Lakluk.

Dimane (104 km de Beirute): vilarejo situado a 1.350 m de altitude. Neste local encontrase um convento que a partir do século XIX sucedeu o convento de Kannoubine como Sede Patriarcal Maronita. É a atual residência de verão do patriarca.

Convento de Kannoubine: convento que deu nome a esta parte do vale. É o mais antigo dos conventos e considerado santuário do Vale de Kadisha, foi fundado por Teodoro entre 379 a 395. Um exemplo de simplicidade e austeridade, sua igreja, metade dentro do rochedo, dedicada a Nossa Senhora, é decorada com pinturas murais datadas do século XVIII. Logo na entrada, um afresco apresenta a Virgem sendo coroada pela Trindade e uma inscrição em aramaico tirada de um versículo do livro dos Cânticos dos Cânticos (4,8) que diz: "Vem do Líbano, minha noiva e será coroada". Na abside, uma pintura figurando Jesus cercado de anjos, tendo à sua esquerda, Santo Estevão; em outra pintura, São José e São Daniel.

Perto da entrada das igreja, numa cava, encontra-se um corpo naturalmente mumificado de um patriarca maronita, do pretendido Youssef Tiyan. Entre os séculos XV e XIX, o convento foi Sede Patriarcal Maronita. A 150 m do convento está a gruta-capela de Mart Marina (Santa Marina), local onde a santa terminou seus dias e na mesma capela, os 17 túmulos dos patriarcas. Os corpos são colocados em caixões, em posição vertical, ao longo da parede da cripta com tampa de vidro. Por ser um local seco, os corpos estão relativamente conservados.

Santa Marina

Santa Marina nasceu em Kalamun (Líbano-Norte) e logo cedo sentiu a vocação para a vida mística, desejando ser uma eremita (o que na época não era permitido às mulheres

pelo fato de ser uma vida isolada em grutas e nas montanhas). Marina então se fez passar por homem e conseguiu entrar no convento de Deir Kannoubine, Vale de Kadisha, onde viveu uma vida de abnegação e silêncio preparando-se para a vida de anacoreta. Entretanto, após algum tempo, Marina foi acusada de ter engravidado uma moça da região num dos passeios que os monges fizeram. Diante desse fato, Marina foi expulsa sem que os monges soubessem que ela era uma mulher e não um homem.

Marina ao sair do convento partiu diretamente para uma gruta e passou a viver como anacoreta no vale de Kadisha e um dia andando pelo vale encontrou um recém-nascido abandonado e salvou-o amamentando-o, miraculosamente, com seu leite. Atualmente, as mulheres com insuficiência de leite recorrem a ela através de orações indo peregrinar até a gruta onde ela viveu e morreu perto do convento de Kannoubine. Há também uma gruta dedicada à Santa Marina perto de Trípoli, Balamand, Líbano-Norte, região onde ela nasceu.

Hasroun (a 105 km de Beirute):vilarejo de veraneio a 1.200 metros de altitude de onde se tem uma ótima vista do Vale de Kadisha. É onde está a fonte térmica de Nebaa Ghorfaya.

Bkaa Kasha: (a 107 km de Beirute): vilarejo onde está o convento de Mar Semaan (pt: São Simão), fundado em 1112 por Takla, cuja família era originária de Becharré. Construído no penhasco da montanha numa cavidade natural, tem vestígios de cisternas e afrescos, um local que mostra como era a vida austera dos eremitas no Vale do Kadisha, sobretudo no inverno.

Bkaa Kafra (a 110 km de Beirute): um dos mais altos povoados do Líbano, a 1.750 metros de altitude, é mais conhecida por ser a cidade natal de São Charbel (ver Annaya, Monte Líbano).

Becharré (a 126 km de Beirute), pitoresca cidade aos pés dos cedros do Líbano. Becharré é também conhecida por ser a terra natal do imortal escritor e pintor libanês Gibran Khalil Gibran (1883-1931), autor do livro "O Profeta". Logo na entrada da cidade, à direita, o visitante verá o Museu Gibran e um busto gigantesco do escritor, obra do escultor libanês, de Becharré, Ruy Rahmé. O corpo de Gibran está sepultado no convento de Mar Sarkis, atualmente um museu. Neste local viviam em grutas, no século VII, os discípulos de Mar Sarkis (São Sérgio), onde depois construíram um eremitério. No século XV passou a ser uma pequena residência para receber o núncio apostólico no verão. Depois,

juntamente com as grutas, formou-se o eremitério e o mosteiro incrustado na montanha rochosa. No século XVI, o local passou a ser residência do Cônsul da França e no século seguinte foi oferecido à Ordem do Carmo (Carmelitas), cujos irmãos estavam no Vale de Kadisha com os monges do Deir Mar Elicha (Convento de Santo Eliseu). Na entrada do convento Mar Sarkis, uma placa atesta que a construção do novo convento realizado pelos carmelitas terminou em 1862. Em 1908 os Carmelitas mudaram a comunidade para o centro de Becharré e construíram o Convento São José. Alguns padres que ficaram no eremitério de Mar Sarkis, transformaram o local da fonte d'água numa réplica da Gruta de Nossa Senhora de Lurdes.

Em 1926, Gibran, que se encontrava em Nova lorque, pensou em comprar o convento Mar Sarkis, pois era o local que ele visitava e brincava durante sua infância, pois desejava retornar ao Líbano para passar o resto de sua vida; curiosamente era o mesmo desejo de Mikhael Naime (ver Monte Líbano), que conseguiu realizar seu sonho. No entanto, Gibran infelizmente veio a falecer nos Estados Unidos em 1931, mas no mesmo ano seus restos mortais foram transferidos para Becharré e sua irmã, Mariana, realizou seu último desejo, o de ser sepultado no convento de Mar Sarkis em Becharré, local que ela comprou e foi transformado no mausoléu de Gibran. Em 1975, o mosteiro foi transformado em museu pela Comissão Nacional Gibran e em 1995 o local foi ampliado e modernizado para receber todas as suas obras, que estão expostas permanentemente ao público, transformando em local de peregrinação de leitores do mundo inteiro.

No Museu Gibran está a coleção completa de suas pinturas e desenhos, um total de 440, das quais somente 170 estão expostas. "Eu gostaria que cada imagem fosse o começo de uma imagem invisível", escreveu Gibran a Mary Haskell em 1911. Suas pinturas têm um estilo próprio, apesar de alguns observadores acharem muito parecidas com as obras de Willian Blake. Raramente Gibran dava título às suas obras, pois achava que "não se pode dar título a uma visão", além de que "minha tela saberá que me pertence onde ela estiver".

Numa gruta no subsolo do museu (para entrar é preciso descer sete degraus talhados na rocha), encontram-se mais objetos pessoais de Gibran como: cama, escrivaninha, cavalete para pintura etc. Na parede observa-se também, perto de um candelabro, o retrato de Gibran pintado por um amigo, Youssef Hoyeck, nos tempos em que esteve em Paris, e à saída, outro retrato realizado por César Gemayel. Neste mesmo local ainda encontramos o túmulo com as cinzas do poeta e ao lado deste, num quadro, está gravado em árabe o que Gibran deixou para ser colocado sobre seu túmulo:

Estou vivo como você. Estou em pé perto de você. Feche seus olhos e se volte e você vai me ver em frente a você.

Uma invocação vigorosa do ressurgimento da alma e do despojamento mortal. Diante da história deste homem e do que ele escreveu você certamente sentirá neste local a sua presença.

Atrás do Museu Gibran, há uma gruta com uma fonte d'água consagrada à Nossa Senhora de Lurdes e, segundo a lenda, o local foi revelado a um padre carmelita, que todos os dias subia com jarros d'água para molhar as plantas do pomar. Nossa Senhora revelou-lhe, então, a fonte no alto da colina. Não longe, tem também um túmulo fenício, um obelisco de pedra indica o local. Ao lado tem quatro cavas funerárias que remontam ao ano 750 a.C.

O local está aberto à visitação pública todos os dias das 9h às 18h, exceto às segundasfeiras. No verão abre das 9h às 16h. www.khalilgibran.org. Tel +961 (6) 671137

Becharré é uma cidade agradável e com uma magnífica vista do Vale. No seu centro antigo encontram-se ruelas, "suks", várias casas e igrejas antigas e modernas. A Igreja Mar Saba, a principal, no centro da cidade, em frente à Casa de Gibran, uma única peça, pequena e simples onde ele nasceu e passou sua infância. Interessante visitar esta casa para conhecer como eram as habitações da época de Gibran. Lembrando que a mãe de Gibran, Kamilah vivieu no Brasil quando casou com um emigrante libanês, teve um filho, Pedro. Ao falecer, o esposo de Kamilah retornou ao Líbano com o filho e em seguida casou-se novamente e assim teve Gibran e mais duas filhas.

Logo na entrada de Becharré está o hotel Chbat, no alto de uma colina, com bela vista do vale, hotel e restaurante, o proprietário, Wadih Chbat, um verdaderio anflitrião, está sempre presente e dá dicas sobre a região e as trilhas para caminhadas no Vale de Kadisha. www.hotelchbat.net -Tel+961(3) 292494

Gibran Khalil Gibran

Gibran nasceu em Becharré em 1883 e emigrou com sua família para os Estados Unidos quando tinha 11 anos, retornando ao Líbano em 1898 para terminar seus estudos. Depois de viver nos EUA sentiu repugnância dos clérigos e políticos libaneses que governavam seu país num sitema quase feudal, quando se inspirou e escreveu o livro "Os espíritos rebeldes", uma sátira à sociedade libanesa que ele via como hipócrita e machista. A consequência foi imediata: este livro foi criticado pela igreja maronita e queimado em praça pública pelas autoridades otomanas.

Mas Gibran escreveria vários outros livros, sendo o mais conhecido deles "O Profeta", escrito originalmente em inglês em 1923 e depois traduzido para vários outras línguas, entre elas a portuguesa. Além de escritor Gibran era também pintor, tendo estudado na Academia de Belas Artes de Paris e através da pintura encontraria muitos intelectuais dos quais se tornaria bastante próximo. Entre 1908 e 1910 viajou pela Europa até que enfim retornaria aos EUA onde morreria em 1931, aos 48 anos.

Interessante saber que a mãe de Gibran, Kamilat, ainda bem jovem casou pela primeira vez com um emigrante libanes que vivia no Brasil. Ao casar residiu no Brasil e onde nasceu seu primeiro filho, Pedro (1877). Mas logo seu esposo faleceu e Kamilat retornou ao Libano com seu filho e contraiu novo casamento com Khalil (1883) e assim teve Gibran e mais duas filhas, Mariana (1885) e Sultana (1887)

Gruta de Kadisha: continuando a subir pela estrada principal de Becharré, em 5 km o viajante passará pela Gruta de Kadisha, que se encontra na encosta de um penhasco. Um caminho estreito conduz o visitante à entrada da gruta a 1,5 km de profundidade, onde está a fonte do Rio de Kadisha com quedas d'água. Neste mesmo caminho um túnel natural de 500 metros no rochedo leva-o à gruta onde se veem estalactites e estalagmites. Continuando pela estrada principal, chega-se aos Cedros.

Aberta todos os dias das 8h às 17h, fecha nos primeiros dias de dezembro até maio por causa da neve.

Cedros (a 132 km de Beirute): região conhecida como "Arz Ar-Rab" (pt: Cedros do Senhor). Vilarejo e bosque de cedros localizado à sombra do pico Kornet es-Saouda Aqui o visitante chega literalmente ao teto do Líbano e do Oriente Médio, pois que esse pico tem 3.089 metros de altitude.

A região abriga hoje a maior floresta de cedros do Líbano, cobrindo toda uma montanha a 1.920 metros de altitude. Ao todo são mais ou menos 400 cedros, dentre os quais muitos são quase que milenares. Para se ter uma ideia da antiguidade e da importância dessas árvores, sarcófagos de reis fenícios e os barcos que esse povo usou para viajar por todo o Mediterrâneo, assim como o Templo de Jerusalém e o palácio do Rei Salomão

foram construídos com as madeiras dos cedros do Líbano. Além desta, o país tem outras florestas de cedros, tais como as de Baruuk, Jaj, Ehden, Hadeth el-Joubbé, Tannourin, Ain Zhalta, entre outras que são os últimos vestígios de vastas florestas que, conforme pode-se ler nos livros de história como na própria Bíblia, um dia cobriram todo o Líbano.

Inspiração para profetas e escritores, o cedro desde cedo foi considerado o símbolo da identidade libanesa, a ponto de ser ostentado na bandeira nacional libanesa. No entanto, fez desaparecer imensas áreas onde essas árvores eram comuns a ponto de em 1843, para as proteger, um patriarca maronita construíu uma capela no centro de um bosque —a Capela da Transfiguração— onde eles ainda são protegidos numa reserva. Atualmente, essa reserva e outras têm o apoio da Associação dos Amigos da Floresta dos Cedros, que tem entre outras atividades também a de reflorestar regiões antes ocupadas pelos cedros

Cedros

O cedro-do-líbano (Cedrus libani) pode viver até 3 mil anos e chega a atingir os 40 metros de altura e um tronco de 15 metros de circunferência, com galhos de 50 metros de uma extremidade à outra. O cedro floresce na primavera e começa a dar frutos a partir dos 40 anos de idade. De sua madeira e de seus frutos pode-se extrair uma resina que serve como verniz protetor.

Sua madeira é bem resistente, o que explica seu uso na construção das embarcações que os fenícios usaram para chegar ao extremo oposto do Mediterrânio, como nos entrepostos no que hoje se conhece como Portugal, senão mais distantes. De fácil polimento e resistente à umidade, ela foi encontrada ainda intacta até na pirâmide do Gizé, uma construção que os arqueólogos dizem ter mais de 4 mil anos.

O cedro é considerado uma árvore sagrada pelas três religiões monoteístas. Para o judaísmo é a árvore escolhida, para o cristianismo é a sagrada e para o islamismo é a pura. A Bíblia cita-a 103 vezes sob o nome de Cedro de Deus, pois segundo as escrituras é a única árvore que Deus teria plantado com suas próprias mãos. O fato é que praticamente todas as potências da Antiguidade logo viram suas qualidades e, juntamente com os fenícios, exploraram-na de muitas maneiras. Evidentemente que esses povos não tinham ainda a concepção de reflorestamento e o corte intensivo dessas árvores levou à diminuição das florestas de cedro-do-líbano a níveis alarmantes, o que fez com que associações libanesas e estrangeiras de proteção ao cedro começassem a pressionar o governo libanês.

Dos Cedros chega-se a uma estrada que conduz ao pico do **Kornet as-Saouda** (3.088 metros), de onde se pode avistar a Síria e as cadeias do Anti-Líbano, Monte Líbano, uma parte do Vale do Bekaa e, quando o céu está limpo, pode-se ver a ilha de Chipre, a 250 km de distância da costa libanesa. Do alto desse pico, a estrada desce em direção à planície do Vale do Bekaa (Baalbeck, a 64 km), passando por lyun Orghoch, um campo de fontes d'água onde se criam trutas que são consumidas nos restaurantes da região que têm a forma de tenda, que dão um um toque beduíno à paisagem; nesses mesmos restaurantes serve-se o arak no início do verão, que é servido com cubos de neve em vez de cubos de gelo.

No inverno, essa cordilheira fica coberta de neve e no verão seu degelo alimenta os lençóis freáticos que irrigam aproximadamente um terço da superfície arável do Líbano. Trata-se de uma paisagem exuberante que o turista não pode deixar de ver ao visitar o Líbano.

Continuando em direção a Baalbeck, o viajante passa pelos vilarejos de **Ainata**, **Bechuat**, **Yammoune**, **Deir al-Ahmar**...

Dos Cedros a Trípoli (56 km), descendo do outro lado do vale.

Hadchit (a 120 km de Beirute): vilarejo localizado a 1.320 metros de altitude que fica no Vale de Kadisha. Como destaque, citamos a Igreja do Sagrado Coração, que fica no alto de um rochedo e confunde-se com ele próprio. Local que oferece um belo panorama do vale.

Trilhas do Vale de Kadisha: entre Becharré e Hadchit abrem-se trilhas que conduzem ao coração do Vale de Kadisha, excelente passeio para quem gosta de longas caminhadas, pois trata-se de trilhas que conduzem à uma natureza exuberante, com várias capelas rupestres e grutas onde viveram (e ainda vivem) santos eremitas e ascetas. É necessário um dia todo para explorar bem a região e, de preferência, com um guia local. Entre outros locais a visitar, estão:

Capela Mar Thédros e abaixo desta, uma gruta com o Santuário de Saydet ad-Derr (pt: Nossa Senhora do Leite Abundante), venerado na região pelas mulheres que estão no período de amamentação. As paredes do santuário são cobertas de pinturas que datam do século XIV, entre as quais, acima do altar, a representação do batismo de Jesus com

uma inscrição grega, um modelo iconográfico bizantino do século VI; mais ao fundo, figuras deSão Bartolomeu, São Salomão e Santa Bárbara, também com inscrições em grego. A capela de **Mar Antun Bedawi** (Santo Antônio de Pádua), escavada no rochedo e datando da Idade Média. Em seguida, a gruta de Mougharat Ahklat as-Said, bastante elevada e de difícil acesso, onde moravam os anacoretas. Continuando ainda na parte mais profunda do vale encontram-se as grutas de **Mar Selwan**, de **Mar Challita** e de **Mar Jurius**, onde vivem eremitas. Por este mesmo caminho o viajante sobe até o Wadi al-Antira (1.130 m) e subindo mais um pouco, em direção a Hadchit, passa-se pela gruta de **Mar Yohanna** (1.160 m) que tem dois andares e uma abertura na altura de mais de 100 metros para o vale. Infelizmente as pinturas murais estão quase desaparecidas, estando mais visível uma mesa de comunhão com uma inscrição em aramaico. Tomando o caminho da garganta do vale, chega-se ao **Convento de Kannubin** a mais ou menos duas horas de caminhada

Lenda de Vênus e seus seis filhos

Uma lenda conta que a deusa Vênus apareceu em sonho ao rei Pharaon e pediu-lhe que construísse seis templos para ela e seus seis filhos nas montanhas do Líbano. E assim o rei os construiu, o primeiro dedicado a Ártemis na localidade de Tamich; o segundo dedicado a Blun, na localidade de Ballune,o terceiro dedicado a Aajlun, na localidade de Aajaltun (Monte Libano); o quarto dedicado a Rafan na localidade de Rayfun (Monte Libano); o quinto, que ignora o nome do filho, na localidade de Afka (Monte Libano) e o sexto, ao mais novo, também com nome ignorado, na localidade de Hadchit.

Capela Mart Chmuni (pt: Santa Chmuni), situada no encontro dos vales Houla e Kannuobin, para onde o acesso dá-se somente a pé partindo de Hadchit por um caminho difícil durante mais ou menos 30 minutos. A capela foi construída na Idade Média e é composta de três naves e uma abside, escavada no rochedo com belas pinturas murais em estilo sírio-bizantino datadas do século XIII. Infelizmente, alguns anos atrás, um benfeitor com pouca inspiração mandou pintar a capela cobrindo todas as pinturas. Não longe de Mart Chmuni, estão as capelas rupestres de Mar Bohna e de Mar Sarkis, e na frente, o Deir Saliba (pt: Convento da Cruz), construído num rochedo e composto de uma capela e vários eremitérios dentro das grutas do penhasco. O convento está mal conservado, mas ainda guarda algumas de suas estruturas como a grande arcada. Os muros da capela eram cobertos de pinturas em estilo bizantino, datados do século XII e XIII.

Ainda na região está o Deir Mar Elicha (pt: Convento de Santo Eliseo), construído

numa gruta, localizada num penhasco provavelmente no século XIV e é composto de um eremitério, uma igreja com quatro capelas bem incrustadas no rochedo e ao fundo, um túmulo de um padre capuchinho provençal, François de Chasteuil, falecido em 1644. Observa-se na entrada as células dos monges no nível inferior da igreja, bacias escavadas no rochedo para recolher a água que descia da montanha e mais abaixo outra entrada para uma cava que lhes servia de esconderijo. No nível superior, vê-se uma pedra negra com uma inscrição em aramaico em forma de "estrangelo" trazida de Alepo, na Síria, uma rara caligrafia feita em cor vermelha e em sentido vertical desenvolvida pelos missionários cristãos nestorianos que chegaram até a China no século VII e adotaram alguns elementos da escritura chinesa como o sentido vertical da escrita.

No convento de Mar Elicha foi fundada a Ordem Libanesa Maronita em 1695, primeira ordem religiosa oficial maronita, conhecida originalmente como Ordem Alepina, já que os fundadores vieram de Alepo, na Síria, e reconhecida oficialmente em 1700 pelo Patriarca Etinne Douaihy. Atualmente, há no local um pequeno museu que conta esta história. Continuando o caminho pelo lado norte do vale, chega-se ao convento de Kannubin, a duas horas de caminhada. No local existem alguns cafés-restaurantes, abertos somente no verão.

Depois de Hadchit o viajante segue para o vilarejo de Blouza, de onde se pode descer também até o Convento de Kanubin em uma hora, mais ou menos, de caminhada, e chegar ao fundo do vale. Em seguida vem o vilarejo de Haouka, estrada à esquerda, de onde se pode chegar ao Convento de Santo Antônio de Koshaya (5 km), um caminho difícil e que não tem continuidade, pois o convento está na cava do vale. Ver também a estrada depois de Ehden ou Turza. De Hauka, um caminho (a pé, aproximadamente 30 minutos) conduz até a capela de Saydet Haouka (pt: Nossa Senhora de Haouka), um pequeno mosteiro com uma capela no interior de uma gruta, construída, segundo as crônicas, no século XIII. Nessa capela encontram-se várias pinturas e uma longa inscrição árabe cristã datada de 1193. Local de peregrinação durante a festa da Assunção de Nossa Senhora (15 de agosto).

Voltando para a estrada principal ao descer a montanha:

Bân (a 115 km de Beirute): vilarejo com casas antigas e uma igreja medieval. Terra natal de Murhij Neron al-Bani (1640-1711), religioso maronita que escreveu o primeiro tratado sobre as qualidades do café: De saluberrima Potione Cahue seu café Nuncupata Discursus (Roma, 1671). Curiosamente, um exemplar desse raro tratado encontra-se no

Museu Paulista, em São Paulo.

Também de Bân, uma trilha pode levar o viajante até o Convento de Santo Antônio de Koshaya e continuando pela estrada chega-se a Ehden.

• Município - Zgharta

Ehden (a 110 km de Beirute):cidade pitoresca que segundo a lenda abrigava o paraíso terrestre, conhecida pelas suas fontes naturais (Naba Mar Sarkis, Ain Kuneitra, Ain Warche) e macieiras, verdadeiras doçuras bíblicas. À entrada da cidade logo encontramos a igreja Mar Mema (pt: Santo Mamas, 260-275), patrono dos pastores e das enfermeiras que foi executado em Cesareia com a idade de 15 anos durante as perseguições do imperador romano Marco Aurélio. A igreja foi construída no ano 749, sendo a mais antiga igreja maronita no Líbano. Nas paredes encontra-se cruzes e inscrições em estrangelo (escrita aramaica em vertical) e em grego, que datam do ano 494 referindo a uma época mais antiga que a construção da igreja. No centro da cidade, há uma bela praça arborizada com chafariz, local agradável para descansar e tomar um cafezinho. Nela há também várias igrejas; uma delas a visitar é a Igreja São Jorge, cujos fundamentos data de 584 e a atual construção de 1855. Nessa igreja está a mortalha mumificada de Yussef Bey Karam,na frente da igreja está sua estátua montado num um cavalo.

Yussef Bey Karam

Yussef Bey Karam (1823-1889) é considerado um herói nacional maronita do século XIX que lutou contra o poder otomano no Líbano, agrupando em torno de si maronitas, greco-ortodoxos, muçulmanos sunitas e xiitas e, após liderar duas rebeliões (1864 e 1867), foi exilado o que lhe valeu ser chamado de "Príncipe do Líbano". Faleceu na Itália e seu corpo ainda "intacto" encontra-se na igreja de sua cidade natal, Ehden. Muitos são os fiéis que testemunharam graças milagrosas recebidas de Yussef Bey Karam.

Outra igreja é dedicada a Mar Saba, pequena construção medieval em pedras claras, realçada de alguns fragmentos de pintura mural datandos do século XIII. No interior, observam-se representações de santos cavaleiros como São Jorge e São Demétrio e uma crucificação. No alto da colina, outra grande igreja moderna, a "Saydatal-Hosn" (pt: Nossa Senhora da Fortaleza), nome escolhido porque foi construída sobre uma antiga igreja, erigida, por sua vez, sobre uma fortaleza romana, por isto o nome de Nossa Senhora da Fortaleza. Subindo até essa igreja passa-se por uma estátua do patriarca

maronita Etienne Duaihy (1670-1704), grande reformador da igreja maronita. Do alto, tem-se uma vista panorâmica que domina a cidade e pode-se apreciar até os cedros, o vale, Trípoli e o mar.

Ehden é uma cidade agradável e possui hotéis, restaurantes, cafés, geralmente cercados por cascatas que são abundantes na região. Não se esqueça de pedir o famoso "quibe do norte", de tamanho família.

Horch Ehden (a 4 km de Ehden): em português a "Floresta de Ehden", localiza-se entre 1.300 e 1.950 metros de altitude. Foi classificada em 1992 como reserva natural e é onde cresce uma flora bastante variada tal como cedros-do-líbano e mais outras 30 outras espécies de plantas diferentes, entre elas a berberys libanotica, um arbusto que só se encontra no Líbano. A fauna também é de uma impressionante riqueza, com espécies que sofrem risco de extinção como o lobo, o gato selvagem, o porco-espinho e a águia real.

Saindo de Ehden, desce-se direção a Trípoli (2 km). Logo depois de uma pequena praça o visitantes podem virar à esquerda numa entrada que indica Beirute, passando por Turza e a Aarbet Kozhaya (4 km).

Aarbet Kozhaya: (a 117 km de Beirute - dentro do vale): neste vilarejo encontra-se o Mosteiro dedicado a Santo Antônio, o Grande, chamado também Santo Antônio de Koshaya, situado no fundo do vale histórico de Kadisha. Kozhaya em siríaco (aramaico) significa "O tesouro da vida". O tesouro é o Cristo que representa para os monges a necessidade de abandonar todos os bem deste mundo. Ao entrar em direção ao mosteiro, a estrada corta uma montanha e em seguida tem-se uma bela vista do fundo do vale. A estrada é estreita e na encosta do penhasco deve-se conduzir com muito cuidado. Santo Antonio, o Grande, também conhecido por Santo Antônio do deserto ou do Egito (nasceu no Egito em 251 e faleceu em 356), é considerado o fundador do monaquismo cristão. Sua festa — 17 de janeiro. Não confundi-lo com Santo Antônio de Pádua.

O mosteiro está situado a 900 metros de altitude na garganta do vale. É um dos maiores do vale de Kadisha e sua origem data do século V d..C., época que a vida monástica expandiu no Oriente. Entre os monges celebres que passaram por este mosteiro, citamos São Charbel, São Hardini, chegando uma época a ter mais de duzendo monges vivendo neste mosteiro. Ao chegar ao mosteiro, avista-se na montanha várias grutas onde viviam os eremitas, algumas podem mesmo ser visitadas para se testemunhar a austeridade do local em que viviam os anacoretas.

Subindo a escadaria do convento, do lado esquerdo, vê-se uma grande gruta chamada de "Gruta de Santo Antônio", um certo tempo os "possessos" e os dementes eram confiados à vigilância do santo. Ainda hoje no local encontram-se no local um altar com as correntes utilizadas para prender os "loucos", enquanto não se encontrava uma solução para eles. Observa nesta gruta tuneis naturais que segundo alguns chegam até a cidade de Ehden. Ao lado da gruta a igreja que é uma gruta natural talhada na rocha e que os monges fizeram uma fachada de pedras e no alto tres campanários e observa no campanário central tres elos de uma corrente esculpidas em uma rocha. O antigo mosteiro data do século X, o novo data do século XX. À frente da igreja há um pátio com vista para o vale e para os pomares e hortaliças plantadas em patamares —o Jal— para o sustento dos monges.

Neste mosteiro encontra-se uma importante biblioteca, com manuscritos, livros impressos... de grande improtancia histórica para a Ordem Libanesa Maronita. Grande parte dos manuscritos foram transferidos para a Universidade Saint-Esprit de Kaslik, para serem tratados e conservados e também para que os pesquisadores e estudantes tenham acesso.

No mosteiro esta o **Museu da Tipografia**, onde esta a primeira e mais antiga tipografia no Oriente, datando, segundo alguns historiadores do ano 1585 e o primeiro texto impresso nesta tipografia foi a livro dos Salmos em siríaco (aramaico) impresso em 1610 e que se encontra atualmente na Universidade Saint-Esprit de Kaslik. As atividades de imprensa parou no início da guerra de 1860 e retornou somente em 1871 e parou definitivamente no inicio da segunda Guerra Mundial. A máquina tipográfica está exposta no museu da Imprensa, no mosteiro, onde também estão expostos vários objetos cotidianos do monges, como jarros, ferramentas, utensílios agrícolas, paramentos sacerdotais e uma cruz de marfim encrustada de diamantes oferta ao mosteiro pelo Rei da França Luíz IX. Ver em Khenchara o Museu de Khenchara, onde está a primeira tipografia do mundo árabe. Tel +961 (6) 995504

O mosteiro continua com sua vida monástica onde os monges vivem a vida de oração. Meditação e silencio. Para os que desejam passar alguns dias nesta vida espiritual, no silêncio e caminhadas pelo vale onde encontraram-se vários mosteiros, foi construido ao lado do mosteiro a Pousada Kozhaya, onde os hóspedes podem ser individuais ou famílias. Os hóspedes devem seguir a regra e na entrada devera apresentar a cedula de identidade e os casais o certidão de casamento. A pousada abre às portas as 6h e fecha as 22h. – www.qozhaya.net - tel.: +961 6 995507.

JAL

Você poderá notar que grande parte das montanhas do Líbano é constituída de patamares (em árabe "jal"), sustentados com pedras onde são plantados vários tipos de árvores frutíferas. Quando, em momentos de conflito, algumas comunidades eram obrigadas a se refugiarem nas montanhas, tiveram de transformá-las em terras agriculturáveis para sobreviverem. Muitos desses "jals" são mais que centenários e mostram como a criatividade e inteligência dessas comunidades pôde transformar o que eram antes terrenos pedregosos em terras aráveis e úteis à agricultura.

Voltando à estrada principal, se o visitante virar à esquerda irá a Turza; à direita, retorna à estrada dos Cedros-Trípoli. Tomando a estrada Cedros-Trípoli, descendo em direção ao litoral, passará por Ardjis e Miziara.

Miziara (a 106 km de Beirute): vilarejo agrícola cuja história começa no século VII. Segundo alguns historiadores, é a cidade do Líbano-Norte de onde saiu o primeiro emigrante libanês para o Brasil –Yussef Chidiac–, chamado no Brasil de José Miziara (1880). Também desta cidade emigrou para o Brasil o padre Jacob Saliba (1882), que fundou a primeira Associação Beneficente Maronita em São Paulo, em 1897, ainda em atividade.

Zgharta (a 80 km de Beirute):cidade grande construída no planalto de Zawiyé, irrigada pelo rio Rachin. É conhecida pela fabricação dos luxuosos "abayes" (manta árabe) bordados. Local agradável com restaurantes, hotéis, cafés e um bom comércio.

• Município - Trípoli e Danniyyeh

Trípoli (a 90 km de Beirute): Trípoli é uma cidade grande, capital do Líbano-Norte. A história da cidade é bem documentada a partir do século IX a.C., época em que os fenícios estabeleceram-se na extremidade ocidental da península de al-Mina. No século IV a.C. o local tornou-se a sede da confederação, agrupando três cidades fenícias: Tiro, Sídon e Arados, onde se desenvolveu o comércio com as nações vizinhas. Por isso os gregos chamaram esse aglomerado de "Trípoli" (pt: Três Cidades), cuja forma arabizada é "Trablus".

No século VI a cidade foi destruída por um terremoto e logo em seguida ocupada pelos conquistadores muçulmanos (635). Nesse período tornou-se novamente um

centro comercial e intelectual do qual se orgulhavam seus habitantes por suas escolas renomadas e suas grandes bibliotecas com milhares de livros.

Então chegaram à cidade os primeiros cruzados, liderados por Raimundo de Saint-Gilles, com o objetivo de fundar o reino latino de Jerusalém. Foram dez anos de duros combates até que os cruzados ocuparam-na de 1109 até 1289. Nesse período Trípoli desenvolveu-se com artesanato, seda, vidro, com compradores inclusive na Europa. No aspecto científico e cultural, nestorianos e jacobitas criaram ali escolas de Medicina e de Filosofia que eram reconhecidas em toda a região.

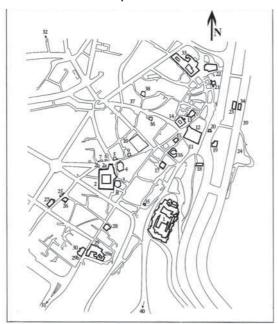
O fim do domínio cruzado aconteceria com a chegada dos mamelucos em 1289. Estes esforçaram-se então para recuperar o apogeu muçulmano da cidade com suas mesquitas, madraças (escolas religiosas islâmicas), hospedarias, hammams (banhos turcos), que fazem dela imensamente "árabe" e por isto mesmo atraente até hoje, o que nem a ocupação otomana pôde ofuscar. Atualmente, Trípoli é um dos maiores centros comerciais e financeiros do país.

RJLiban Cedros Viagem

http://rjliban.com

infos@rjliban.com

Plano da cidade de Trípoli



- 1 Castelo de Trípoli ou Kalaat Sanjil (séulo XI-XIX)
- 2 Grande Mesquita (1294-1315)
- 2a Madrassah Chamsiyat (século XIV)
- 2b Madrassah anônima (século XIV)
- 3 Madrassah Kartawiyat (1316-1326)
- 4 Hammam (construído em 1333)
- 5 Madrassah Nuriyat (1333)
- 6 Madrassah Malik al Nasir (século XIV)
- 7 Madrassah Khayriyat (século XIV)
- 8 Arco e abobada (século XII)
- 9 Madrassah Tuwashiyat (1471)
- 10 Khan al Sabun (século XVI)
- 11 Hammam Izz ed dine (1294)
- 12 Khan Khayyatine (século XIV)
- 13 Mesquita Attar (século XIV)
- 14 Khan Misriyine (século XIV)
- 15 Madrassah Kadriyat (século XV)
- 16 Mesquita Uwasysiyat (1460)

- 17 Mesquita Abd al-Wahed (1305)
- 18 Madrassah Zahiriyat (1396)
- 19 Madrassah Burtasiyat (século XIV)
- 20 Bakia Ghanem (s'eculo XIV)
- 21 Suk Haraj (século XIV)
- 22 Mesquita Tawhit (século XIV)
- 23 Khan Manzil (século XIV)
- 24 Vestígios bizantino
- 25 Madrassah Sakrakiyat (1359)
- 26 Madrassah Khatuniyat (1373)
- 27 Mesquita Arghum Shah (século XIV)
- 28 Mesquita Tahhan (século XIV)
- 29 Mesquita Muallak (século XIV)
- 29a Khankah (1467)
- 29b Fonte Tinat 1740)
- 30 Hammam Jadid (1740)
- 31 Mesquita Taynal (1336)
- 32 Torre dos Leões (século XV)
- 33 Khan Askar (século XIV)
- 34 Madrassah Zuraykiyat (1297)
- 35 Madrassah Ajamiyat (1365)
- 36 Madrassah Rifaiyat (1466)
- 37 Madrassah Umariyat (1465)
- 38 Mesquita em ruína
- 39 Hammam Hajib (1300)
- 40 Igreja São João do Monte Peregrino (1109-1113)

Visitando a cidade histórica: comecemos a visita a partir do centro, ou seja, da Praça de Tell. Lá os visitantes verão um belo jardim com uma torre com um relógio moderno, construída em 1901. É uma região de muito movimento por causa dos cafés e restaurantes. O passeio para ser bem aproveitado deve ser a pé.

Grande Mesquita al-Mansouri: antiga Catedral de Santa Maria da Torre dos Cruzados, construída no século XII e destruída em 1170 por um terremoto. Esta igreja seria reconstruída e destruída mais algumas vezes por causa dos combates entre cruzados e muçulmanos que se alternavam no poder, mas o certo é que a estrutura atual seria fundada somente o século XIII, mantendo-se a mesma até os dias atuais na forma de mesquita. Esta, aliás, começou a ser construída em 1294 pelo sultão Achraf Khalil, que

a terminou em 1315.

A mesquita al-Mansouri, de fato, merece o qualificativo "grande" a partir mesmo de seu imponente minarete retangular, que era, provavelmente, a torre, em estilo lombardo, com o sino da igreja que a precedeu. No seu interior há um grande pátio, fonte de purificação e salas de oração. Nela há também a sala das "Relíquias do Profeta", que contém um fio de cabelo da barba do Profeta Maomé, que o sultão Abdul Hamid doou à cidade de Trípoli em 1309 do calendário muçulmano.

Em redor da Grande Mesquita, na parte antiga da cidade, estão as várias madraças, mesquitas, khans (caranvaçarás), suks, hammams, entre outros:

Madraça ach-Chamsiyat, construída no século XIV; a Madraça Kartawiyar, construída pelo governador de Trípoli, o Príncipe Kartaui, por volta de 1320, provavelmente no local onde era o batistério de uma igreja medieval; o hammam an-Nouri, cosntruído em 1333; a Madraça an-Nuriyat, construída também em 1333, com um belo portal de pedras brancas e pretas; a Madraça al-Malik an-Nasir (primeira metade do século XIV); a Madraça al-Khayriyat (primeira metade do século XIV); a Madraça at-Tuwashiyat (construída em 1471).

Em cima dos portais das madraças, em geral, consta uma placa com decretos em árabe e que explica o espírito da época, como por exemplo, a proibição de dar esmola para evitar mendigos. Ao sair da Grande Mesquita e das madraças está o Suk dos Joalheiros, onde as joías de ouro são vendidas pelo peso, belas peças com design oriental e ocidental; Khan as-Sabun (pt: Sabão), da segunda metade do século XVII. Esta última é também o lugar onde se encontram os perfumistas e alquimistas que criam essências variadas e fazem com que o sabão oriental seja tão apreciado.

Ao sair do Khan as-Sabun as ruelas multiplicam-se com lojinhas divididas por setores: roupas, tecidos, sapatos, frutas, legumes, especiarias, plantas medicinais, alimentos em conserva, confeitarias orientais, brinquedos, açougues, peixarias, CDs, vídeos, material eletrônico, perfumarias e muito mais, tendo à sua frente os seus produtos expostos para atrair a clientela, um grande mercado frequentado pela população do bairro, um grande shopping onde se encontra de tudo.

Hammam al-Jadid, chamado hoje al-Abed, construído pelo otomanos em 1740, sempre ativo e sobre seu grande portal esta uma grossa corrente de pedra (ver banhos, província de Beirute); Hammam 'Izz ed-Dine (1294-1298), o mais antigo de Trípoli este banho público veio a ocupar o que era antes a Igreja do Mosteiro de São Tiago na época da

ocupação dos cruzados e, curiosamente, ainda se encontra gravado no vestíbulo o nome do santo entre duas conchas do mar. A porta é ornada com o cordeiro pascal; Khan al Khayyatine (primeira metade do século XIV), onde ficam as lojas de tecidos e alfaiatarias com seus alfaiates trabalhando em suas antigas màquinas de costura, local com belas arcadas e uma coluna bizantina com capitel; a Mesquita al-Attar (primeira metade do século XIV); o Khan al-Misriyine (primeira metade do século XIV), que foi pousada para as caravanas egípcias; a Madraça al-Kadriyat (segunda metade do século XV); a Mesquita al-Uwasysiyat (construído em 1460); a Mesquita Abd al-Wahed (de 1305); a Madraça az-Zahiriyat (de 1396); a Madraça al-Burtasiyat (primeira metade do século XIV), decorada com mármore policromo, um mirhab (nicho que indica a direção da Cidade Sagrada de Meca) decorado com um mosaico dourado e um minarete quadrado, ornado de janelas geminadas à margem do Rio Abou Ali; Suk al-Haraj (do século XIV), um mercado coberto com abóbadas que se apóiam sobre 14 colunas de granito onde se encontram os colchoeiros; a Mesquita at-Tawbat (século XIV); o Khan al-Askar (do início do século XIV); o Khan al-Manzil (inicio do século XIV) e a Madraça az-Zuraykiyat (de 1297).

Khan e Suk

O khan é um grande abrigo e centro comercial para as caravanas no Oriente Médio. Trata-se de uma construção geralmente retangular com quatro pavilhões em volta de um pátio central com dois pisos. O térreo é constituído de várias pequenas salas que servem como loja e depósito de mercadorias; o primeiro andar serve de pousada aos viajantes, muitas das vezes gratuita. O khan é, portanto, um tipo de suk, ou seja, mercado, mas com espaço para abrigar os caravaneiros.

Os suks e os khans guardam a pura tradição de ter tudo para o consumo diverso: joias, roupas, legumes, carnes, tapetes, artesanato, antiguidades, doçarias típicas, lanchonetes, cafés e muito mais; um ao lado do outro num grande bazar onde se pode passar horas e horas sem perceber o tempo correr.

Kalaat Sanjil (fr: Château de Saint Gilles; pt: Castelo de Santo Egídio): construído no início do século XII em frente à cidade de Trípoli, servia de base para os ataques dos cruzados. Seu nome vem de Raimundo de Santo Egídio(Raymond IV de Toulouse), conde de Toulouse, que o construiu. Raimundo faleceria em 1105, quatro anos antes da tomada da cidade. Depois de sua morte ele passaria aos mamelucos em 1289; foi incendiado e reconstruído em 1307 e depois restaurado em 1521. A atual fortaleza de 140 metros de cumprimento e 70 metros de largura é trabalho de Mustafa Barbar Agha, governador de

Trípoli no início do século XIX. No interior, encontram-se várias escadarias, passarelas, corrredores, salões que refletem a arquitetura das várias dominações do castelo. Do terraço, tem-se uma bela vista da cidade e do mar.

Lenda de Melissinde

No Castelo Santo Egídio viveu Melissinde, irmã do Conde de Trípoli, Raimundo III. Melissinde com sua beleza extraordinária deixou encantado o imperador de Bizâncio que a pediu em casamento. Em seguida o imperador, por questões políticas, achou melhor casar-se com uma moça de Antioquia e muda sua escolha por Maria, irmã do Príncipe Boemundo. Isso feriu profundamente o sentimento de Mélissinde, que veio a morrer de melancolia, nascendo assim a lenda poética da lembrança melancólica desta belíssima princesa medieval.

Igreja de Saint-Jean du Mont-Pelerin (pt: São João do Monte da Peregrinação): os vestígios desta igreja da época dos cruzados foram encontrados a 200 metros ao sul do castelo, no que é hoje o cemitério maronita de São João. São duas capelas coladas uma à outra que se comunicam através de uma porta.

Mesquita Taynal: construída em 1336 pelo emir Saif ad-Din Raynal, governador de Trípoli. Esta mesquita foi construída sobre as ruínas da antiga igreja do padres Carmelitas, construída pelos cruzados. A primeira sala era a nave da igreja, construída no século XIII. Ela tem colunatas de granito e com capitéiscoríntios em seu cume; um belo portal em pedras brancas e pretas de estilo árabe do século XIV. A mesquita é coberta por uma bela cúpula sustentada por colunas romanas.

A cidade tem ainda muitos locais a visitar, tal como vestígios bizantinos; as madraças as-Sakrakiyat (construída 1359), al-Khatuniyat (1373-1374), al-Ajamiyat (1365), ar-Rifaiyat (antes de 1466, destruída), al-Umariyat (1465-1466); as mesquitas Arghum Shah (fim do século XIV e início do século XV), at-Tahham (segunda metade do século XIV), al-Muallak (metade do século XIV); hammam al-Hajib (1300-1309), khans, várias igrejas, arcebispados católico e ortodoxo etc.

Sabão oriental

No Oriente a história da fabricação de sabão (ar: sabboun) perde-se no tempo. Tabletes de cerâmica da época dos sumérios, datando de 4.500 anos atrás, fazem menção ao sabão no Mediterrâneo. Também o médico grego Galeno menciona em seus escritos do

século II a.C. a fabricação de sabão. A conhecida rota da seda do Oriente (e também dos cruzados) foi o grande meio de divulgação do sabão oriental em diversos portos do mundo o que incluiu também o sabão produzido em Trípoli.

O método de fabricação de sabão oriental é transmitido de pai para filho num processo que mistura a matéria oleosa (óleo de oliva) a bagas de louro, até transformar tudo numa substância alcalina e obter um melado verde que deve ser fervido numa caldeira. Essa mistura é depois colocada em grandes bacias para solidificar à temperatura ambiente. A massa sólida que se forma é então cortada em pequenas peças quadradas nas quais são estampadas com o carimbo do fabricante. Mas o processo de fabricação não termina aí, pois que as peças de sabão são empilhadas em forma de pirâmides e assim permanecem por nove meses para secar antes que sejam postas à venda.

Para o enriquecer, com o passar dos séculos foram sendo acrescentadas outras essências extraídas de diversas plantas selecionadas pela suas virtudes terapêuticas e aromáticas. Assim, surgiram vários tipos de sabão, como o "Arayees", em forma de bola composto de essência de água de rosas (geralmente usado como presente às recém-casadas); para pele oleosa, aromatizado com anis; para problemas dermatológicos, como eczemas; para repelir; para revitalizar o organismo cansado, aromatizado com âmbar; para eliminar as impurezas e amaciar a pele, composto de mel ou trigo, entre muitos outros.

Depois desta caminhada deve-se pegar um carro para ir à parte nova da cidade de Trípoli, onde há várias avenidas arborizadas com palmeiras e outras árvores. Também há lojas, restaurantes e cafés e dali, em direção ao porto, do lado esquerdo, está o local da feira internacional.

Parque Internacional de exposições Rachid Karam: que traz as linhas arquitetônicas do brasileiro Oscar Niemeyer, que também projetou o edifício da antiga reitoria da Universidade Libanesa (ver Baabda, Monte Líbano). O parque tem uma arquitetura futurística dos anos 1970, com arcos e esplanadas que lembram Brasília. Infelizmente, parte do projeto não foi finalizado por causa da guerra civil (1975-1990).

Corniche: à beira-mar um longo calçadão entre a cidade e o mar Mediterrâneo embeleza o local. Pequenos barcos oferecem excurssões do Porto de Mina, avistando as ilhas das Palmeiras, que estão no momento proibidas de serem visitadas por ser área de proteção ambiental (ver em seguida).

Torre do Leão (ar: Bourj as-Sabaa): à beira-mar encontra-se entre Mina e a desembocadura do Rio Abou Ali, onde está a fortaleza da Torre do Leão, construída pelo príncipe mameluco Julban, em 1441, para proteção contra os turcos, com uma bela arquitetura militar. Uma torre quadrada e reforçada com blocos e colunas romanas antigas.

Trípoli é uma cidade agradabilíssima, pois une o que há de melhor dos povos que conquistaram o Líbano ao longo de sua história. Atualmente, é um dos grandes centros comerciais e industriais do país. Na parte nova da cidade, na rua Fouad Chehab, entrada da cidade vindo de Beirute, estão localizados os bancos eo conselho administrativo; a rua Riad al-Solh, que liga a cidade antiga a al-Mina, é conhecida por seus vários cafés, restaurantes e centros comerciais; na rua Azmi Bek, belas construções da época otomana que refletem a arte deste período, onde se localizam hospitais e outras instituições sociais; na rua al-Mtayn, conhecida pelos restaurantes e cafés, é também onde está o estadio antigo de futebol municipal.

Trípoli é também conhecida pelas suas confeiterias com seus famosos doces árabes (ver Gastronomia), tradição perpetuada de pai para filho. Uma das mais antigas é de Abdul Rahman Hallab, na Rua Riad al-Solh, fundada em 1881; trata-se de um local chamado de Palácio das Doçuras (ar: Kasr al-Hélou) que era a residência da família Hallab e que ganhou uma estrutura de doçaria, café e restaurante. Lá você poderá ver toda a produção dos doces e degustá-los, assim como os deleciosos pratos da gastronomia libanesa. Não deixe de experimentar o Znud as-Set (pt: braço de moça), um típico doce de Trípoli folhado de massa philo frita, enrolado e recheda com creme.

Ilhas das Palmeiras: do porto de Mina, a 20 minutos minutos de barco, chega-se às ilhas de Trípoli, sendo a a maior delas a Jazirat an-Nakhl (pt: Ilha das Palmeiras), com 20 hectares de superfície, praias de areia, palmeiras e fontes d'água doce. A ilha é conhecida também pelo nome de Jazirat al-Araneb (pt: Ilha dos Coelhos), visto que durante o mandato francês foi introduzido lá a criação de coelhos para servir de caça aos administradores. As ilhas de Trípoli são consideradas patrimônios naturais pela UNESCO desde 1992 por causa de suas tartarugas e pássaros. Para proteger sua flora e fauna, é controlado o acesso a elas.

Saindo de Trípoli, são varios os vilarejos que podem ser visitados, cada um com sua história e particularidade, entre outros:

Sir ad-Danniyé (a 118 km de Beirute): região de veraneio e com uma excelente vista de Trípoli e da planície.

Minyeh (110 km de Beirute), nos pës da montanha de Turbol que domina a cidade de Minyeh, tem uma caverna contendo um túmulo que muitos fiéis monoteistas tem como lugar sagrado, pois na crença popular encontra neste local o túmulo de um personagem biblico, Josue (Yusha), filho de Nun, mencionado no livro de Exodus (Biblia), sucessor de Moises. Na entrada da caverna tem uma pequena sala de oração com o Mihrab (nicho - direção de Meca) e a cima da caverna uma mesquita da epoca otomana. A tradição diz que o profeta Yusha foi ferido e se refugiou nesta caverna onde morreu com sede. Atualmente cai gotas de água do teto, particularmente na época de seca, sobre o túmulo e os crentes diz que é pela vontade de Deus. Tem registros de pessoas que receberam milagres ao visitar o local.

Sfiré (a 125 km de Beirute): vilarejo situado a 1.100 metros de altitude onde estão os três templos romanos de Sfiré, construídos sobre uma base bem mais antiga dentro de um bosque chamado Kalaat al-Hosn. Pouca coisa sobrou dos três templos, mas o local tem uma paisagem admirável.

Retornando de Trípoli para Beirute pela rodovia do litoral passa-se por:

Balamand (a 80 km de Beriute): o Mosteiro de Balamand (ar: Deir Balamand) situa-se numa colina com vista para Trípoli. O mosteiro foi fundado pelos monges cistercienses em 1157 e atualmente é ocupado por monges greco-ortodoxos. Depois de 1988, o mosteiro foi dotado de uma universidade, a Universidade de Balamand, moderna com várias faculdades e uma remarcável biblioteca com manuscritos importantes.

O mosteiro possui um cláustro a céu aberto com toda característica da arquitetura cisterciense. A igreja de Nossa Senhora de Balamand tem um bonito campanário em estilo gótico, sendo o único campanário de pedra que subsiste em todo o Oriente Médio neste estilo. Nele há um grande sino que data do século XIII. O interior da igreja é composto de uma única nave terminada por uma grande abside franqueada de duas salas retangulares. Uma parte do iconóstase foi esculpido em madeira trabalhado na Macedônia no fim do século XVII e outra parte foi obra de artistas locais. Vários são os ícones que datam do século XVII, pintados por vários iconografos em diferentes períodos.

Kalamoun (a 78 km de Beirute): conhecida pelos vestígios pré-históricos e pelos seus fabricantes de peças em latão e cobre. É conhecida também pela fabricação do sabão oriental e de água de rosas e de flor de laranjeira, que no mês de abril exalam perfumes que dominam todo o vilarejo. Foi também em Kalamoun, que segundo a tradição, nasceu Santa Marina (ver Convento de Kanoubin -Líbano-Norte) e lá está a gruta de Santa

Marina num lugar de difícil acesso, um santuário rupestre, com pinturas e inscrições em grego, com estilo bizantino. Não deixe de ver a pintura representando Santa Marina prendendo o demônio bem como a Anunciação à Maria, São Demétrio a cavalo.

Artesanato de cobre

O cobre é um metal importantíssimo à humanidade e trabalhado desde a Antiguidade, época em que foi chamado "aes cyprium" (metal de Chipre), visto que a ilha de Chipre era uma das principais fontes deste metal que era utilizado na fabricação de moedas, utensílios de cozinha, joias e armas por ser um durável, além de resistir à corrosão e ser um excelente condutor de calor.

O cobre é utilizado no Líbano desde a época fenícia, mas conheceu seu auge a partir do século XIII sob o domínio mameluco, que transmitiu a arte de trabalhá-lo aos artesãos de Trípoli, particularmente de Kalamoun. São pratos, bules, bandejas, cofres, jarros, copos cujas técnicas continuam as mesmas desde séculos atrás: o cobre é aquecido sempre no fogo à brasa, então quando ele amacia o artesão corta-o e trabalha-o com um martelo até consequir a forma desejada.

Continuando em direção sul chegá se a em Enfé, Batroun, Biblos e Beirute. Continuando em direção norte, rumo à fronteira com a Síria, entra-se na província de Akkar.

Maxifour Lebanon Market Center O Líbano no Brasil

Alameda Dos Nhambiquaras, 374 - Indianópolis - São Paulo - SP

E-mail: maxifour@maxifour.com.br Telefone: (11) 5052-8475

PROVÍNCIA - AKKAR



Capital - Halba Município: Akkar

Ainda na região do Líbano-Norte, continuando a estrada Trípoli - Fronteira Líbano-Síria, chega-se à província de Akkar, passando por el-Beddaoui (a 3,5 km de Trípoli) onde há um pequeno Convento de Derviches (místicos muçulmanos). Mais à frente (16 km) chega-se a al-Abdé e em seguida a Halba.

De Trípolia Halba

Arka (a 99 km de Beirute): cidade fenícia bastante famosa na Antiguidade, seu nome aparece em tabletes egípcios de Tell al-Amarna e em textos siríacos. No período de dominação romana passou a ser um lugar de culto para Vênus; mas as riquezas históricas e arqueológicas não param aí, pois que em Akkar acham-se vestígios que cobrem praticamente toda a história do Líbano.

Halba (a 112 km de Beirute): lugar onde há uma fortaleza cruzada, da qual hoje restam apenas alguns vestígios. Na estrada em Halba o visitante chegará a uma bifurcação, vire então à esquerda para ir a a Kobayate.

Kouachra (a 132 km de Beirute): vilarejo habitado por turcomanos, seu nome significa "vilarejo dos nômades" neste idioma. Trata-se de fato de uma ilha turcomana em Akkar com aproximadamente 2.500 habitantes que falam ainda o idioma turcomano.

Beit Mellat (a 125 km de Beriute): vilarejo típico de Akkar, com casas tradicionais em meio a uma região verdejante. Seus habitantes, segundo alguns historiadores, são provenientes de Jeita, no Monte Líbano. Muitos dos habitantes deste vilarejo emigraram para o Brasil a partir de 1880, particularmente membros da família Jetene.

Passando Beit Mellat e subindo um pouco à esquerda, chega-se ao vilarejo de Baino.

Baino (a 130 km de Beirute): vilarejo situado numa região arborizada na confluência de

dois pequenos vales, cuja junção forma o "Nahr al-Arka". Desse povoado também saíram vários emigrantes para o Brasil, entre eles os membros da família Makari. Aproveite para saborear as deliciosas frutas da região, que são conhecidas no país inteiro e uma das marcas no mercado é : "Sítio" de propriedade de Chucri Makari, que sempre guarda palavras em portugues em suas empresas no Líbano.

Chucri Makari

Em 1948 o jovem Chucri Makari emigrou em direção ao Brasil, onde já estava seu pai, Youssef, trabalhando no comércio de cristal de rocha na cidade de Cristalina, Estado de Goiás. Chucri despois de Cristalina foi para Regente Feijó, Estado de São Paulo e passou a trabalhar com o comércio de algodão, indústria de azeite e em seguida com o comércio de café. Em 1970 retorna ao Líbano e abre a importadora e torrefadora de café – Companhia Café Super Brasil – em Beirute e em Trípoli, com a marca de café: "Café Super Brasil". Em 1994 Chucri Makari foi nomeado pelo governo brasileiro Cônsul Honorário do Brasil em Trípoli, Líbano Norte. Missão que serviu 18 anos com dignidade e divulgando o nome do Brasil. Assim foi condecorado com a Medalha de Rio Branco pelo governo brasileiro.

Vale de Kammouah: nesta região está o magnífico Vale de Kammouah. Em Kammouah os visitantes poderão admirar a rica fauna e flora do seu vale; entre as raridades está o pinho de Cilícia, que já existia no período glacial e vive milhares de anos.

Aakar al-Antika (a 135 km de Beirute):neste vilarejo está a Fortaleza de Akkar, cujo nome veio de seu fundador –Muhriz Ibn-Akkar– que a construiu no século XI. Por ela passaram conquistadores fatímidas Egito, em seguida pelos turcos seljúcidas e pelos cruzados, que a tomaram em quando tomaram Trípoli em 1109 e, finalmente, é destruída pelo Príncipe Fakhreddine no século XVI, ficando hoje apenas vestígios do que no passado era uma bela fortaleza.

A fortaleza localiza-se num rochedo entre dois vales, entre os quais o do Rio Nahr Akkar. A paisagem é deslumbrante e permite ver a cidade de Homs e seu lago na Síria, além da estrada de Trípoli-Baalbeck; dela também se vê outra fortaleza, esta cruzada, do lado sírio: o conhecidíssimo "Krak des Chevaliers" (pt: Krak dos Cavaleiros).

Kobayat (a 157 km de Beirute): vilarejo onde está o Museu de História Natural do **Akkar**, localizado no convento dos padres carmelitas. Nele estão expostas mais de quatro mil borboletas pertencentes às 184 variedades conhecidas no Líbano, além de um grande número de pássaros marinhos e terrestres bem como de animais empalhados.

Uma estrada subindo a montanha conduz a Hermel e Baalbeck, no Vale do Bekaa.

O Líbano-Norte, além de magnífica natureza, é pleno de árvores frutíferas e de belas cidades; é um lugar de peregrinação para cristãos e muçulmanos, pois vários são os conventos e mesquitas com suas ricas tradições. Sem nos esquecermos que aqui citamos apenas algumas cidades e povoados destas duas províncias.

PROVÍNCIA - LÍBANO-SUL



Capital - Sídon

Municípios: Sídon-Zahrani, Jezzine e Tiro,

De Beirute a Sídon e Tiro

Beirute-Tiro: 83 km duas horas de viagem. Beirute-Sídon: 45 km, uma hora de viagem.

Sídon-Tiro, 38 km, uma hora de viagem (parte da nova rodovia ainda esta em obras aquando da publicação deste quia).

• Município – Sídon-Zahrani

Deixando Beirute, direção sul na rodovia à beira-mar, o viajante passa pela província do Monte Líbano (Uzai, Khalde, Damour etc.) e entra na província do Líbano-Sul, onde chega a Sídon.

Sídon (ar: Saida) (a 45 km de Beirute): capital do Líbano-Sul. Sídon ("lugar de pesca" em língua semita), era a terceira cidade-Estado dos fenícios. Segundo a Bíblia, Sídon é a "Primogênita de Canãa (Gêneses: 10,15) e se crermos no Livro Sagrado, ela foi uma das cidades mais antigas da costa cananeia, fundada pelo neto de Noé. Escavações revelaram vestígios de uma cidade fenícia bem conservada, por onde passaram os persas, os gregos, os romanos, os cruzados, os árabes, os mongóis etc. É também a cidade onde nasceu Europa, a pátria de Cadmos, santuário de Ashtart e de Echmun.

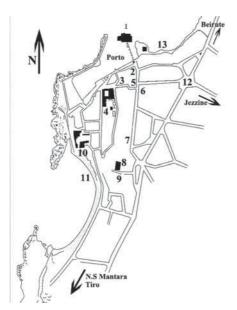
Os mais antigos traços de Sídon datam da Idade do Cobre (2500-1800 a.C.). A cidade prosperou com o comércio fenício e o início de várias construções. Em 551 foi em parte

destruída por um terremoto que, no entanto, abalou mais a cidade de Beirute, o que gerou a transferência da Escola de Direito desta cidade para Sídon. Atualmente, com as pesquisas marinhas, foram encontrados vários vestígios no fundo do mar da antiga cidade destruída pelo terremoto. Dominada e ocupada por várias civilizações, Sídon resiste ao tempo.

Sídon é considerada parte da "Terra Santa", porque foi visitada por Jesus Cristo onde curou a filha de uma mulher cananeia: "Jesus, partindo dali, retirou-se para a região de Tiro e de Sídon..." (Mateus: 15, 21; Marcos: 7,24). Comentadores do Evangelho relevam que, sempre a fim de escapar das provocações, das armadilhas e das perseguições dos fariseus e dos saduceus, Jesus partia para a região de Tiro e de Sídon. Lá, descansava e retomava suas forças, usufruindo de momentos de paz e tranquilidade. Por essa razão, ao que parece, recomendava aos seus anfitriões judeus e aos discípulos para não revelar que Ele estava na região. Local onde também passaram Maria (Nossa Senhora), acompanhando seu filho, Santo Elias (Reis: 17,9ss; ver vilarejo de Sarafand, Líbano-Sul), o apóstolo Paulo entre outros.

"No dia seguinte, fizemos escala em Sídon, e Júlio, que tratava Paulo com humanidade, permitiu-lhe que fosse ter com os amigos e deles recebesse os seus cuidados...". (At.: 27,3).

Plano da cidade de Sídon



- 1- Castelo do Mar
- 2. Suks (mercados)
- 3.- Catedral Ortodoxa de São Nicolau
- 4 Khan al Franj
- 5 Palácio Debbané
- 6 Catedral Greco-Melquita Católica de São Nicolau
- 7 Museu do sabão
- 8 Castelo de São Luís
- 9 Colina de múrex
- 10 Grande Mesquita al-Omari
- 11 Corniche
- 12 Praça da Estrela (Nijme)
- 13 Restaurante Resthouse

Para visitar a cidade

Logo na entrada da cidade, à direita, destaca-se o grande estádio de Sídon à beira-mar, construído em 2000 para a Copa da Ásia, da qual o Líbano foi sede naquele ano, com capacidade para 20 mil pessoas; à direita destaca-se a grande mesquita de Bahaa' Eddine al-Hariri, nova e com uma arquitetura própria do Oriente Médio e Líbano, financiada por Rafik Hariri. O corniche, avenida e calçadão à beira-mar que conduz até o Castelo-Fortaleza do Mar.

Castelo-Fortaleza do Mar (ar: Kalaat el-Bahr): construído pelos cruzados em 1228 em apenas cinco meses numa ilha do Mediterrâneo. Este castelo foi construído com pedras de ruínas da região e a atual construção guarda a obra dos cruzados, mas com acréscimos dos conquistadores muçulmanos ao longo dos séculos seguintes. Curiosamente, este castelo foi a residência preferida do rei da França, Luís IX, durante os quatro anos que permaneceu no Oriente Médio (1250-1254). Foi ainda propriedade dos cavaleiros templários quando ocuparam a cidade de Sídon. A grande sala do castelo data do século XIII e a ponte atual é da época dos mamelucos, assim como a torre do lado oeste que foi construída no século XV pelo Príncipe Sayfad Dine Jullubane. De acordo com gravuras do século XIX, o castelo estava em melhores condições, mas foi bastante danificado pelos bombardeios da frota austro-britânica em 1840.

Aberto todos os dias das 9 às 18 horas no verão e das 9 às 16 horas no inverno.

Ao lado do Castelo-Fortaleza do Mar há uma bela casa em estilo oriental com jardins. Lá situa-se o restaurante Rest House, excelente local para apreciar o Mar Mediterrâneo e a parte antiga da cidade de Sídon.

Suk e Khan: logo na frente do Castelo-Fortaleza do Mar estão o suk (mercado tradicional) e o khan (caranvançará) as-Sabbun (ar: "do sabão") e o khanal-Franj (pt: caravançará dos franceses), ambos construídos no século XVII por Fakhreddine II para desenvolver o comércio com a Europa. Este último é uma construção de estilo otomano. Atualmente o Khan al-Franj foi restaurado e nele encontram-se, durante o verão, algumas lojas de artesanatos da região e uma sala de exposição. Há um projeto para o transformarnum museu.

Aberto todos os dias das 8 às 18 horas, exceto às sexta-feiras que abre das 8 às 11 horas.

O suk é um labirinto de ruelas com comerciantes que vendem de tudo. O visitante deve

ter atenção com as bicicletas e lambretas que circulam por todos os lados, mas é uma aventura e uma viagem no tunel do tempo.

Khan el-Roz (pt: Caravancará do Arroz): caravançará construido pelo emir Fakhreddine no século XVII. Como o nome indica, era local de comércio do arroz que vinha do Egito e era reexportado para Damasco, na Síria.

Hammam: entre outros hammams (banho turco) antigos citamos o Hammam as-Sheikh (século XVII), ("sheikh", pt: xeique) para os homens e em Sídon o Hammamal-Ward ("ward", pt: rosas), para as mulheres, datado de 1730.

Catedral Ortodoxa de São Nicolau: ainda dentro do suk, além das lojas estão também locais de culto tanto cristão como muçulmano. Entre estes está a Igreja Ortodoxa de São Nicolau, local bíblico por onde passaram e se reuniram os apóstolos Paulo e Pedro no ano 58 d.C. ABíblia relata: "Partida para Roma, os presos, entre eles Paulo (...). No dia seguinte, fizemos escala em Sídon, e Julio, que tratava Paulo com humanidade, permitiulhe que fosse ter com os amigos ('Pedro e outros discípulos') e deles recebesse os seus cuidados...". (Atos: 27,3). A pequena sala à direita da entrada da igreja foi o local do encontro entre Paulo e Pedro. Nesse quarto há um poço que na realidade é também uma galeria subterrâneacom saída para fora das muralhas da cidade.

A Igreja atual data do século VIII e vale a pena ser visitada por causa dos seus belos ícones, todos originais. Curiosamente, esta igreja foi dividida em duas em 1819 para servir os fiéis ortodoxos e os greco-melquitas católicos e atualmente é a Catedral da Diocese Ortodoxa de Sídon. A igreja é dedicada a São Nicolau, o patrono dos marinheiros, justamente por estar perto do porto de Sídon.

Custódia da Terra Santa: ainda na mesma área, está a Custódia da Terra Santa, uma igreja latina com uma hospedaria que servia aos peregrinos quando passavam por ali a caminho de Jerusalém. Hoje esta igreja está sob a quarda da igreja Maronita.

Catedral Greco-Melquita Católica de São Nicolau: nesta mesma rua Mutran encontra-se o Arcebispado Greco-Melquita Católico de Sídon e Deir al-Kamar, do qual foi arcebispo Dom Basílio Hajjar, que visitou o Brasil em 1879. Na sacristia há uma placa de mármore escrita em árabe, citando a passagem de Dom Hajjar pelo Brasil, além de citar que recebeu a medalha "Michel I", recebida do Imperador Dom Pedro II. Não deixe de ver o piso em mosaico perto do altar, este trazido das ruínas de uma antiga igreja bizantina no vilarejo de Anane, perto de Sídon, datada do ano 525 d.C.

Dom Basílio Hajjar

Nascido em 1839 Jezzine, no sul do Líbano e morto em 1916, foi um bispo greco-melquita católico libanês. Após a visita de Dom Pedro II ao Líbano em 1879, Dom Hajjar foi ao Brasil, onde permaneceu por três anos (1879-1881) como Visitante Apostólico Oriental do Vaticano. No Brasil encontrou o imperador e foi condecorado por este, tendo várias vezes celebrado missas do rito bizantino na Capela Imperial do Rio de Janeiro. Dom Hajjar pode ser considerado como a primeira visita e permanência oficial de uma alta autoridade eclesiástica oriental no Brasil.

Palácio Debbané: na rua Mutran, na frente da catedral São Nicolau, está o antigo Palácio Debbané, propriedade de uma tradicional família de Sídon e atualmente centro cultural da cidade. O palácio foi construído em 1721 pela família Hammoud, mas comprado pela família Debbane em 1800. Lá foi criada a Fundação Debbané, que posteriormente transformou-se no Museu Debbané, onde se conta a história de Sídon. Além da exposição permanente, há outras temporárias que atraem muitos visitantes. A família Debbané tem uma antiga amizade com o Brasil, um de seus filhos – Miguel– foi cônsul honorário do Brasil em Alexandria de 1860 a 1872; foi ele também quem erigiu em 1868 a "Egreja São Pedro" (escrito até hoje em sua parede emportuguês arcaico) naquela mesma cidade egípcia em memória de Dom Pedro II. Museu Debbané,www. museumsaida.org Tel +961 (7) 720110

Museu do Sabão: ainda na Mutran, encontra-se o Museu do Sabão. Recentemente, a família Audi resolveu restaurar sua residência familiar e surpreendentemente descobriu no subsolo uma antiga fábrica de sabão que data do século XVII. O local foi restaurado e transformado num museu que conta a história do sabão na região através dos objetos ali encontrados tal como grandes jarros de cerâmica, bacias de saponificação, caixas usadas para secagem do sabão, sandálias com sola de madeira para amassar a massa, instrumentos para cortar as peças (facões, garfos, guilhotinas etc.), moldes com vários desenhos para remodelar o sabão bem como carimbos de identificação do produtor. Foram encontrados também vários utensílios usados para nos rituais de banho públicos (hammam) como jarros de metal, tigelas de terra argilosa e cobre, cachimbos de argila etc. Enfim, tudo o que era necessário não só para se banhar como também para os rituais religiosos necessários à purificação.

Aberto todos os dias, exceto às sexta-feiras, das 9 às 18 horas.www.fondationaudi.org Tel+961 (7) 733353

Castelo de São Luís: não longe do Museu do Sabão, mais à frente estão as ruínas do

Castelo de São Luís (ar: Kalaat al-Muizz, que em portuguêsliteral significa "Castelo de Terra"), construído sobre uma antiga fortaleza fatímida durante a ocupação dos cruzados (1110-1187). O nome Castelo de São Luís (fr: Saint Louis) vem da homenagem feita ao rei Luís IX da França, líder da Sétima e Oitava Cruzadas, que foi canonizado santo em 1297. O local foi o quartel-general daquele rei quando derrotou os aiúbidas em 1253.

Colina de múrex: próximo ao castelo está uma colina artificial de conchas do mar (múrex), do qual os fenícios serviam-se para extrair a púrpura usada para tingir os tecidos. Segundo relatos, a púrpura era extraída da veia do molusco vivo e depois misturada ao sal, onde era deixada três dias em repouso para, em seguida, ser fervida durante dez e só então ser utilizada como tintura. O restante do molusco e sua concha eram jogados fora e assim formou-se a colina de conchas.

A lenda da púrpura (múrex)

Conta-se que a púrpura foi descoberta pelo deus Melcarte(pt: rei da cidade) e sua noiva Tyrus. Um dia Tyrus passeava pela praia com seu cão, que mordeu uma concha do mar, ficando com a boca toda vermelha. Ela então pediu a Melcarte um vestido da mesma cor e ele, imediatamente, mandou recolher uma quantidade de conchas do mar da qual extraíu a tintura vermelha para tingir o tecido do vestido conforme o desejo de sua amada.

Grande Mesquita al-Omari: mesquita construída em homenagem ao segundo califa do Islão, Omar Ibn al-Khattab, que se situa à margem do mar, a sudeste dos suks. Tratase de uma fortaleza construída no século XIII pelos Cavaleiros Hospitalários, mas que depois da queda da cidade sob controle muçulmano foi transformada no século XV em mesquita. Sabe-se que a atual sala de oração da mesquita corresponde à Igreja de São João dos Hospitalários.

Mesquita al-Barrané: construida pelo emir Fakhreddine no século XVII e nela estão os túmulos de seus dois filhos.

Mesquita Kikhia: datada de 1623, durante o período otomano. A construção conta com seis cúpulas e colunas romanas no seu interior.

Palácio Emir Fakhreddin: construído no século XVII. Belo palácio com arquitetura árabe.

Corniche: na frente da Grande Mesquita há uma avenida com calçadão que convida a um bom passeio. Sídon é hoje uma cidade moderna sem perder o charme de seus pontos históricos. A cidade é cortada por grandes avenidas e tem um movimentado centro comercial. Seus habitantes receberam em 1999 o Senador José Sarney, que na ocasião lançou seu romance "O dono do mar", traduzido para o árabe e publicado pela editora Dar al-Farabi, de Beirute (ver José Sarney, província Beirute).

Da praça central Nijme (pt. Estrela), em direçãoà montanha está a moderna Sídon, com suas residências, comércio, restaurantes e cafés.

Templo de Echmoun: o templo de Echmoun encontra-se num bosque à esquerda da entrada de Sídon, chamado em árabe de Bustan ach-Cheikh, às margens do Rio Aouali. Trata-se de uma construção fenícia do século VI a.C. para o culto ao deus Echmoun, também chamado Melcarte em Tiro e Adônis em Biblos.

Logo na entrada das ruínas, à direita se pode observar os vestígios de uma igreja bizantina ainda com mosaicos no solo; em seguida o pátio de uma casa romana, cujo chão possui um mosaico que representa as quatro estações do ano; mais à frente veemse nichos e fontes d'água. Andando um pouco mais volta-se ao "período fenício" do local, com o conjunto dos templos que possui um pódio monumental. Perto, acham-se inscrições deixadas pelo rei Bodashtart e outro pódio piramidal do século IV a.C. No local observam-se também bacias de purificação cultuais e várias canalizações que mostram a importância da água nos rituais.

Lenda de Echmun

O deus fenício Echmun e Adônis parecemser um só, mas com aparências diversas. A lenda conta que Echmoun nasceu em Beirute e era um jovem caçador e que Astarte, a deusa da fertilidade, era apaixonada por ele. A fim de escapar dos ataques da deusa, Echmun mutilou-se mortalmente, mas Astarte ressuscitou-o para viver eternamente ao seu lado e fez dele um deus que os romanos assimilaram a Asclépio, deus da Medicina. Assim como Adônis, Echmun foi para os fenícios um símbolo de fertilidade, morte e renascimento, representando as estações do ano.

Maghduché (a 52 km de Beirute): vilarejo ao lado de Sídon, a 200 metros de altitude, com vista panorâmica para aquela cidade e para o Mar Mediterrâneo. O nome "Maghdouche" vem do aramaico "kukaddasium" (pt: acumuladores), em referênciaàs grande plantações de grãos (entre outras, de trigo) na região. O vilarejo é tambem marcado por vestigios de habitações de trogloditas, entre outras a gruta chamada Mughtarat al-Maqdura, onde está a figura de uma mulher esculpida em estilo primitivo e a gruta dedicada à Virgem Maria.

Gruta de Sayidet al-Mantara (pt: NossaSenhora da Espera):em frente a Sídon e ao mar, e que segundo a tradição local era onde Maria esperava Jesus durante suas pregações em Sídon e na região (Mateus: 15,21; Marcos: 7,24), visto que era proibido às mulheres judias atravessar ou entrar em cidades pagãs. O local da gruta é provavelmente é um antigo lugar de culto à deusa Astarté.

A tradição diz que Santa Helena, mãe do Imperador romano Constantino I pediu-lhe no ano 324 que fosse erigida nesse local uma torre dedicada à Virgem Maria. No século VIII os cristão passaram a ser perseguidos e então camuflaram a gruta, esta só veio a ser redescoberta por acaso no século XVII, graças a um pastor que tentava retirar uma de suas ovelhas que havia caído num buraco e neste momento encontrou a gruta e dentro dela um ícone de madeira de Nossa Senhora.

Este local foi transformado em capela, que em 1867 recebeu uma fachada de pedra em forma de três arcos, construída por Tiago Abela, Cônsul do Reino Unido em Sídon, em agradecimento a um milagre que ele teria recebido de Nossa Senhora.

Torre de Nossa Senhora: em 1963 foi constríidauma nova torre de 40 metros de altura, em forma de cone ao lado da capela, encimada por uma grande estátuade bronze de Nossa Senhora com o Menino Jesus, e dentro desta torre uma capela com um belo mosaico que mostra em imagens a história da gruta por onde passou Jesus e Maria. A torre possui uma escadaria que leva até o cimo onde pode ficar ao lado da estátua de Maria com vista panorâmica da região.

Caminho do Santuário: recentemente foi construído no jardim ao redor da gruta um caminho com doze lápides ao ar livre, relatando os eventos bíblicos que aconteceram sobre a Terra Santa do Líbano:

1. Cedros do Líbano no templo de Salomão, para construir a Casa de Deus em Jerusalém (I Reis 5, 19);

- 2. O Profeta Elias em Serepta, atual Sarafand (I Reis: 17,1; 8, 16), ver em seguida;
- 3. Profeta Jonas em Nabi Yunes, ver Monte Libano, onde Jonas foi deixado pela baleia (Jonas: 1ss);
- 4. Bodas de Caná (Canna da Galileia), ver a seguir onde Jesus, segundo alguns historiadores, transformou a água em vinho (João: 2,1);
- 5. Jesus cura a filha de uma cananeia que estava possuída pelo demônio (Mateus:15,21);
- 6. A Gruta de Nossa Senhora de Mantara;
- 7. Jesus em Cesaria de Felipe, atual Marjayoun, onde Jesus diz: "Sobre esta pedra edificarei minha igreja" (Mateus: 16, 13);
- 8. Transfiguração de Jesus ao lado de Moisés e Elias, no Monte Hermon (Mateus: 17, 1);
- 9. Pregação do apóstolo Tomás em Tiro (João: 14, 5);
- 10. O apóstolo Paulo em Sídon, ver catedral ortodoxa de São Nicolau, onde ele encontrouse com são Pedro (Atos: 27,3);
- 11. O Líbano, terra que deu três santos: São Charbel, Santa Rafka e São Hardini, e outros bem-aventurados (ver neste livro);
- 12. O Papa João Paulo II declarou em 1990 que "o Líbano é mais que um país, é uma mensagem".

Basílica Greco-Melquita Católica: o local é de silêncio, onde se pode orar, meditar, ascender velas, queimar incensos e descansar à sombra de grandes e antigas figueiras. Castelo dos Cruzados: ainda em Maghdoucé estão as ruínas de um castelo dos cruzados na extremidade norte do vilarejo, onde há também cisternas antigas. Este castelo tem vista para o vale e para a planície de Sídon.

Igreja as-Saydé (pt. Nossa Senhora):construída há mais de cem anos no estilo dos cruzados. Ao lado desta igreja encontra-se, segunda a tradição, o túmulo da esposa de Potifar, eunuco comandante da guarda egípcia que comprou José, filho de Jacó, como escravo. José ficou na casa de Potifar e com o tempo sua esposa, cujo nome a Bíblia não cita, tentou seduzi-lo, poisrecusava trair seu mestre. A mulher seu assédio e um dia estando sozinha com ele na casa agarrou-o e José ao fugir ela começou a gritar; então chegaram os guardas a quem ela mostrou o manto que ela arrancou de José, dizendo que ele havia tentado violá-la. Potifar ao saber da história enviou José à prisão e foi lá que eleinterpretou os sonhos de dois prisioneiros e depois do sonho do faraó sobre as sete vacas gordas e as sete vacas magras, ou seja, os sete anos de fartura seguido de sete anos de fome no Egito. Com isso José passou a ser um protegido do faraó e ali prosperou (Gênesis 39,1ss e 41,10).

O Alcorão tem uma interpretação diferente (ver a surata Yusuf: 12, 21 a 33). Neste livro Potifar é chamado de "Potifar al-Aziz" e sua esposa "Zulikha", a qual tentou José (no Alcorão, chamado de Yusuf) e este resistindo e Zulikhar disse a seu marido que José a havia violado. Mas Potifar não acreditou e foi o próprio José quem pediu para ser preso e assim ficar longe das tentações. Na versão alcorânica José também passou a interpretar os sonhos na prisão. Assim, ficou a Potifar a imagem do marido traído e à Zulikha a de adúltera.

Maghduché é reputada pelas suas parreiras, assim como pela produção de Mai zahr (água da flor de laranjeiras), que é extraída das laranjeiras amargas que crescem em todo o vilarejo; desta água de flores faz-se o chamado kahue baida (pt: café branco), que é a mistura de mai zahr com água quente. Outra bebida apreciada cuja origem é também de Maghduché é a água de rosas (pt: Mai ward); por causa de sua produção é fácil sentir que se entrou na região pelo odor de rosas e outras flores no ar.

Em nome da rosa

No Líbano é conhecida a parábola do mestre que um dia perguntou ao seu discípulo: "Qual é o único sentido que não se pode deixar de sentir?". O discípulo pensou, mas não conseguiu responder à pergunta. O mestre então disse-lhe: "Tu podes, por algum tempo, tapar os ouvidos, fechar os olhos, mas nunca parar de respirar". Geralmente os árabes referem-se a esta história para se referirem à importância dos jardins, pela beleza e bom odor que suas plantas perfumadas dão às entradas das casas.

Sarafand (a 58 km de Beirute): trata-se da antiga Sarepta bíblica, onde o profeta Elias viveu e fez seus milagres ("Vai para Sarepta de Sídon e fixa-te ali..." (1 Reis: 17,9ss), cidade por onde também passou Jesus. Foi também importante centro comercial fenício por causa de seu porto com três baías separadas e de sua indústria de vidro, que deu nome à cidade –"seraph", palavra aramaica que significa "fundir". Foi baseado nos textos bíblicos de Sarafand, da história do Profeta Elias, que o escritor brasileiro Paulo Coelho escreveu seu livro "O Monte Cinco", tendo até mesmo visitado a região.

Adloun (a 66 km de Beirute): vilarejo com importantes vestígios pré-históricos e as mais importantes grutas da costa libanesa. A mais célebre é Mgharet al-Bzez (pt: Gruta dos Seios), que faz alusão às novas mães que não têm leite e assim vêm beber a água desta gruta e orar. Ela foi também consagrada ao culto de Astarte (Afrodite), o princípio feminino da divindade na teologia pré-cristã e lá acha-se um local onde, provavelmente, estava a estátua do símbolo fenício da fecundidade.

Município - Jezzine

Do centro de Sídon em direção às montanhas, pegando a estrada para Jezzine, o viajante passa por vários vilarejos charmosos cercados por pinheiros, entre eles o de Salhiyé, Bkasin e outros. Mas o prêmio está no cume da montanha, de onde se tem a vista do Vale de Wadi Jezzine e de suas quedas d'água.

Jezzine (73 km de Beirute): uma das cidades mais célebres do Líbano-Sul (a 32 km de Sídon), situada sobre as colinas de Tumat Niha, tem a natureza como um dos seus maiores atrativos. Jezzine é plena de parrerais, pomares e de florestas, entre elas a de pinhão (it: pinoli; ar: snoubar), considerada a maior do Oriente, sem falar de suas quedas d'água, região perfeita para o ecoturismo e veraneio.

Ao entrar na cidade, vê-se imediatamente a estátua de Nossa Senhora de Jezzine sobre um pedestal monumental, ao lado esquerdo uma de suas quedas d'água que chega a 85 metros de altitude e em seguida a beleza das suas casas antigas, boa parte delas construídas no período otomano, tal como o serralho (1898), o antigo palácio da família Rohayem (1900). Vários são também os locais de culto religioso, com destaque para o Convento Santo Antônio –da Ordem dos Padres Antonis– (maronita), de 1774.

A cidade é célebre também pelo seu trabalho artesanal de cutelaria: os famosos talheres com cabos em forma de pássaros talhados e decorados à mão são a marca inconfundível da cidade. Outro setor representativo da economia de Jezzine é a criação de peixes, cujos parques estão abertos à visitação. Por fim, aconselha-se subir até o cume da montanha de ash-Shir, de onde se tem um fascinante panorama das cidades ao redor, que se perdem numa planície verde, rica em snoubars e oliverias, ao abrigo de montanhas brancas, cinzas, amarelas e vermelhas.

Albert David Rohayem

Nasceu em Jezzina, 1920, faleceu em 1983. Homem intelectual e espiritual. Como tradutor juramentado, fundou seu escritório de tradução em Beirute, em 1933, sendo um dos raros escritórios de tradução mais aintigo do Líbano ainda em atividade mantida pelos filhos: David Albert Rohayem (1958-2010), Myram Rohayem Khatlab. Albert falava e escrevia sete idiomas, entre eles o portugues. O escritório hoje tem uma equipe de tradutores especializados que garante traduções de doze idiomas, inclusive portugues. (ver enderecos úteis).

De Jezzine, o viajante poderá partir a Beit-Eddine (a 28 km) província do Monte Líbano e também a Marjayoun (a 47 km), província do Líbano-Sul

• Município - Tiro

Rio Litani (a 71 km de Beirute): este rio nasce no Vale do Bekaa, perto de Baalbeck e é famoso na história do país desde a Antiguidade por se tratar do conhecido Chihor Libnat do Velho Testamento. Ele representa a fronteira setentrional da Terra Prometida desde os tempos bíblicos. Além de seu valor religioso, vários são também os vestígios arqueológicos perto de sua margem, entre eles aquedutos, cisternas, termas e fossas funerárias.

Tiro (a 83 km de Beirute): chamada de Sur em árabe, seu nome vem do aramaico "Tsor", que significa "rocha", referência clara ao relevo rochoso desta cidade. Tiro era conhecida pelo comércio de vidro e de púrpura. É conhecido como local de nascimento de Cadmos, que espalhou o alfabeto no Mediterrâneo, e da Princesa Europa, em cuja homenagem chamou-se o continente europeu.

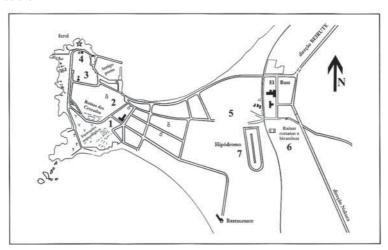
O rei de Tiro, Hiram I (969-936), era amigo do rei e do rei Salomão e em parte foi graças a esta amizade que Salomão não só mandou trazer cedros do Líbano para construir o templo de Jerusalém como também escolheu engenheiros fenícios para o construir. Um deles, chamado Hiram, era bastante renomado por seu trabalho em bronze. Hiram fundiu duas colunas de bronze ocas especialmente ornadas as quais assentou como colunas do pórtico do templo, chamando a da direita de "Jaquin" e a da esquerda de "Boaz"(Bibli, I reis 7,21),J-B, nomes que significam respectivamente "estabelecer" e "fortaleza", ou seja, "estabelecer a fortaleza de Deus". Sabe-se hoje que essas duas colunas do Templo de Jerusalém foram construídas sob a inspiração de um outro templo, este localizado em Tiro, dedicado ao culto do deus Melcarte, também conhecido como Echmun em Sídon e Adônis em Biblos, o deus do sol. Essa tradição de construir duas colunas diante dos templos teria influenciado, de acordo com alguns historiadores, não só a concepção das construções onde se encontram as lojas maçônicas, como o próprio símbolo que representa a maçonaria: o compasso.

Mas as lendas envolvendo os habitantes de Tiro são muitas e perdem-se na história. Uma delas é a da princesa Elissa, que teria fugido de Tiro depois do assassinato de seu marido. Elissa teria se refugiado no que é atualmente Túnis e fundado Cartago em 814 a.C. e dali começado a expandir-se e a formar entrepostos por todo o Mar Mediterraneo. O fato é que depois da fundação de Cartago, Tiro perdeu parte de sua importância e só

retomou parte de seu esplendor quando foi incorporada ao Império Romano.

Tiro, como outras cidades libanesas, inclui-se na chamada "Terra Santa", uma vez que recebeu Jesus e seus profetas que para lá se dirigiam para pregar. Quando lá esteve, Jesus "retirou-se para os lados de Tiro e de Sídon. Então uma cananeia, que viera daquela região, começou a gritar: tem piedade de mim Senhor, Filho de Davi. Minha filha está cruelmente atormentada por um demônio."(Mateus: 15,21 e Marcos: 7, 24). Segundo uma carta atribuída ao Papa Clemente, discípulo do apóstolo Pedro, escrita na Síria no século III, essa mulher chamava-se Justa e sua filha Berenice.

Já Paulo teria passado por Tiro no ano 57 e lá teria permanecido sete dias.(Atos: 21,4). Depois de sua visita, muitos tirienses converteram-se ao cristianismo e na cidade erigiuse um arcebispado; não muito tempo depois o bispo de Tiro construiria uma catedral no século IV, que mais tarde cairia em mãos dos árabes-muçulmanos em 636 e séculos depois (1124 a 1291) em mãos dos cruzados, que em 1127 construíram uma nova que substituiria a antiga basílica do século IV. Trata-se de uma visita obrigatória aos turistas que vão a Tiro, tanto pelos vestígios dos conquistadores que por lá passaram como pela beleza.



- 1 Ruínas de al-Mina
- 2 Catedral dos Cruzados
- 3 Igreja São Tomas
- 4 Diocese Maronita
- 5 Ruínas al-Brass
- 6 Necropole de Tiro
- 7 Hipodromo

Calçadão e porto: começando a visita pela avenida à beira-mar em direção ao porto vêse logo o Porto Sídoniano —em homenagem à cidade de Sídon, que fica em frente; é um lugar típico da cidade por causa do porto cheio de barcos pesqueiros, alguns pescadores a venderem os peixes pescados naquele dia enquanto outros preparam suas redes para o outro dia de trabalho; local onde também os pescadores até hoje se concentram com seus barcos e ainda mantêm suas fábricas de barcos de madeira, seguindo uma tradição de várias gerações.

Suk (mercado): diversas lojas, cafés e restaurantes que se encontram por ali. Não longe dali os visitantes chegarão às ruínas da antiga cidade de Tiro.

Ruínas de al-Mina: local que era antes a cidade insular. Plano de al-Mina

Grande via: nas ruínas da antiga cidade de Tiro, chamada al-Mina, entra-se por uma via larga de 11 metros de largura e 175 metros de comprimento cercada de colunas colossais e piso de marmóre da época romana, e restaurada na época bizantina com piso de mosaico. Pode-se observar no local as duas camadas sobrepostas de marmóre e mosaico. A via conduz até o mar e ao Porto Egípcio, nome este referente ao comércio que os tirienses tinham com os egípcios.

Mercado: logo no inicio da via observa-se vestígios de um mercado da época islámica, século VII

Termas: do lado esquerdo da grande via, vestígios de termas, onde se veem pequenos discos de cerâmica sobrepostos formando pequenas colunas que serviam de base para o solo e sob osquais circulava a água quente alimentada pelo forno para aquecer as diversas salas das termas. Abaixo, observam-se arcos e canais que serviam para evitar a umidade. Em seguida observam-se construções de edifícios modernos que impedem as escavações.

Palestrana: ainda à esquerda da grande via, observam-se nove colunas em granito cinza provenientes de Assuan. Era um espaço chamado de palæstrana época romana, onde os atletas treinavam. No século V d.C. este local passou a ser uma fábrica de púrpura.

Bairro residencial: à direita da grande via, vestigios sobrepostos do bairro residencial das épocas romana, bizantina e medieval.

Arena: ainda à direita a arena ou teatro retangular (modelo único da época), século I d.C., com 45 metros de largura e 35 metros comprimento, podendo receber, na époa, até duas mil pessoas em suas arquibancadas de blocos de calcário, onde se realizavam

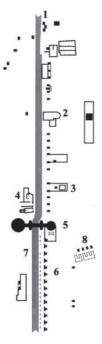
jogos, lutas e cerimônias culturais. Este local podia ser também transformado em piscina para se realizar jogos náuticos. Em volta da arena observa se várias citernas d'água interligadas por pequenas portas.

Pequena Via: duas vias romana-bizantina, uma em direção a cidade e outra em direção a catedral dos Cruzados. Me suas laterais vestigios de um mercado.

Fonte octogonal: na área da pequena via vestigio de uma fonte octogonal provavelmente construida na época romana e reutilizada na época bizantina

Catedral dos Cruzados: do outro lado da rua, mais acima, encontram-se os vestígios da catedral, da qual atualmente sobraram apenas algumas colunas monolíticas de granito cor-de-rosa vindas de Assuan, no Egito, e que pertenciam provavelmente ao templo de Melcarte-Heracles por causa de esculturas encontradas no local. O bispo de Tiro, Dom Paulin, construiu a catedral no século IV sobre as ruínas de uma basílica que foi destruída no ano 303 e que era uma das igrejas mais belas da Fenícia. Em 1127 a catedral foi reconstruída e dedicada a São Marcos. Guilherme de Tiro (1130-1185) foi arcebispo a partir de 1175 e a partir de 1244, quando os muçulmanso ocuparam Jerusalém e grande parte da Terra Santa, os reis dos cruzados passaram a ser coroados nesta catedral.

Ruínas al Bass



Do centro de Tiro em direção ao sul, passa-se pelas ruínas al-Bass, a leste da cidade.

Plano da via bizantina, romana e necrópole

- 1 Via Bizantina e Necrópole
- 2 Collumbarium (s. II)
- 3 Tumba familiar (época bizantina)
- 4 Capela bizantina (s. IV)
- 5 Arco do Triunfo (s. II)
- 6 Arqueduto
- 7 Via Romana
- 8 Hipodrómo

Via Bizantina e necrópole: na entrada das ruínas encontra-se a via bizantina, com piso de pedras calcária e dos dois lados dessa via estende-se uma vasta necrópole com várias cavas funerárias e um grande número de sarcófagos, a maioria datando do século I d.C. e o mais antigo do século II a.C.

Igreja com jardim: pequena igreja com tumbas e jardim, com um sistema de irrigação. Construção do século III d.C.

Tumba retangular: decorada com arcos e com pequenas colunas para lamparinas do periodo bizantino.

Columbarium (pt. Columbário):palavra que deriva do latim: columba, "nicho de pomba". Edificio com tres andares de tumbas datadas do século II d.C. Na Roma antiga os columbários guardavam os restos mortais, depois de cremados e as portas dos nichos eram decoradas com placas comemorativas e/ou esculturas com a imagem do morto.

Tumba com terraço: edificio com tumbas e terraço, com escadarias, datado do século II d C.

Os sarcófagos foram vandalizados e os mais decorados estão hoje guardados para em breve serem expostos ao público. Os sarcófagos de marmóre são provenientes da Grécia ou da Ásía e distinguem-se por sua tampa em forma de escama.

Capela funeral: na frente do arco, quase no meio da via, observa se uma construção posterior, que era uma capela bizantina do século VI d.C.

Arco do Triunfo : na metade desta via está uma porta monumental ou Arco do Triunfo, datado do século VI d.C., construido com blocos de pedra do século II d.C. Arco com 20 metros de altura, porta central e duas portas laterais menores

Via Romana: via com grandes pedras, século II d.C. onde pode observar ainda marcas das rodas das carroças romanas. Esta via, nas laterais, tem dois calçadões cobertos.

Arqueduto:em paralelo ao calçadão da via romana, à esquerda, observam-se vestigios do sistema de canalizações de água e arqueduto que conduzem às águas da fonte Ras el-Ain até o centro da ilha, ao sul de Tiro.

Fonte sepulcral: um monumento pertecente ao complexo funerário, decorado com nichos e várias fontes.

Terma Equipe azul: uma pequena terma decorada com mosaicos e na entrada esta escrito: "Vitória a Tiro e a sua equipe azul"

Hipodrómo: do lado esquerdo da via romana, após o arco está o hipódromo, construção

que data do século II d.C., em tamanho gigantesco (480 metros de comprimento e 125 metros de largura, com capacidade para acolher 30 mil espectadores), é o maior hipódromo já construído pelos romanos. O local era destinado às corridas de bigas (carro romano de duas ou mais rodas puxado por um ou mais cavalos) que deviam fazer sete voltas em torno da coluna central, um obelisco de granito rosa de Assuan, Egito.

Igreja dos Cruzados: no centro da pista do hipodrómo pode-se observar restos de uma antiga igreja dos Cruzados, que antes foi uma capela na época bizantina com mosaico.

Festival: neste local da pista do hipodrómo é realizado anualmente durante o verão o grande Festival Internacional de Tiro.

Em 1980, a UNESCO incluiu Tiro entre as cidades tombadas como Patrimônio Histórico da Humanidade. Na cidade encontram-se também vários suks, khans da época otomana além de mesquitas e igrejas interessantes de se visitar. Ao longo do cais, com o mar à sua direita, chega-se ao bairro residencial, área pitoresca, com ruelas e casas de estilo tradicional com uma praça de duas torres medievais nas proximidades do farol. Atualmente as ruínas e antigas casas contrastam com os arrojados edifícios da cidade moderna.

Sitios arqueológicos, aberto todos os dias das 8h às 19h no verão e das 8h às 18h no inverno.

Fora do sítio arqueologio pode ser visitado:

Museu Geo-Marítimo: em Tiro pode ser visitado o Museu Geo-Marítimo que apresenta uma grande coleção de fauna aquática mediterrânea. www.lbmarinlife-piczo.com Tel +961 (7) 343016.

Arqueologia submarina: o litoral libanês tem uma grande riqueza arqueológica submarina. Para os amantes de tesouros submarinos, uma visita interessante é o Museu Geo-Marítimo.

No centro da cidade moderna estão os bairros residenciais, comercial, restaurantes, bela praia de areia branca e fina, balneários, hotéis e restaurantes, entre outros o Rest House (hotel, restaurante e praia).

Saindo de Tiro o viajante poderá visitar:

Ras al-Ain (a 90 km de Beirute): na estrada que conduz a Caná da Galileia, encontra-se

uma fonte d'água da época pós-fenícia. A água é recolhida em depósitos de pedra que resistem ao tempo e seus aquedutos ainda fazem parte da canalização hidráulica que os alimenta. No local existe uma mesquita com colunas antigas provenientes de ruínas de um templo antigo dedicado ao deus Baal, por isso o local é também chamado de Ain Baal (pt: fonte do deus Baal).

Esta fonte é a mesma que é cantada nos Cântico dos Cânticos: "És a fonte que jorra a borbotões, fonte de águas vivas, que correm do Líbano" (4,15). Uma das quatro fontes de Ras al-Ain é Birket as-Saidé (pt: A fonte da Senhora), pois segundo a tradição, Maria também passou com Jesus nessa cidade e descansou perto dessa fonte.

Túmulo de Hiram: não muito longe de Ras al-Ain, está suposto túmulo de Hiram (970-936 a.C.) –Kabr Hiram– rei de Tiro e de Sídon, contemporâneo do rei Davi, para o qual enviou artesãos e madeira de cedros do Líbano para construir o templo e o palácio do rei Salomão em Jerusalém (1Reis: 5, 15; 9. 10-13; 5ss; II Samuel 5,11). O sarcófago monolítico de 4x3x2 metros (atualmente está um pouco soterrado pela estrada que passa bem ao lado, sem qualquer inscrição no local tem toda evidência de ter origem fenícia, mas a tradição local afirma ser o túmulo do rei Hiram, sem distinguir entre os três soberanos que tiveram o mesmo nome. Para alguns historiadores maçônicos, seria o túmulo de Hiram Abif, figura alegórica mencionada no ritual maçônico, o mestre de construção do templo do rei Salomão e assassinado por três construtores porque ele era o único que sabia decifrar as escrituras do templo.

Qana al-Jalil (Caná da Galileia) (a 95 km de Beirute): vilarejo em que a maioria de sua população é xiita. Segundo alguns historiadores, teria sido lá onde Jesus fez seu primeiro milagre: a transformação da água em vinho. A identificação de Caná da Galileia como o local desse milagre é, contudo, ainda assunto controverso, pois que a Caná bíblica é tradicionalmente ligada ao vilarejo de Kafr Kanna, atualmente em Israel; o fato é que já em séculos atrás historiadores como Eusébio de Cesareia (século III) e São Jerônimo (século IV) indicavam que a Caná citada por Josué (19,28) pertencia a tribo de Asser, e portanto identifica-se com a Caná da região da Galileia, que por sua vez corresponde à Caná atual, a 13 km da cidade de Tiro, no Líbano. É de notar também que somente após o ano 600 é que se começou a identificar a Caná do Evangelho com Kefr Kenna, perto de Nazaré.

Em recentes escavações, arqueólogos encontraram seis talhas de pedra, únicas na região, e várias figuras rupestres esculpidas na rocha, representando doze homens em volta de um décimo terceiro, que simboliza provavelmente Cristo e seus doze apóstolos.

As figuras datam dos primeiros séculos do Cristianismo que teriam sido esculpidas pelos antigos habitantes para comemorar o milagre de Caná. De uma forma ou de outra, Jesus passou pelo que é hoje o sul do Líbano e lá pregou seu evangelho, o que faz dessa região também "Terra Santa" assim como outras onde Jesus esteve.

Nesta cidade está também o Memorial dos Mártires de Caná, onde homens, mulheres e crianças foram mortos a 18 de abril de 1996 por um bombardeio israelense, numa operação chamada de Vinhas da Ira para atacar posições do Hezbollah.

Continuando na rodovia em direção à fronteira líbano-israelense, os visitantes aproximamse do que foi o Cordão de Segurança. O sul do Líbano havia sido ocupado pelas forças de Israel entre 1976 e 2000 e durante este período criou uma zona de controle que cobria mais de 60 cidades do sul do território libanês, o que totalizava uma população sob ocupação israelense de aproximadamente 150 mil habitantes. É bom lembrar aos visitantes que a fronteira é fechada entre os dois países, que embora não estejam atualmente em conflito, mantêm o estado de guerra, assim é importante que sigam atentamente as orientações dos guias e dos soldados da força internacional que cuidam da área a fim de evitar qualquer transtorno. Desnecessário dizer que é impossível passar ao lado israelense a partir do libanês.

Iskanderouna (a 96 km de Beirute): antiga Alecandroscena, que significa em português "a tenda de Alexandre", pois foi lá que este acampou e construiu uma fortaleza durante o cerco a Tiro. No ano 1116 Bauduíno I restaurou o forte e fez dele uma base para atacar Tiro, então ocupada pelos muçulmanos.

De Iskanderouna o viajante pode chegar ao Kalaat ach-Chema (pt: Castelo da Tocha), datado do século XVII, construído sobre uma colina com 402 metros de altitude, de onde tem se uma vista panorâmica da região. De volta à rodovia, na direção sul, chega-se a Nakoura.

Nakoura (a 103 km de Beirute): última cidade residencial e comercial a 4 km da fronteira entre o Líbano e Israel. Onde está a Força Interina das Nações Unidas no Líbano (en: United Nations Interim Force in Lebanon, UNIFIL). O dia 14 de novembro de 2011 ficará registrado como o dia em que o primeiro navio de guerra da Marinha do Brasil foi incorporado a uma missão de paz das Nações Unidas junto da Força-Tarefa Marítima (FTM) da UNIFIL.



PROVÍNCIA- NABATIEH



Capital: Nabatieh

Municípios: Nabatieh, Marjeyoun, Hasbaya e Bent-Jbail

De Beirute a Nabatiye, Hazbaya e Marjeyoun

• Município – Nabatieh

De Sídon a Chebaa, passando por Nabatieh, Castelo de Beaufort, Marjeyoun, Khiam, Hasbaya, Monte Hermon. Região cuja história é prestigiosa, tanto no passado como no presente, e que foi chamada pelo profeta Josué de Vale do Líbano. Região limite da província romana da Traconítide, em cujas terras os pés de Cristo pisaram, bem como de seus discípulos. Historiadores situam na Cesareia de Filipe, no centro de Traconídites, a profissão de fé de Pedro na messianidade de Jesus e o primeiro anúncio da Paixão. Muitos exegetas modernos pensam que foi sobre o Monte Hermon, na cordilheira do Anti-Líbano, que aconteceu a Transfiguração de Jesus.

Recanto histórico e de belos povoados, de importantes sítios arqueológicos naturais, grutas, montanhas, florestas. Local de passagem entre o país de Cham (Síria) e Egito, pela Palestina e pelo Vale do Jordão. A citadela dos Chehab, em Hasbaya, é um dos monumentos mais importantes da arquitetura da região. O castelo de Ksar Antar, sobre um dos cumes do Monte Hermon (2.857 metros de altitude), tipo de antigo santuário é também uma das atrações do local, além do templo de Hebbariyé, as muralhas e arcadas do khan (caravançará) entre Marjeyoun e Hasbaya, como também os sítios em Kfar, Hamam e Rachaya al-Foukhar. Existe ainda uma grande variedade de santuários islâmicos que fazem da região uma interessante peregrinação religiosa.

Nabatieh (a 75 km de Beirute): cidade de Nabatieh (Tahta e Fawka) é a capital da província do mesmo nome. Nabatieh situa-se no centro do Jabal Amel (Montanha Amel), nome histórico do sul do Líbano depois do século III a.C. e até a constituição do Líbano moderno em 1920. A história da cidade remonta ao século VIII a.C. Cidade antiga rodeada de cavernas (Oche al-Ghourub e Moghr Mahla) e de antigos sepulcros encravados no rochedo contendo jarros de cerâmica do período neolítico. O nome Nabatieh, segundo alguns historiadores, é proveniente dos nabateus, povo que tinha como capital a cidade de Petra, na atual Jordânia; seu poder entre os séculos I e II a.C. estendia-se do Rio Aouali (em Sídon, no Libano), passando por Damasco (na Síria). Nabatieh era uma estação comercial das caranavas dos nabateus que se deslocavam do porto de Sídon para o interior da Síria. Hoje, no centro da cidade encontra-se a bela Mesquita do Profeta Maomé, datando da época mameluca (1291-1516).

Arnoun (a 80 km de Beirute): vilarejo que ficou conhecido quando o exército israelense tentou incluí-lo na zona de segurança e seus habitantes fizeram uma caminhada pacífica num campo minado até os limites da cidade.

Castelo de Beaufort ou Fortaleza de Ach-Chakif (ar: Kalaat Ach-Chakif): a oeste encontra-se, numa colina de mais de 300 metros de altura, a imponente fortaleza de Ach-Chakif, também conhecida sob o nome dado pelos cruzados "Castelo de Beaufort" (a 96 km de Beirute). O castelo está fincado no topo de um penhasco de onde se pode avistar o Monte Líbano, a planície de Bekaa, o Monte Hermon e o Rio Litani.

A origem do castelo não é clara e muitas são as histórias sobre sua fundação. Uma delas é que o atual castelo ocupa o local de uma antiga fortaleza romana e que depois teria sido aumentada pelos árabes antes da conquista dos cruzados. Outros dizem que foram os próprios cruzados que o construíram. O curioso é que desde a Idade Média ele foi usado como base militar para forças que ocuparam a região, sejam cruzados ou muçulmanos, membros da OLP ou forças de ocupação israelenses.

Município - Marjeyoun

Marjeyoun(a 80 km de Beirute): cidade próxima de uma das fontes do Rio Jordão. Marjayoun é a continuidade da antiga Cesareia de Filipe, chamada de Cidade de Deus ou Cidade das Fontes, em razão de suas numerosas fontes d'água. De acordo com a tradição, foi lá onde Jesus teria confiado ao apóstoo Pedro as chaves do Reino dos Céus (Mt:16,18) e onde Jesus teria se transfigurado (Mt: 17). Mas muito além da história,

Marjeyoun atrai pela beleza de seus campos verdes e pela grandiosidade do Monte Hermon.

Kfar Kila (a 96 km de Beirute): importante mausoléu e o túmulo doprofeta Khodr (relacionado a São Jorge; ver a lenda de São Jorge).

Khiyam (a 100 km de Beirute):vilarejo que fica em frente a Marjeyoun e a apenas alguns metros da fronteira israelense. Khiyam ficou conhecido por causa da prisão onde ficavam os prisioneiros da resistência libanesa durante a ocupação israelense. Atualmente ela é local de visitação para os interessados na história recente do Líbano que vêm de todo o mundo.

Ibl as-Saqi (a 106 km de Beirute):conhecido pelas suas belas casas e por seu artesanato. É de lá que vieram os pais do escritor brasileiro Raduan Nassar, nascido em Pindorama, no estado de São Paulo.

Raduan Nassar

Nascido em Pindorama, no estado de São Paulo, em 1935, é um dos grandes escritores brasileiros de origem libanesa, cujos pais(João Nassar e Chafika Cassis) vieram de Ibl as-Saqi.

Formado em Direito, logo, no entanto, estreou na literatura e em 1975 lançou o romance "Lavoura Arcaica". Em seguida, em 1978 publicou "Um copo de cólera" e depois, em 1997 "Menina a caminho", reunindo seus contos dos anos 1960 e 1970. Foram três obras que asseguraram-lhe o respeito da crítica como um grande escritor. Seus livros foram traduzidos em alemão, castelhano e francês. Duas de suas obras tornaram-se filmes: "Um copo de cólera", com roteiro de Aluízio Abranches e Flávio R. Tambelllini, em 1995 e "Lavoura arcaica", com direção e roteiro de Luiz Fernando Carvalho, em 2001. Nassar deixou de escrever em 1984 e mudou-se para seu sítio em Pindorama.

Município - Hasbaya

Hasbaya (a 114 km de Beirute):é talvez a "Baal Gad" da Bíblia (Josué: 11,17). O nome "Hasbaya" é de origem aramaica e significa em português "usina de argila e de vasos". Cidade em forma de um anfiteatro localizada no fundo do vale Busis, com belas plantações de oliveira e parreiras e com patamares de plantações na encosta da montanha. Hasbaya

foi residência dos Príncipes Chehab, cuja linha hereditária remonta a tribo do Profeta Maomé. Logo na entrada está o Serralho da antiga residência dos Príncipes Chebab, cuja tradição remonta ao edifíciodos tempos dos cruzados, mas pode ser mais antiga ainda. Várias vezes destruída por terremotos, incêndios e bombardeios. A citadela é composta de seis andares, trêsdeles subterrâneos. Há vários leões esculpidos, símbolo da família Chehab. Um belo edifício, que apesar de ter os elementos arquitetônicos de um forte, possui também uma arquitetura refinada, com escadarias, colunatas, arcadas, chafarizes e varandas.

Na cidade está a fonte do Rio Hasbani (21 km), que nasce no extremo sul dos pés do Monte Hermon e se dirige em direção ao Mar Morto, constituindo um dos afluentes superiores do Rio Jordão, na Terra Santa. À sua margem vários restaurantes agradáveis e com música ao vivo.

Khaluat al-Bayyada (a 124 km de Beirute): o nome "khaluat" locail de estudo e espiritual em que se reúnem os drusos. "Bayyada" vem do verbo "bayyada", que em português significa "branquear", ou seja, "branquear e purificar os corações através da oração e da meditação". É esse o principal objetivo deste santuário da comunidade drusa, constituído de vários eremitérios onde os iniciados vêm fazer seus retiros espirituais e onde todas as sextas-feiras à noite muitos fiéis drusos vêm meditar. Construção existente há mais de três séculos feita pelo Xeique Jamal ad-Din al-Hamra.

Jabal ach-Cheikh (pt: Monte Hermon): Hasbaya é um dos pontos de partida para se subir ao Monte Hermon, que tem 2.760 metros de altitude e é o segundo mais alto do Líbano. Outro ponto de partida é Rachaya, no Vale do Bekaa, que oferece um trajeto mais curto mas mais difícil. O Monte Hermon já era considerado sagrado pelos fenícios, que o chamavam de Sirion; na Bíblia ele é chamado de Baal Hermon, que para os cananeus era a sede do Deus Altíssimo. Os árabe chamam-no de Jabal ach-Cheikh (pt: A Montanha do Xeique).

O Monte Hermon tem três cumes. O do lado norte domina a planície do Vale do Bekaa e as cordilheiras do Monte Libano e Anti-Líbano; o segundo domina a planície de Damasco e o terceiro domina o Vale do Jordão. Do Monte Hermon pode-se ver o Vale do Bekaa, o Monte Líbano e o Anti-Líbano, o Vale de Zebdnai, o grande deserto sírio e as montanhas de Huran –também na Síria–, o Vale da Jordânia, os lagos de Hule e Tiberíades em na Terra Santa e, enfim, uma vista que se perde sobre a Galileia, Samaria até o Monte Carmel.

Rachaya al-Foukhar: vilarejo no Monte Hermon conhecido pela produção de cerâmica.

Município - Bent Jbail

Tebnine (a 112 km de Beirute):cidade conhecida pela sua citadela cruzada de Toron, palavra que vem do francês antigo que significa "colina isolada" (900 metros de altitude) construída sobre uma colina no início do século XII por HugoII de Saint-Omer, governador de Tiberíades, para proteger a região e fazer os preparativos para a tomada da cidade de Tiro, distante 30 km a oeste, que estava nas mãos dos árabes. Em 1124, a citadela foi tomada pelos cruzados e em 1152 passou a ser propriedade de Onfroi II de Toron, do Reino de Jerusalém. Em 1187 a citadela caiu novamente nas mãos dos árabes após a batalha de Hattin, por Saladino. Ela passou de um domínio a outro mais vezes, ficando definitivamente sob os muçulmanos em 1775. Trata-se de um lugar interessantíssimo por sua história e por seu desenho, já que cobre uma superfície de 2 mil metros quadrados, com imponentes muralhas e torres quadradas e circulares.

Bent Jbail (a 122 kmde Beirute): capital da " Caza" do mesmo nome, onde foram encontrados várias inscrições gregas e romanas antigas, mesquitas e casas do século XIX.

Yaroun (a 126 km de Beirute): antiga Yereon de Josué, uma das cidades de Nefitali e ainda o vilarejo de Safad, a antiga Shephat do Velho Testamento. Cidade para onde foi levado Tobias: "... filho de Tobiel, filho de Ananiel...foi levado cativo... do outro lado do poente, à esquerda de Safad" (Tobias: 1,1ss).

Na região ainda se encontram várias outras cidades e vilarejos, com vários vestígios arqueológicos de origem grega, romana e árabe, além de necrópoles rupestres.

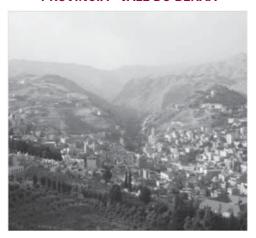
Escave a antiga Fenícia, não sabemos o que esconde esta terra. (Ernest Renan, 1860).

MAHJAR - CONEXÕES LIBANESA

Portal do Libano http://connexionslibanaises.com



PROVÍNCIA - VALE DO BEKAA



Capital Zahlé

Municípios: Zahlé, Rachaya e Bekaa-Oeste

• Município: Zahlé

De Beirute a Zahlé

Deixando Beirute pela Rua de Damasco em direção à montanha, o viajante passa pela província do Monte Líbano - Baabda, Aley, Bhamdoun e Sofar, até chegar a Dahr al-Baida.

Dahr al-Baida (a 36 km de Beirute): a 1.556 metros de altitude, região entre as montanhas Jabal al-Kneisé e Jabal al-Baruk. A paisagem deste trecho merece que os visitantes parem por alguns minutos para a apreciar e a fotografar; de lá a vista do Vale do Bekaa é simplesmente esplêndida, com seu terreno multicolor cercado pelas duas cordilheiras que literalmente cercam o Líbano: o Monte Líbano e o Anti-Líbano. Com aspecto árido, esta última é como uma barreira do deserto que avança pelo outro lado e faz também fronteira com a Síria. Entre os visitantes ilustres de Dahr al-Baida está o imperador do Brasil, Dom Pedro II, que passou por este local em 1876 em direção a Baalbeck, que em seu diário escreveu "Felizmente a chuva tinha cessado, clareando o tempo de modo a gozar da vista magnífica da planície de Bekaa" (Dom Pedro II, Diário de

viagem, 14 de novembro de 1876).

"Bekaa" em árabe significa "depressão", uma região com uma vasta planície fértil, irrigada pelos dois maiores rios do Líbano: Assi e Litani, e situa-se a 900 metros do nível do mar, entre as duas cordilheiras do país. É desde a Antiguidade uma região rica em agricultura e era conhecida àquele tempo como o "Celeiro do Império Romano" e as epopeias fenícias encontradas em Ugarit descrevem-no como o lugar predileto dos deuses.

Entre outras atrações, o Vale do Bekaa é também uma viagem às fontes da história do vinho. Tal como em Roma, o deus romano Baco foi objeto de culto também em Baalbeck, a prova está no prestigioso templo dedicado a ele nesta cidade (ver Rota dos vinhos e araks).

Percorrendo a região, observam-se várias tendas de beduínos (ar: al-badawi) à margem das estradas. Mas atenção, nem todos são beduínos, alguns são acampamentos militares. Os beduínos nômades praticam a agricultura e o pastoreio de ovelhas, sendo comum ver rebanhos de ovelhas pelo vale acompanhadas pelo pastor que as conduz em busca de pasto. Esses pastores vivem em tendas chamadas beit sh'r, literalmente "casa de pelo", pois que elas são feitas de tecido de pelo de camelo ou de cabra.

Ao entrar no Vale do Bekaa os visitantes se supreenderão com o quanto de Brasil lá encontrarão. Trata-se de uma região também tipicamente brasileira, uma vez que foi de lá que a maioria dos emigrantes libaneses que foi para o Brasil. No Bekaa há cidades com 90% de brasileiros e, evidentemente, falando fluentemente o português do Brasil. Basta dar uma volta pelas ruas e outros locais públicos como mercados para se dar conta da presença brasileira por aquela região; em cidades como Sultan Yaacub os visitantes escutarão o "portárabe", uma mistura bem interessante de português com árabe.

Jdita (43 km de Beirute): ligado à cidade de Chtaura está o vilarejo de Jdita, no qual se encontram vestígios arqueológicos romanos: blocos com inscrições e uma cava funerária com uma inscrição latina. Também em Jdita está a cava Nakadi, com bom vinho e arak (ver Rota dos vinhos e araks). É deste vilarejo que vem um dos escritores do renascimento da literatura árabe na emigração, Neme Kazan.

Neme Kazan

Nascido em 1908, emigrou para o Rio de janeiro em 1926, onde fez parte da Liga Andaluza (ver Nahda e Nova Andaluzia). Kazan publicou vários livros com o pseudônimo de "Farkh an-Nasr", poeta do amor e da natureza.

Chtaura (a 44 km de Beirute): trata-se de uma cidade-encruzilhada para se chegar a diversas cidades e povoados do Vale do Bekaa. Chtaura tem um importante centro comercial, bancário e hoteleiro na região e por isto mesmo de lá pode-se encontrar táxis ou "services" (táxis que levam diferentes passageiros para uma mesma área) que levam a quaisquer localidades do Vale do Bekaa, assim como para Damasco, na Síria.

Em Chtaura, o Imperador do Brasil, Dom Pedro II, passou em 1876 e em seu diário diz ter almoçado nesta cidade por ser já à epoca a cidade-encruzilhada no Vale do Bekaa. Ele almoçou na chamada "Maison Brun" (pt: Casa Brun), uma adega com o excelente vinhos do Líbano (Domaine des Tourelles; além desta adega há o Chateau Ka - ver Rota dos vinhos e araks), fundada em 1868 pelo francês François-Eugène Brun e que na época era um local de parada das caravanas. A adega existe até hoje.

Em Ch'tora [Chtaura] a 905 metros de altura, houve o almoço e logo às 11h20 separouse a companhia, indo eu e os que deviam igualmente montar a cavalo ainda de carro até Malakah [Maalaka, cidade perto de Zahle] e os demais seguindo para Damasco (Dom Pedro II, Diário de viagem, 1876).

Em Chtaura está o hotel Massabki, recentemente restaurado após ter sido testemunha de momentos difíceis durante a guerra civil. Um hotel que tudo viu e tudo escutou. Hoje é um hotel que retoma sua missão de receber turistas e que a uma primeira vista, pois está à beira da rua principal de Chtaura, não se dá muita importáncia, mas que possui18 mil metros quadrados de floresta e está localizado num local com clima excepcional na região, lugar procurado pelos asmáticos para se curarem.

Ksara (53 km de Beirute): vilarejo que tem o nome de um antigo castelo (ar: ksar) franco. Neste vilarejo está o Castelo de Ksara, uma adega de vinho da região. Em 1857, os padres jesuítas instalaram-se em Ksara e iniciaram a fabricação de vinho e em 1972 passaram a fábrica a uma sociedade privada.

Em Ksara o vinho é posto para ser envelhecido em barris dentro de uma adega natural na

montanha rochosa, um labirinto de aproximadamente dois quilômetros de extensão que foi descoberto pelos padres quando seguiam uma raposa que aparecia na região à noite para caçar as galinhas. Os padres uma noite seguiram-na e observaram que ela havia entrado num buraco. Olhando mais atentamente, descobriram que se tratava de um túnel que se transformava num labirinto construído provavelmente pelos romanos. Uma vez lá dentro, os padres deram-se conta que seria o local ideal para se conservar os barris de vinho que produziam dada a excelente temperatura. Desde então, ali se produzem e se conservam um dos melhores vinhos do Líbano, sem dizer que é uma das mais antigas do Oriente Médio ainda em atividade.

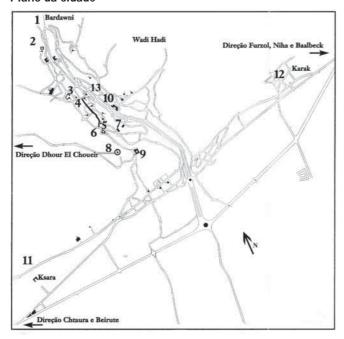
Os vinhos Ksara receberam inúmeros prêmios internacionais por sua qualidade. Ksara está aberta à visitação pública e oferece aos visitantes a possibilidade de degustar seus vinhos. Está aberta todos os dias, exceto aos domingos, das 9 às 16 horas.

Na região do Bekaa há ainda outras vinícolas, entre elas a de Kefraya, Nakad, Wardy, Massaya, Clos Saint-Thomas entre outras, o que convida os amantes de vinho a fazer um longo tour por ali (ver Rota dos vinhos e araks).

Zahlé (a 55 km de Beirute): capital do Vale do Bekaa, foi chamada, entre outros nomes, de "Dar as-Salma" (pt: A casa da paz), "Wadi as-Sibaa" (pt: Vale dos leões), de "Aruss Lebanan" (pt: A noiva do Líbano) e "Cidade do Vinho e da Poesia", visto que um grande número de poetas ali nasceu, entre os quais Said Akl, ilustre por sua poesia.

Zahlé foi fundada no século XVIII, quando existiam apenas algumas casas em volta da igreja de Nossa Senhora, tornou-se uma cidade importante na época dos "mutassarift" (governadores otomanos). Em 1914, o governador otomano Jamal Paxá Turk foi morar na residência Kadri, transformando-a mais tarde num hospital para os soldados. Depois, no período de tutela francesa, foi neste mesmo hotel que o General francês Gouraud proclamou, em 1920, segundo os acordos de Sikes-Picot, o reagrupamento dos distritos do Bekaa, Baalbeck, Hasbaya e Rachaya ao Líbano. Nos anos 1990 foi tranformado num hotel de luxo mas, infelizmente, durante a publicação deste guia, fechava suas portas.

Visitando a cidade Plano da cidade



- 1 Berdaouni
- 2 Santo Elias at Tuak
- 3 Igreja N. S. Da Liberdade
- 4 Suk (mercado) al Blat
- 5 Igreja Saydet al Zalzali
- 6 Antigo serralho (municipalidade)
- 7 Informação turística
- 8 Santuário N.S. de Zahle de Bekaa
- 9 Hospital Tell Chiha
- 10 Novo serralho (municipalidade)
- 11 Cavas de ksara
- 12 Karak Nuh
- 13 Rua Brasil

Rua Brasil: a avenida principal de Zahle tem o nome de Rua Brasil, desde a entrada da cidade até a fonte do Rio Bardaouni, sempre em paralelo a este rio, avenida arborizada e local comercial e sede administrativa e judiciária da região. A Rua Brasil, inaugurada em

1925 em homenagem ao país que recebeu de braços abertos os emigrantes libaneses e foi nesta mesma rua que o então Presidente Juscelino Kubitschek foi recebido e homenageado pelo poeta Said Akl, em 1962.

Suk Blatt: parte antiga da cidade, foi local frequentado por viajantes que circulavam pela Síria, Iraque e Palestina. No local está o Haush Az-Zaraané (zona mercantil) com aglomerados de khans . Dom Pedro II visitou Zahle em 1876.

Jardim dos Poetas: na Rua Brasil está o Jardim dos Poetas e entre outras estátuas e bustos estão os de Chafic, Fauzi e Iskandar Maluf, escritores líbano-brasileiros que emigraram para o Brasil nos anos 1920. Busto do grande poeta libanês Said Akl.

Irmãos Maluf

Fauzi Maluf (1899-1920), filho do eminente historiador Issa Iskandar Maluf e seus irmãos Chafic e Riad foram igualmente escritores. No Brasil viviam seus tios Michel Maluf – primeiro Presidente da Liga Andaluza do Brasi I – e César Maluf, que escreveu o primeiro livro sobre a Memória dos Imigrantes Libaneses no Brasil, em 1934 (ver Nahda e Nova Anzaluzia).

Fauzi fez seus primeiros estudos em Zahlé, onde aprofundou seus conhecimentos de árabe, francês e depois de castelhano e português. Sua obra pode ser dividida em dois períodos: do Líbano, onde ele se forma culturalmente e já pensa na emigração e no papel dos libaneses do além-mar:

Àqueles que em todos os continentes, que honram o Líbano e que passeiam em todos os céus, em todos os ventos, este Líbano audacioso acostumado a olhar para o grande espaço, nós dizemos de todo coração: o Líbano espera por vós com certeza, mas espera muito de vós... Vós sois os fiéis representantes de um Líbano aberto a todas as civilizações e destinado a comunicar-se com todos os povos do mundo. (Al-Chark).

O segundo período, o qual passa a incluir o Brasil, para onde havia emigrado em 1921, fundando em São Paulo no ano de 1922 o grupo da juventude zahliota. Entrou no comércio e fundou uma fábrica de seda artificial. Morreria ainda jovem, com trinta anos no Rio de Janeiro em 1920.

Chafic Maluf (1905-1976) emigrou para o Brasil em 1927. Lá foi comerciante, mas

também escritor. Foi Presidente da Liga Andaluza entre outras entidades culturais.

Riad Maluf (1910-2002) emigrou para o Brasil em 1938, onde já estavam seus irmãos (Iskandar, Chafic e Fauzi). No Brasil, trabalhou no comércio, escreveu várias obras. Escreveu em 1945 o livro "Fantasmas, uma nostalgia do Líbano". Numa de suas poesias diz:

"Será que voltaremos a ti, ó Líbano. As promessas serão cumpridas. O tempo permitirá e colheremos cachos de uvas de cores variadas?...".

Riad retornou ao Líbano em 1954 e faleceu em Zahlé em 2002. (ver bibliografia - "Mahjar, Saga Libanesa no Brasil").

Said Akl

Nascido em Zahlé em 1912, passou sua infância no vale de Berdawni e no Colégio Oriental de Zahlé fez seus estudos. Akl é um dos maiores poetas libaneses ainda vivo, sua poesia sua poesia repousa num clima romântico e espontâneo, plena de imagens em que ele personifica a beleza. O Líbano em seus escritos tem um lugar de graça, pois que canta a esperança da grandeza de seu futuro fundada nos grandes feitos do passado. Mas para tanto, defende o amor como princípio fundamental do progresso moral e também cultural; é a fusão desses dois elementos que definitivamente pontuam sua obra no sentido mais lato. Entre suas obras destaca-se "Se o Líbano falasse" (traduzido para a língua portuguesa), mas sua criatividade não se limitou apenas à literatura, também é autor de mais de duzentas peças de teatro.

Dada a sua importância para a literatura libanesa, em 1962 criou-se o Prêmio Said Akl, destinado a premiar escritores que se destacam em obras que tenham como tema o Líbano (entre estes, o autor deste guia, um brasileiro do estado do Paraná, foi agraciado com este prêmio em 2002).

Entre os que emigraram para o Brasil a partir de Zahlé está também Salim Iuhana Balich, que emigrou em 1890 e fundou com seu sócio Antun Najar o primeiro jornal de língua árabe no Brasil – "al-Fayha" (pt: Mundo Largo)— em Campinas em 1895, e o segundo das Américas (o primeiro foi "Kaukaba America", nos Estados Unidos em 1888).

Edificios tradicionais: em Zahlé há várias casas tradicionais, um bom exemplo da

arquitetura libanesa do século XVII, entre elas a Casa Geha, Skaff, Hindi e o antigo Serralho, construído em 1885 bem como hotéis históricos, entre outros o hotel Akl localizado na Rua Brasil. Na mesma rua Brasil esta o edificio histórico Kadri.

Rio Bardaouni: bem perto da fonte do rio, em sua margem um lugar pontilhado de restaurantes ao ar livre, cobertos por parreiras e rodeado de árvores e que onde pas pessoas passam momentos degustando a famosa gastronomia libanesa zahliota, ao som das águas do rio que passam entre os restaurantes. Rio cantado pelos zahliotas, que como dizem: "quem não o conhece ao ouvir os poemas e músicas, imagina-o maior que o Rio Amazonas".

Santuário Nossa Senhora de Zahlé: localizado no alto de uma colina, a 1.100 metros de altitude, com uma vista fabulosa do Vale, nesta igreja encontra-se uma torre de 75 metros de altura, sobre a qual está a estátua de Nossa Senhora de Zahlé (9 metros), executada pelo artista italiano Pierroti em 1954 e oferecida à cidade pelos emigrantes, inclusive do Brasil. A estátua mostra a Nossa Senhora segurando o menino Jeus no colo e este segurando um galho de trigo e ela um cacho de uva, símbolos das recolhas do Vale do Bekaa e da Eucaristia. Um elevador e escadaria conduzem os visitantes até uma plataforma panorâmica de todo o Vale do Bekaa e das duas cordilheiras, o Monte Líbano e o Anti-Libano.

Zahlé por ser uma cidade cuja maioria dos seus habitantes são cristãos, possui várias igrejas e sede de arcebispados. Entre as igrejas estão: Igreja de Saydet ez-Zalzaly, construída em 1700; a Igreja de Nossa Senhora da Libertação (Saydet an Najat), construída em 1846.

Festival: no mês de setembro é realizado o Festival de Zahlé, das flores e da vinha, que dura uma semana e na ocasião é eleita a "Rainha da Vinha". Trata-se de uma cidade a se descobrir e deve-se aproveitar seu clima e a hospitalidade de seu povo, se se esquecer de suas adegas, entre as quais estão a Domaine Wardy, Les Coteaux du Liban e Domaine de Baal (ver Rota dos vinhos e araks).

De Zahlé em direção a Baalbeck (pela estrada antiga), o viajante vai passar por:

Maalaka (a 58 km de Beirute): lugar que no passado era estação das caranavas que se dirigam a Baalbeck. Dom Pedro II partiu desta cidade para Baalbeck em 1876.

Karak Nuh (a 59 km de Beirute): local onde há uma mesquita medieval e nela, segundo a tradição, encontra-se o túmulo de Noé. Na Bíblia está escrito que Noé era agricultor e que plantou a primeira vinha na terra, talvez por isto a região seja tão proeminente por causa de seus vinhos. É dali que vem o vinho "Clos Saint-Alphonse" (ver Rota dos vinhos e araks).

Furzol (a 62 km de Beirute): nome que em português significa "ferro", isto porque os romanos extraíam este minério do local para levar a Baalbeck e lá usá-lo para as estruturas de seus templos. Em Furzol, encontram-se muitas grutas escavadas nos rochedos tanto para abrigar eremitas quanto para pessoas que fugiam de perseguições. Do lado leste do vilarejo acham-se numa colina vestígios de um grande palácio a partir do qual tem-se uma excelente vista da cidade de Baalbeck. Num dos rochedos uma cena em alto relevo chama a atenção dos visitantes: um chefe romano montado num cavalo e ao seu lado uma mulher que lhe oferece tâmaras.

Rayak (a 67 km de Beirute): é onde se localiza a Base Aérea Militar do Líbano e também onde estava a antiga Estação Ferroviária do Oriente Médio –desativada no momento–, que fazia a linha Damasco-Homs-Paris, com o famoso "Expresso do Oriente".

Kfar Zabad (a 70 km de Beirute): em Kfar Zabad há dois templos romanos, de onde se tem uma vista privilegiada da planície. Lá os visitantes verão um alto-relevo da deusa Vênus, conhecida em árabe pelo nome "Bint el-Malek"(pt: A filha do Rei). Para os que gostam de caminhadas e aventuras subterrâneas (espeleologia), vale a pena visitar uma gruta da região de 125 metros de comprimento, uma verdadeira beleza natural.

Niha (a 72 km de Beirute):vilarejo onde é conservado um templo dedicado ao deus síriofenício Hadaranes. No interior do templo há a estátua desse deus bem como colunas onde se acham várias cabeças de leões.

De Chtaura a Masnaa (Fronteira Líbano-Síria).

Taanayel (a 47 km de Beirute): região agrícola desenvolvida pelos padres jesuítas a partir de 1860. O Convento de Taanayel dos dos Padres Jesuítas é um lugar de história, retiro espiritual no coração do Vale do Bekaa, lugar que vale a pena visitar, pois é onde está o santuário de Nossa Senhora, construído em 1906, uma paróquia da igreja latina, sendo assim um lugar de peregrinação de diferentes religiões. Ao lado da igreja encontram-se cedros centenários, um convento, grande terreno com lago artificial e uma

floresta bem preservada. É onde também se fabricam produtos derivados de leite. O local é uma propriedade particular e deve-se pedir autorização visitar. Na região está a Adega Massaya, que signfica em português "Crepúsculo" (ver Rota dos vinhos e araks).

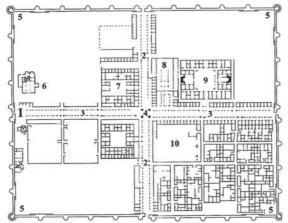
Bar Elias (a 51 km de Beirute): é outro contraponto que se refere ao sol: "Hélio". Conhecida por sua fazenda de criação de cavalos árabes. Na região, está o Deir Ghazal (pt: Convento da Gazela), perto do qual estão os vestígios de um templo antigo, não longe dali está o Nebi Zair (pt: Profeta Zair), um pequeno monumento com cúpula que atrai peregrinos muçulmanos que veneram este profeta. A cidade tem uma veneração e peregrinação dos muçulmanos da região. A cidade tem uma significativa população líbano-brasileira. Entre outras famílias citamos a familia Naddi.

Terbol (a 58 km de Beirute): vilarejo rural do Vale do Bekaa onde se encontra o **Museu** da Vida no Campo. Trata-se de uma casa antiga típica do campo do Líbano, recoberta de calcita com teto em forma de terraço e com camadas de argila sobre troncos naturais de madeira entrelaçados. Apresenta vários instrumentos antigos de agricultura e objetos etnográficos. www.fnp.org.lb Tel+961 (3) 987678, horario 10h à 18h +961 (5) 455104

De Bar Elias, uma estrada, à direita, vai-se a Karaun, passando pelos vilarejos de Marj, Hauch el-Harimeh, Khyara, Sultan Yacub e Jib Janine. Continuando na rodovia de Damasco, em direção à fronteira líbano-síria, passa-se por:

Anjar (a 60 km de Beirute): localiza-se no caminho das caravanas do tempo da dinastia omíada. Àquela época era —e ainda é— conhecida pelas suas abundantes fontes d'água, a ponto de ser chamada de "Ain Jerrha" (pt: Fonte de Jerrha), expressão cuja evolução deu nome à cidade como é conhecida atualmente: Anjar. A cidade atual de Anjar foi fundada por armênios que fugiram do genocídio otomano em 1915, dessa forma você verá várias placas escritas em língua armênia, por causa da grande colônia residente na cidade.

Plano do sítio arqueólogico



- 1 Entrada
- 2 Decumanus Maximus
- 3 Cardo Maximus
- 4 Tetrapile
- 5 Torres
- 6 Hammam (banhos)
- 7 Pequeno palácio
- 8 Mesquita
- 9 Grande palácio
- 10- Bairro residencial

A cidade tem as ruas bem

pavimentadas e limpas, fontes e riachos que passam dentro dela e que são uma atração à parte aos visitantes. Às margens dos riachos dentro da cidade estão restaurantes de onde se pode ouvir o som das águas que caem das cascatas, que os clientes apreciam enquanto comem especialidades feitas com peixes de água doce (especialmente trutas) entre outros.

A 3 km do centro da cidade chega-se à Fonte de Anjar, que é uma das fontes principais do Rio Litani. A fonte é tão abundante que até o século XIV existia um lago que cobria os vilarejos atuais de Marj e Istabl e chegava até o Tell al-Akhdar (perto de Bar Elias). O Príncipe Amir Safiedine Dunkuz, governador da Síria de 1320 a 1339, foi quem o abriu e transformou o local em terra fértil para a agricultura. Uma tradição local diz que teria sido lá onde Noé aportou sua arca depois do dilúvio.

Palácio do Califa Walid: em Anjar encontram-se ainda as ruínas do palácio do Califa Walid Ben Abdul Malek, do século VIII, que representa a força dos primeiros muçulmanos que chegaram de Damasco e de lá cobriram terras a Ocidente, chegando até a Península Ibérica. Quarenta anos mais tarde, Maruan II, concorrente do filho do califa para a sucessão, destruiu a cidade. Hoje as ruínas estão quase que em perfeito estado de conservação e são as únicas, juntamente com uma mesquita em Baalbeck, que datam da época omíada, a mais prestigiosa época da história árabe no Líbano.

Esse palácio tem forma retangular, com 385 metros por 350, cercado por uma muralha

com quatro entradas (segundo os pontos cardeais), cada uma com duas torres e no meio um cruzamento de duas vias –o Cardo Maximus e Decumanus Maximus– com quatro grupos de quatro colunas –tetrapyle–, cada uma sob um pedestal. As duas vias são margeadas por pórticos com belas arcadas construídas com material do período romano ou bizantino. As vias possuem uma engenhosa canalização de esgotos que leva a água usada para fora dos muros da cidade.

Visitando o interior das quadras, do lado esquerdo (bloco sul) há logo no início uma terma (hammam) onde ainda se vê tijolinhos empilhados e vestígios de um mosaico; do lado direito vê-se outro pequeno hammam. Na encruzilhada, à esquerda, estão os vestígios do pequeno palácio e no bloco seguinte, sempre à esquerda, a mesquita e o grande palácio, o ponto mais impressionante deste sítio. No bloco à sudeste estão as habitações, com colunas e capitéis talhados em belo estilo.

Aberto todos os dias das 8h às 18h no verão e das 8h às 17h no inverno.

Majdel Anjar (a 63 km de Beirute): a cidade está situada numa colina ondulada em que na parte mais alta estão as ruínas de um templo romano, provavelmente construído por Herodes Agripa II durante o reinado do Imperador Cláudio (10-54 d.C.). No século VIII, os abássidas transformaram o templo numa fortaleza. No cume dessa colina está também o mausoléu de Wali Zaur, um santo a quem se atribuem cultos de fecundidade. Dessa colina tem-se uma vista esplêndida do Vale do Bekaa, chegando a ver ao sul o estreitamento do vale no Rio Litani e a sudeste o Monte Hermon. Mais abaixo há um minarete de uma mesquita medieval (século XIII).

Atualmente, Majdel Anjar é uma cidade residencial, porém com um comércio intenso justamente por sua localização: a fronteira do Líbano com a Síria. Há muitos estudantes que lá residem por causa do Instituto Islâmico Azhar do Bekaa, um grande complexo com mesquita, salas de aula, salões de conferência; estes estudantes vêm de várias regiões do Líbano, mas também do exterior (entre eles brasilibaneses) para estudarem o ensino fundamental normal e a religião muçulmana em idioma árabe. De Majdel Anjar emigraram várias famílias para o Brasil e, consequentemente, a colônia de brasilibaneses é representativa. Entre outras familias, lá está a de Abdul Rahman.

Masnaa (a 68 km de Beirute): vila que fica no início do Vale al-Harir, logo na fronteira com a Síria para quem vai pela estrada para Damasco. Lugar movimentado e com muito comércio por causa da proximidade com o país vizinho; ali encontram-se facilmente ônibus e táxis que levam a Damasco, sem falar dos muitos cambistas que trabalham com

dólares americanos, euros, libras libanesas e libras sírias. Se estiver com o passaporte e o visto com duplas ou múltiplas entradas para o Líbano e o visto para a Síria, aproveite porque Damasco está bastante perto.

Município - Bekaa oeste

A estrada à direita em Masna leva a Rachaya, passando antes por vários vilarejos, entre eles:

Manara (a 67 km de Beirute): Manara é conhecida por causa de uma colina chamada Kasr al-Wadi, onde há vestígios de monumentos romanos que foram transformados numa basílica. Quando da transformação em basílica, usaram uma arquitrave com uma inscrição grega dedicada a Júpiter e a mesma foi então ornada com uma cruz de Malta. Muitos habitantes de Manara emigraram para o Brasil.

Khyara (a 58 km de Beirute) onde se encontra um grande complexo educacional chamado Colégio Omar Mukhtar, onde boa parte dos alunos é latino-americana (brasilibaneses, argentinos, colombianos etc.), com curso especial para os filhos de emigrantes da América Latina. Em 2002 foi inaugurada em Khyara a Lebanese International University (LIU), que possui campus também em Beirute, Sídon, Nabatieh e New Jdeid; trata-se de uma universidade com sistema americano, cujas línguas de ensino são inglês e árabe.

Dekweh (a 60 km de Beirute): vilarejo onde se encontra um templo romano e uma necrópole com vários túmulos escavados no rochedo, além de sarcófagos.

Ghazzé (62 km de Beirute): vilarejo também com grande número de brasilibaneses. Entre as famílias estão a Mourad e Yassine.

Sultan Yaacub e Lucy (a 65 km de Beirute): Sultan Yaacub al-Fauka (a cidade de cima), é um vilarejo localizado no cume de uma montanha a 1.250 metros de altitude bem no centro do Vale do Bekaa-Oeste com uma vista panorâmica de todo o vale e das duas cordilheiras, Monte Líbano e Anti-Líbano (Monte Hermon). O nome do vilarejo vem de um sultão marroquino, Yaacub Mo'omen.

Os habitantes tinham como costume descer até o pé da colina para trabalhar com a agricultura e pastorear suas ovelhas. Por volta de 1960 muitos habitantes começaram a construir e a residir no pé da colina e o local passou a chamar-se Sultan Yaacub Tahta (de

baixo), e em seguida passou a ser conhecida por Lucy.

O que caracteriza a cidade são as numerosas grutas e túmulos rupestres escavados na montanha, como em Kemed el-Lauz. Alguns túmulos têm grandes salas, como nos de Ghineh e Machnak em que há baixo-relevos de um guardião romano armado de uma lança esculpido na rocha.

Outra característica interessante da cidade é sua grande população de brasilibaneses (90%), onde a primeira língua falada, antes mesmo do árabe, é o português. Entre outras familias citamos Abdouni, Barakat, Jarouche, Orra... Em 1999, o Senador José Sarney, por ocasião do lançamento de seu livro "O Dono do Mar", visitou a cidade.

Os laços com o Brasil mantêm-se ainda muito fortes e o orgulho de ser brasileiro vê-se em diversos aspectos do dia a dia, sendo um bom exemplo a tradição culinária. Por ser uma região agrícola, logo os brasilibaneses passaram a plantar feijão, entre outros tipos de leguminosas encontradas no Brasil, para preparar feijoada; mas pode ser também facilmente encontrada nos supermercados pois que fazem parte das refeições diárias da população. As famílias muçulmanas adaptaram o prato às suas tradições religiosas e usam carne de boi ou de carneiro; já nas cristãs é preparado exatamente como no Brasil, acompanhado por caipirinhas. Mas não para por aí, pães de queijo, empadas e coxinhas e o café passado são comuns tão comuns nessas casas como são no Brasil. Portanto, quando visitar Sultan Yaacub e Lucy, não se supreenda se quando alguém ouvi-lo falar em português convide-o para tomar um cafezinho e comer alguma iguaria brasileira, pois a população é bastante hospitaleira.

Sultão Yaacub Mo'omen (554-595 - Hégira)

Sultão marroquino que a dada altura de sua vida resolveu retirar-se para uma reflexão pessoal e espiritual, foi então para Damasco e de lá para o Vale do Bekaa. Escolheu viver numa gruta no alto de uma montanha do Bekaa-Oeste, no ano 593 (Hegira), vindo a falecer pouco tempo depois. Nessa mesma gruta ainda se encontram seus restos mortais e por isto o local recebeu a visita de peregrinos que vinham visitar seu túmulo; alguns destes subiam a montanha e chegaram mesmo a fixar residência lá, fundando a cidade de Sultan Yaacub que hoje existe. Em redor da gruta onde ele está enterrado foram construídas casas de pedra, algumas com mais de 400 anos, o que dá um charme especial à cidade.

Kemed el-Lauz (a 68 km de Beirute): vilarejo conhecido pelos vestígios arqueológicos da Idade do Bronze, tal como um palácio e um santuário que continham enorme tesouro da população que então vivia no local no segundo milênio a.C. Entre os objetos ali encontrados estão peças de marfim e vidro policromo, que estão expostas atualmente no Museu Nacional de Beirute. Ali perto existem também vários túmulos escavados nas rochas com inscrições em aramaico feitas por cristãos nestorianos vindos da Mesopotâmia por volta do ano 714. Foi desta região que foram retiradas várias pedras para a construção do palácio de Anjar no século VIII. Várias famílias deste vilarejo emigraram para o Brasil, entre outras a familia Zoghbi.

Jib Janine (a 75 km de Beirute): um centro comercial importante e local onde se encontram vestígios de uma ponte de pedra construída no fim do século XVII, como também uma mesquita do mesmo século. Possui uma comunidade de brasilibaneses, entre outras família citamos a família Rahal.

Karaun (a 82 km de Beirute): em Karaun há um lago artificial formado por uma barragem no Rio Litani e que serve como usina hidrelétrica para a região. Às margens do lago estão vários restaurantes especializados em truta e muitos visitantes para se divertir passeiam de barco no lago. Aqui, como eu outras cidades da região, há uma representativa comunidade de brasilibaneses. Entre outras famílias Haymour, Yassini.

De Karaun, a estrada passa pelo Vale Taym e chega a Rachaya. Continuando pela mesma estrada, na direção sul, passa-se por várias cidades e vilarejos, podendo-se chegar a Jezzine, no Líbano-Sul. Se fizer o caminho inverso, na direção norte, passa-se pelo vilarejo de Machghara.

Machghara (a 80 km de Beirute): do fenício "Mash ghara" (pt: fonte d'água abundante). O local é conhecido pelos vestígios dos cruzados e também pelo santuário de "Nabi Nun" (pt: Profeta Nun), construído pelos muçulmanos xiitas.

Lenda do Profeta Nun

Segundo a lenda, um sábio homem chamado Nun vivia na Palestina e tentou converter o rei, que tinha muitos vícios. O rei irritado ordenou aos seus guardas que matassem Nun, que fugiu para Machghara. Os guardas do rei seguiram-no e encontraram-no em Machghara, justamente quando rezava e o executaram. Então os guardas montaram novamente seus cavalos e regressaram ao seu país para dar a nova ao rei. Desde então o local passou a chamar-se "Markaba", da palavra árabe "rakiba", que significa em portuquês "montar".

Continuando nesta estrada às margens do lago de Karaun, chega-se a Kefraya. Região de natureza exuberante, oferece locais para piquenique e restaurantes. Entre os vilarejos da região estão, entre outros, Saghibine e Kanafar, este último com árvores centenárias onde está do Xeique Adi Ibn Mussafir, um santo sufi do século XII. Ele foi o fundador da confraria Yezidi, que reúne aspectos judaicos e cristãos com os ensinamentos islâmicos.

Kefraya (a 64 km de Beirute): local a partir do qual se tem magnífico panorama da montanha e da planície, toda coberta de parreiras. Ao centro está Castelo de Kefraya, datado de 1950, onde se começou a produzir depois de 1970 um dos melhores vinhos libaneses, detentor, aliás, de diversos prêmios internacionais por sua qualidade. Local interessante para se visitar; os visitantes podem, por exemplo, comer em seu restaurante que é cercado pela floresta de Kefraya e, evidentemente, degustar seus deliciosos vinhos. Na região esta também o vinhedo Château Marsyas (ver Rota dos vinhos e arks).

De Kefraya, virando à direita, a estrada conduz a Jib Janine, Kemed el-Lauz e Sultan Yaacoub. Continuando a estrada Kefraya-Chtaura, passa-se por vários vilarejos tal como:

Aamik (a 60 km de Beirute): vilarejo conhecido por seu bosque (Hauche Aamik). São 100 hectares declarados pelo governo como reserva natural. À beira da estrada sempre se encontram acampamentos de beduínos que trabalham com agricultura ou rebanhos de carneiros. Aamik é a terra natal do escritor José Khoury, nascido em 1888 que emigrou para o Brasil em 1910; no estado de São Paulo escreveu e traduziu muitas obras do árabe para o português.

Kab Elias (a 55 km de Beirute): a tradição local diz que o nome "Kab Elias" significa "O túmulo de Elias", um dos príncipes dos Maradats (século III). A palavra "kab" tem, no entanto, vários outros significados, como bacia d'água, cúpula e "Elias" pode referir-se também ao deus fenício "Baal", deus da fecundidade.

A cidade de Kab Elias está localizada numa colina dominada pelas ruínas de uma fortaleza medieval datada do século XII que foi provavelmente um castelo feudal druso. Ao sul da cidade, na colina, observa-se cravado na rocha um monumental altar em relevo (semelhante aos de Petra, na Jordânia) que data do fim da época helênica. Na região ainda encontram-se vários vestígios arqueológicos como traços de uma escola romana chamada "País do sol" ou "Face do sol". Vários sepulcros e esculturas rupestres conhecidas sob o nome de "haidarah" e na região de "Ras al-Ain" encontram-se desenhos datando da época assíria. Na cidade há várias mesquitas e mosteiros antigos, mostrando a

coexistência entre cristãos e muçulmanos. Na região esta o vinhedo Clos Saint-Thomas (ver Rota dos vinhos e araks).

Em Kab Elias. Tem uma sede do Consulado Honorário do Brasil (aberto em 2012).

De Kab Elias chega-se novamente a Chtaura pela estrada do Vale do Bekaa-Beirute.

Município - Rachaya De Zahle à Rachaya

Aita el Foukhar (a 69 km de Beirute):vilarejo conhecido pela fabricação de potes de barro.

Mdoukha (a 72 kmde Beirute): tem um templo romano construído no cume da colina Jabal Kasir.

Kherbet Ruha (a 74 km de Beirute): o nome do povoado vem do aramaico "kharb" (pt: deserto ou ruínas) e "ruha" (pt: vento ou espírito). No "Deserto dos Espíritos" acham-se vestígios romanos de pedras esculpidas. Kherbet Ruha é admirada por suas deliciosas frutas.

Biré, Kfar Danis e Dahr al-Ahmar (respectivamente a 78, 80 e 82 km de Beirute): trata-se de vilarejos de onde muitos de seus habitantes também emigraram para o Brasil, especialmente para Maringá, Paraná.

Rachaya (a 85 km de Beirute): Rachaya é uma cidade histórica onde fica uma fortaleza construída pelos príncipes da dinastia Chéhab, no século XVIII . Foi nessa fortaleza, mais tarde transformada em prisão pelas autoridades francesas, em que foram e presos em 1943 os heróis da independência do Líbano: Béchara el-Khoury, Riad el Solh, Camille Chamoun entre outros. Atualmente, é um quartel do exército libanês e é aberto à visitação pública.

Rachaya é também um dos pontos de partida para se subir o Monte Hermon e não longe dali estão os vilarejos deBeit Lahi, Tannura e Ain Hurcha, este último onde há uma inscrição grega gravada em um bloco de pedra que data provavelmente do século II d.C., e em seu redor há outros vestígios de antigas habitações.

Ain Ata (a 99 km de Beirute): vilarejo conhecido por se situar a 1.500 metros de altitude em frente ao Monte Hermon. É um dos locais de peregrinação drusa por causa do túmulo do Xeique al-Fadel (Mohamad Abi Hilal). Alguns dos habitantes deste vilarejo emigraram para o Brasil, entre eles a família Haddad. Fernando haddad, prefeito de são paulo)

Continuando em direção ao sul, em Hasbaya o viajante entra na região Líbano-Sul.

PROVÍNCIA - BAALBECK-HERMEL



Capital: Baalbeck Baalbeck e Hermel

Município - Baalbeck

Nabi Chit (a 70 km de Beirute): vilarejo onde, segundo a tradição, está o túmulo de Adão.

Duris (a 81 km de Beirute): em Duris está um pequeno monumento funerário chamado de "Kubet ed-Duris" (pt: A cúpula de Doris), construída em 1243 pelos árabes. Estrutura em forma octogonal com oito colunas romanas de granito. Originalmente a estrutura era coberta por uma cúpula e contem o tumulo da dinastia aiubita(1171-1250), da qual pertencia Saladino.

Baalbeck (a 85 km de Beirute): do fenício "Baal" (pt: deus semita) e "beck" (pt: casa), o que viria a ser traduzido como a "Casa do deus Baal" ou "Baalath" da Bíblia ("Salomão construiu, pois, Gazer, Bet-Horon —a baixa—, Baalath, Tadmor na terra do deserto e todas as cidades...". I Reis: 9,17-18). A história de Baalbeck remonta o tempo dos cananeus, época em que adoravam o deus sol Baal-Shamash.

A entrada nas ruínas de Baalbeck, à luz de fogaréus e lanternas atravessando por longa abóbada de grandes pedras, foi triunfal e as colunas tomavam dimensões colossais" (Diário de Dom Pedro II - 1876).

As origens de Baalbeck perdem-se no tempo, no entanto indicações lá encontradas fizeram os arqueólogos datar sua fundação por volta do início do século XII a.C. pelos fenícios. Baalbeck era uma cidade comercial que ligava a região ao litoral —especialmente Tiro—, para onde enviava sua produção agrícola. O bom clima e a terra fértil explicam a adoração que seu povo tinha pelo deus sol Baal-Shamash dos fenícios ou Hadad, dos arameus. Aproveitando o fato de ser uma encruzilhada comercial, os cananeus lá ergueram um templo em honra a Baal, mas também a Astargatis, deusa do amor (deusa correspondente à Vênus de Roma). O fato é que no Monte Hermon estes e outros templos eram numerosos, uma vez que o monte foi considerado sagrado por todas as civilizações que por ali passaram.

Deus Baal

Baal é uma divindade semítica, associada à tempestade, à chuva e ao sol; consequentemente, o deus da fertilidade e ligado às estações do ano das quais dependem as colheitas na planície do Bekaa. Várias são as inscrições egípcias que falam do deus Baal-Hadad, assim como poemas épicos descobertos em Ugarit. Sua esposa era Atargatis, deusa da terra, a qual concede fertilidade ao deus Baal. Os gregos associavam Baal a Hélio (sol); os romanos a Júpiter e sua esposa Atargatis a Vênus.

Alexandre, o Grande, ao conquistar a região, incluiu Baalbeck no mundo grego, quando ela tornou-se então "Heliópolis" (pt: Cidade do Sol), com Zeus, Afrodite e Hermes como a trindade santa local. Mais tarde chegam romanos e em 47 a.C. Júlio César implantou ali uma colônia romana. Entre os anos 27 e14 a.C. o imperador Augusto instalou em Baalbeck os veteranos de duas legiões e construiu ali a maior acrópole do mundo romano em honra a Júpiter Heliopolitano, o deus sol dos romanos, mas a acrópole só seria terminada no ano 60 d.C sob o reinado de Nero. O grande pátio foi construído por Trajano (53-117 d.C.). O imperador romano Marco Aurélio Antonino, conhecido também como Caracala (188-217 d.C.) construiria o propileu do templo. Caracala nasceu em Lyon, na então Gália, filho de Septímio Severo e de Júlia Domna, pertecente à aristocracia síria. O apelido Caracala vem de um tipo de manto gaulês que usava frequentemente desde a infância. Em seguida o imperador Marco Júlio Filipe, conhecido como Felipe, o árabe, devido à origem de sua família, foi imperador de 244 a 249 d.C., completando o templo com o pátio hexagonal.

Durante dois séculos, Roma investiu na construção dos mais belos templos religiosos naquela região para impedir a expansão do cristianismo e forçar a população a adaptar

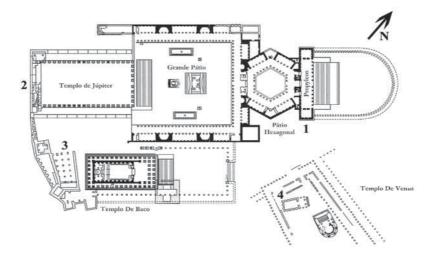
seus deuses às divindades romanas. Assim, foram vários os imperadores romanos que se empenharam na construção de Baalbeck, mas no século II, por causa de conflitos na região, a construção passou a ser mais lenta e muitas partes e peças do templo ficaram inacabadas, como algumas esculturas da piscina de purificação. No ano 313, com a conversão do Imperador Constantino (306-337) ao cristianismo, Baalbeck parou definitivamente sua construção e o imperador mandou selar suas portas. Com o imperador Teodósio (347-395 d.C.), as estatuetas de deuses e figuras pagãs foram destruídas e o altar no grande pátio, transformado em basílica dedicada a São Pedro. A sala hexagonal foi transformada também em igreja e o templo de Vênus em capela. Justiniano (526-565) para ornamentar a Basílica de Santa Sofia, em Constantinopla, Turquia, levou oito colunas do templo de Júpiter. No tempo dos árabes, a cidade passou a ser uma fortaleza e depois foi abandonada pois a região passou a não ser mais uma encruzilhada comercial importante. Com o passar dos séculos Baalbeck sofreu a ação destrutiva de vários terremotos, notadamente em 1759.

Na época otomana a atenção dada a Baalbeck foi mínima e esta caiu no esquecimento e somente no século XVIII, com o britânico Robert Wood, Baalbeck foi redescoberta. Nesse período Wood publicou um livro intitulado Ruines de Baalbeck ou Heliopolis en Coélésyrie, ilustrado com gravuras de valor científico. Não muito depois, visitaria Baalbeck o francês Constantin-François Chassebœuf, o conde de Volney, que publicou um livro descrevendo as ruínas. Em 1873 uma missão britânica fez o projeto de salvar os monumentos de Baalbeck, o que atraiu ainda mais a atenção de personalidades ocidentais como o imperador do Brasil, Dom Pedro II, que visitou Baalbeck em 1876 e em 1898, o imperador Guilherme II da Prússia (atual Alemanha). A visita do imperador alemão propiciou o início de pesquisas feitas por uma missão alemã dirigida por Otto Puchstein que durou de 1898 a 1905, terminando com um relatório científico do sítio publicado em 1932 (Baalbeck, Ergebnisse der Ausgrabungen und Untersuchugen) de grande importância a todos os que se dedicam ao estudo de Baalbeck. Não nos esquecemos, no entanto, que os franceses, durante o mandato no Líbano no século XX, também realizaram trabalhos nesse sentido, principalmente sob a direção de Henri Seyrig.

As ruínas de Baalbeck estão entre os mais importantes monumentos arqueológicos romanos do mundo, com os templos de Júpiter (o maior de todos os templos romanos dedicados a este deus), de Baco e o de Vênus, que datam dos séculos II e III d.C.

Lista de deuses romanos e seus correspondentes gregos:

Romano	Grego	Características
Júpiter	Zeus	Pai dos deuses e dos ho- mens, principal deus do Olimpo.
Mercúrio	Hermes	Deus da destreza e da habilidade, cultuado pelos comerciantes. Filho e mensageiro de Zeus.
Baco	Dionísio	Deus do vinho, da embria- guez, dos excessos, par- ticularmente sexuais, e da natureza.
Vênus	Afrodite	Deusa da beleza e do amor. Teria nascido das espumas do mar.



- 1 Entrada
- 2 Trilithon
- 3 Mesquita de Abraão
- 4 Templo das Musas

Entrada da cidade:

Hajjar al-Hubla: logo na entrada da cidade de Baalbeck está a chamada colina do Xeique Abdallah, está a pedreira onde foram extraídas as pedras para a construcão dos tempos e onde está ainda a maior pedra talhada do mundo (21,5 metros de comprimento por 4,8 metros de altura e 4,2 metros de largura, que pesa aproximadamente duas mil toneladas), chamada pelos árabes de Hajjar al-Hubla (pt: Pedra da Mulher Grávida). Conforme a superstição local, esta pedra deixa a mulher fértil ao tocá-la.

Templo de Mercúrio: na mesma colina encontram-se ainda vestígios de uma escadaria monumental que dava acesso ao Templo de Mercúrio.

Kubbat al-Amjad: mausoléu de Al-Amjad, sobrinho de Saladino e governador de Baalbeck entre 1182-1229.

Maqam (túmulo) As-Sitt Khawla: na avenida principal em frente às ruínas dos templos romanos, está uma grande mesquita em estilo persa construídaem 2010, uma verdadeira obra de arte pois parece estar coberta por um tapete persa. Essa mesquita é um local de peregrinação muçulmana, particularmente xiita, pois segundo as fontes orais foi neste local onde foi sepultada a filha de Hussein (segundo filho do califa Ali), Sitt Khawla, que faleceu quando ela e sua familia foram sequestrados e Khawla veio a falecer por causa de uma doença aos 5 anos em Baalbeck (ano 681 do calendário muçulmano). Sua família a teria sepultado perto de um cipreste onde depois os fiéis construíram um mausoléu e atualmente uma mesquita.

Bustan al-Khan (pt. Bosque do mercado): observa-se importante vestígios da via romana com colunatas, termas romanas e o mercado.

Hotel Palmyra: na frente do Bustan al-Khan está o prestigioso Hotel Palmyra, construído em 1874 ao lado das ruínas do teatro romano. Do lado norte da entrada do hotel pode ver um muro que pertencia a este teatro da época romana. O Hotel Palmyra recebeu no decorrer dos anos grandes personalidades que visitaram Baalbeck, como o Imperador alemão Guilherme II, o General britânico Edmund Allenby, o General francês Charles de Gaulle. Dom Pedro II visitou Baalbeck em 1876, mas preferiu dormir numa tenda dentro do sítio arqueológico.

Visitando os templos

Templo de Vênus: logo na chegada do sitio arqueológico de Baalbeck, a 200 metros da acrópole está o Templo de Vênus, sobre um pódio pentagonal em forma de ferradura com 23 metros de extensão e 15 metros de largura. Em seu interior, a decoração dos nichos é em forma de conchas do mar e pombas, que rendem homenagem a Vênus, a deusa do amor, da beleza e da fecundidade. Na frente do templo de Vênus encontram-se os vestígios do Templo das Musas.

O Imperador Constantino, convertido ao cristianismo, tranformou o templo de Vênus numa igreja consagrado à Santa Bárbara.

Santa Bárbara

Segundo a lenda, Bárbara era filha de um dignatário de Baalbeck e quando este soube que ela se converteu ao cristianismo levou-a até o cume do Monte Líbano e matou-a. Em seguida um raio caiu sobre ele, reduzindo a cinzas. Depois disso, Santa Bárbara passou a ser a patrona da cidade e as pessoas rezam para ela pedindo-lhe proteção contra os raios em tempo de tempestades.

Atrás do templo de Vênus encontra-se a "Pequena Mesquita", construída em 1618 pelo Príncipe Yunes al-Harmoush, sobre as ruínas de uma antiga mesquita.

Templo de Júpiter: construido no reinado de Augusto (63 a.C. - 14 d.C.), este templo cobre uma superfície de mais de 4 mil metros. O templo é dividido em:

Propileu: depois de subir uma monumental escadaria de 51 degraus, chega-se ao propileu com suas enormes 12 colunas monolíticas de 8 metros de altura de granito rosa trazidas de Assuan, no sul do Egito. Essas colunas foram trazidas em barcos que subiam o Rio Nilo até o mar Mediterrâneo e em seguida até o litoral libanês. Posteriormente, os blocos de pedras foram colocados em trenós e laboriosamente levados até o local da construção. O propileu é enquadrado por duas torres, de acordo com a tradição oriental, ornamentado de nichos e exedros (nicho semicircular ou quadrado com trono) na parede, onde ficavam as estátuas e três portas, que segundo os costumes dos semitas antigos eram portas que separam a terra profana da terra sagrada e que dão acesso a outra sala. Algumas das colunas foram recolocadas no lugar e várias têm inscrições em latim, sendo a terceira da esquerda para a direita a que tem seus escritos mais claros em que diz: "Pela salvação e pelas vitórias do nosso senhor Caracala", imperador que construiu o propileu do templo.

Hexagonal: sala sagrada localizada a aproximadamente 60 metros de profundidade com seis paredes –por isto hexagonal–, inspirada certamente pela arquitetura oriental. Em seu redor há um pórtico com trinta colunas de granito e arcadas coberto de madeira de cedro no passado, ao centro uma abertura de 37 metros de diâmetro a céu aberto com o piso pavimentado de mosaico.

Teodósio (347-395) imperador Romano na sua época mandou cobri-la com uma cúpula e transformando o local numa igreja. Num dos grandes nichos que resistiram às várias destruições pelas quais passaram estas ruínas, encontrava-se nesta sala o célebre alto relevo de Júpiter Heliopolitano, que utiliza uma couraça ornada de astros –símbolo de poder–, a cabeça coberta com um cesto de frutas –símbolo característico dos deuses líbano-sírios ligados à fertilidade– e nas mãos um chicote e um raio –símbolo da força no Oriente; ao seu lado cabeças de touro –um dos atributos do deus Hadad, o deus do trovão bem como símbolo de resistência. O alto-relevo está agora no museu de Baalbeck.

Grande pátio: da sala hexagonal vai-se ao grande pátio, que mede 135 metros de comprimento por 113 metros de largura e era onde os fiéis contemplavam a estátua de Júpiter ao fundo do seu santuário. O pátio é cercado de pórticos com 84 colunas de granito, cobertura de madeira de cedro no passado e nas paredes, lado sul e norte, 12 exêdrose duas fileiras de nichos ornamentados com esculturas e símbolos esculpidos em pedras, tal como: guirlandas (símbolo da glória), ovos (vida), pontas de dardos (morte), dentes (força), folhas de alcante entrelaçadas (renascimento), cabeças de leões (resistência), que remetem a uma simbologia de vida, morte e renascimento.

Nesse pátio há duas grandes piscinas, uma para purificação ritual e outra para purificação dos animais a serem sacrificados. No centro de cada uma, duas colunas de granito azul e nas laterais, ornamentos de várias esculturas representando cenas da mitologia romana, como o nascimento da deusa Vênus, medusas e dragões.

No centro encontramos a torre do altar, cujos vestígios ainda existentes indicam que sua base era monumental e lembram torres babilônicas pelos seus cinco andares e escadarias que iam até o cume da torre, como foi constatado em moedas da época e provavelmente servia para grandes solenidades. Ao lado há um pequeno altar que era reservado aos sacerdotes para a prática dos sacrifícios, outros creem que podia ser uma das bases da estátua de Júpiter.

A missão francesa estabelecida no Líbano, encabeçada por especialistas do Instituto Francês de Arqueologia do Oriente Próximo, consequiu desmontar boa parte da basílica

que o imperador Teodósio havia construído sobre a base romana "pagã", restando hoje dela somente uma parte da abside semicircular na parte ocidental do grande pátio, a que leva ao templo de Júpiter.

Santuário: a partir do grande pátio sobe-se uma enorme escadaria feita de blocos monolíticos em direção ao santuário, o maior e mais belo monumento greco-romano do mundo, formado de imensos blocos (cada um com aproximadamente mil toneladas) situados num embasamento de 89 metros de comprimento por 50 metros de largura. Sobre estes blocos, o santuário é cercado por 54 colunas com capiteis coríntias. Destas celebres colunas de 20 metros de altura e 2.20 metros de diametros, existe somente seis colunas em pé e que é o cartão postal de Baalbeck.

"...só se veem seis colunas belíssimas... só eu e mais três pudemos abarcar com os braços um troço de coluna. Do lado oposto ao das seis colunas desce-se para uma parte saliente da colina, de onde se observa a construção ciclopeana das antigas muralhas sobre elas, como entre as colunas colocaram posteriormente grandes pedras com seteiras como fortificação..." (Diário de Dom Pedro II, 1876).

Em relação à sua posição, o templo foi propositalmente construído na direção leste, para que os raios solares pudessem entrar pelas aberturas do teto, fechadas com pasta de vidro, e assim iluminar a estátua de Júpiter feita de ouro.

Trilithon: na parte oeste do templo de Júpiter, como base, estão os tres blocos de pedra talhados com a incrivel medida de : 19 metros de comprimento, 4 metros de altura e 3,5 de largura, pesando mais de mil toneladas.

Templo de Baco: o deus Baco era uma divindade solar e também da vegetação, principalmente do vinho e de outras drogas, como o ópio, utilizados pelos fiéis para entrar em êxtase. O tempo dedicado a esse deus no Líbano foi construído no século II d.C. e é um dos mais bem conservados no Oriente Médio.

O templo ocupa uma superfície de 68 metros de comprimento e 36 metros de largura. Sua entrada se dá por uma grande escadaria que conduz ao átrio e em seguida a uma monumental porta, considerada uma das mais belas da arquitetura antiga e maiores do mundo, medindo 13 metros de altura por 7,5 de largura. No lintel da porta está esculpido a insígnia do deus Mercúrio, uma águia tendo em suas garras um caduceu (bastão com duas serpentes enroladas com asas superiores, símbolo que, depois do século XVII,

passou a ser o da medicina) e ainda no portal, duas guirlandas mantidas por dois gênios alados. Na pilastra da porta, observe os detalhes como as vergas e os frisos, que são esculpidos e decorados com ramos de videira e folhas de hera entrelaçados com espigas de milho e papoulas intercalados com personagens. Observa-se que a videira esculpida no portal tem em sua base o bebê Baco, cuja lenda diz que desde seu nascimento tomava vinho e não leite

Ao lado da porta principal, encontra-se uma escadaria interna que conduz ao teto do templo, onde no passado era coberto com madeira de cedro. Dom Pedro II diz em seu diário o seguinte:

"...uma escada estreita, de 70 degraus cavados nas pedras, que vai até o alto... entra por um buraco ao rez do chão - e tão estreito que meu corpo não podia passar. O interior deste templo é muito ornado e com gosto..." (Dom Pedro II, diário, 1876).

No fundo da sala, uma escada conduz ao "adyton", lugar reservado aos sacerdotes onde ficava o trono da estátua do deus coberto por uma cúpula com quatro colunas e de cada lado uma pequena janela por onde entravam os raios solares para a iluminar. Interessante notar que o piso do templo era todo de pedra e no rodapé das paredes há ainda furos de onde saíam vapores para aquecer a grande sala no inverno.

"Saindo de Baalbeck, onde deixei meu nome com a data na parede do fundo do pequeno templo, está cheio de semelhantes inscrições, lendo-se logo depois da entrada estas palavras -Comme le monde est bête!!! ('como o mundo é estúpido', em francês)". (Dom Pedro II, Diário de viagem, 1876).

Na frente do Templo de Baco, junto das escadas, está a torre mameluca do século XV, chamada de "Dar as-Sa'adah", que servia de residência militar ao governador da citadela, hoje transformada no **Museu de Baalbeck**. É onde estão expostas várias peças encontradas na região da época romana até a árabe. Entre as peças mais interessantes, este museu abriga o altar do templo de Júpiter e a escultura dos leões do templo de Baco.

Mesquita de Abraão : atrás do templo de Baco encontram-se as ruínas da Mesquita de Abraão, da época aiúbida.

Museu de Baalbeck: saindo do templo de Baco, à esquerda, passa-se por um grande

corredor subterrâneo (120mx5m) sob o grande pátio do templo de Júpiter e que servia de hospedagem para os servidores do templo, para os peregrinos e também como estábulo para os animais a serem sacrificados. Neste local encontra-se outra parte do museu de Baalbeck com estatuetas e fragmentos arquiteturais de Baalbeck.

"Nunca vi monumentos propriamente de arquitetura tão majestosa como os de Baalbeck". (Diário de Dom Pedro II, 1876).

O sítio arqueológico e **Museu de Baalbeck** está aberto todos os dias das 8 até antes de 30 minutos do pôr-do-sol. Tel 961 (8) 370520

Visitando asredondezas dos templos e a cidade:

Mesquita Omíada: na frente do templo de Júpiter, em direção ao centro da cidade, está a Mesquita Omíada, construída por esta dinastia entre os séculos VII e VIII. Seu pátio tem arcadas e colunas com capíteis pertencentes aos templos vizinhos; do lado norte ergue-se um minarete quadrado e no alto, otogonal.

Igrejas São Jorge (ortodoxa) e Virgem Maria (maronita): duas igrejas lado a lado construidas no século XX perto do Templo de Baco.

Arcebispado e Catedral Greco-Melquita católica Santa Bárbara: a história tem a memória de um bispo cristão em Baalbeck no século IV, na época de Constantino, o Grande. Primeiro bispo greco-melquita de Baalbeck, 1724.

Mesquita xiita: antiga mesquita xiita, construída no século XVII.

Suk: na cidade não deixe de passear pelo Suk al-Khodra (pt: mercado das verduras) para experimentar as esfihas de Baalbeck feitas na hora, consideradas as mais deliciosas do Líbano. Perto da Catedral greco-melquita tem também um belo suk, com lojas, cafés, restaurantes e pequenos hoteis. No meio do suk tem o centro comercial Yaghi em cujo ultimo andar esta um bom restaurante libanes e com vista panoramica das ruínas de Baalbeck, planície e montanhas

Andado pela ruas e ruelas da cidade poderá descobrir várias residencias antigas, séculos XIX e XX, da época otomana, como as casas de Ibrahim Haidar e Habib Pacha al-Moutran.

Aproveite também para dar uma volta de camelo, o chamado "navio do deserto", pois que

seu andar lembra o balançar do navio; não se preocupe, os camelos são animais mansos e os seus donos estarão lá para lhe dar as primeiras lições. Curiosamente, ao contrário do que se possa pensar, os camelos não são comuns no Líbano, uma vez que este país não tem deserto; quando apareciam, é porque pertenciam a comerciantes que vinham do Golfo Pérsico ou do Egito e ali ficavam alguns dias.

Ras al-Ain: visite também a parte moderna da cidade, com seu grande jardim público e sua fonte Ras al-Ain, que fornecia áqua aos templos e ainda fornece para toda a cidade.

Baalbeck foi sempre uma grande atração turística, muitos viajantes no passado, inclusive Dom Pedro II, vieram contemplar esta fábula da arquitetura e da história. A cidade recupera rapidamente seu brilho, depois do ínterim da guerra civil que impedia a manutenção dos monumentos históricos; paralelamente, seus dirigentes precupamse também com seu presente e criaram grandes eventos que atraem visitantes de todo o mundo, como o Festival Internacional de Baalbeck, iniciado em 1955, em que já se apresentaram grupos artísticos internacionais como o Balé Bolshoi e a Tosca de Poccini, Gilberto Gil e o Grupo Corpo, entre os grupos importantes libaneses não podemos deixar de citar o celebre Grupo Folclórico Caracalla.

"Reparei melhor a planície, que apesar de coberta de seixos, é aproveitada para trigo e vinhas, sobretudo. Perto de Baalbeck nasce o antigo Orontes que vai banhar Antióquia... A noite passada encheram-se os cabeços dos montes de neve e que belo efeito produziram, vistos do fundo do grande templo" (Templo de Júpiter), ou por entre as seis colunas! (Dom Pedro II, Diário, 1876).

Na saída norte de Baalbeck econtra-se vestígios da época romana e medieval, Qubbat as-Saadin e outros.

De Baalbeck aos Cedros (Liban Norte)

De Baalbeck aos Cedros, o viajante toma uma estrada que sobe até a montanha em direção a laat.

laat (a 91 km de Beirute): povoado onde se observa uma coluna isolada na planície (de 20 metros de altura), provavelmente um monumento funerário com um capitel coríntio.

Chlifa (a 100 km de Beirute): cidade com vestígios de templos romanos "Kasr al-Benat".

Hadeth Baalbeck (a 105 km de Beirute): onde existe um templo romano do fim do primeiro século dedicado ao deus Apolo. Dessa cidade partiram muitos emigrantes para o Brasil, entre as quais a família Maluf. Continuando esta estrada chega-se a Faraya.

Deir al-Ahmar (a 110 km de Beirute): "convento vermelho", nome dado por causa da cor dos rochedos que estão em volta ao povoado. Na região esta o vinhedo Coteaux Heliopolis (ver Rota dos vinhos)

Bechwet (a 120 km de Beirute): vilarejo siatuado a 1.300 metros de altitude, cujo nome vem do santo egípcio "Anba Bichoy". Nesse vilarejo há além de ruínas fenícias, romanas, bizantinas e arabe, o santuário de Nossa Senhora de Bechwet, visitado por cristãos e muculmanos.

Yammoune (a 130 km de Beirute): onde há um lago suspenso a 1.375 metros de altitude, alimentado de diversas nascentes que saem dos rochedos, cuja maior fonte é a de Nebaa el-Arbein (pt: fonte dos quarenta mártires). Segundo a mitologia fenícia, Yammune foi onde a deusa Astarte (Vênus para os romanos e Afrodite para os gregos) fugiu de Tuphon e transformou-se em peixe. O lugar ainda conserva um templo consagrado a ela e é a última etapa da peregrinação a Adônis.

Ainata (a 135 km de Beirute): localizado a 2.650 metros de altitude, este local é também conhecido como "O colo dos cedros". Com um paisagem exuberante principalmente no inverno; mas atenção, porque nessa estação do ano a estrada é fechada por causa da neve. Da mesma estrada chega-se aos Cedros e a Trípoli.

De Baalbeck a Hermel

Nesta estrada passa-se por Makne, local em que os rios Oronte e Litani separam-se. Em seguida vem Ras al-Hadeth (linha da fronteira). Depois Labué, onde há vestígios de canalização antiga e a um quilômetro de lá estão as ruínas de um templo romano que foi transformado em fortaleza durante a Idade Média; uma parte do muro e do pódio estão ainda bem conservados, assim como o piso. Em seguida vem al-Ain, localidade onde se fabricam alaúdes. Entrando à esquerda, chega-se a Jabbulé, onde existe um grande convento de freiras greco-melquitas católicas. Na mesma estrada encontram-se os vilarejos de Jdaidée Fakehe, onde se fabricam tapetes decorados com desenhos geométricos e florais de inspiração local, mas também persa e anatólia.

Ras-Baalbeck: esta tem ruínas romanas e uma interessante igreja bizantina construída sobre as ruínas de um antigo templo romano. A pequena capela data do século XVI e a igreja principal foi construída em 1925. No local há um pequeno museu com objetos romanos e fósseis. A cidade é também conhecida pela sua fabricação de alaúdes.

Kaa: do aramaico "pka'a", que significa "planície" em português. Neste vilarejo encontram-se vestígios de uma citadela construída pelo Príncipe Fakhreddine em 1640 e a dois quilômetros de lá, uma torre sobre uma colina com um túnel subterrâneo que a ligava à citadela. Na região encontram-se khans que recebiam os viajantes que chegavam de Alepo ou que de lá partiam para Damasco. Continuando rumo ao norte, chega-se à fronteira líbano-síria, em direção a Homs e Alepo na Síria.

Deir Mar Marun (a 142 km de Beirute): perto da fonte do Oronte. A região é verde e agradável por causa da fonte, um verdadeiro paraíso terrestre marcado por uma paisagem mineral e deserta.

O convento de Deir Mar Marun fica numa caverna de três andares encravada na montanha a uma altura de 100 metros e que, segundo a tradição, foi lugar de retiro de São Marun, fundador da Igreja Cristã Maronita Católica. As paredes com pequenas janelas atestam também que o convento serviu como fortaleza aos árabes. Trata-se, de fato, de um local de meditação, tanto bela vista das fontes do Rio Oronte como pela natureza.

Município - Hermel

Para quem retorna em direção a Baalbeck, indicações dirão ao viajante para virar à direita, para onde será conduzido a Hermel. As atrações, no entanto começam mesmo antes de se chegar àquela cidade, pois a dois quilômetros de distância de Hermel vê-se à direita um monumento sobre uma colina em forma de pirâmide, o Kamut al-Hermel, túmulo provavelmente de um príncipe sírio do século I ou II. a.C., medindo 27 metros de altura; a parte inferior está decorada com cenas de caça e a superior, com colunas, capitéis jônicos e uma cobertura piramidal. Na região há muitos bons restaurantes e é um bom lugar para se descansar.

Hermel (a 143 km de Beirute): cidade situada aos pés da cordilheira a leste do Líbano-Sul, a 5 km do Rio Oronte. Hermel já aparecia em textos antigos do II milênio e seu nome aparece sob a forma de H-r-n-m (Arnam ou Harnam) nos anais de Thutmosis II. No século XIII a.C., a cidade de Hermel foi mencionada nos anais de Ramsés II sobre a batalha de Kadesh. Existem várias lápides sobre esta cidade escritas por conquistadores, entre elas duas de Nabucodonosor II, a primeira representando-o de pé a matar um leão e a segunda, representado-o diante de um árabe.

A região de Hermel tem uma natureza exuberante, tanto que durante a ocupação persa do Líbano, a floresta que há lá era considerada a reserva do "Rei dos Reis". Esse controle criou, sem dúvidas, problemas entre as comunidades persa e fenícia, sendo uma das razões de base que deram origem à criação da federação formada pelas cidades de Trípoli, Sídon e Arward. Sídon, que teve a iniciativa da revolta contra o "paraíso do rei", foi incendiada como punição em 351 a.C. Na época romana, o imperador Adriano (76-138 d.C.) procurou administrá-la e protegê-la como um bem próprio, em parte para assegurar madeira à construção de seus navios de guerra, proibindo assim sua exploração por gente não ligada ao seu governo. Foi a essa época que surgiram numerosas inscrições florestais (escrita em latim). O escritor francês Ernet Renan, em 1860, foi o primeiro a catalogar 80 inscrições em forma de placas em que se podiam ler palavras como Marjh (pt: fechado) e Termin (pt: limitado), ou avisos como: "Propriedade do Imperador Adriano Augusto".

Das épocas grega e romana, o monumento mais célebre é o Kamut al-Hermel, estrutura de túmulo, provavelmente de um príncipe sírio do século I ou II. a.C., medindo 27 metros de altura; a parte inferior está decorada com cenas de caça e a parte superior com colunas, capitéis jônicos e uma cobertura piramidal. Outros pontos importantes na região a conhecer sãoo Muro Egípcio, que marcava até o ano 200 a.C. a fronteira entre o Império dos selêucidas (uma divisão do Império de Alexandre) e a área ocupada pela disnastia ptolomaica dos Lágidas, e depois entre as colônias romanas de Heliópolis e Emesa e a via romana que as ligava. Como o leitor pode imaginar, a região é rica em sítios arqueológicos que convidam a uma viagem na história do Líbano antigo, entre eles inscrições que indicam o culto à deusa grega Atena e um pequeno altar que representa a trindade santa: Júpiter, Mercúrio e uma deusa siríaca. Além da parte histórica na região está o rio Nahr el-Aassi (Oronte), com bons restaurantes, lugar para descansar e praticar esprotes aquaticos, hikking.

Na época dos califados omíada, abássida e fatímida, a cidade de Hermel passou por mudanças que lhe trouxeram estabilidade comercial. Posteriormente, os aiúbidas e os mamelucos apelaram a tribos guerreiras do Curdistão, Turcomenistão e Pérsia para os ajudar no combate aos cruzados francos, estes não só lutaram contra os cristãos como se estabeleceram definitivamente no Bekaa; ainda hoje é possível identificar famílias que descendem daqueles querreiros.

Hermel é também conhecida pela sua fabricação de tapetes e por suas fontes d'água, além de suas montanhas, consideradas as mais belas do Líbano. Projetos de irrigação que já estão em andamento poderão transformar o local novamente no "paraíso" do qual falavam os antigos textos.

Na região encontram-se também outras inscrições e ruínas. Em Dirdara você encontrará um local de descanso em uma atmosfera agradável e em meio a cascatas de água. Outros vilarejos: Beit Chama, Buday, Britel, Nabha...) com vestígios romanos, bizantinos, árabes.

Brissa: de Hermel, em direção a Charbine, passa-se pelo vilarejo de Brissa, com vestígios de um templo romano e não longe de lá há um grande bloco de pedra onde está gravada em sua superfície uma inscrição babilônica em homenagem à passagem do rei Nabucodonosor II (605-562 a.C.) quando este passou com sua tropa pela região. Continuando a estrada em meio às colinas, chega-se a Kobayat 48 km de Hermel e mais à frente a Trípoli (províncias do Akkar e Líbano-Norte).

Deixe-se encantar - Descubra

Viaje pelo Líbano e surpreenda-se com as belezas deste país, são milhares de anos e diversas culturas que o aguardam para serem descobertos. Descubra um povo que vai encantá-lo com sua simpatia e generosidade, mas também com sua saborosa cozinha e suas magníficas paisagens. São muitos os amigos do Brasil no País dos Cedros, sejam libaneses ou brasilibaneses e esteja certo de que quando você identificar-se como brasileiro, um imenso sorriso se abrirá, mostrando que embora a geografia nos distancie estamos próximos através de nossos corações. Deixe-se encantar e se de repente você, se sentir um pouco libanês, não fique surpreso. O Líbano atrai e cativa. Sabe por que? Esses são os mistérios da Vida !....

MINISTÉRIO DO TURISMO DO LÍBANO

Portal

http://www.lebanon-tourism.gov.lb



ASPECTOS DO LÍBANO



Hino Nacional

O canto "Cúllúna lil watan" (Somos todos pela Pátria) foi adotado como hino nacional em 1939, após um concurso aberto a todos os músicos libaneses. A letra é de Rachid Nakhlé e a melodia de Wadih Sabra. Tradução para a língua portuguesa de Antoine Boueri.

"Somos todos pela Pátria"

Somos todos pela Pátria, Para a sublime, pela bandeira.

Nossa espada, nossa pena Fulguram aos olhos do tempo. Nossos vales e montes São o berço dos bravos, Nossa palavra e ação, só buscam a perfeição.

Somos todos pela Pátria, Para a sublime, pela bandeira.

Somos todos pela Pátria. Velhos e moços ao apelo da Pátria Investem como leões da floresta, Quando surgem os embates. Coração de nosso Oriente, Que Deus o preserve ao longo dos séculos. Somos todos pela Pátria Para a sublime, pela bandeira.

Seu mar, sua terra são a pérola dos dois Orientes Sua opulência, sua caridade Preenchem os dois pólos Seu nome é seu triunfo Desde a época de nossos ancestrais Sua glória é seus cedros Seu símbolo é para a eternidade

Somos todos pela Pátria Para a sublime, pela bandeira Somos todos pela Pátria..

Transliteração em língua árabe: Hino Nacional do Líbano

Cúllúna lil watan

Cúllúna lil watán Lil úla lil alam
Mil'ú ain il zaman Saifuna wal calam
Sarrluna wal jabal Manbitún lil rijal
Caúluna wal'amal Fi sabil ilcamal
Cúllúna il watan Lil úla lil alam
Cúllúna lil watan

Cháicuna wal fata Inda sautil watan
Usdú gabin mata Sawaratna al fitan
Charcuna calbúrrú Abadán lubnan
Sánárrú rabúrru Limadal'azmán
Cúllúna lil watan Lil úla lil alam

Cúllúna lil watan

Bar-rúrrú barrúrrú Záratul charcain Rifdúrrú birúrrú Maliúl cútbain Ismúrrú izzúrrú Múnzú cáná al júdúd Majdúrrú arzúrrú Cúllúna lil watan Ramzúrrú lil cúlúd Lil úla lil alam

Cúllúna lil watan Cúllúna lil watan

```
كلمات : رشيد نخله
              لحن: وديع صبرا
                 كلنا للوطن
 سيفنا والقك
                 ملء عين الزمن
منبث للرجال
                 سيلنا والجبل
في مبيل الكمال
                 قولنا والعمل
للعلى للعلم
                 كلنا للوطسن
        كلناللوطن
عند صوت الوطن
                 شيخنا والفتى
أَسْدُ عَلَى مَاوِرِثِنَا الْفَتَـنِ
مُسرِقَـنَا قُلِهُ أَبِدا ُ لُبِـنَـانِ
لمدى الأرمسان
                  صاته ربسه
للعلى للعلم
                  كلنا للوطن
مالئ القطبيان
                  رفده بسره
اسمه عيزته منذكان الجدود
رمزدللخلود
                  مجحده ارزه
للعلىللعلم
                  كلنا للوطن
        كلناللوطن
```

Para escutar o hino, acesse o portal: www.connexionslibanaises.com/fr/hymne.htm

O povo libanês: o Líbano apresenta extraordinário amálgama étnico. Situado na encruzilhada de três continentes (Ásia, Europa e África), sofreu ao longo de sua história um número considerável de invasões, o que explica a multiplicidade étnica contemporânea. Aos fenícios do século IV a.C. juntaram-se os hititas, assírios, hebreus, árabes, egípcios, curdos, turcos e até boa dose de sangue europeu quando os cruzados chegaram à região na Idade Média bem como latino-americano, quando das emigrações para a América Latina e o posterior retorno dos emigrados ao Líbano. O País dos Cedros

é uma verdadeira diversidade nos planos humano e geográfico e também de comunidades religiosas, paisagens e climas, diversidade de hábitos e costumes.

O país conta oficialmente com 18 comunidades religiosas, entre cristãos e muçulmanos de diferentes ritos. No entanto, as religiões no Líbano vão muito além da ligação pessoal que cada pessoas tem com seu credo, elas têm relevância também para a vida social e política dos cidadãos. Um bom exemplo é o casamento, que no Líbano só pode ser celebrado no âmbito religioso, pois que o casamento civil inexiste até a publicação deste guia. Hà movimentos que solicitam a mudança da lei.

Cada comunidade religiosa tem suas tradições e costumes. Durante as festas, as manifestações são pitorescas e, na montanha, você poderá ouvir sinos de igrejas cristãs que se misturam às vozes dos "muezzins" (o arauto das mesquitas que os muçulmanos à oração) entrelaçando-se num eco profundo e formando um canto que é quase um lamento, como uma música ao Criador do Universo, uma verdadeira sinfonia a céu aberto.

Outro aspecto marcante da sociedade libanesa é a hospitalidade: as pessoas estão sempre juntas. À noite reúnem-se para um bate-papo, jogar cartas e contar as novidades do dia, tudo acompanhado de saborosas frutas, doces e um bom café "Super Brasil", bastante tradicional no país.

O libanês é um povo de fácil comunicação, não só por ser extrovertido, mas também por dominar inúmeras línguas além do árabe..mesmo entre aqueles que não são fluentes em outras línguas vão esforçar-se para o entender e estabelecer comunicação com você, sempre com sinais de gentileza e sorrisos. O que é certo é que ao fim da conversa você pensará que já está falando árabe e seu interlocutor, português. É a famosa hospitalidade libanesa.

Cultura: o País dos Cedros ocupa desde a Antiguidade um lugar privilegiado no que se refere à cultura. Aos fenícios atribui-se a invenção do alfabeto, tal como utilizados pelas línguas ocidentais; seus primeiros sinais estão no sarcófago do rei Ahiram (rei de Biblos), conservado no Museu Nacional de Beirute. No período romano estabeleceram-se lá os primeiros centros de formação intelectual das elites do que conhece atualmente como Oriente Médio, cujo auge foi a fundação da Escola de Direito de Beirute.

Literatura: com alguns nomes ilustres, um dos mais conhecidos no mundo é o escritor Gibran Khalil Gibran (1883-1931), autor do livro "O Profeta". Seus livros estão traduzidos

em português (ver a cidade de Becharré). No entanto a literatura libanesa não se reduz somente a Gibran, que compõem um vasto número de autores que tratam dos mais variados tipos e estilos que incluem praticamente todos os ramos do saber, entre eles estão: Amine Rihani, Elias Abou-Chabki, Charles Corn, Michel Chiha, Salah Stétié, Said Akl. A nova geração de escritores libaneses conta com Georges Corn, Boutros Labaky, Alexandre Najjar, Amine Maalouf, este ultimo com vários prêmiospor suas obras, a maioria traduzida já ao português.

Música: entre a imensa quantidade de músicos, citamos entre outros os irmãos Rahbani, família da qual vem a míticacantora Feyrouz (Nouhad Haddad, 1935), que continua a ser o marco no cenário musical libanês até os nossos dias. Há também Sabah (Jeanette Feghali, 1927), Wadih al-Safi (Wadih Francis, 1921) com suas canções patrióticas e que num certo momento viveu no Brasil e ainda fala a língua portuguesa. Atualmente, surge uma nova geração com música árabe moderna, entre outros cantores citamos Majda Roumi, Nancy, Haifa Wehbe, Nawal az-Zoghby, Tania Kassis, Ragheb Alama, Assi al-Helani etc.Na dança, merece atenção o Grupo Caracallah.

Educação: os libaneses orgulham-se de suas escolas e universidades, que formam profissionais de alto nível que trabalham dentro e fora das fronteiras do país. Várias são as universidades fundadas por missões libanesas e estrangeiras que têm em seu corpo discente libaneses e estrangeiros, já que são universidades cujos currículos seguem, em geral, modelos ocidentais sem, no entanto, esquecer-se de sua herança oriental. Assim sendo, os alunos acompanham as disciplinas em árabe, mas também em francês e inglês.

SETE MARES TURISMO

Praça da República, 386 - 10° andar 01045-906 - São Paulo - SP rabuffara@setemaresturismo.com.br www.setemaresturismo.com.br



ROTA DAS RELIGIÕES E COMUNIDADES RELIGIOSAS

É impossível não observar no Líbano a diversidade ritos e culturas religiosas existentes em seu pequeno território, em parte justamente porque foi refúgio para muitas comunidades religiosas que fugiam de perseguições em seus países. Assim, cada libanês está ligado a uma comunidade religiosa desde o seu nascimento e tem direitos e deveres perante as leis civis do país e também perante as de sua confissão religiosa.

Não há uma estatística oficial por comunidade, mas estima-se que atualmente 70% da população libanesa seja muçulmana (dividida em cinco comunidades: xiita, sunita, ismaelita, alauíta e drusa). Os outros 30% são cristãos (11 comunidades, das quais seis católicas, quatro ortodoxas e uma protestante). A constituição libanesa reconhece 18 comunidades religiosas.

Ao percorrer o território libanês podemos encontrar vários templos religiosos – igrejas, mosteiros (cristãos), mesquitas (muçulmanos), khaluat (drusos), sinagoga (judeus)..., muitos construídos entre os século I e VII de nossa era. O turismo ou peregrinação religiosa é também um turismo cultural que tem como objetivo a descoberta, o conhecimento das religiões, sua história, espiritualidade, templos, arquiteturas, artes religiosas.... Um momento de díalogo entre as culturas e religiões, pois as religiões não são fortalezas que devemos atacar, mas conhecê-las em seu interior. O Líbano é o país ideal do Oriente Médio para fazer esta descoberta, por seu pequeno território e onde vive quase todas as comunidades religiosas do Oriente, que é o berço das grandes religiões, judaísmo, cristianismo e islamismo. O turismo ou peregrinação religiosa é um verdadeiro caminho de fé e cultura. Vários são os programas de tour religioso.

Cristianismo: surgiu no século I d.C. na Palestina com Jesus Cristo e tem como base seus ensinamentos contidos nos Evangelhos (a Bíblia) e é uma religião monoteísta. O cristianismo é dividido em vários ramos, entre os quais os da Igreja do Ocidente e do Oriente. O cristianismo oriental é dividido em vários "ritos", que são igrejas independentes (sui iuris). Após 1054, surgiu a designação "Igrejas ortodoxas", ligadas aos seus respectivos patriarcas ortodoxos. As Igrejas católicas são ligadas à Igreja Romana (portanto, devem obediência ao Papa e ao Patriarca católico). Os fiéis destas igrejas são árabes cristãos pertencentes às comunidades que seguem o cristianismo no Oriente desde a primeria comunidade cristã estabelecida na região pelos apóstolos de Cristo.

Igrejas "Ortodoxas":

-Greco-ortodoxa: Igreja que professa a doutrina dos primeiros concílios ecumênicos. Distingue-se da Igreja Romana em alguns dogmas e por isto separou-se desta durante o cisma de 1054. Seu chefe é o "Patriarca de Antiōquia e de todo o Oriente", que reside em Damasco, na Síria. No Brasil a Catedral Metropolitana Greco-Ortodoxa de São Paulo fica no bairro Paraíso, em São Paulo;

-Siríaco-ortodoxa (Jacobita): a doutrina desta igreja é o monofisismo que apareceu no século V d.C. Seu chefe é o "Patriarca de Antióquia e de Todo o Oriente", que reside em Damasco, na Síria. No Brasil, Igreja Siríaca Ortodoxa no Brasil, São Paulo:

-Armênio-ortodoxa: são cristãos originários da Armênia. Há três patriarcas, uma em Etchmiadizin (Armênia), outro na Silícia (Turquia) outros em Jerusalém (Israel). O Patriarca da Silícia reside em Antélias (Líbano). Há também uma Igreja Armênia Evangélica. No Brasil têm há a catedral São Jorge, que fica no bairro da Luz, em São Paulo;

-Assíriaca (ou Nestoriana): segue a doutrina nestoriana que apareceu no século V d.C. com Nestórios. Esta doutrina foi condenada no Concílio de Éfeso, em 431 d.C. Seu chefe é o "Patriarca da Antiga Igreja do Oriente", reside em Bagdá, no Iraque. Igreja Assírica no Brasil, São Paulo;

-Copta: igreja do rito alexandrino, fundada no Egito pelo apóstolo São Marcos. Seu chefe é o "Patriarca de Alexandria e de todo o Egito", que reside no Cairo, Egito. No Brasil há a Igreja Copta Ortodoxa no bairro de Jabaquara, São Paulo;

-Evangélica: agrupam os protestantes do Líbano e da Síria, formando doze igrejas oficialmente reconhecidas em Beirute e em Damasco

Igrejas "católica"

-Maronita: nome originário do anacoreta São Marun, que viveu no século IV d.C. na Síria. Os maronitas chegaram ao Líbano no século VII d.C. e são ligados à Igreja Romana. Seu chefe é o "Patriarca de Antióquia e de Todo o Oriente", reside em Bkerke, no Líbano. É a única igreja oriental do Oriente Médio que não tem sua homóloga ortodoxa, como as outras igrejas orientais. No Brasil há sua Catedral Nossa Senhora do Líbano no bairro da Liberdade, em São Paulo;

-Greco-Melquita: originária da comunidade grego-ortodoxa, em 1724 ligou-se à Igreja Romana. Seu chefe é o "Patriarca de Antióquia e de Todo o Oriente, de Jerusalém e de Alexandria", que reside em Damasco, na Síria; no Líbano a residência patriarcal é em Raboue. No Brasil tem a Catedral Nossa Senhora do Paraíso, no bairro do Paraíso, em São Paulo;

-Armênio-católica: originária da armênia-ortodoxa. Em 1740 separou-se e ligouse à Igreja Romana. Seu chefe é o "Patriarca Armênio Católico da Silícia", que reside em Beirute e Bzoumar, no Líbano . No Brasil há a Catedral de São Gregório, o Iluminador, no bairro da Luz, em São Paulo;

-Siríaco-católica: originária da siríaca-ortodoxa. Em 1797 ligou-se à Igreja Romana. Seu chefe é o "Patriarca de Antióquia dos Siríacos-Católicos", que reside em Beirute e Charfé, no Líbano;

-Caldeia, que se originou do cisma com os nestorianos. Em 1829 ligou-se à Igreja Romana. Seu chefe é o "Patriarca da Babilônia dos Caldeus Católicos", que reside em Bagdá, no Iraque;

-Latina Romana: são os católicos latinos dependentes da Santa Sé. No Líbano há um núncio apostólico, que reside em Harissa.

(Referência: KHATLAB, Roberto. "As Igrejas Orientais, Católicas e Ortodoxas: tradições vivas", São Paulo, Ed. Ave Maria).

O Líbano tem ainda três santos católicos canonizados em Roma: São Charbel, Santa Rafka e São Hardini (ver índice). Há outros em em via de beatificação e santificação.

Islamismo: surgiu no século VI d.C. na Arábia (atual Arábia Saudita) com o Profeta Maomé (570-632 d.C.), em árabe "Muhammad, fundador do Islão. É uma religião monoteísta baseada em seu livro sagrado, o Alcorão. O termo "Islão" significa "submissão à lei e à vontade de Allah (Deus em árabe, tanto para os muçulmanos como para os cristãos). Após à morte de Maomé, o Islão dividiu-se em dois grupos: os "sunitas" (seguidores da tradição do Profeta) e os "xiitas" (partidários de Ali, esposo de Fatíma, filha do Profeta), que por sua vez subdividem-se em grupos menores.

Comunidades Muçulmanas:

-Sunita: o Profeta ao falecer não deixou sucessor masculino e assim Abu Bakr, seu

genro assumiu em 632 o título de califa (khalifat rassul Allah, "sucessor do Profeta"). Os sunitas conformam-se com a "sunna"(lei, regra tradicional) fundamentada sobre o livro do "Hadith" (tradições) e reconhece os quatro primeiros califas. O chefe da comunidade sunita no Líbano é o mufti da República, que tem o papel de controlar a aplicação da lei alcorânica e administrar os bens da comunidade sunita. O órgão oficial é chamado Dar al-Fatwa. www.darfatwa.gov.lb

-Xiita: reconhece o quarto califa, Ali (assassinado em 661 d.C.). Houve várias divisões nesta comunidade e os membros do Partido Xiita (de Ali) reconhecem-no como único e verdadeiro sucessor de Maomé enquanto califa. A maior comunidade é a dos Doze Imãs, que seguem a escola jurídica do "Quinto Imã", Jaafar, daí o termo referente ao rito "Jaafarita". No Líbano, a comunidade é dirigida pelo Conselho Islâmico Superior Xiita, cujo presidente deve ser um ulemá (doutor da lei islâmica). www.shiitaconcil.gov.lb

Outras Comunidades islâmicas no Líbano

-Ismaelitas: são xiitas setimams (sete imãs), que reconhecem Ismail Ibn-Jaafar —o imã escondido— cujo retorno é esperado.

Alauitas (Nosayris): seu fundador é Muhammad Ibn-Nosayr, chefe religioso que se separou dos Ismaelitas no século IX d.C. e formou este grupo.

No Brasil há várias mesquitas e sociedades islâmicas de todos os ritos. www. mesquitabrasil.com.br

Drusos: comunidade "al-Muahidun" ("Unitários", chamada de Drusa). Trata-se de uma comunidade que tem suas origens no Islão, especificamente a partir dos Ismaelitas. Surgiu no Egito no século XI d.C. Com califa fatímida, Hakim Ibn-Nizar (985-1021), que por sua vez foi proclamado o Espírito de Deus pelos apóstolos persas Hamza ben-Ali ben-Hamad e Muhammad ben-Ismail ad-Darazi. Deste último é que se tirou a apelação "adduruz" ou seja, "druso" em português. A base da doutrina drusa é a "unidade de Deus" e sua teologia é sincretista com caráter esotérico, acessível somente aos "iniciados". O livro sagrado dos "Unitários", isto é, dos drusos, é o "Risala al-Hikmat" ("Cartas da Sabedoria). No Brasil há uma comunidade druza, a qual possui o "Lar Druzo Brasileiro" em São Paulo. www.lardruzobrasileiro.com.br

Judeus: pouco numerosa no Líbano, esta comunidade é fortemente arabizada, lá estando desde os primeiros séculos de nossa era. Assim como há os libaneses de confissão cristã,

muçulmana e drusa, há também o libanês de confissão judaica. No Brasil, os judeus libaneses têm a sua comunidade e, especificamente na cidade do Rio de Janeiro situa-se Sociedade Israelita Sinagoga Beirutense e a Sociedade Israelita Templo Sídon.

Terço - Masbahah: os árabes, em geral, têm o costume de ter nas mãos um "Masbahah", tipo de terço. No Islamismo o terço contém 99 contas, divididas em três partes de 33 contas, finalizando com um fecho de moedas ou correntes. O mesmo serve para a recitação dos 99 atributos de Deus contidos no Alcorão. Os árabes (tanto muçulmanos como cristãos) usam este terço como um passatempo, deslizando as contas do "masbahah" entre os dedos. Os cristãos orientais, particularmente os ortodoxos, usam o "Masbahah" de cem contas, feito de lã, para fazerem a "Oração de Jesus" que é a repetição do nome de Jesus, seguindo os ensinamentos do Apostólo Paulo – "Orai sem cessar" (Biblia, Novo Testamento 1Ts. 5, 17).

Líbano, "Terra Santa"

O Líbano é cantado pelas três grandes religiões monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), bem como pelas religiões da Antiguidade e outras mais. Terra de encontro entre Deus e os homens.

Os hinos fenícios de Ras Shamra cantam o Líbano como terra santa e de fraternidade humana. E Baal, o rei dos deuses, proclama: "Na montanha de El, a montanha de Deus é minha morada".

Segundo a Santa Escritura (comum para os judeus e cristãos), o Líbano é considerado a morada divina, a casa de Deus, terra dos Profetas e da fraternidade humana. O Líbano é santo porque é a terra da beleza, da grandeza e da força de Deus, como disse o Profeta Moisés: "Eterno Senhor. Ah! se pudesse, também eu, atravessar e ver esse ditoso país que está do outro lado do Jordão, essa bela montanha, e o Líbano!"(Dt 3,24-25). O Líbano inspira majestade e imortalidade (Ez. 28). "Eis um cedro do Líbano, de bela ramagem, de folhagem espessa, de alta estatura, cujo cimo se eleva por entre as nuvens..." (Ezequiel 31,3). Terra por onde também passou Jesus e seus apóstolos, foi uma das primeiras regiões a receber a Boa Nova.

O Líbano é também sagrado para os muçulmanos, visto que eles têm Jesus como um de seus profetas, citado várias vezes no Alcorão, assim como Maria. Alguns "Hadiths" (tradições orais de Maomé) consideram o Líbano uma das quatro montanhas do

paraíso. Segundo Abdul-Kasim as-Samarkandi, o Profeta Maomé teria dito: "Existem quatro montanhas no Paraíso. Quais são as montanhas, ó Mensageiro de Deus? - Uhud (encontra-se ao norte de Medina, na atual Arábia Saudita), é uma montanha que amamos e que nos ama, respondeu ele, é uma montanha do Paraíso; Tur (é o Monte Sinai); uma outra, Lubnan (são as duas cordilheiras do Líbano); e outra é Kasyun (é a montanha da cordilheira oriental ou Anti-Líbano, que domina Damasco)".

O Líbano é também uma terra sagrada para os "al-Muahidun" ("Unitários", chamados de Drusos), pois o apóstolo Darazi residiu no Vale Taym, aos pés do Monte Hermon e alí pregou a nova doutrina e seus fiéis passaram a serem chamados de "ad-duruz", ou drusos por causa do nome de Darazi. A partir do Vale de Taym a comunidade expandiu-se e hoje há vários locais sagrados e de recolhimento espiritual, principalmente perto do Monte Hermon (Jabal ach-Cheikh), como por exemplo, Nabi Ayub.

O Líbano foi, enfim, cantado pelas religiões como um Paraíso divino sobre a terra por causa de sua beleza, seus perfumes, suas fontes d'água, suas frutas, sua luz. O Líbano é a "terra do leite e do mel" para várias religiões, um oásis no Oriente Médio. O Líbano, portanto, está nos lábios de todos os homens que oram através do mundo e que abrem seus corações a Deus. Ele é cantado do Polo Norte ao Polo Sul; nenhum país tem este privilégio de ter um lugar no espírito e no coração dos homens.

(ver bibliografia: KHATLAB, Roberto "Árabes cristãos?" e "As Igrejas Orientais, católicas e ortodoxas, tradições vivas", drusos website www.lardruzo.org. "Hamidullah; Introducão ao Islam".

Gazeta de Beirute

o portal semenal de noticias do libano para a comunidade brasileira www.gazetadebeirute.com





ROTA DOS CEDROS E RESERVAS NATURAIS

Apesar da pequena superfície territorial do Líbano, ele possui uma importante biodiversidade. O censo indica nada menos que 9.119 espécies, das quais 4.633 da flora e 4486 da fauna. O Líbano conta ainda com várias reservas naturais, florestas e sítios marinhos, com uma grande beleza e biodiversidade. Entre outros citamos:

Floresta dos Cedros (Líbano-Norte)

Região conhecida como "Arz Ar-Rab" (pt: Cedros do Senhor). Floresta localizada à sombra do pico Kornet es-Saouda, cobrindo uma montanha a 1.920 metros de altitude. Ao todo são mais ou menos 400 cedros, dentre os quais muitos quase que milenares.

Floresta Horch Ehden (Líbano-Norte)

A reserva que possui a maior biodiversidade no Líbano, contando com 1.030 espécies de vegetais, 75 plantas medicinais e 39 espécies de árvores, entre elas o Cedro do Líbano, 26 espécies de mamíferos, 157 espécies de pássaros, 200 de répteis etc.

Floresta de Cedros de Tannourine (Líbano-Norte)

Bosque de cedros, testemunha da grande floresta de cedros que cobria toda a cordilheira do Monte Líbano.

Vale de Kammouah (Líbano-Norte)

Em Kammouah há uma rica fauna e flora com raridades de pinho de Cilícia, entre outras árvores.

Floresta de Cedros de Chouf (Monte Líbano)

Grande floresta de cedros com 15 mil hectares. Reserva bem estruturada para visitas, conta com seis florestas, entre as quais as três principais: Barouk (400 hectares), Maasser Echouf (6 hectares) e Ain Zhalta (100 hectares). Conta também com uma importante fauna e flora: 200 espécies de pássaros, 26 espécies de mamiferos, 524 espécies de vegetais, 160 espécies de árvores etc.

Floresta de Pinheiros de Bentael (Biblos - Monte Líbano)

Reserva de pinheiros com 228 hectares nas montanhas perto de Biblos e em frente ao Mar Meditarrâneo.

Ilhas das Palmeiras (Trípoli -Líbano-Norte)

Perto do litoral de Trípoli, a 30 minutos de barco, estão as Ilhas das Palmeiras: Sanani (4

hectares), Ramkine (1,6 hectares) e a Ilha das Palmeiras, propriamente dita (20 hectares). Essas ilhas são classificadas como "zona mediterrânea especialmente protegida" no marco da Convenção de Barcelona.

Reserva de Yammoune (Vale do Bekaa)

A reserva de Yammoune tem 2.100 hectares e localiza-se numa região árida. Mesmo assim conta com várias árvores antigas; sua particularidade, contudo, são os peixes, entre eles o "phoxinellus libani", que é uma espécie bastante rara.

Bosque de Aamik (Vale do Bekaa)

Bosque natural (ar: Hauche Aamik) é um pântano cuja fauna e flora foram declaradas "reserva natural".

Praia de Tiro (Tiro - Líbano-Sul)

Bela praia de areia fina no litoral libanês e santuário para os pássaros migratórios e com várias espécies de animais marinhos. Não longe da praia está a fonte Ras al-Ain, que já era utilizada para irrigaçõesna época dos fenícios. No local há também vestígios de piscinas romanas, local onde a áqua doce encontra a áqua salgada.

Ministério do Meio-ambiente do Libano www.moe.gov.lb

ROTA DOS VINHOS E ARAKS NO LÍBANO

"E seu perfume será como o odor do Líbano... E serão famosos como o vinho do Líbano". (Oséias 14, 6-7).

O Líbano é um dos primeiros produtores de vinho no mundo, que graças à sua posição geográfica no Oriente Médio, particularmente, a área do Vale do Bekaa, cultivam-se uvas de excelente qualidade. O Vale do Bekaa, uma planície a 900 metros de altitude, cercado por duas cordilheiras —a do Monte Líbano, que protege o vale dos ventos do Mar Meditarrâneo e a do Anti-Líbano, que os protege do clima do deserto. O sucesso dos vinhos libaneses nesta região com sol durante 300 dias por ano e ao mesmo tempo com neve no inverno, um clima continental e salvo das pragas que poderiam comprometer a sua produção, fazem deles um vinho quase orgânico. Sao mais de 16 tipos de uvas e boas cepas. Está aí o sucesso do excelente vinho do Líbano.

A origem do vinho

Arqueólogos e enólogos retraçaram o início da produção do vinho na Armênia há mais

de 8 mil anos. No entanto, a Pérsia (atual Irã) tem provavelmente o mérito do cultivo das parreiras e os fenícios, ancestrais dos libaneses, foram os primeiros fermentadores do suco de uva das cepas que nasciam nas encostas do Monte Líbano há 5 mil anos. Este suco era apreciado pelos habitantes da região que começaram a fabricá-lo em quantidade e a exportá-lo primeiramente para o Egito, como indicam pinturas egípicias da 18a. dinastia, mostrando navios fenícios descarregando jarros de vinho que os faraós gostavam de beber e em alguns sarcófagos foram encontrados jarros de vinhos entre os pertences que os falecidos esperavam levar para a vida espiritual.

A Fenícia, já então conhecida pelo seu excelente vinho, quando foi ocupada pelos romanos, aumentou incrivelmente sua produção a ponto de lá construírem o maior templo ao deus do vinho –Baco–, em Baalbeck, onde praticavam um rito iniciático de natureza esotérica do qual este deus era o inspirador. A tradição vinícola mantém-se até hoje é de lá que vem o melhor vinho do Oriente Médio.

Curiosamente, a confissão religiosa da maior parte da população do vale do Bekaa é muçulmana, que proíbe o consumo de álcool. Assim, a produção de vinho bem como sua comercialização ficou nas mãos das comunidades cristãs que lá vivem.

O vinho possui uma longínqua importância histórica e religiosa e remonta diversos períodos da humanidade. Cada cultura conta seu surgimento de uma forma diferente,os cristãos, baseando-se na Bíblia (Velho Testamento) diz que foi Noé "que era agricultor, começou a lavrar a terra e plantou a primeira vinha. Tendo bebido vinho, embriagou-se e despiu-se dentro da sua tenda..." (Gêneses: 9,20). Uma tradição relata que sua arca aportou no monte Sannine após o dilúvio, onde (outra diz que foi no Monte Ararat, a leste da Turquia), por isto sua tumba estaria na mesquita de Karak Nuh, perto de Zahle e da vinícola de Ksara. "Melquisedeque, Rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, trouxe pão e vinho para Abraão" (Gênesis: 14,18). Os cananeus eram apaixonados pelo vinho e chamavam-no de "cherem", referindo-se à fermentação da uva e em suas epopeias faziam louvores a esta bebida; já os gregos consideravam-no "uma dádiva dos deuses".

Não podemos nos esquecer da lenda de Baco, o deus do vinho romano e cujo magnífico e maior templo romano está na região do Bekaa, em Baalbeck. As histórias foram adaptadas de acordo com a tradição e crença do povo sob perspectiva. Do ponto de vista histórico, sua origem precisa é impossível, pois o vinho nasceu antes da escrita. Os enólogos dizem que o vinho teria surgido por acaso, talvez por um punhado de uvas amassadas esquecidas num recipiente, que sofreram posteriormente os efeitos da fermentação.

Assim, os fenícios 3 mil antes de Cristo comercializavam o vinho do Líbano através do mundo antigo. Na Idade Media passou a ser comercializado pelos venezianos. Em 1517 o território do Libano foi dominado pelo Império Otomano, e este proibiu a fabricação e comercialziação de vinho, exceto para uso religioso dos cristãos. Entre as duas Guerras Mundiais, como protetorado francês, o Líbano reiniciou o desenvolvimento das vinícolas. Nos anos 1960, o país contava com três produtores de vinho. O início da guerra civil em 1975 paralisa completamente o setor vinícola, mas retoma-o com força logo após o fim do conflito com as adegas que citamos a seguir:

No Vale do Bekaa: Château Ksara (Ksara), Château Kefraya (Kefraya), Domaine des Tourelles (Chtaura), Domaine Wardy (Zahle), Les Coteaux du Liban (Zahle), Domaine de Baal (Zahle), Maison Massaya (Taanayel), Clos Saint-Thomas (Kab-Elias), Vin Heritage (Kab-Elias), Chateau Ka (Chtaura), Cave Kouroum (Kefraya), Château Nakad (Jdita), Clos Saint-Alphonse (Karak Nuh), Coteaux Heliopolis (Deir al-Ahmar), Château Marsyas (Kefraya), etc.

Fora do Vale do Bekaa, na região do Monte Líbano e do Líbano-Norte: Château Musar (Ghazir), Clos de Cana (Ras el-Harf), Château Khoury (Dhour), Coteaux de Botrys (Batroun), Vin Atibaia (Batroun), Domaine Ixsir (Batroun), Château Fakra (Kfardebian), Adyar. Os vinhos dos mosteiros do Monte Líbano e Líbano-Norte de Kfifan, Maade, Annaya, Beit Chebab, Mar Moussa, Quobbay, Rechmaiya e Sir, este último o único vinho do Libano com qualidade de agricultura biológica, ou seja, sem nenhum produto químico.

Os vinhos libaneses estão atualmente nos mercados europeu, americano e também brasileiro, muitos com prêmios internacionais por sua qualidade. São mais de de 30 vinícolas, sendo duas delas, a de Ksara e de Kefraya produzem sozinhas mais de dois milhões de garrafas de vinho por ano, as demais vinícolas produzem em torno de 600 mil garrafas por ano, dentre as quais grande parte é exportada, já que o mercado libanês é pequeno.

Termos franceses usados aqui referente ao domínio da produção de vinhos: château (pt: castelo), domaine (pt: domínio), cave (pt: adega), clos (pt: vinhedo), coteaux (pt: outeiro), maison (pt: casa), vin (pt: vinho).

Arak, o néctar dos deuses árabes. Na rota do vinho está também a rota do arak, pois a maioria das vinícolas fabricam além do vinho esta bebida. O arak é uma bebida alcoólica destilada da uva e aromatizada com anis. O arak deve ser diluído em água ou servido

puro com gelo, momento que adquire aspecto leitoso e seu gosto é proximo do ouzo (grego), raki (turco), pastis (francês). A graduação alcoólica do arak é de 45,9% (vol.)e bebe-se geralmente durante as refeições, particularmente no tradicional mezzé (entrada) libanesa. Pode ser também bebido como aperitivo ou degestivo, neste último caso tomase puro.

O Líbano exporta seus vinhos para vários paises, entres estes para o Brasil. Um dos contatos no Brasil - Maxifour , Sao Paulo – www.maxifour.com.br – Tel.: (11) 2799 0000

Viagem pela Rota do Vinho

O turista que se interessa por vinho pode fazer o programa "Rota dos vinhos do Líbano" (assim como a Rota do néctar dos deuses árabes, o arak), previsto com antescedêcia, com visita pedagógica, iniciação aos vinhos libaneses e sessões de degustação. A visita termina com uma ida ao Templo de Baco, em Baalbeck, em seguida um bom repouso.



GASTRONOMIA



O Líbano é um paraíso gastronômico, com uma variedade de pratos que dão água na boca dos visitantes estrangeiros. É a chamada cozinha do sol, por causa do clima mediterrâneo que permite ter durante o ano todo, legumes e frutas frescos em grande abundância; uma gastrononia à base de produtos de todas as regiões do Líbano, especiarias, azeite, produtos lácteos, cereais, carnes, peixes e muito mais. São vários os restaurantes com gastronomia típica libanesa, cada um com seus temperos regionais e forma de saber fazer que faz a diferença de região para região de um mesmo prato. Portanto, prepare-se para o melhor, pois geralmente os libaneses começam uma conversa perguntando-lhe: "quando é que vamos almoçar ou jantar juntos?". Trata-se da maneira libanesa de bem receber os novos amigos e assim, ao mesmo tempo confraternizar-se e mostrar um dos orgulhos de sua cultura: a cozinha libanesa; por isto as refeições são demoradas.

Abaixo damos algumas dicas que facilitarão o seu pedido num restaurante de comida típica libanesa:

Mezzé (entradas): nos "mezzes" entram todos os legumes, massas, carnes e especiarias da arte culinária libanesa e oriental, pequenas porções que num grande mezzé fica entre 40 e 70 porções variando entre quentes e frios. A pessoa escolhe todo o mezzé ou indica as porções que deseja, entre outras citamos:

Tabbulé: salada de trigo triturado misturada com tomates, salsinha, hortelá e cebola picada, tudo regado com azeite de oliva e limão (por causa da imigração libanesa no Brasil é um prato bastante conhecido dos brasileiros);

Fatuche: salada de verduras, azeite de oliva, sumagre, limão, alho, cebola, hortelã, tomilho, pão árabe em cubinhos e torrados;

Khodra : grande variedade de verduras naturais. Trata-se de um verdadeiro buquê de verduras no centro da mesa e cada pessoa pode preparar sua própria salada;

Hommos: pirão de grão de bico com óleo de sésamo e pasta de gergelim;

Baba ghannuj e mutabal ou batenjane mutabal: pirão de berinjela com pasta de gergelim e óleo de sésamo;

Muhamara: mistura de nozes moídas, azeite, cominho e pimentas;

Labne: iogurte condesado, coalhada seca, servida com azeite e às vezes com alho (labne bitum), sem alho (biduntum);

Laban: iogurte liquido, coalhada liquida. (interessante. labne e laban – em árabe: branco, de onde vem o nome Líbano, nome dado pelos fenícios ao país branco, por causa de sua neve no inverno e pelas montanhas calcárias)

Kebbé nayé: quibe cru feito com carne de carneiro picada colocada em um pilão de pedra (jun al kebbé) e socado até formar uma pasta misturada com trigo, cebola e especiarias. Depois junta-se o trigo e soca novamente até formar uma massa homogênea, regado com azeite;

Kebbé meklieh (meelie): quibe frito:

Kebbé mukabkabe ou arass: quibe grande e oco, recheado com um pedaço de gordura de carneiro, margerona e menta. Quando assado na chapa a gordura derrete dentro do quibe. Ao cortar cuidado com a gordura, liquida, que deve ser retirada para comer o quibe assado (especialidade do norte do Líbano);

Lahme nayé: carne cru;

Sauda Nayé ou mechui: fígado cru ou grelhado;

Fatayers: empadas em forma de triângulo, de carne ou legumes, em geral de espinafre;

Sambusek: espécie de pasteizinhos recheados com carne ou queijo;

Uarak anab mahchi: charuto de arroz com carne moída enrolados em folhas de vinha. Na entrada vem como prato frio. Quente somente em restaurantes como "prato do dia";

Maaneh: salsicha libanesa feita de carne de carneiro ou de boi com especiarias **Sojok:** salsicha armênia. Difere das libanesas nas especiarias e é também mais apimentada;

Basterma: outra especialidade armênia. Carne apimentada posta para secar em fôrma especial;

Fule medammas: favas verdes no azeite;

Makdusse: pequena berinjela curtida em vinagre e recheada com nozes;

Chankliche: iogurte seco;

Jibn: queijo feito geralmente a partir de leite de cabra;

Zeitun: azeitonas pretas ou verdes conservadas em óleo e sal. As verdes são aromatizadas com pimenta verde e folhas de louro; são encontradas também recheadas:

Zeit: óleo de oliva (azeite). A oliveira é a segunda árvore nacional, depois do Cedro:

Kabiss: pepinos, couve-flor, nabos em conserva; **Zurata:** variedade de pistaches, amêndoas,

Bezer: semente de abóbora torrada com sal. Come-se somente a parte interior, cuja técnica libanesa você poderá aprender no local. Aconselha-se a não comer a casca;

Khubz arabi: pão árabe conhecido no Brasil como pão sírio ou pão pita. Os árabes não sabem sentar-se à mesa se não houver pão, que por vezes também substitui o garfo e a colher. O pão árabe tem a forma de um disco, com a dimensão de um prato que, quando colocado no forno para assar, cresce e enche-se de ar e por isto mesmo não tem miolo. Outro tipo de pão é o da montanha "markuk", mais artesanal e preparado com uma massa bem fina que é aberta de forma acrobática pelo padeiro, passando com agilidade de uma mão para a outra; depois deixa-o descansar em cima de um travesseiro redondo (próprio para o pão) antes de colocá-lo sobre o "saj" (espécie de chapa redonda abobada aquecida). Este pão fica da espessura de um papel e a dimensão pode chegar a um metro de diâmetro e geralmente são usados como "pegadores" de alimentos, porque são usados como "conchinhas" para pegar o alimento.

Atenção para não se distrair durante a conversa e comer exageradamente pistaches e outras sementes, pois costuma tirar o apetite quando comido em excesso. As entradas (mezzés) podem chegar a ter mais de 40 pratos-porções; assim, coma-os também com moderação, aproveitando um pouco de cada um, porque você certamente não vai querer perder o prato principal e as sobremesas. O segredo das refeições no Líbano está em comer lentamente, aproveitar a companhia; lembre-se de que para os libaneses um almoço ou um jantar são momentos especiais para compartir entre amigos.

Pratos principais: após o mezzé, vêm os pratos principais. Estes, tal como as entradas, também são muitos e variados. Em geral os restaurantes serve os grelhados - mechui :

Mechui: grelhados, pequenos espetos, cada um em geral com cinco cubinhos de chiche

tauk (espeto (chiche) de frango, marinados, isto é, deixados num molho de mostarda, extrato de tomate, azeite, alho amassado, limão e tomilho. Trata-se de uma herança otomana); chiche lahmé (carne - bovina ou ovina); kafta michuye (carne de carneiro moída com salsa e cebola, que pode ser servida crua ou assada); chiche kebab. Machaui (um prato com os espetos acima citados - um espetinho de carne, um de frango, um de kafta e um kabab, acompanhado de pão, cebola e tomate assado e batata frita); Farruj michui (frango assado na brasa).

Pratos caseiros: quanto aos pratos caseiros, há muitos restaurantes que os oferecem com o nome de "prato do dia", e cada um tem um programa semanal para eles, entre os quais estão:

Mansaf: carneiro recheado com arroz, trigo, especiarias, pistaches, amêndoas e pinoli (snaubar - tipo de pinheiro encontrado em quase todo território libanês); Uze: semelhante ao "mansaf", mas geralmente preparado com o pernil de cordeiro:

Chiche barak: tipo de ravióli oriental com sumagre;

Kebabs: pernil de carneiro (ou de boi) com arroz e amêndoas:

Kuça: abobrinhas recheadas com carne moída e arroz;

Fatteh: mistura de fava e colhada, com pão árabe torrado e pinoli (snaubar). Pode ser servido quente ou frio;

Moghrabiyé: bolinhas de farinha de semolina misturada com água, cebola, sal, alcaravia, cominho e carne de boi, carneiro ou frango;

Malukhiyé ou "prato do rei": folhas verdes de uma planta chamada malukhiyé cozidas com carne de boi ou frango com vários condimentos. Este prato é servido com arroz, pão árabe torrado e vinagrete;

Mujaddara: pirão de lentilha, arroz e cebola frita;

Adass bihamod: sopa de lentiha com limão;

Kibbé arnabiyé: molho de "tehine" (pasta de gergelim, óleo de sesámo e outros ingredientes) com bolinhas de carne. É acompanhado de arroz branco;

Kibbé b'sinye: quibe de bandeja;

Kibbé blabnieh: quibe no iogurte, colhada com alho;

Roz djej: frango com arroz;

Sayadyeh: peixe com arroz acompanhado de especiarias, pinhão e amêndoas;

Samak tajen bi tahine: peixe assado no forno com pasta de gergelim;

Samak nahri: peixe de rio, trutas;

Sultan Ibrahim: literalmente "rei Abraão", o rei dos peixes no Líbano. São

servidos assados ou cozidos, sempre preparados com uma grande variedade de especiarias.

Os pratos com peixes sempre vêm acompanhados do "tarator", molho de "tahine" (óleo e pasta de gergelim), limão, alho, sal e água.

Prato de arroz e feijão: tal como temos no Brasil não é comum encontrar nos restaurantes.

Bebidas: Todo este festim é, de preferência, acompanhado por "arak" (bebida nacional, feita à base de álcool de uva aromatizado com anis que, misturado com água, fica branco como leite. É servido em pequenos copos com água e gelo e ajuda a estimular o apetite. Além do "arak", pode-se optar por outras bebidas como cerveja(ar: bira), a cerveja local é Almaza (pt: Diamante), mas há muitas importadas. Vinho(ar: nabid), local e importado. Whisky, vodca e caipirinha(tornou-se comum em muitos bares e é fácil de encontrar garrafas de cachaça brasileira nos supermercados). É bom lembrar que há restaurantes que não servem bebidas alcóolicas por preceito religioso islâmico. Refrigerantes: Coca Cola e Pepsi Cola, 7Up, Mirinda e até Guaraná do Brasil em alguns locais. Sucos como o "jellab" (melado de algarrobina (ar: debs kharoube)ou melado de tâmara, água de rosas, essência de incenso, dissolve o melado em água fria e serve com uva seca, pinhão (ar: snoubar), amêndoas e gelo, bebida bem doce, todos muito consumidos no mês de Ramadã, durante a quebra do jejum islâmico, mas também são bebidas comuns no verão, "susse" (suco de alcaçuz); caldo de cana-de-açúcar (cultivado no litoral sul do Líbano); limonada com ou sem hortelă. Outra bebida comum é a coalhada salgada (ar: ayran). Na área drusa (Chouf) você verá que os habitantes têm o costume de tomar chimarrão, hábito que os emigrantes trouxeram da América do Sul, particularmente do Brasil e da Argentina.

Sobremesas: depois dos "mezzés" e do prato principal é a hora da sobremesa. Podem ser um buquê de várias frutas locais ou uma imensa variedade de doces, em sua maioria folhados, crocantes, xaroposos, preparados com leite e mel, recheados com amêndoas, pistaches, nozes e perfumados com essências de frutas da região. Você se sentirá realmente num paraíso bíblico de mel e leite.

Entre muitas maravilhas a degustar, indicamos aqui algumas bem tradicionais:

Praticamente todos os doces árabes são regados com calda de acordo com o gosto de cada pessoa. A calda é feita com água, açúcar e suco de limão e perfumada com água de

flor de laranjeira, este é um dos segredos da maravilha do doce árabe; outro segredo está em como colocar a calda, principalmente nos folhados, isto é, se a calda estiver fria, o doce deve estar quente, e vice-versa. Isso deixa o doce úmido e crocante.

Baklaua: folhado de massa philo, compostos de 12 folhas, recheado de nozes, amêndoas, mel ou pistaches, em vários formatos: triângulo, quadrado, flor, servido com calda:

Ma'amul: biscoito de creme recheado com nozes, tâmaras ou pistaches;

Atayef: crepe recheadocom nozes ou creme de nata e servido com calda;

Asabeeh (dedo de mulher): massa enrolada e recheada com pistache, nozes, pinhão e mel;

Basbusa: bolo de semolina com xarope e pistache;

Halauet al-jibn: massa doce a base de creme de leite, queijo e xarope;

Knafé: pão com gergelim em forma de bolsa recheado de queijo e xarope de flor de laranja;

Barazek: biscoito com semente de gergelim;

Kamar ed-Dine: néctar de damasco muito usado pelos muçulmanos na quebra do jejum de Ramadã;

Znud as-set (braço de moça): folhado de massa philo frita e enrolada, recheda de creme;

Namura: semolina, manteiga e leite. Para enfeitar cada quadrado tem um amêndoa no topo;

Burna: pequenos ninhos de fios de massa recheados com geleia de damasco, pistache ou nozes e servidos com calda:

Karabji: doce recheado de pistaches, recoberto de creme;

Malabie: farinha de arroz e leite, perfumado com água de flor de laranjeira ou miski. Semelhante a um manjar, servido com pinoli (snoubar), amêndoas e pistaches.

Buza árabe :sorvete árabe feito de massa batida no pilão. Há vários sabores, mas o mais procurado é o de "misk" com pistaches.

Café e Chá: para terminar, um bom café (kahué), a bebida da hospitalidade libanesa. Em sua maioria importado do Brasil (os libaneses fazem sempre questão de dizer que o café que servem às suas visitas é brasileiro), mas preparado à moda árabe (forte e amargo) ou turca (forte e com a borra; portanto, não tome até o fim da xícara). O café turco é preparado num pequeno bule com cabo (rakweh). Geralmente o café é aromatizado com cardamomo (hâl), pode-se pedir que seja adoçado (ar: helueh), com pouco açúcar (ar:

uassad) ou sem açúcar (balasucar ou saddeh).

Há também o "café expresso" e o "nescafé"; se quiser um destes dois, basta pedi-los por estes nomes, pois que são utilizados internacionalmente.

Os libaneses têm também o chamado "kahue baida" (café branco) feito com água de flores de laranjeira, com um aroma fantástico e que auxilia na digestão. Outra opção é o chá (xai) escuro, verde, de menta etc. Encerra-se assim o festim e diz-se "sahteyn" (bom apetite).

Comidas rápidas: de manhã, no desjejum, é comum ver nas ruas o povo com um sanduíche clássico libanês – um pão árabe enrolado cujas variedades são conhecidas como:

Manakich (singular: mancoucheh): encontra-se em vários locais à venda durante a manhã. Trata-se de uma massa de farinha, fermento, sal, açúcar, óleo e água, consumido desde a época fenícia e que alguns historiadores creem ter dado origem à pizza; a massa, guarnecida com recheios, é levada ao forno e servida quente. Entre as opções estão o manakich de "zaatar" (mistura de tomilho seco em pó, sumagre e sementes de gergelim), "jibn" (queijo), "kichk" (mistura de trigo moído e coalhada seca), entre outros:

Esfiha (ou Esfirra ou lahm bi` ajin): pequena torta assada recheada com carne bovina ou de carneiro. No geral quando um brasileiro pensa comida árabe, vem logo primeiro à mente: Esfiha e Quibe. Mas para a surpesa de muitos ao chegarem no Líbano e pedirem Esfiha, muitos não sabe o que é isto, salvo em Baalbeck, a terra das melhores esfihas. Nos outros locais é mais conhecida por "lahm bi ajin" (massa de pão com carne), uma esfiha aberta;

Kak: pão em forma de bolsa com gergelim. Pode ser recheado com "zaatar" ou queijo;

Full: purê de fava e lentilha, com limão, azeite e cominho;

Falafel: sanduíche de bolinhas fritas de grão de bico, favas e verduras. O formato é parecido com o acarajé da Bahia, acompanhado de "tarator" (ver acima), legumes em conserva e pimenta;

Chauarma: de origem otomana é preparado à base de carne de carneiro ou frango em fatias colocadas em um espeto e assado verticalmente (chamado no Ocidente – no Brasil - de churrasco grego ou kebbab). As partes assadas são cortadas aos poucos e servidas em pão árabe. O chawarmade carne é acompanhado de "tarator" e legumes em conserva, já o de frango é acompanhado de batatas fritas

e pasta de alho;

Ejje: omelete com cebola, ervas e outros condimentos.

Beirute: tipo de sanduíche com o nome da capital do Líbano, mas tipicamente brasileiro, particularmente da cidade de São Paulo, para onde emigraram muitos libaneses. Este sanduíche não existe na gastronomia libanesa e, portanto, não será encontrado no Líbano. A "lenda", entre outras, diz que um libanes abriu um restaurante em São Paulo. Um cliente chegou e pediu um sanduíche. O libanês, novo emigrante no Brasil, foi fazer e viu que no momento ele só tinha o "pão sírio". Como é de esperar o libanês fez umas adaptações e entregou o sanduiche ao cliente. Este gostou e perguntou : qual o nome deste sanduiche?. O libanes sem saber o que dizer, pois foi inventado na hora, disse: Beirute. E assim o cliente pediu mais um Beirute e outros amigos também experimentaram. O sanduíche espalhou por São Paulo e pelo Brasil. O sanduíche consiste pão árabe (ou como é mais comumente chamado no Brasil – pão sírio), rosbife ou largato fatiado (ou presunto), queijo, alface, rodelas de tomate e um ovo frito.

Os centros urbanos libaneses têm também grande variedade de fast foods libaneses, tais como Kabab-Ji, Barbar, Zaatar w Zeit, assim como outros fast foods que se encontram nas grandes cidades ocidentais como: Mcdonald's, Hardee's, Burger King, KFC, Subway, Casper & Gambini's, Crepaway, Hard Rock Café, Starbuck's Coffee, Café Costa,Pizza Hut etc. Além da cozinha tradicional libanesa, os visitantes podem apreciar também o melhor da gastronomia estrangeira internacional, o que inclui a cozinha francesa, italiana, espanhola, japonesa, chinesa e latino-americana.

Maxifour Lebanon Market Center O Líbano no Brasil

Alameda Dos Nhambiquaras, 374 - Indianópolis - São Paulo - SP

E-mail: maxifour@maxifour.com.br Telefone: (11) 5052-8475

ESPORTE - AVENTURA - LAZER

O Líbano oferece muitas opções de lazer, basta escolher a época do ano e o tipo de aventura que mais o agrada: caminhada, trekking, rafting, espeleologia, mergulho, esqui etc. Entre os grupos e associações para essas atividades, citamos abaixo os seguintes:

CAMINHADAS, ACAMPAMENTOS, RAFTING, CANOAGEM, ALPINISMO – ESCALADAS NA MONTANHA ACH-CHEIKH (HERMON)...

Club des Vieux Sentiers(Clube das Antigas Trilhas), fundado em 1971, organiza caminhadas nas montanhas, locais naturais e históricos.

www.cvslebanon.org - Tel.: +961 (1) 203 988, Cel.: +961 (3) 464 919

Liban Trek: caminhadas

www.libantrek.com - Tel.: +961 (1) 329 975, Cel.: +961 (3) 291 616 - info@libantrek.com

Caminhada no Vale de Kadisha (Santo). Hotel Chbat (Becharré - Líbano-Norte) http://hotelchbat.net -Tel.: +961 (6) 671 270; +961 (3) 292 494 - hotelchbat@Cyberia. net.lb

Les Colombes, em Amichit. Acampamentos e chalés. www.campinglescolombes.com - Tel.: +961 (9) 540 322; +961 (9) 622 401

La Réserve, em Afka. Parque natural com várias atividades ao ar livre para todasas idades:caminhadas, equitação, espeleologia, canoagem, rafting, ciclismo, VTT, tiro com arco. Local para acampamento, com acesso a banheiros e chuveiros. Não é necessário ser associado.

www.lareserve.com.lb - Tel.: +961 (1) 498 774 Cel.: +961 (3) 727 484

Lebanese Adventure. Escalada na montanha al Cheikh (Hermon), alpinismo... www.lebanese-adventure.com - Tel.: +961 (3) 234 178 -infos@lebanese-adventure.com

ESQUI

O Líbano é o único país do Oriente Médio que tem neve no inverno e durante o ano guarda a chamada "neve eterna" em seu pico mais alto da montanha.

As principais estações de esqui (6) estão na Cordilheira do Monte Líbano, a nordeste de

Beirute, entre elas: Faraya Mzar, situada em Kfardebian, no Monte Libano, a uma altitude de 1.850 a 2.456 metros, a 46 km, a uma hora de Beirute . Fakra, perto de Faraya, 43 km de Beirute. Laklouk, a 2.300 metros de altitude, a 62 km de Beirute. Zaarour, a 2 mil metros de altitude, a 52 km de Beirute. Kanat Bakish, perto de Baskinta, 46 km de Beirute. Cedros, Libano-Norte, a 3 mil de metros de altitude, a 130 km, duas horas de Beirute.

O esqui pode ser praticado entre dezembro e abril, que são os meses mais frios na região. Na primavera (abril e maio) pode-se esquiar de manhã e nadar no Mar Mediterrâneo à tarde.

As estações de esqui estão estruturadas com pistas profissionais, telecadeiras, motoesqui, snowboarder, skidoo etc. Escolas de esqui, lojas de equipamentos de esqui (para venda e aluguel), skidoo, hotéis, chalés, apartamentos, restaurantes, cafés, night clubs...

Federação Libanesa de Esqui www.skileb.com - www.faraya-mzaar.comTel.: +961 (1) 565 605 - info@lebskifed.com

ESPELEOLOGIA

Spéléo-Club du Liban. Fundado em 1951 em Antélias. O Líbano é o unico país do Oriente Médio que possui um potencial relevo cárstico, paisagem provocada pela ação da água que infiltra no subsolo de algumas regiões do Libano e formam grutas. http://speleoliban.org- Cel.: +961 (71) 727 929 - info@speleoliban.org

Associação de Estudos espeleológicos. Fundada em 1994. Organiza excursões para descobertas de grutas nas montanhas libanesas, como a de Rueis (ver: Aakoura)para diferentes nivéis. Todo material e transporte disponível.

www.alesliban.org/historique.asp.html - Tel.: +961 (3) 666 461 - ales@alesliban.org

MERGULHO E NAVEGAÇÃO

Clube dos Mergulhadores do Líbano National Institute for Scuba Diving www.nisd-online.com/default.htm Tel.: +961 (1) 739 203 Cel.: +961 (3) 204 422 info@nisd-online.com

IATES

Passeios por uma hora, meio dia ou o dia todo. Individual ou em grupo. www.waternation.com - info@nisd-online.com- Tel.: +961 (3) 204 455; (3) 761 072; (1) 379 770 - info@waternation.com

Saint Georges Yachting Club, Beirute. Navegações e Mergulho. lates, velas, esqui aquático entre outros.

www.stgeorges-hotel.com - Tel. +961 (1) 365 350; (1) 365 065 - hotel@stgeorges-hotel.com

AUTO

Automobile et Touring Club du Liban. Veículos e navegações www.atcl.org.lb - Tel.: +961 (9) 932 020 /21

MOTOCICLISMO

No Líbano existe a LASIP (Lebanese Association for Sports Injury Prevention). www. lebanonhog.com

PARAPENTE

http://www.paraglidinglebanon.com - Cel.:+961 (3) 260 245

Club Thermique - www.clubthermique.com.lb - Cel.: +961 (70) 103 222

GOLF

Clube de Golf

www.golfclub.org.lb - Tel.: +961 (1) 826 335/6 - info@GolfClub.org.lb

VIDA NOTURNA

A vida noturna no Líbano é bastante badalada. Não faltam opções para quem gosta de músicas e danças folclóricas como a dança do ventre, mas também modernas e ocidentais; boates, night clubs, pubs, restaurantes. Em Beirute, entre outros locais onde as pessoas se encontram à noite estão o Centre Ville, Gemayze, Monot, Ain Mreisse, Zaitunay Bay, Hamra, Verdun, Praça Sassine, Sodeco. Na grande Beirute estão Kaslik, Jounieh, Batroun, Zahle, Sídon, Tiro e tantas outras cidades e vilarejos. Nada igual em termos de variedade em todo o Oriente Médio.Nas recepções dos hoteis tem sempre panfletos de programação noturnas e boas indicações. www.discoverlebanon.com

ENDEREÇOS ÚTEIS

Ministério do Turismo do Líbano

550 Central Bank St. Hamra Beirut P.O.Box 11-5344. Beirut, Lebanon Phone 00961-1-340940/4 Fax 00961-1- 340945 Hotline 1735 Website www.destinationlebanon.gov.lb Email info@destinationlebanon.gov.lb

Polícia turística no Líbano

Tel: 01-752428 Tel: 01-752429 Tel. 160

Segurança Geral

Hotline: +961 1 612401 or 1717

Aeroporto Internacional Rafik Hariri

Tel: +961 1 629150 - Tel: 150

Informações - 120

Cruz Vermelha: 140

Embaixada do Brasil no Líbano

Embassy Complex Rue de l'Armée, Serail Hill Down Town Beirut P.O.Box 11-562 - Beirut, Lebanon Tel: 00 961 (0)1 982 161 / 3 / 4 / 5 / 7 /

Fax: 00 961 (0)1 982 159

Email: brasemb.beirute@itamaraty.gov.br Website: www.brazilembassy.org.lb

Consulado Geral do Brasil no Líbano

Zakhem Plaza Building, Sector 5 - Kalaa Sin-El-Fil, Beirut, Lebanon Tel (00961) 1 490401 - 490402 Fax (00961) 1 490405 E-mail: cq.beirute@itamaraty.gov.br

Website: www.cgbrasil.org

Centro Cultural Brasil-Líbano

Rua Mar Mitr, edifício Trad, Achrafieh, Beirut

B.P.: 16-6281 Achrafieh Tel: 01-322 905/6/7 Fax: 01-322 908

www.facebook.com/brasiliban

Guia no Líbano falando português

Organiza tours particulares e em grupo Contate - presslibra2@yahoo.com.br Tel. 00961 1 615997

Tradutor e intérprete em português

Traduction Rohayem - Beirute Contate – myriamrahalm@hotmail.com Tel. 00961 3 372887 00961 1 615997

Website - Conexões Libanesas - Beirute, Líbano

História, fotos, turismo, hotéis, guias (português), informações, tradutor, endereços... Disponível para todas as informações
Portal nos idiomas. Português, árabe, francês, inglês e espanhol www.connextionslibanaises.com
Tel. Beirute (00961) 3 243114 – (00961 3) 372887

Gazeta de Beirute

o portal semenal de noticias do libano para a comunidade brasileira www.gazetadebeirute.com

Hotéis no Líbano - www.lebanon-hotels.com

Páginas Amarelas do Líbano: www.pagesjaunes.com.lb

No Brasil

Embaixada do Líbano no Brasil

SES 805 - Avenida das Nações - Lote 17 Brasília - DF - Brasil CEP 70411-900 Tel (5561) 3443-5552 / 3443-3808

Fax: (5561) 3443-8574

E-mail: embaixada@libano.org.br Website: www.libano.org.br

Consulado Geral do Líbano em São Paulo

Av. Paulista, 688, 16-andar, Cerqueira Cesar, São Paulo-SP CEP: 01310-909 Tel: (5511) 3262-0604 informacoes@consuladogeraldolibano.com.br http://www.consuladogeraldolibano.com.br

Consulado Geral do Líbano no Rio de Janeiro

Rua Dona Mariana, 39- Botafogo Rio de Janeiro - CEP: 22080-020 Tel (5521) 2539-2125 - Fax (5521) 2539-1905 contato@consuladogeraldolibanorj.com.br http://www.consuladogeraldolibanorj.com.br

Consulado Honorário do Líbano no Rio Grande do Sul

Rua Dr. Flores, 263 – Conj. 1004
Porto Alegre – RS – CEP 90020-122
Tel.: (5551) 3226 9668
consuladohonorariors@libano.org.br
http://www.consuladohonorariolibanors.org.b

ANBA - Agência de Notícias Brasil-Árabe www.anba.com.br

ICARABE – Instituto da Cultura Árabe www.icarabe.org

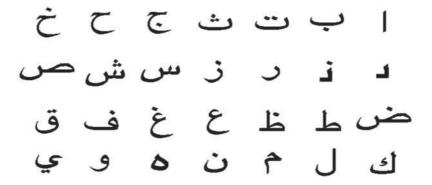
Câmaras de Comércio Árabe Brasileira www.ccab.org.br

Câmara de Comércio Brasil-Líbano www.ccbl.com.br

MINI-LÉXICO PORTUGUÊS-ÁRABE

... Aventure-se, não tenha medo de soltar o "portárabe" no Líbano...

O árabe é uma língua viva e rica na sua literatura e filosofia. Escreve-se e lê-se direita para a esquerda



O alfabeto árabe tem 28 letras:

Algumas regras: A letra "h" é sempre aspirada; o "kh" é gutural, quase como o "j" em espanhol; o "qh" é também qutural, porém mais leve que o "kh".

Os números:

Pequeno lembrete — os ditos "números arábicos", na realidade são os números que são utilizados no Ocidente. Os que os árabes utilizam são "números indianos", importados da Índia.

Zero	Sefer
Um	Uahad
Dois	Tnen
Três	Tlete
Quatro	Arbaa
Cinco	Khamsé

Seis Setté Sete Sabaa Oito Tménié Nove Téssaa Achara Dez Ehdache Onze Doze Tnache Treze Tletache Arbatache Ouatorze Ouinze Khamztache Dezesseis Settache Dezoito **Tmentache** Dezenove Tessatache Achirin Vinte

Vinte e um Uahad Achirin

Trinta Tletin Ouarenta Arbain Cingüenta Khamsin Sessenta Setin Setenta Sabain **Tmenin** Otenta Noventa Tesain Cem Miye Teletine Duzentos Mil Alf

Fórmulas usuais

Português Árabe/ transcrição em português

Cumprimentos

Bom dia! Sabáh al khair Boa noite! Maçá'al-khair

^{*} No Líbano é muito usada a palavra "Mar", que não é árabe mas siríaca (aramaico), e que se traduz por "Santo", por exemplo: "Mar Charbel" (São Charbel), no feminino "Mart".

Bem vindo Arlao sarla
A Salvação esteja contigo Salam aleicum
Até logo! Bikhatrac

Óla! Como vai? Márhaba, kife hálak Estou bem Minih (feminino – Miniha)

Sim, Não Naam, La

Por favor Aaemel maaruf ou Men fadlak

Obrigado Chucran

Qual o seu nome? Chu ismaq ? (masculino)

Chu ismiq? (feminino)

Chamo-me.... Ismi
Sou brasileiro Ana barazili
Você fala português? Btehki portugali?
Não entendo La afhamu
Senhor Khauage
Senhora Saie-dati
Desculpa Afuan

Muito prazer Taxarrafna Se Deus quiser, oxalá! In xa'allah

Semana

Jummaa

DomingoAhadSegunda-feiraTenenTerça-feiraTelataQuarta-feiraArba-aQuinta-feiraKhamisSexta-feiraJama'aSábadoSabt

Mês Chahar

Janeiro Kanun tani
Fevereiro Chbat
Março Adar
Abril Nissan
Maio Ayar
Junho Hzairan

Julho Tammuz Agosto Aab

Setembro Aylul

Outubro Techrin awal Novembro Techrin tani Dezembro Kanum awal

Estações

Primavera Al Rabi'e
Verão Al saif
Outono Al kharif
Inverno Chite

Tempo Al waket

Oue horas são? Edaich el saa? Dia Al nahar Manhã Al sobh Tarde Al dohr Noite Achieh / leil Ontem **Embereh** Amanhã Bucra Hoje Liom

Restaurante Mataam

Café da manhã Teruia Almoço Ghada Jantar Acha

Garçon, o menu Garçon, al carte Estou com fome Ana jua'an Estou com sede Ana atxan

Pão, sal, pimenta Khubz, meleh, bhar

Sopa Chorba Peixe Samak

Costela de carneiro Costeleta ghanam Frango Djej ou faruj

Feijão Façulha Abóbora Kuça Queijo Jbni **Frutas** Fueke Uva Ainab Melancia Batikha Maçã Téféh Laranja Laimon Limão Hamud

Cerveia

Vinho tinto
Nabid Ahmar
Vinho rosé
Agua fresca
Mai Msa aa
Café - com açúcar
Café - sem açúcar
Ahue - bidun sucar

Bira

Sucar **Açúcar** Talej Gelo Al hissab Conta Arroz Ru77 Leite Halib Carne Lahme Doce Hilú Churrasco Mixui

Carneiro Ghanam Alface Kháss Alho Tumm Amendoim Fistu Banana Mauz Suco Acir Garfo Chauki Colher Malaa Faca Sequin Finján Xícara

Salada Finjan Salada Salata

Cidade Madina

Rua Tarik

Banco Bank Polícia Police Cinema Cinema Telefone Telefone Farmácia Saidalie Al barid Correio Igreja Kanisé Mesquita Jame-ea Templo Druso Khaluat Museu Mathaf Livraria Maktabe Mercado Suk

Supermercado Supermarket
Direita Al yamin
Esquerda Chemal
Carro Saiara

Táxi Taxi ou service

Passeio Michoar
Excursão Rahle
Aeroporto Mattár
Avião Taiará
Bagagem Xanta

Passagem Tzkra al safar

Jornal Jaride
Revista Majala
Praça Seha'a
Ponte Jser
Hospital Mustaxfá
Posto de gasolina Mahat benzin

ÓleoZeiteMotorMoteurOficinaGarageEstacionamentoMaukaf

Qual é a estrada para Biblos? Min uein tarik Byblos? Quantos quilômetros...? Kem quilometre...?

Loja Dikan Cigarros Dakhan Fósforo Kabrite

Camisa **Amiss** Calca Pantalon Meia Kalset Blusa **Jaquet** Cueca Kilot Calcinha Kilot Chapéu Bornaita Fustan Vestido

Roupas Tieb
Qual marca? Aia marka?

Sapato Subat

Quero um par de sapato Badi subat (masculino) Badi skarbine (feminino)

Tanura

Qual é o preço? Bi aadich?

Hotel Hotel

Tem quarto? Indacom uda? Quanto por dia? Adech bi nahar?

Caro Ghali
Barato Raghis
Cama Farché
Travesseiro Mkhade
Lençol Charchaf
Cobertor Ghata

Diversos

Saia

Está quente Fi chob
Está frio Fi bard
Meu amigo Rfiki
Meu pai Baie
Minha mãe Umi
Minha irmã Okhti
Meu irmão Khaie

Está contente aqui? Mabsut honi?

Tudo Kullo

Nada Maxi Um pouco Chuai Muito Quitir Onde Uen

Taib, Mich taibb Bom, ruim Velho, novo Adim, jdid Cedo Baquir Mazbut Certo **Férias** Fúrça Praia Bahar Montanha Jabal Vale Wadi Atenção! Intabeh!

Devagar! Amahel!
Dinheiro Massari
Fechado Misacar
Aberto Mafturh
Banho Hammam
Cedro Arz

Castelo Ksar Convento Deir Religião/fé Din Jardim Bustani

Luz Nur
Lua Kamar
Sol Chams
Casa Beit
Mercado Suk
Porto Mina

Santo Wali / Mar
Príncipe Emir
Professor Estez
Advogado Moham
Médico Hakim
Patriarca Patrarca

Bispo Mutran Padre Khuri Diácono Chamaz Diretor Mudir

Expressões - Meu amor

Ya habibi - meu querido Ya habibti - minha querida Ya albi - meu coraçao

Ya omri - minha vida

Ya iuni - meus olhos, minha paixão

Ana bhobbac - Eu te amo (mulher fala para o homem)
Ana bhobbic - Eu te amo (homem fala para a mulher)

INDEX

Cidades e vilarejos / nomes de pessoas / religião / lendas / museus / Brasil / diversos

Cidades e vilarejos Becharré 184 (citadas neste quia) Bechwet 264 Baino 207 Aabadieh 95 Beirute 37 Aabey 95 Beit Chabab 102 Aaley 99 Beit Chlala 128 Aakar al-Antika 208 Beit Eddine 85 Aamatour 89 Beit Mellat 207 Aakoura 123 Beit Mery 97 Aamik 250, 284 Bekaa 235 Aarbet Kozhaya 193 Bent Jbail 233 Ach-Chakif 230 Bhamdoun 96 Achrafieh 44, 76 Biblos 115 Adloun 218 Bikfaya 101 Afka113 Bint Jbeil 233 Ain Ata 252 Biré 251 Ainata 264 Bkaa Kafra 184 Aita el Foukhar 251 Bkaa Kasha 184 Ain Traz 95 Bkasin 219 Ain Zhalta 88 Bkerke 109 Akkar 207 Blouza 191 Al-Fidar 115 Bolonia 99 Amchit 122 Bouri Hammoud 96 Amioun 179 Brissa 267 Anjar 244 Broumana 97 Annaya 122 Bsous 94 Antélias 102 Btaaboura 179 Arka 207 Bteghrine 99 Arnoun 230 Btkhney 93 Bziza 179 Baabda 10, 92 Bzoumar 107 Baabdat 98 Baadarane 89 Caná (ver Qana) 226 Baakline 82 Castelo de Moussa 84 Baalbeck 253 Cedros 7,88,93,123, Baino 207 128,187,193,283 Balamand 204 Charfeh 108 Bân 191 Chekka 177 Bar Elias 244

Chemlan 94

Cornet Chehouane 102

Chlifa 263

Choueir 99

Chouf 81

Barouk 236

Baskinta 100

Batroun 125

Beaufort, Castelo 230

Chtaura 237 Haouka 191 Hasbaya 231 Dahr al-Ahmar 251 Hasroun 184 Dahr al Baida 235 Hazmieh 91 Damour 82 Hemlaya 101 Daoura 96 Hermel. 265 Dar Bashtar 179 Hermon, monte 280 Dbaivé 103 Horch Ehden 193, 283 Deir al-Harf 93 Deir al-Kamar 83 laat 263 Deir Mar Maroun 265 Ibl as Saqi 231 Deir al-Moukhalles 91 Iskanderouna 227 Dekweneh 247 Jabal ach-Cheikh 232 Dhour ech-Choueir 98 Deir al-Ahmar 264 Jaj 123 Dimane 188 Jal El Dib 96 Douma 128 Jbeil 115 Duris 253 Jib Janine 249 Jeíta 106 Fddeh 125 Jezzine 219 Ehden 192 Jiveh 90 Jdeidt 96 Fnfé 178 Jdita 236 Falougha 93 Jrebta 126 Fakra 107 Joun 90 Faraya 106 Jounieh 109 Freiké 102 Furzol 243 Kaa 265 Kab Elias 250 Gemayzé 76 Kadîsha 177 Ghazir 111 Kahale 94 Ghazzé 247 Kalamoun 204 Ghiné112 Kammouah 208,283 Ghosta 108 Kanat Bakich 101 Gruta de Kadisha 82 Kannoubine 183 Gruta de Kfar Him 82 Karak Nouh 243 Karaun 249 Hadath 92 Kartaba 113 Hadath al-Jobbé 183 Kaslik 110 Hadeth Baalbeck 264 Kemed el-Lauz 249 Hadchit 189 Kfarchima 92 Hakel 123 Kfar Danis 251 Halba 205 Kfar Hai 127 Hammana 93 Kfar Hilda 128 Harissa 108 Kfar Him 82

Kfar Kila 231 Nabi Chit 253 Kfar Saroum 179 Nahr Ibrahim 112 Kfar Zabad 243 Nahr al-Kalb 103 Kfifan 126 Nakoura 227 Kefraya 250 Niha 243 Khaldé 82 Khalouat al-Bayyada 232 Qana 226 Khalouar Journaya 83 Khenchara 99 Rabieh 102 Kherbet Ruha 251 Raboue 102 Khiyam 231 Rachana 125 Rachaya 251 Khyara 247 Kobayat 208 Rachaya al-Foukhar 233 Ras al-Ain 263 Kornayel 93 Ras-Baalbeck 265 Kornet es-Saouda 187 Ksara 237 Ras Chekka 177 Koubba 177 Rayak 243 Kousba 180 Rechmaiya 95 Ras al-Matn 97 Labué 264 Laklouk 123 Sabra e Chatila 21,69 Lucy 247 Saida 209 Safad 233 Maalaka 17,242 Salima 93 Sarafand (Serepta) 218 Maamaltein 111 Maaser ech-Chouf 88 Sarba 110 Machnaka 113 Saoufar 96 Machghara 249 Sfire 204 Maghduché 216 Sir ad-Danniyé 203 Maifouk 123 Sin el-Fil 96 Smar-Jbeil 125 Majdel Anjar 246 Souk al-Gharb 94 Manara 247 Marjeyoun 230 Sultan Yaacoub 247 Masnaa 246 Mdoukha 251 Tabarja 112 Michmiché 101 Taanayel 243 Tannourin 128, 283 Minveh 204 Miziara 195 Tebnine 233 Terbol 246 Mrouj 99 Tiro 10, 220 Moukhtara 89 Mouseilha 177 Trípoli 195, 283 Mtain 100 Uzai 81 Naamé 82

Wadi Chahrour 92

Nabaa Safa 88

Nabatieh 10, 230

Yachouch 112 Yarzé 92

Zaarour 99 Zahlé 238 Zgharta 195 Zouk Mikael 110 Zouk Mosbeh 106

Nomes de pessoas

Abdallah Zakher 99 Abdul-Kasim as-Samarkandi 280 Abdul Rahman 61 Abdul Rahman Hallab 203 Abou Bakr 277 Adib El-Nahas 23 Affonso E. A. Massot 25 Ahiram 71 Akik 95 Akl al-Jorr 112 Albert David Rohayem 74,219 Alexandre, o Grande 254 Alphonse de Lamartine 16,85 Alfred Naccache 18 Almir Gabriel 102 Amin Gemayel 21,22 Amine Maalouf 273 Amine Rihani 102 Antoun Saadeh 99 Audi 77

Bachir Gemayel 21,22
Basilio Hajjar 213
Bebeto 69
Béchara El-Khoury 22
Bento XVI, Papa 109
Bernardo A. S. Ramos 14
Boutros Labaky 273
Brian Michael Fraser Neele 23

Camille Chamoun 22,23,69 Celso Amorim 25 Chafic Maluf 240 Charles Debbas 18 Charles de Gaulle 19 Charles Helou 22 Chucri el-Khoury 101 Chucri Makari 208

Dom Pedro II 16,17,22 Dorothe da Costa 23

Elias Abou-Chabki 110 Elias Farhat 92 Elias Hraoui 22 Elias Sarkis 22 Emile Eddé 22 Emile Lahoud 22 Frnest Renan 111

Fakhreddine 92
Fares Zoghbi 102
Faustus Nairon 191
Fauzi Maluf 240
Fayrouz 114
Fernando Haddad 24
Fouad Chehab 22
Francisco G. Oliveira 23

Georges Catroux 19 Getúlio Vargas 19 Ghassan Balech 2 Ghassan Tueni 47 Gibran Khalil Gibran 186 Gibran Tueni 47 Gilberto Gil 86,263 Gilberto Kassab 24

Habib Saad 95 HeitorVilla-Lobos 70

Jacques Menassa 108 Jamal Ibrahim Elias 46 José Sarney 23,77 Joseph Bey Karam 97,191 Joumblatts 89 Juscelino Kubitschek 240

Katcha Osório 24

Lady Hester Stanhope 90 Lady Yvonne Sursock-Cochrane 77 Luís Henrique Caroli 24 Luiz Eduardo Villarinho Pedroso 24 Luiz Inácio Lula da Silva 24 Luliusz Slowacki 111

Mansour Challita 107
Michael Gepp 24
Michel al-Abed 50
Michel Aoun 21
Michel Chiha 273
Miguel Debbane 213
Michel Maluf 18
Michel Sleiman 22
Michel Temer 24
Mikhael Naime 18,100
Milton Hatoum 70
Mohamad Khaled 63
Muhammad Ben Ismail al-Darazi 278
Muhammad Ibn Nosayr 278

Nadia Tuéni 37, 41, 83 Naoun Labaki 98 Neme Jafet 98 Neme Kazan 237

Olavo Redig 92 Omar Onsi 62

Papa João Paulo II 57 Paulo Roberto C. T.da Fontoura 24 Pelé 69 Pierre Gemayel 21

Rachid Karamé 66,85 Rachid Nakhlé 269 Raduan Nassar 231 Rafic Hariri 22 René Maouad 21,22 Riad Maluf 240 Riad Solh 251 Ricardo Izar 24 Richard Max de Araújo 2,24 Ruston Pacha 15

Said Akl 241 Salah Stétié 7 Samir Kassis 47 Sebastião Salgado 86 Siham Harati 25 Sleiman Frangié 20,22 Sykes-Picot 17

Tania Kassis 273 Tanios WakedSaliba100

Youssef El-Saouda 23

Zoghbi 249

Wadih Sabra 269 Wadih as-Safi 89, 273 Wagner Lopes de Moraes Zamith 25

Religião

- Comunidades

Alauita 278 Armênia-católica 277 Armênia-ortodoxa 276 Assíriaca 276 Caldeia 277 Copta 276 Drusa 278 Evangélica 95,276 Greca-ortodoxa 276 Greco-melquita 277 Ismaelitas 278 Judeus 278 Latina Romana 277 Maronita 277 Patriarcado Armenio Cat. 78 Patriarcado Armenio Ort. 102 Patriarcado Greco Melquita 102 Patriarcado Maronita 109 Patriarcado Siríaco cat. 74

Sunita 277 Maria 216 Xiita 278 Marina 183 Marun 265 - Nomes (Califa, Chefe, Imam, Papa, Muhammad ben-Ismail al-Darazi 278 Profeta, Santo(a), Sufi, Wali...) Muhammad Ibn al-'Arraq ad-Dimashqi 61 Naamatallah Hardini 126 Abdallah al-Tannukhu 95 Nicolau 212 Abdul Rahman al-Uzai 61 Noé 243,285 Abu Bakr 277 Nun 204,249 Adão 253 Paulo, Apostolo 112, 212 Adi Ibn Mussafir 250 Pedro, Apostolo 212 Antônio, o Grande ou de Kozhaya 193 Penha, N. Sra. 121 Aparecida, N.Sra. 108 Potifar 217 Aquilina 121 Quartz 77 Bárbara 258 Rafka 126 Bechwet N. Sra. 264 Tobias 233 Belém, N. Sra. 102 Tanios Waked Saliba 100 Bento XVI (Papa) 58 Yusha 204 Boaz 220 Yusuf 218 Charbel Makhluf 122 7air 244 Zaur 246 Cristo Rei 105 7ulikhar 218 Elias 218 Demétrio (Mitr) 77 Hakim Ibn-Nizar 278 Relíquias Hamza ben-Ali ben-Hamad 278 Hardini 126 Braço do profeta João Batista 56 Fios da barba do Profeta Maomé 56,151 Hiram Abif 226 Helena 78 Pedras de Meca, Arábia Saudita 45 Ismail Ibn-Jaafar 278 São Charbel 122 São Hardini 126 Jacó 31 Jacob El Haddad 111 Santa Rafka 126 Jesus 7,210, 214... Jó 89 Lendas João Batista 56 João - Marcos 121 Adônis 114 João Paulo II (Papa) 58 Fênix 39 Isis e Osiris 118 Jonas 90 Melissinde 201 Jorge 54 José (filho de jacó) 217 Nahr al-Kalb 104 Josué 204 Profeta Nun 249 Khattab (ver Omar) 56 São Jorge 54 Khodr 231 Sequestro de Europa 72 Líbano, N. Sra. 108 Vênus 142 Lucas 178

Museus

Lurdes 78

Maomé (Mohammad) 277

Amine Rihani 102 Arqueológico (AUB) 67 Arqueológico (USEK) 110 Assaha 70 Baalbeck 261 Beit Eddine 86 Bzoumar 107 Castelo do Líbano 181 Cripta (catedral São Jorge, ortodoxa) 53 Cripta (catedral São Jorge, maronita) 54 Cera, Biblos 121 Cera Hall of Fame 106 Cera Mary Baz 83 Cilicia (Armênio) 102 Elias Abou-Chabki 110 Emigrante (NDU) 106 Fosséis (Biblos) 120 Geológico (AUB) 67 Geo-Marítimo (Tiro) 225 Gibran Khalil Gibran 184 História Natural do Akkar 208 Holograma 83 Juliusz Slowacki 111 Khenchara 99 Nacional de Beirute70 Maravilhas do Mar 96 Memória de Beirute, 74 Moussa 84 Nicolas Sursock 76 Patrimônio Libanês 97 Paul Guiragossian 96 Pepe Abed 122 Planeta da Descoberta 61 Pré-história (USJ) 75 Rachana 125 Rachid Karamé 86 Robert Mawad 62 Seda 94 Tipografia (Kozhaya) 194

CECAL-USEK 110
Centro Cultural Brasil-Líbano 77
Consulado-Geral do Brasil 97
Dom Pedro II 16
Embaixada do Brasil 62
Fakhreddine II, monumento 92
Feira Internacional Rachid Karamé 202
Gazeta de Beirute 302
N.S. Aparecida 108
N.S. de Belém do Pará 102
N.S. da Penha do RJ 121
Os fenícios teriam chegado ao Brasil? 14
Rachana 125
Relações Brasil-Líbano 22
Residência Brasília 92

Diversos

Rua Brasil 49,191

Arabescos 44 Araucária 110 Arquitetura das igrejas 51 Arquitetura das Mesquitas 45 Artesanato de cobre 205 Banhos Públicos – Hammam 68 Espeleologia 297 Esqui 297 Equitação 297 Estação de esqui Futebol libanes 69 Gastronomia 289 Icones 51 Presidentes do Líbano 22 Rota dos vinhos e araks 284 Sabão oriental 201 Solidere 41 Tapetes libaneses 264 Turcomanos 206

Brasil (refencial no Líbano)

Vida no campo 244

Aaley 94 Brasília, bairro 92 Brasilibaneses (Brasilibanês) 8

BIBLIOGRAFIA

Livros interessantes para leitura e consulta

Eddé, Emile - A Igreja Maronita e o Líbano, Edição do CCMLMB, Rio de Janeiro, 1989.

Eddé, Emile - Líbano, através dos séculos, ed. CCMLMB, Rio de Janeiro, 2002.

Farhat, Emil - Dinheiro na estrada, uma saga de emigrantes, T.A. Queiroz Editora, São Paulo, 1987.

Hamidullah, Mohammad - Introdução ao Islam, Editora Alvorada, São Bernardo do Campo, 1990.

Hatoum, Milton. - Relato de um certo Oriente - romance, Companhia Das Letras, São Paulo, 1991

Hatoum, Milton. - Dois irmãos, Comapanhia das Letras, São Paulo, 2000 (7 edição). Traduzido em árabe, Editora Dar Al-Farabi, Beirute, 2003)

Hbeyka, Françoise G. Beyrouth, visite culturelle quidée, 2009

Khatlab, Roberto - Mahjar, Saga libanesa no Brasil (bilingue port./árabe), Ed. Mukhatar, Beirute, 2002

Khatlab, Roberto - Brasil-Líbano, amizade que desafia a distancia, Edusc, São Paulo 1999. Traduzido em árabe ed, Dar al-Farabi, Beirute, 2000

Khatlab, Roberto - As igrejas orientais, católicas e ortodoxas, tradições vivas, Ed. Ave Maria, 2. edição, São Paulo, 2007

Khatlab, Roberto – Árabes cristãos?, Ed. Ave Maria, São Paulo, 2009

Khatlab, Roberto - Orar com Jesus, Mistica Oriental, Terço Bizantino, Editora Ave Maria, São Paulo 2007.

Khatlab, Roberto – Maria no Islã, Ed. Ave Maria, São Paulo, 2003

Maalouf, Amin - O Rochedo de Tanios, Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

Miranda, Ana - Amrik (romance) Companhia Das Letras, São Paulo 1997.

Miguel, Salim - Nur na escuridão, (romance), Topbooks, Florianópolis, 2000.

Traduzido em árabe, Ed . Dar Saer Masherek, Beirute, 2013

Nassar, Raduan - Lavoura Arcaica, Companhias das Letras, São Paulo, 1989. (Filme com o mesmo título, 2002)

Pino, Domingo Del - A tragédia do Líbano, retrato de uma guerra civil, Editora Clube do Livro, São Paulo, 1989.

Zaidan, Assaad - Raízes libanesas no Pará, Belém, 2001

Zeghidour, Slimane - A poesia moderna e o Brasil, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1982.

Curso de língua árabe:

Said, Chafic Elia - Árabe coloquial, sem mestre. Bauru, 1998.

Citações:

Dom Pedro II. "Diários de viagem" (as cardenetas originais encontram-se no Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis, Rio de Janeiro. Referência: Arquivo da Casa Imperial do Brasil - POB. Museu Imperial/IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus)/MinC (Ministério da Cultura).

El Hayek, Samir. "O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado". São Paulo, Centro de Divulgação do Islã para a América Latina, 1989.